

arrado e cuspidor espinhel faceiro lambada larica ligeiro mari-marimormaco
çai a fim apresentado a pulso couro de rocha patuá
ambaqui tracajá tuíra mermo mangarataia parente de rocha patuá
ocar de rocha pegar o bico mangarataia x-caboquinho churrasco de gato piracuí
no toco broca bubuia que só chibata chibé cuia escambau pitiú taperebá esculhambação farinha fuleiro canoeiro
apanã carreira mangarataia dar de com força desmentidura escambau pupunha carapanã remanso pegar o bico olha já (então) cupuaçucurumim guarani murupi miranga
e rocha mangarataia que só cuia dar de com força desmentidura escambau pupunha carapanã remanso pegar o bico mangarataia tracajá murupi miranga
gua embiocar emborcar entorço enxerido escambau esculhambação aoespiar cupuaçu tucumã boto no toco churrasco de gato
ata mangar churrasco de gato sucuri até o tucupi abarrotar mermo que só sagem
ar carapanã desmentidura dar de com força
a pincha broca caboca
erido emborcar mandioca tarrafã
irini vazado visagem
osga zimpado tipiti
mentidura

A FALA MANAUARA

documentação e análise linguística dos fenômenos
variáveis do português falado/escrito em Manaus

Silvana Andrade Martins
Valteir Martins
Jussara Araújo
(orgs.)

A FALA MANAUARA

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib
Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro
Vice-Reitor

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann
Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas
Secretária Executiva

Síndia Siqueira
Editora Executiva

Samara Nina
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Furtunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial

Silvana Andrade Martins
Valteir Martins
Jussara Araújo
(orgs.)

A FALA MANAUARA

documentação e análise linguística
dos fenômenos variáveis do
português falado/escrito em Manaus



editora
UEA

André Teixeira
Bianca Vieira
Sindell Amazonas
Wesley Sá
Preparação e revisão de texto

Raquel Maciel
Samara Nina
Diagramação

Samara Nina
Projeto Gráfico

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Estado do Amazonas

F177
2022

A fala manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus / Organizadores: Silvana Andrade Martins, Valteir Martins, Jussara Araújo. – Manaus (AM) : Editora UEA, 2022.

297 p. : il. ; 20 cm

ISBN: 978-85-7883-542-2

Inclui referências bibliográficas

1. Linguística - Manaus. 2. Linguística aplicada. 3. Fala - Manaus. I. Martins, Silvana Andrade, org. II. Martins, Valteir, org. III. Araújo, Jussara Maria de Oliveira, org. IV. Título

CDU 1997 – 81'1



*editora*UEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

Sumário

Apresentação	7
Manaus e o Projeto Fala Manauara (FAMAC)	8
De aldeia à metrópole apontamentos sócio-históricos para o estudo da língua portuguesa em Manaus <i>Leandro Babilônia</i>	9
A fala manauara documentação e análise do português falado em Manaus <i>Silvana Andrade Martins</i> <i>Valteir Martins</i> <i>Jussara Araújo</i>	28
Análises fonético-fonológicas	51
O (r) em coda silábica na fala manauara <i>Heitor Picanço</i> <i>Valteir Martins</i>	52
A realização da lateral alveolar /l/ na fala manauara um estudo sociolinguístico variacionista <i>Camilla dos Santos Evangelista</i> <i>Silvana Andrade Martins</i>	84
Aspectos da nasalização de vogais na fala manauara <i>Joyce Camila Martins</i> <i>Valteir Martins</i>	117
A interferência dialetal na representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras <i>Samantha Teixeira Vasconcelos</i> <i>Silvana Andrade Martins</i>	144

- 173** **Expressão de futuridade**
uma análise da ocorrência do pretérito imperfeito
do modo indicativo na expressão
do (*irrealis*) na fala manauara
Nathalie Anne Conceição de Barros
Silvana Andrade Martins
- 195** **A gradação na fala manauara**
uma abordagem sociolinguística e funcional
Luciana Serdeira de Holanda
Silvana Andrade Martins
- 213** **As construções ir + estar + gerúndio na fala manauara**
Ana Augusta de Oliveira Simas
Silvana Andrade Martins
- 239** **O futuro perifrástico em jornais**
Jussara Araújo
Silvana Andrade Martins
- 262** **"Tá no meu coração, tá no meu linguajar"**
um estudo do léxico regional presente
na música popular amazonense
Mayara Diegra dos Santos Rocha Franco
Silvana Andrade Martins

Apresentação

Este livro reúne onze estudos desenvolvidos por pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE), na linha de pesquisa “Documentação e Análise da Fala Manauara”, intitulado como Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC).

O FAMAC foi criado, em 2009, pelos professores doutores Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, docentes da Universidade do Estado do Amazonas, do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Escola Normal Superior e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA), e tem por objetivo fomentar a pesquisa sobre fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus e compor um banco de dados digitais da fala manauara com arquivos sonoros e transcrição grafemática.

Ao longo desses 13 anos de existência do FAMAC, os linguistas coordenadores desse projeto têm se dedicado à fomentação dos estudos sobre a fala manauara, formando pesquisadores nos níveis de iniciação científica, graduação e pós-graduação lato sensu e strictu sensu, constituindo uma produtiva equipe de pesquisadores.

Para essa obra, foram selecionados pelos organizadores alguns dos estudos que resultaram de seus trabalhos de orientações, apresentados aqui sob a forma de artigos científicos. A apresentação do livro é constituída de dois artigos introdutórios, o primeiro de autoria de Leandro Babilônia e, o segundo, dos organizadores desta obra. Essa parte introdutória objetiva contextualizar os estudos da diversidade do português falado em Manaus, trazendo apontamentos sócio-históricos e a criação e desenvolvimento do projeto Fala Manauara (FAMAC). Na sequência, o livro se estrutura em duas partes. A primeira é dedicada aos fenômenos variáveis referentes às áreas da fonética e fonologia. A segunda versa sobre processos morfossintáticos e o léxico.

Desse modo, espera-se contribuir para a divulgação do conhecimento a respeito das características do português falado na metrópole amazonense no cenário da diversidade do português brasileiro.

Ressalta-se os agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela contribuição ao longo desses anos de pesquisa, por meio do fomento necessário para o desenvolvimento das pesquisas de Iniciação Científica e de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, cujos resultados compõem essa obra.

Silvana Andrade Martins
Valteir Martins
Jussara Araújo
(orgs.)

Em três séculos e meio de existência, Manaus, assim como boa parte das cidades brasileiras, viu no decorrer dos anos o contato entre pessoas de diferentes lugares, etnias, classes sociais, etc. gerar aquilo que conhecemos como sociedade brasileira. Do ponto de vista sociolinguístico, a constituição sócio-histórica da comunidade estudada é um fator importante para que possamos compreender os fenômenos linguísticos que investigamos. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 11), o estudo das línguas modernas em uma perspectiva social precisa considerar “a transformação de dialetos rurais, definidos com critérios geográficos, em dialetos sociais urbanos, definidos com critérios socioeconômicos”. Como se prefigura no título deste texto, Manaus “nasceu” em um aldeamento indígena, nas proximidades de um forte militar, depois se tornou vila, cidade e, atualmente, é categorizada como metrópole; daí a necessidade de pensarmos as implicações deste percurso, desta formação na língua utilizada por seus habitantes, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Neste texto, iremos nos centrar em características históricas e sociais importantes para a constituição de Manaus, bem como nos possíveis reflexos que tenham sobre a língua portuguesa, especialmente: i) a colonização; ii) o período de extração do látex e os incentivos de migração para o Norte; iii) a criação da Zona Franca (ZFM) e a implementação do Polo Industrial de Manaus (PIM), que atualmente incentiva a migração à cidade; e iv) a contribuição dos grupos sociais, sobretudo indígenas, portugueses e nordestinos.

Samuel Benchimol (2009 [1999]) faz uma profunda análise dos séculos de mescla social na região amazônica provocada pelos constantes fluxos imigratórios. Com o passar do tempo, a amalgamação dessa diversidade social levou à formação da variedade linguística verificada na cidade, fenômeno ao qual Silvana Martins e Carolina Rezende (2011) denominaram *miscigenação linguística* porque entendem ser possível observar historicamente a proveniência das características

linguísticas que, hoje, assimiladas também caracterizam o falar manauara. Queremos destacar que essa miscigenação continua ativa, pois, conforme veremos, Manaus ainda recebe um grande contingente de migrantes, os quais tendem a residir definitivamente na capital.

Otoni Mesquita (2006) abaliza a origem de Manaus no século XVII, quando os portugueses passaram a explorar a região amazônica tencionando escravizar índios. Para isso, estabeleceram à margem esquerda do rio Negro, próximo à confluência com o rio Solimões, um Destacamento de Resgate – um grupo de soldados que protegia e promovia a escravização indígena na região.

Nessa mesma localidade, em torno de 1669, ergueram um forte e o batizaram de Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro e, no seu entorno, foi construída a 1ª Capela Carmelita. Surge nessa área um aldeamento formado por portugueses e por numerosos indígenas, que ali se fixaram sob a influência dos catequistas; este espaço ficou conhecido como Lugar da Barra e, posteriormente, seu status foi sendo alterado e outros nomes lhe foram dados, como Vila da Barra (1832), Cidade da Barra de São José do Rio Negro (1848) e cidade de Manaus (1856).

Essa localidade assumiu o posto de capital da Capitania de São José do Rio Negro em dois momentos: a primeira vez, entre 1791 e 1798, gerando um repentino desenvolvimento (cf. Mesquita, 2006); e a segunda vez a partir de 1804, quando o governador do Grão-Pará transferiu a capital da Vila de Barcelos para o Lugar da Barra, o que se efetivou apenas em 1808. Consoante Mesquita (2012, p. 28-29), esse posto foi assegurado após a divisão do território do Grão-Pará em três comarcas, “denominando-as de Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. [Extinguiu-se] a Capitania do Rio Negro, sendo substituída pela comarca do Alto Amazonas” e Manaus permaneceu como sua capital.

Apesar de toda essa mudança política, a precariedade das condições de vida nesse lugar pouco se alterou até a Proclamação da República:

Não se podia falar em evolução urbana da cidade, mesmo considerando-se que, no final dos anos 1880, ela já contava com um contingente populacional expressivo. A configuração urbana, nessa época, era caracterizada pela simplicidade das casas, pela improvisação dos arruamentos e pela dispersão espacial da população (NASCIMENTO, 2013, p. 44).

Tal configuração começa a ser alterada com o desenvolvimento econômico obtido com a extração do látex, sobre o que trataremos mais adiante. Além disso, é preciso destacar que a cidade atual ainda reverbera as práticas de improvisação dos arruamentos e de dispersão espacial da população, tendo, dessa vez, como fonte a industrialização da economia e dos espaços e a forte migração.

Voltando-nos agora especificamente para os grupos sociais formadores de Manaus, podemos verificar a influência de indígenas, portugueses e nordestinos na fala de manauaras, principalmente porque esses dois últimos grupos foram os que migraram de maneira mais intensa para o Amazonas; no entanto, não foram os únicos. Ainda hoje, “O centro urbano se constitui como um pólo de atração de pessoas das mais diversas nacionalidades: ingleses, alemães, portugueses, espanhóis, italianos, franceses, que se deslocam para cá. Manaus atrai, também, migrantes de vários Estados do País” (DIAS, 2007, p. 35).

Conforme sabemos, os primeiros habitantes da região amazônica foram os indígenas, termo esse que, segundo Benchimol (2009, p. 25), compreende um quadro de centenas de nações e etnias, as quais eram “divididas pelas falas, linguajares e rivalidades”. O historiador José Ribamar Freire (2008, p. 127) aponta que, no Brasil pré-colonial, havia mais de setecentas línguas, as quais estão reduzidas a cerca de 180 línguas em situações bastante diversas atualmente; além disso, o pesquisador nos apresenta as cinco etapas do processo de colonização e extermínio linguísticos.

Freire (2008, p. 128-129) afirma que, no primeiro momento, os índios eram monolíngues em língua vernácula (LV); daí serem chamados *selvagens* pelos portugueses porque só podiam se comunicar com o grupo que integravam. Com a colonização e a observação arguta dos jesuítas de que o tupinambá era compreendido por alguns outros grupos, passaram a incentivar o seu uso. Isso fez com que, nas aldeias controladas por esses religiosos, os índios até então monolíngues se tornassem bilíngues em língua vernácula e em língua geral amazônica (LGA); e, nessa segunda fase, transformaram-se em *índios mansos*. É interessante notar que essas designações não são ingênuas: eram *selvagens* quando não poderiam ser dominados, mas se tornavam *mansos*, controláveis, quando compreendiam a língua.¹

¹ Havia uma espécie de necessidade dos colonizadores em classificar pelo grau de conhecimento da língua, porque esse recurso também foi usado com os negros escravizados: boçais eram os recém-chegados que não falavam português e ladinos, os que já compreendiam (CARMO, 2014).

Conforme Agnello Bittencourt (1999), os indivíduos que se fixaram no Lugar da Barra eram das tribos Baré, Baniba, Passé, e em menor quantidade havia também Paiana e Manaó. Esses grupos constituíram a formação humana para a terceira fase, a qual, segundo Freire (2008, p. 129), se iniciou quando os *índios mansos* se fixaram nas vilas e povoados, o que se consolidou por meio do casamento com índias de diferentes etnias, levando-os a abandonar suas práticas sociais em vernáculo, criando as bases para o monolinguismo em LGA. Esses indígenas que tinham LGA como língua materna eram denominados *tapuios*, uma categoria reservada aos “índios destribalizados que viviam em aldeamentos em estágios de semicivilização, portanto, diferentes dos demais grupos indígenas que ainda viviam no estágio de selvageria” (ABREU, 2014, p. 104).

O historiador assevera que até 1750 não havia uma preocupação com a difusão da língua, “mas com a viabilização do projeto econômico e da catequização” (FREIRE, 2008, p. 129). Tal perspectiva muda durante a administração pombalina, com a assinatura do *Diretório dos Índios* em 1757² e a proibição do uso de qualquer idioma que não fosse o português; entretanto, “essa política, que foi vitoriosa no litoral brasileiro, fracassou na Amazônia, pois não conseguiu se impor” (p. 129), mantendo, assim, a LGA e o monolinguismo.

Antes de discorrermos sobre a quarta etapa, precisamos lembrar que, até este momento da História, o Estado do Grão-Pará e Maranhão era autônomo em relação ao Estado do Brasil. Essa situação é alterada com a declaração de independência do Brasil em 1822, pois o Pará se manteve fiel a Portugal. Em 1823, o Brasil, ajudado pela esquadra inglesa, obriga o Pará a aderir a ele e a integrá-lo como mais uma província (FREIRE, 2008). No que tange à Amazônia e, em especial, a Belém e a Manaus, uma das consequências desse fato foi a Cabanagem (1835-1840), uma insurreição de índios e caboclos contra as imposições da colonização portuguesa (cujos efeitos ainda eram bastante presentes) e contra a nova ordem estabelecida. Conforme Carlos Alberto Faraco (2016, p. 142-143), a repressão aos cabanos foi tão violenta que “40.000 pessoas, um quarto da população recenseada da região, a maioria falante da língua geral amazônica, perderam a vida”.

² Lembremos que o Diretório foi extinto por D. Maria I no ano de 1798, objetivando que os indígenas ficassem em pé de igualdade com os outros vassalos, tornando-se úteis e governados pelo Estado e pela Igreja.

Para Freire (2008, p. 129), também decorre da adesão do Pará ao Brasil a migração de vilões e aldeões para cidades maiores. Linguisticamente, contingentes de falantes de LGA se estabeleciam em espaços da língua portuguesa (LP). Inicia-se a quarta etapa da aculturação indígena, nesse período, os *tapuios* se tornaram bilíngues, “porque eram obrigados a interagir necessariamente em português para certas práticas sociais e em LGA para outras”. Aqueles indígenas que aprendiam a LP eram intitulados *civilizados*. Sob esse signo, já não demandavam nenhum esforço para a aculturação, tornaram-se passíveis de serem *administrados* (CARMO, 2014).

Na última fase de hegemonização da LP e silenciamento das línguas indígenas, os *civilizados* passaram a viver em comunidades constituídas por um número crescente de monolíngues em português. Entre os fatos que contribuíram para a supremacia do português na Amazônia estão: a vinda de 500 mil nordestinos para trabalharem, sobretudo nos seringais; e a navegação a vapor, “que desestruturou o sistema tradicional de navegação e comércio regional, substituindo a comunicação de curto alcance e favorecendo, assim, o abandono pelas populações ribeirinhas da língua geral amazônica” (FARACO, 2016, p. 143). Tem-se, por fim, como resultado desse processo o “falante do português regional, monolíngüe, amazonense ou paraense, [que] é o *caboclo*³” (FREIRE, 2008, p. 130).

Notemos que, desde o início da colonização, os indígenas resistiram à escravização, à aculturação, ao extermínio. A cidade passa a se chamar Manaus como forma de homenagear os índios Manaó, que foram dizimados após choques violentos com o colonizador europeu.

Embora as populações indígenas tenham sido reduzidas com violência, os elementos culturais que cultivam/cultivavam permanecem ainda hoje na alimentação, no artesanato, na dança, na música. A língua portuguesa foi enriquecida, sobretudo, no campo lexical, nomeando a fauna (tucunaré, tracajá), a flora (açaí, guaraná), a gastronomia (piracuí, tucupi), a toponímia (igarapé), as práticas culturais (coivara, ajuri).

³ Cabe aqui que façamos um adendo sobre o termo *caboclo*, o qual, segundo Lorena Tomás (2012), se refere à mistura dos elementos indígena e branco numa acepção dicionarizada e, em outras, ao indivíduo de modos desconfiados, “caipira”, “matuto”, caracterizando negativamente uma pessoa. Esse referencial negativo também é apontado por Débora Lima Ayres (1992), para quem o termo alude a uma categoria de posição inferior na estrutura social; mais que isso: o termo não só classifica o indivíduo, mas também cria a estrutura de definição de identidade e atributos sociais de inferioridade e imobilidade. Há, por outro lado, movimentos de valorização dessa identidade, que negam a filiação aos europeus e criam um projeto de construção de uma identidade para o *caboclo* (TOMÁS, 2012).

Houve também uma influência menos intensa no campo morfológico com radicais e sufixos (-*açu*, -*mirim*, -*ara* e -*rana*).

Atualmente, conforme pesquisa empreendida por Ademar Lima e Silvana Martins (2018), há 25 comunidades linguísticas indígenas no município de Manaus, as quais têm o português como primeira língua e as línguas étnicas como segunda. Os autores apontam, contudo, que influências externas e o não uso das línguas étnicas nos espaços culturais da comunidade concorrem para o risco de desaparecimento das línguas étnicas faladas nessas comunidades. Essas línguas também não têm lugar no espaço urbano e as políticas públicas e educacionais para a sua revitalização não têm surtido o efeito desejado. Assim, investigar a língua portuguesa nessas comunidades sob um olhar sociolinguístico, etnográfico e sociopolítico deve fazer parte de uma agenda de trabalho.

Abordemos agora a influência portuguesa na região, cuja presença se faz notar a partir dos séculos XVII e XVIII, vindos “a serviço da fé e do império” e marcando de “forma profunda a vida e cultura da região” (BENCHIMOL, 2009, p. 73-74).

Marilene Silva (2012) assinala que foram enviados para a Amazônia basicamente dois grupos de lusos: os pobres e os religiosos. Aqueles eram oriundos dos mais baixos estratos da população; eram sem-terra, pequenos camponeses, foragidos, degradados e “considerados como gente rude, não selecionada, anárquica, de difícil enquadramento na ordem colonial, de baixa produtividade e na total dependência dos povos indígenas para se manterem na região” (p. 122). Esse *status* de “escória da sociedade” começa a se modificar com a legalização da escravização indígena pela Carta Régia em 1611. Instituiu-se a figura do *capitão de aldeia*, cuja função lhe dava o poder de controlar a mão de obra indígena, os papéis de juiz civil e criminal e a obrigação de fiscalizar as relações de trabalho. Fizeram-se dominadores do espaço amazônico, “predadores de índios, predadores extrativistas, fazendeiros, agricultores, senhores de engenho, comerciantes, senhores de escravos índios e até de escravos negros” (p. 122-123).

Os religiosos, por sua vez, tinham como objetivo central a formação de súditos cristãos, o que traduzia o seu compromisso de servirem a Deus e ao Rei. Silva (2012, p. 109) registra que as Missões atuaram como verdadeiras instituições na organização do poder colonial na Amazônia, pois “Qualitativamente tinham o mesmo estatuto das fortificações militares, em importância estratégica e política.

Quantitativamente eram superiores”. Dentre os grupos religiosos de maior atuação na região, destacam-se os jesuítas, os mercedários, os franciscanos e os carmelitas, sendo estes últimos os responsáveis pela região do Rio Negro, onde Manaus foi fundada. Conforme a autora, os carmelitas restringiam sua prática religiosa ao aspecto educativo dos jovens e foram eles que, na década de 1730, conseguiram tornar *mansos* os Baré, Manaó e Baniba.

Consoante Benchimol (2009, p. 76), é mérito dos religiosos “formas de educação européia com a rigidez dos seus currículos e dos seriados acadêmicos das escolas de todos os níveis até as de formação superior, *com ênfase no estudo do português e latim*” (grifo nosso). Essa ênfase é bem marcada com a política linguístico-cultural determinada pelo Marquês de Pombal, em 1757, ao firmar o decreto proibitivo do uso de qualquer outra língua que não a portuguesa.

Com a assinatura do decreto, a região amazônica, então povoada por falantes de língua geral, vivenciou o período que Freire (2003) denomina *tentativa de portugalização (1757-1850)*, em que se estimulou a migração de portugueses para a região, o casamento interétnico e a importação de negros africanos. Mas o projeto de expandir a língua portuguesa nessas terras fracassou em todos os níveis, mesmo após o governador Xavier de Mendonça Furtado ter trazido

[...] instruções precisas para o funcionamento das escolas em língua portuguesa em toda a colônia, devendo, para este fim, obter a colaboração dos colonos, a quem o governador chegou a fazer a ameaça de tirar-lhes os índios se eles – colonos – não cumprissem esta determinação (FREIRE, 2003, p. 109).

Ainda sobre a política estimulada pelo Diretório, Silva (2012, p. 90-91) traça uma interessante análise das intenções e dos efeitos ideológicos desse documento:

A obrigatoriedade da língua portuguesa é instrumento político para a identificação dos conquistados ao conquistador. É regra de todas as Nações civilizadas a adoção da língua-mãe nos novos domínios, razão da eficácia civilizatória sobre os costumes bárbaros e da introdução do “afeto, respeito e veneração ao Príncipe”. O reconhecimento do dominador pelo dominado, por meio do uso da língua, foi descuidado pelos “primeiros Conquistadores”, que praticaram o contrário; permitindo a “diabólica” e “abominável” língua geral, privaram os índios da civilização, mantiveram a sujeição da sua rusticidade e permitiram este perniciosíssimo abuso (o nheengatu). Da mesma

maneira a língua própria de cada Nação indígena não deve ser consentida, “por algum modo”.

Na fase áurea da borracha, entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, um grande contingente lusitano estabeleceu-se em Belém e Manaus. De forma similar aos que vieram no início da colonização, esses imigrantes compunham grupos pouco abastados: “quase todos *jovens e pobres*, eram *filhos de agricultores e sitiantes*, de numerosa família patriarcal, *com rígida educação doméstica* e obedientes à tradição, valores familiares e devotos de N. S. de Fátima” (BENCHIMOL, 2009, p. 82, grifos nossos). Benchimol também recorre às estatísticas do Censo de 1920 e afirma que “os 24.007 portugueses da época [...] representavam 13% da população urbana dessas duas metrópoles da borracha” (p. 82). Mas a influência portuguesa não se deu apenas por sua numerosidade, segundo o sociólogo, eles formaram até a década de 1940 a principal classe política e econômica da região Norte, ocupando não só o alto comércio (p. ex. casas aviadoras), como também segmentos ordinários (p. ex., mercearias e botequins):

com o surgimento das atividades agrícolas e florestais-extrativas, tornaram-se agentes decisivos, suprimindo essas atividades da liderança empresarial necessária como produtores, mercadores, exportadores e comerciantes, alcançando posição oligopolista, que conseguiram manter até o advento de novas correntes e grupos culturais mais dinâmicos e inovadores (p. 81).

Podemos concluir com isso que a influência lusa – sua língua e cultura – não é um fator perdido no decorrer do tempo, esquecido num passado colonial distante, mas importante (e relativamente recente) para o estudo das formas linguísticas utilizadas em Manaus. Convém lembrar a divisão dialetal portuguesa proposta por Lindley Cintra (1971), que identifica três grupos dialetais (o dos dialetos galegos, o dos dialetos portugueses setentrionais e o dos dialetos portugueses centro-meridionais) e as características fonético-fonológicas a eles relacionadas (como a distinção fonológica ou sua perda entre os fonemas /v/ e /b/; as pronúncias de /s/, a monotongação de ou > o e de ei > e). Enfim, ainda está por ser feito um levantamento etnográfico dessa população, suas zonas dialetais de origem e os traços linguísticos que teriam trazido para esta região.

O segundo grupo que influenciou fortemente as comunidades amazônicas era formado pelos nordestinos e foi decerto o mais numeroso. Benchimol (2009, p. 153) informa que, no período que compreende os dois ciclos da borracha (1827-1945), migraram para a Amazônia em torno de 500.000 *cearenses*, termo pelo qual eram conhecidas as pessoas procedentes “das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados nordestinos”.

Chegavam à Manaus em grandes contingentes durante a primeira fase de produção gumífera. Em virtude dos longos períodos de seca que assolavam o Nordeste, migravam, em sua maioria, com a família inteira. Ao contrário dos portugueses, não se estabeleceram primeiramente no centro urbano: seguiam para o interior do Amazonas ou para o Acre, onde havia seringais. “Os poucos que decidiam ficar trabalhando como operários nos serviços de repartições de obras públicas não demoravam muito para abandonar o emprego na capital e partiam para a aventura laboral nos seringais” (NASCIMENTO, 2013, p. 47).

É importante destacar que essa grande circulação de pessoas foi possível em virtude do porto fluvial, o qual adquiriu um caráter simbólico, pois era através dele que “[do] interior e de outros estados, os visitantes chegavam à cidade” e, principalmente, porque conferiu a ela uma nova perspectiva econômica, “a de entreposto comercial, sendo [o porto] a primeira conexão de Manaus com o mundo” (SANTOS JÚNIOR, 2007, p. 4). Era nesse espaço que se centravam o comércio da borracha e os demais a ele vinculados, como os despachos das casas de aviamento.

Assim como muitos portugueses enriqueceram na Amazônia, muitos nordestinos ascenderam social, econômica e politicamente, passando de “flagelado, retirante, brabo, camboieiro, mateiro e seringueiro” a “gerente de depósito, regatão, seringalista, coronel-de-barranco” e político (BENCHIMOL, 2009, p. 156-157). Entretanto, com a crise da produção gumífera nas décadas de 1910-1930, iniciou-se o êxodo desses grupos, quando vários retornaram ao Nordeste, já empobrecidos e doentes. Aqueles que permaneceram nos seringais nada podiam contra a falência das fazendas, por isso, a partir de 1930, veem-se forçados a migrar das calhas dos rios para as pequenas cidades da região, já que não dispunham de nenhuma outra atividade produtiva.

Outro período de intensa migração aconteceu entre 1941 e 1945, motivada pela Batalha da Borracha. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão cancelou o provimento de borracha para os Estados Unidos; em

virtude disso, os governos norte-americano e brasileiro firmaram um acordo, no qual o Brasil passou a lhes fornecer látex. Para tanto, foram criadas campanhas de incentivo à ida para os seringais, o que resultou na migração de 75.000 pessoas para a Amazônia. Os principais contingentes humanos eram formados por nordestinos, “mas também oriundos das mais diversas regiões do país: cariocas, paulistas, fluminenses, capixabas, mineiros, goianos, mato-grossenses, de todas as classes e profissões” (BENCHIMOL, 2009, p. 166). E, ao fim da guerra, essas pessoas também se deslocaram para os principais centros urbanos como Manaus, Belém e Porto Velho, estabelecendo-se nas periferias dessas cidades.

A presença nordestina na Amazônia foi fundamental para a consolidação da língua portuguesa na região, tornando-a, pela primeira vez desde a colonização, o instrumento de comunicação mais utilizado. Freire (2003, p. 219) afirma que a essa hegemonia tardia “imprimiu marcas particulares em sua variedade regional [amazônica]”. É inevitável a pergunta: quais são essas marcas? Para além do léxico, em que os nordestinos influenciaram a fala amazonense? O que se tem feito para o estudo desses traços sociolinguísticos, trazidos por todos os grupos sociais que constituem a comunidade de fala manauara?

Sobre a presença de negros na Amazônia, Tenner Abreu (2014) observa que, por muito tempo, sua contribuição cultural foi negada na região, pois a escravidão de negros por aqui se processou de maneira diversa do restante do país.

A utilização de mão de obra negra teve pouca significação econômica no século XVII e XVIII, e esse papel era direcionado à massiva população indígena. Conforme o autor, fundamentando-se nas pesquisas de Patrícia Sampaio, há um crescimento no número de negros escravizados a partir da segunda metade do século XVIII, os quais foram introduzidos na região como medidas políticas adotadas pelo Marquês de Pombal, e isso fez com que, no século XIX, a participação negra se tornasse mais significativa em termos demográficos, chegando a representar 10,4% da população de Barcelos. Entretanto, as pesquisas historiográficas conduzidas até o momento têm dado a esses fatos um caráter acessório, pois se limitam “a registrar a presença reduzida de escravos e sua importância secundária no Rio Negro” (ABREU, 2014, p. 99).

Ainda conforme Abreu (2014), a despeito de essa população ser proporcionalmente inferior na região amazônica,

a contribuição do negro em relação à cultura mesmo que matizada e misturada pelo contato com os indígenas e com os colonos portugueses além dos migrantes de outras partes constituem em seu conjunto a memória da região amazônica (p. 98).

Cabe destacarmos que a cidade de Manaus detém o segundo quilombo urbano mais antigo do Brasil, a Comunidade do Barranco ou São Benedito, o qual tem aproximadamente 130 anos e compreende 16 famílias (PONTES; JUSTINIANO, 2014). Diversos estudos realizados no Brasil já investigaram as características linguísticas que os descendentes de negros escravizados desenvolveram e, no Amazonas, encontramos apenas a pesquisa de Quézia Barbosa (2013) realizada com uma comunidade quilombola de Barreirinha. Há ainda muito por ser feito nesse campo.

Como dissemos anteriormente, indígenas, portugueses e nordestinos são os grupos mais numerosos, mas não foram os únicos. Entre o início da exploração da borracha e o seu declínio, muitos estrangeiros aportaram em Manaus, contribuindo em alguma medida para a formação cultural e linguística da cidade. Aqui faremos um breve apanhado do que nos apresenta Benchimol (2009).

Entre 1810 e 1910, vieram do norte da África ao Amazonas cerca de 200 famílias judias. As primeiras gerações se estabeleceram no interior do Estado e trabalhavam no comércio, como regatões. Aqueles que conseguiram enriquecer mudaram-se para Manaus e Belém, onde se tornaram donos de empórios e armazéns, aviadores e exportadores de borracha. Quando a crise se fez presente, muitos judeus empobrecidos saíram do interior e se transferiram para Manaus. Nessa fase, passaram a investir no comércio e na educação dos filhos, levando muitos a se tornarem engenheiros, médicos, advogados e professores.

Em 1872, chegaram os primeiros sírios e libaneses, que tiveram uma história similar à dos judeus. Situados em Manaus, eles se ocuparam do comércio, como mascates, varejistas ou regatões. No entanto, sua descendência progrediu, tornando-se destacados empresários da indústria e das comunicações, além de médicos, engenheiros e juristas.

Apesar de vários estrangeiros terem se tornado comerciantes, foram os ingleses que exerceram o domínio do mercado internacional. Em Manaus, no período de extração da borracha, eles construíram e controlavam o porto, instalaram o transporte urbano por meio de bondes e a iluminação elétrica, dominaram a distribuição de água, a rede de esgotos, as redes de comunicações (p. ex., telégrafos), os

mercados públicos, os abatedouros, os bancos, a exploração mineral e extrativista, além de vários segmentos do alto comércio e da exportação.

Vieram ainda norte-americanos, os quais se instalaram à margem do rio Tapajós primeiramente, mas vários passavam ou estabeleciam residência em Manaus em virtude da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912). Também motivados pela edificação dessa estrada, migraram para esta região em torno de 2.200 barbadianos no ano de 1910; no entanto, com a falência do projeto, muitos mudaram para Belém ou Manaus.

Por fim, temos os japoneses, cujos primeiros representantes vieram para o Amazonas em 1931, instalando-se no município de Parintins. A princípio, trabalhavam na agricultura – em que muitos conseguiram enriquecer – e, com a implementação da Zona Franca, as gerações mais novas se estabeleceram em Manaus, atuando, sobretudo na indústria como administradores e empresários. Aqueles que não obtiveram êxito nessas atividades continuaram na capital, lidando com a agricultura e avicultura nas periferias ou nas estradas que ligam os municípios.

Observemos que a presença desses imigrantes foi incentivada pela economia à época em expansão, também é notória a influência que exerceram nesse campo, ocupando setores essenciais da sociedade manauara em formação. Linguisticamente, entretanto, pouco se sabe a respeito da contribuição desses grupos humanos para a língua portuguesa na região.

Dados levantados por Lima e Martins (2018) apontam a existência de três comunidades bilíngues em Manaus: em duas, fala-se japonês como L1 e português como L2; na outra, uma comunidade de ascendência americana, fala-se inglês como L1 e português como L2. Estudos sistemáticos poderão analisar que tipo de bilinguismo nelas se processa e quais as características linguísticas próprias de cada uma. Além disso, pode-se investigar se outros grupos preservam a língua dos primeiros imigrantes, por exemplo, em comunidades de prática⁴ sob os vieses cultural e religioso.

⁴ Conforme Penelope Eckert e Sally McConnel-Ginet (2010 [1992], p. 102-103), o conceito de *comunidade de prática* foi proposto por Jean Lave e Etienne Wenger e se refere ao “conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. [...] pode ser constituída por pessoas trabalhando em uma fábrica, *habitués* de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, uma família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc.”

O declínio definitivo da borracha levou Manaus a um período de estagnação e a cidade volta a ser economicamente atraente apenas em 1967, com a criação da Zona Franca (ZFM). Ela foi implementada pelo presidente Castelo Branco com a intenção de *desenvolver o interior da Amazônia*, pensando-se, principalmente, na industrialização da região e no desenvolvimento agropecuário; objetivo que, conforme Djalma Batista (2007 [1976]), foi rapidamente alcançado, porque desarticulou o sistema econômico arcaico e iniciou a capitalização financeira da cidade.

O resultado dessa implantação foi um novo fluxo migratório, atraindo, dessa vez, outros perfis profissionais, “muitos acompanhados das respectivas famílias, além dos tradicionais aventureiros, criando com a sua presença, um panorama humano diferente na cidade e em conseqüência no Estado” (BATISTA, 2007, p. 347). Assim, à pluralidade sociocultural já apresentada agregaram-se os *gaúchos*, termo designativo de pessoas advindas do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás (cf. BENCHIMOL, 2009), que trouxeram consigo novos hábitos e costumes, fazendo com que a sociedade manauara permanecesse em seu constante processo de assimilação e transformação.

A política econômica adotada com a ZFM desencadeou processos no Amazonas que, pelo menos três décadas antes, já eram observados nas demais regiões: industrialização e urbanização. Segundo Lucchesi (2015, p. 123), tais processos se iniciaram no Brasil “efetivamente em 1930, com o fim da chamada República Velha” e são, em grande medida, as forças motrizes para a polarização sociolinguística do país. Apesar de tardios, seus efeitos não foram menores, havendo não só a migração interestadual, mas, sobretudo, a de âmbito intraestadual: similarmente a outros centros urbanos, concentraram-se, em Manaus, “grandes contingentes populacionais que até então viviam isolados no interior do país” (p. 124).

A ZFM motivou a centralização da economia amazonense na capital e a mudança dos setores de produção: antes dela, estava difusa pelo interior a produção no setor primário, com atividades agrícolas e extrativas; posteriormente, as atividades passaram a ser industriais e de serviços. Esse fato provocou o deslocamento maciço das populações interioranas para Manaus, o que foi determinante no processo de concentração urbana, pois esse contingente “sem qualificação profissional, passou a ocupar as margens dos igarapés e

áreas particulares das Zonas Norte e Leste” (NASCIMENTO, 2013, p. 50). A cidade vazou por todos os lados, para usarmos uma imagem de Márcio Souza (2010).

Segundo Ribeiro (2013, p. 33), Manaus passou a ocupar um lugar de centralidade na região, convertendo-se em um espaço não só político e econômico, mas de articulação das relações de poder. Para o autor, o modo como o capitalismo nela se arraigou acabou por se ramificar nas formações urbanas nascentes e desse rápido e conflituoso processo de urbanização originaram-se problemas sociais, como:

[...] o processo de despovoamento das áreas rurais do Estado e a redução de sua produção agrícola (com graves consequências para o abastecimento de Manaus); o processo de ocupação do espaço periférico de Manaus por meio de *ocupação de terra* conflituosa e depredadora do meio ambiente (favelização da periferia e déficit habitacional); o aumento do número da violência e de suas variantes; altas taxas de desemprego e trabalho informal, política e economia vinculadas aos interesses externos e à reprodução de valores culturais externos e contrários à cultura amazônica (RIBEIRO, 2013, p. 57-58).

Atualmente, ao lado dos municípios de Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva, a cidade integra a Região Metropolitana de Manaus (RMM), que foi instituída através da Lei Complementar Estadual n. 52, de 30 de maio de 2007, com vistas ao desenvolvimento local. A circulação de pessoas por esses municípios tem se tornado mais comum – como se processou com outras metrópoles –, graças à construção de pontes que os interligam (como a existente sobre o rio Negro) e às rodovias estaduais e federais. Em razão disso, é frequente que pessoas se desloquem para Manaus todos os dias para trabalhar e/ou estudar, mas retornem à noite aos seus municípios.

Conforme Bortoni-Ricardo (2011, p. 11-12), desde o século XX, os estudos sociais têm se preocupado em entender “como a urbanização se processa e, mais especificamente, como os indivíduos interioranos e os camponeses se transformam em moradores da cidade e trabalhadores industriais”, entretanto, os linguistas não têm voltado investigações sobre as mudanças linguísticas concomitantes a esses processos. Lucchesi (2015, p. 145) reforça a necessidade de pesquisas, no âmbito da Sociolinguística, “(...) em torno das correlações que se podem estabelecer entre as características desse processo de industrialização e urbanização e a conformação dos atuais padrões sociolinguísticos da sociedade brasileira”.

Podemos mencionar como estudo pioneiro na região o realizado por Sandra Gonçalves (2015), em que a pesquisadora examinou o léxico de migrantes interioranos (dos municípios amazonenses Tefé, Itacoatiara e Manacapuru) residentes em Manaus há pelo menos cinco anos e constatou-se que 59% dos migrantes alteraram o seu modo de falar e que cerca de 40% dos migrantes assimilaram o léxico da capital amazonense. Tais resultados corroboram a asserção de Lucchesi (2015, p. 147) de que os imigrantes rurais tendem a assimilar as formas linguísticas de prestígio social “à medida que vai tomando consciência do seu valor social”.

A partir de tudo o que foi percorrido até aqui, questionamos que outras correlações podem ser feitas tendo como marco a migração interiorana para os centros urbanos. Fica ainda evidenciada a necessidade de estudos que explorem os cinco problemas empíricos da mudança linguística, com enfoque especial no da avaliação (WLH, 2006 [1968]).

Ao longo deste texto, tencionamos oferecer dados sócio-históricos que suscitem pesquisas empíricas sobre a língua portuguesa na cidade de Manaus, além de formularmos questionamentos sobre a configuração desse idioma que ainda necessitam de investigações de ordem histórica, sociológica e antropológica. A conformação desse espaço – regiões pobres e outras elitizadas, comunidades indígenas urbanas, comunidades japonesas e americanas, um quilombo urbano e tantas outras áreas não discriminados neste texto – nos leva a concordar com Ribeiro (2013, p. 33), ao afirmar que “não se pode mais identificar *uma* Manaus, mas *várias* Manaus dentro de uma mesma cidade”. Do mesmo modo, já não podemos mais pensar em *um* falar manauara, mas analisar os perfis sociais que estão disponíveis, aqueles que estão a constituir os falares manauaras ou falares de Manaus.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tenner Inauhiny. Nascidos no grêmio da sociedade? Negros, índios e tapuias no mundo do trabalho na província do Amazonas (1850-1889). *Revista Transversos*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 97-113, 2014.
- BARBOSA, Quezia Maria Reis de Oliveira. *Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2. ed. Manaus: Valer; EDUA; INPA, 2007 [1976].
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Valer/EDUA, 2009 [1999].
- BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródomos e seqüências*. 2. ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CARMO, Laura do. Africanos e descendentes em dicionários. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. *História social da língua nacional: diáspora africana*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014. p. 165-181.
- CINTRA, Luiz Felipe Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, n. 22, p. 81-116, 1971. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/novaproposta.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*. 2 ed. Manaus: Valer, 2007.

- ECKERT, Penelope; McCONNEL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. *In: OSTERMAN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010 [1992]. p. 93-107.
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa.* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia.* Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Nheengatu, a outra língua brasileira. *In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. História social da língua nacional.* Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 119-150.
- GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. *Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de Geolinguística.* Dissertação (Mestrado em Letras) – Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2015.
- LIMA, Ademar; MARTINS, Silvana Andrade. A situação das línguas indígenas em Manaus. *Tellus, Campo Grande, n. 35, p. 139-160, 2018.*
- LIMA-AYRES, Débora. *The social category caboclo: the history, social organization, identity and outsiders's social classification of the rural population of na Amazonian Region (the middle Solimões).* Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Cambridge, 1992.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2015.
- MARTINS, Silvana Andrade; REZENDE, Carolina. Materiais para estudo da variedade urbana oral culta de Manaus. *In: Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, 1, Anais...* São Luís, 2011, p. 789-797.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: história e arquitetura (1852-1910).* 3. ed. Manaus: Valer; Prefeitura de Manaus; UniNorte, 2006.

- NASCIMENTO, Antonio Gelson de Oliveira. *Vidas perdidas precocemente: o impacto da violência na expectativa de vida da população manauara*. Manaus: UEA Edições, 2013.
- PONTES, Aldrin Bentes; JUSTINIANO, Jeibson dos Santos. Descendentes de escravos negros em busca ao reconhecimento oficial de terra em Manaus. *In: Congresso Nacional Africanidades e Brasilidade, 2, Anais...* Vitória, 2014, p. 01-11.
- RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. *Espaços violados: uma leitura sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes em Manaus*. Manaus: UEA Edições, 2013.
- SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920. *Cadernos de História*. n. 01, p. 1-21, 2007.
- SILVA, Marilene Corrêa da. *O Paiz do Amazonas*. 3. ed. Manaus: Valer, 2012.
- TOMÁS, Lorena Maria Nobre. *Sou brasileira, sou caboquinha: uma análise discursiva da identidade da mulher amazonense através da música popular*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



A fala manauara documentação e análise do português falado em Manaus

*Silvana Andrade Martins
Valteir Martins
Jussara Araújo*

As variedades do português em território brasileiro têm sido objeto de vários estudos. E, referente à norma urbana do português falada em metrópoles brasileiras, esses estudos se iniciaram em 1968, sob a coordenação do prof. Nelson Rossi (UFBA), ao instaurar o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil, Projeto NURC (CASTILHO; PRETI; URBANO, 1990, p. 143). Até então, os estudos dialetológicos voltavam-se para pesquisar os distintos falares de pequenas comunidades.

Conforme Castilho (1990) afirma, é nessa época que ocorre uma grande mudança na perspectiva dos estudos dialetológicos, a qual foi inaugurada por José Pedro de Rona, que foi “aparentemente o primeiro a reclamar a necessidade de um novo tipo de Dialetologia que explorasse as relações entre língua culta e ideal de língua” (p. 142).

É de Juan M. Lope Blanch, professor da Universidade Nacional Autônoma do México, a proposta de organização de um grande projeto coletivo para a descrição da norma culta. Sua proposta era passar da descrição dos falares particulares de pequenas regiões para “a descrição do falar urbano normal, cuja força de irradiação não se pode negar” (CASTILHO, 1990, p. 142). Assim Blanch propõe a descrição coordenada das diversas normas linguísticas das principais cidades da Ibero-América.

Ao Projeto de Lope Blanch, o Brasil se integra em 1968, com o “Projeto de Estudo da Fala Culta e sua execução no domínio da Língua Portuguesa”, apresentado pelo Professor Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, no IV Simpósio do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI), realizado no México. Conforme destaca Castilho (1990, p. 143), nesse texto, Rossi demonstrou que, contrariamente à América Espanhola, no Brasil, o estudo da norma culta não poderia ficar restrito à capital do país, nem mesmo ao Rio de Janeiro, embora este último fosse um centro de irradiação de padrões culturais, mas não daria por si só a imagem do português do

Brasil. Então, ainda de acordo com Castilho (1990), Rossi argumenta sobre o policentrismo cultural brasileiro e, devido a isso, propõe que o Projeto seja realizado em cinco capitais: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, que juntas abarcariam “doze milhões e meio de habitantes aproximadamente, o que equivale a cerca de um sétimo da população atual do país [...]” (p. 143), representando assim a realidade linguística do Brasil.

Entre essas capitais em que se iniciam os estudos da norma urbana, em 1968, as regiões Centro-Oeste e Norte não são contempladas, talvez devido à sua baixa densidade demográfica e pouca influência sociopolítica no panorama das capitais brasileiras, naquela época.

No que se refere ao Amazonas, especificamente à sua capital Manaus, nos idos de 1960, “a cidade vivia uma crise econômica deixada pela borracha e foi melhorando sua situação a partir de projetos de modernização como a Zona Franca de Manaus, a abertura de estradas, favorecendo o crescimento econômico e cultural” (AFONSO, 2010, p. 45). Mas, foi nessa mesma década, a de 1960, que Manaus renasceu da crise da borracha e isso refletiu em seu crescimento populacional que, na ocasião, somava 79,71%, conforme pesquisa apresentada pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) (*apud* AFONSO, 2010, p. 58). Ainda segundo Afonso (2010), o INPA demonstra que houve um crescimento migratório em Manaus entre 1960 a 1970, principalmente devido à taxa de migração que cresceu 36,7%, enquanto que entre 1950 a 1960 esse índice foi apenas de 30,86%.

A Zona Franca de Manaus foi a responsável por atrair milhares de imigrantes, os quais vieram e ocuparam desordenadamente a periferia da cidade. Após 21 anos, no ano de 1991, Manaus atinge um 1 milhão de habitantes e, em 2014, ultrapassou os dois milhões (Wikipedia), tornando-se a grande metrópole da região Norte.

Castilho (1990, p. 141), ao historiar sobre o projeto NURC do Brasil, realça que “o Projeto NURC é um forte apelo em favor da pesquisa empírica, caminho necessário a um melhor conhecimento de nossa realidade linguística”. Nessa mesma perspectiva de estudo nasce o Projeto Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC), com o objetivo de contribuir para o conhecimento da realidade linguística do português falado na Região Norte.

A variedade do português falado em Manaus é resultado da convergência e contribuição de vários dialetos da língua portuguesa. Para estudar essa diversidade linguística, em 2009, quase 50 anos depois

da existência do Projeto NURC, iniciam-se as pesquisas sistemáticas sobre o falar do manauara por meio da implantação do Projeto FAMAC. Este projeto está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e se desenvolve em Manaus, na Escola Normal Superior, no Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e na Escola de Artes e Turismo, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes.

Assim, ao longo de quase 50 anos, estudos de natureza sociolinguística e dialetológica, na mesma linha teórico-metodológica do Projeto NURC, têm-se desenvolvido, ampliando o conhecimento sobre a diversidade linguística do português brasileiro. Registrar e analisar o português falado pela população nortista que vive em Manaus tem sido o objetivo do FAMAC, que possui treze anos de atividade.

Proposto pelos professores doutores Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, o projeto tem como objetivo formar pesquisadores, atuando desde a iniciação científica ao mestrado, no desenvolvimento de pesquisas no campo da sociolinguística e da dialetologia, na documentação e análise da fala e da escrita manauara culta e coloquial, com estudos sobre aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais. Esses estudos iniciaram-se tendo como alvo a fala manauara culta, entendida como a norma linguística falada pelos manauaras que possuíam ensino superior completo e depois se estendeu para a fala coloquial, popular, compreendida, no contexto deste estudo, como a norma linguística empregada por todos os manauaras em situações distensas, independentemente do nível de escolaridade. Em seguida, ampliaram-se os estudos para contemplarem também a escrita manauara.

A Figura 1 apresenta o símbolo que representa o Projeto FAMAC.



1. Projeto FAMAC (*Fala Manauara Culta e Coloquial*), site do Projeto.

Com o objetivo de apresentar um histórico sobre a implantação, desenvolvimento e perspectivas do projeto FAMAC, este texto se inicia com

uma breve contextualização sobre a cidade de Manaus e, na sequência, apresenta-se o processo de implantação e seu desenvolvimento, enfatizando a ampliação dos estudos ao longo de seus dez anos de atividades, a formação de pesquisadores, os resultados das pesquisas, a divulgação científica e, por fim, as perspectivas para esse trabalho.

MANAUS: BREVE HISTÓRIA E SUA FORMAÇÃO CULTURAL E LINGUÍSTICA

O Projeto FAMAC, ao estabelecer como seu objeto de estudo a variedade do português utilizada pelos brasileiros que nasceram em Manaus ou que aqui vivem há pelo menos 20 anos, busca compreender o contexto de formação histórico-cultural e sociolinguística dos manauaras.

Manaus é um município brasileiro, capital do estado do Amazonas, localizado na Região Norte do Brasil. Uma cidade portuária situada nas confluências dos rios Negro e Solimões e no centro da maior floresta tropical. Formada por 62 municípios, Manaus concentra ao seu redor grande parte deles e, com sete desses: Careiro, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Novo Airão e Rio Preto da Eva compõe a Zona Metropolitana, criada em 2007, também conhecida como Grande Manaus. A ponte Rio Negro liga Manaus, por rodovia, aos municípios de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão. Por rodovia, também se liga a Rio Preto da Eva e a Itacoatiara. Ao Careiro o transporte é somente por via fluvial, por meio de balsas e lanchas.

Manaus foi fundada pelos portugueses em 1669 como o forte de São José do Rio Negro. Em 1832, foi elevada à vila com o nome de *Manaós*, como uma homenagem aos indígenas que habitavam essa área entre Manaus e a cidade Manacapuru. Os Manaó constituíam uma tribo do grupo Arauak e que teve como um importante líder o Ajuricaba, cujo nome designa hoje um dos bairros dessa cidade. A palavra Manaus, na língua dos Manaó, significa “Mãe de Deus”. Em 24 de outubro de 1948, foi transformada legalmente em cidade com o nome Cidade da Barra do Rio Negro e, em 4 de setembro de 1856, voltou a ser chamada de Manaus.

A cidade dos manauaras viveu épocas áureas, épocas de crise, de abandono e depois ressurgiu, transformando-se atualmente no município mais populoso do Amazonas e da Região Norte do Brasil, com sua população estimada em 2,1 milhões de habitantes, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

em 2016. A capital amazonense é a sétima cidade entre os municípios mais populosos do Brasil, representando uma das maiores economias do país graças à criação da Zona Franca de Manaus, no final da década de 1960. Entretanto, Manaus possui um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), o que se evidencia pela disparidade na distribuição de renda de sua população, havendo um pequeno número de habitantes que desfrutam de moradias luxuosas, em prédios e condomínios de requinte, ao lado de casinhas distribuídas em ruas estreitas, esburacadas e sem saneamento básico.

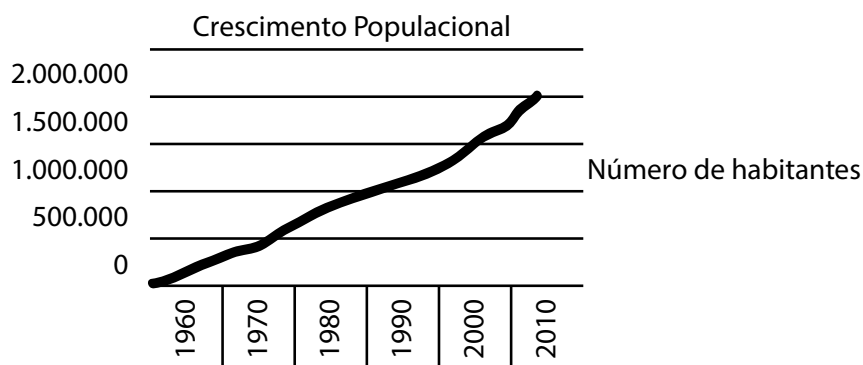
A economia foi de grande importância para a formação linguística e cultural do povo manauara, pois as duas principais ondas migratórias para Manaus ocorreram uma na época áurea do conhecido Ciclo da Borracha e outra por volta da criação da Zona Franca de Manaus. Elas propiciaram o encontro de diferentes dialetos do português, trazidos por migrantes do interior do estado do Amazonas, outros tantos da Região Norte, como do Pará, ainda de outras regiões do país, sobretudo do Nordeste, e ainda imigrantes como os japoneses, judeus, árabes, italianos, entre outros.

A esse respeito, S. Martins e V. Martins (2014, p. 178-179) destacam que a fala manauara é formada por uma convergência de falares.

A comunidade de fala manauara se constituiu de uma intensa parcela de migrantes oriunda de outros países, de outros estados brasileiros e também do interior do Amazonas. Chegaram aqui no início do século XX, época áurea da borracha, um marco na história de 344 anos desta metrópole. A partir da década de 1960, esse processo de formação populacional, com a instalação da Zona Franca de Manaus, foi acelerado vertiginosamente.

Na Figura 2, é apresentada a Tabela que mostra o explosivo crescimento demográfico da capital amazonense, da década de 1960 a 2011.

2. Crescimento populacional em Manaus de 1960 a 2011.



Fonte: IBGE reproduzido por S. Martins e V. Martins, 2014, p. 179.

Um marco importante da cidade de Manaus é o Teatro Amazonas, construído na época áurea da borracha. Localizado no largo São Sebastião, no Centro Histórico de Manaus, o Teatro Amazonas foi inaugurado em 1886, como um símbolo da riqueza de Manaus durante o ciclo da borracha, que se estendeu até os meados dos anos de 1920, conforme Afonso (2010, p. 46). Depois da crise e abandono que assolou Manaus entre os anos de 1967 a 1975, ela se reestabelece com a implantação da primeira fase da Zona Franca de Manaus.

O crescimento populacional de Manaus, devido principalmente ao grande fluxo migratório, conforme já apontado, resultou na miscigenação na formação da população manauara, na confluência de vários falares, representados por diferentes culturas. Toda essa miscigenação de falares constitui o português do manauara, que apresenta suas particularidades em relação ao português falado em outras regiões do Brasil, no que se referem aos aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais.

Para ilustrar o dialeto do Amazonês, cita-se a música *O Amazonês*, de autoria de Nicolás Júnior, também apresentada no trabalho de S. Martins e V. Martins (2014). Essa canção traz uma significativa representação da cultura e do falar do manauara. Retrata lugares de Manaus como o Porto Fluvial de Manaus, o maior porto do mundo, conhecido regionalmente como o “Ródo”. Este porto foi projetado por ingleses e inaugurado em 1907, na época do apogeu da borracha. A canção retrata a vida do manauara, criado na beira do Ródo, carregando os pesados sacos de estivas debaixo do calor do dia. Faz menção ao bodozal, em referência às palafitas, moradias de péssimas condições construídas nos igarapés de Manaus, instalações que, aos poucos, estão sendo substituídas por casas do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim). O termo *bodozal* tem como origem o nome do peixe bodó, mesmo que peixe cascudo como é conhecido em outras regiões do Brasil, designação comum dos *Hypostomus plecostomus*, que vivem em local alagado e leito barrento, especialmente de rios e igarapés da região Amazônica (dicionário informal). Esse nome é empregado como uma referência ao conjunto de moradias construídas em lugares alagados e barrentos na periferia de Manaus.

Letra da música "O Amazonês", de Nicolás Júnior.

Espia maninho	Sou amazônes, num é 'fuleragi'
Eu sou dessas paragens	Eu sou bem dali e dou de 'cum força' na farinha
Das 'banda' de cima	E sou 'inxirido até o tucupi.
Do lado de cá	Eu era escarrado e cuspidado uma osga
Eu não sou leso	Mas meu apelido era carapanã
Nem tico bodó	Muito apresentado, passando na casca do alho
Mas boto no toco	Era chato no balde, um cuirão pitiú
Se tu me 'triscá' (marrapá)	Mais 'intojado' que 'dismintidura'
Eu não vim no guaramiranga	Numa gabolice pai d'égua que só, pois num é?!
Sou moleque doido não venha 'frescá'	Man eu era chibata, parente, de rocha
Pegue logo o beco e saia vazando	Era o rei do 'migué'
Senão numa tapa tu vai 'emborcá'	(sou amazônês...)
Me criei na beira ali pelo 'ródo'	Na ilharga das balsas
Eu me embiocava lá pelos 'motô'	Brincava de pira
Mamãe me ralhava e eu nas 'carrera', zimpado	E ali de 'bubuia', ficava até 'ingilhá'
Era galho de cuia, lambada e o escambal	Mangava 'dusôtro' na esculhambação
Saía vazado pro bodozal, menino vai se 'assiá'	E na hora da broca mandava dindin com kikão
Tira a tuíra do 'côro', que agora é dos vera	Era bom 'qui só'
Vou te malinar.	Eu pegava um boi, que era massa demais
Sou amazônes, não nado com boto, nem	Égua 'su mano', eu cresci à pulso
chupo 'piqui'	E hoje vivo dos bicos na rampa dos cais
Sou do mesmo saco da farinha	(sou amazônês...)
Aquela da ovinha ali do uarini	

IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO FAMAC

Neste tópico, apresenta-se o percurso histórico do projeto FAMAC, no que se refere à sua implantação e desenvolvimento de pesquisas. Este projeto que tem como objetivo documentar e analisar o português falado na cidade de Manaus nasce com a proposta de criar um banco de dados digitais, com arquivos sonoros da fala culta desta variedade do português, objetivando contribuir para análises linguísticas nessa área. Após, amplia-se seus estudos para a variedade coloquial, popular, a norma urbana empregada na capital manauara por seus moradores, em situações distensas, independentemente do nível de escolaridade.

Como perspectivas teóricas, norteia-se na sociolinguística variacionista, no sociofuncionalismo linguístico e na Dialetoлогия pluridimensional.

A sociolinguística variacionista estuda a variação linguística, buscando compreender como os falantes utilizam sua língua. Essa perspectiva laboviana enfatiza "o ponto de vista de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21).

O sociofuncionalismo linguístico é descrito como "uma abordagem diáde por trazer em sua configuração postulados de duas outras teorias:

Sociolinguística e Funcionalismo Linguístico” (ARAÚJO, 2016, p. 34). Tavares (2010, p. 3) apresenta uma síntese dos princípios teóricos da abordagem sociofuncionalista, que são:

(i) o objeto de estudo é a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; (ii) os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem; (iii) fenômenos de variação e de mudança podem ser atestados através de tratamento empírico com quantificação estatística.

A dialetologia pluridimensional, de acordo com Aguilera (2012, p. 871) é:

Uma inovação no campo da Geolinguística atual, iniciada há cerca de duas décadas por Thun (2000), diz respeito à importância e à necessidade de associar dados diastráticos, diagenéricos, diageracionais, diarreferenciais e diamésicos aos dados diatópicos da Geolinguística iniciada por Wenker e Gillieron, no final do século XIX.

A autora acrescenta que é nessa perspectiva que se desenvolve o projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o qual “agrega preceitos da Sociolinguística Variacionista à sua proposta de descrever a língua portuguesa falada no Brasil a partir de uma visão diatópica”.

As pesquisas do FAMAC, conforme já mencionado, focalizam-se em dois eixos da análise linguística, que são as análises fonético-fonológicas e morfológicas por um lado, e morfossintaxe e semântico-lexical, por outro. E, para historiar a implantação e o desenvolvimento do FAMAC, será apresentada uma abordagem dividida em três fases. A primeira fase compreende o período de 2009 a 2012; a segunda, estende-se de 2013 a 2015 e, a última, que vai de 2016 até os dias atuais (2019).

Primeira Fase: 2009 a 2012

A primeira fase do FAMAC constitui seu marco inicial e tem-se por objetivo formar um banco de dados digitais para dar início ao registro da norma urbana culta da língua portuguesa praticada pelos manauaras, em três tipos de documentação, que são: documentação dos registros entre dois ou mais informantes (D2), documentação de registros entre documentador e informante (DID) e documentação de elocuições formais, como registros de aulas, sermões, etc.

A implantação do banco de dados digitais foi planejada para dispor de registros sonoros das gravações e da transcrição grafemática da fala, empregando a metodologia adaptada por Marcuschi (2001) em seus registros e disponível no site do banco digital do FAMAC: <projetoofamac.wixsite.com/projetofamac/o-projeto>.

Sucederam-se então à documentação da fala culta do manauara, por meio da implementação de três projetos de iniciação científica fomentados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Para isso, foram selecionados os estudantes de graduação em Letras que compuseram a equipe do FAMAC, os quais também receberam cursos por meio dos mentores deste projeto para a realização da pesquisa sociolinguística.

Os três projetos iniciados em 2009 foram assim intitulados: 1) Registro das elocuições formais (*EF*), registros de aulas, conferências e discursos oficiais; 2) Registros de situação de fala dialógica entre dois informantes (*D2*); 3) Registros da língua oral culta empregada em diálogos entre documentador e informante (*DID*).

Apresentam-se alguns marcos da 1ª Fase. No ano de 2010, deram-se continuidade aos registros da fala urbana culta e se iniciam os procedimentos de análise desses registros. Foram selecionados dois temas inicialmente, os quais surgiram das observações realizadas durante as transcrições dos dados. Os dois temas destacados foram: A variação *tu/você* na fala culta manauara e o emprego da variante *a gente* na fala urbana culta manauara. Esses estudos foram implementados por meio de dois projetos de iniciação científica fomentados pela FAPEAM.

O ano de 2011 foi outro marco significativo da primeira fase do Projeto FAMAC, em que ocorreu a expansão dos estudos para documentação e análise não somente da fala urbana culta dos manauaras com nível superior completo como também dos demais manauaras da população. Assim, o projeto FAMAC se amplia para trabalhar com a norma urbana comum, também compreendida aqui como coloquial, popular, aquela que é empregada pelos manauaras em situações distensas. Para isso, foram instaurados três projetos de iniciação científica (IC), dois deles de natureza descritiva e comparativa, referentes às alternâncias *tu/você* e *nós/ a gente*, os quais foram assim intitulados: a) Estudo descritivo-comparativo da alternância *tu/você* na fala manauara culta e popular; b) Estudo descritivo-comparativo da alternância “*nós*” e “*a gente*” e seus mecanismos de concordância gramatical na fala manauara culta e popular. O terceiro projeto trouxe

uma ampliação aos estudos morfossintáticos abordados pelo FAMAC, que foi a respeito da expressão de futuridade. Desta maneira, foi proposto o seguinte projeto de IC: c) A expressão do *tempo futuro* na fala manauara: um estudo na interface sintaxe/discurso.

O ano de 2012 também teve um destaque significativo nas ações do Projeto FAMAC, pois nessa época houve uma oferta específica para o curso de formação de pesquisadores para o projeto, visando estudantes da graduação em Letras, mesmo os do primeiro período. Alcançaram-se resultados muito positivos na formação de novos pesquisadores. Outro marco foi o fortalecimento dos estudos da fala manauara por meio da instauração específica de um projeto de Iniciação Científica (IC) para coleta de inquéritos da fala manauara, culta e coloquial e a criação do Círculo de Formação Sociolinguística para pesquisadores do projeto FAMAC, objetivando reunir professores, graduando e graduados para discutirem sobre as pesquisas em andamento e os resultados obtidos.

Como resultados da primeira fase do Projeto FAMAC, apontam-se as defesas dos três primeiros Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação em Letras (TCC) sobre a fala manauara, os quais foram: 1) Um estudo dos mecanismos de concordância de *nós e a gente* na fala culta manauara, por Carolina Kossoski F. de M. Resende; 2) A expressão do *futuro do presente* na fala manauara culta: motivações linguísticas e variação, apresentada por Bruno de Sousa Andrade; 3) Os usos de *tu e você* na fala culta manauara - uma abordagem sociointeracionista, de autoria de Leandor D’Vinci Babilônia Brandão.

Quanto à produção científica e divulgação que compreende a primeira fase do Projeto FAMAC, cita-se o ano de 2011, em que esse grupo de pesquisadores realizou o *I Encontro de Estudos do Português do Norte*, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na Escola Normal Superior, em Manaus. Esse evento contou com a participação de professores e estudantes da UEA, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), de faculdades particulares de Manaus, como a UNINORTE e UNIP, além de pesquisadores de outras unidades da UEA, no interior do Amazonas, e de outras instituições da Região Norte, como Roraima, Pará e Rondônia. Foi muito significativo o apoio e participação neste evento da Professora Doutora Márcia Santos Duarte de Oliveira, da Universidade de São Paulo (USP).

Ainda na primeira fase, elencam-se alguns eventos científicos em que a equipe do Projeto FAMAC participou com comunicações e publicações de trabalhos, os quais são: 1) 2010: I Congresso

Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (org.: Projeto Atlas Linguístico do Maranhão). Universidade Federal do Maranhão, São Luiz; 2) 2011: I Encontro de Estudos do Português do Norte. UEA, Manaus; 3) 2011: XV Semana de Letras - As letras e seus múltiplos olhares: artes, linguagem, literatura e educação. Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 4) 2011: III Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia. Manaus; 5) 2011 - XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro; 6) 2012: II Congresso Internacional de Dialectologia. Belém: UFPA.

Conforme apresentado, os estudos realizados pelo Projeto FAMAC foram, nessa primeira fase do projeto, amplamente divulgados no meio acadêmico local, regional e nacional, por meio da participação de seus integrantes em vários eventos assim distribuídos.

Sob a orientação dos doutores Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, destacam-se, nessa fase, a formação de pesquisadores, como bolsistas e voluntários de projetos de Iniciação Científica, fomentados pela FAPEAM. Em 2009 e 2010: Jhomara Soares dos Santos e Bruno de Sousa Andrade que pesquisaram sobre “A variedade culta falada na cidade de Manaus nas interlocuções de entrevistas”; Leandro D’Vinci Babilônia Brandão e Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende, os quais abordaram “Inquéritos da norma culta falada em Manaus em situações dialógicas informais” e Valquíria Luna Arce Lima que coletou “registros de elocuições formais orais dos manauaras: materiais para estudo”. Em 2011, continuaram na iniciação científica Leandro D’Vinci Babilônia Brandão, pesquisando sobre “A variação tu/você na fala urbana culta manauara”; Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende: “A variante a gente na fala urbana culta manauara” e Bruno de Sousa Andrade sobre “A expressão do tempo futuro na fala manauara: um estudo na interface da sintaxe/discurso”. Em 2012, desenvolveram os estudos sobre a fala manauara Leandro D’Vinci Babilônia Brandão: “Estudo descritivo da alternância tu/você na fala manauara culta/popular”; Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende: “Estudo descritivo-comparativo da alternância nós/ a gente e seus mecanismos de concordância gramatical na fala manauara culta e popular”. Em 2013, Márcia Leite do Nascimento coletou “Inquéritos da fala manauara” e ainda, nesse mesmo ano, iniciou-se o Círculo de Formação Sociolinguística para Pesquisadores do Projeto Fala Manauara, contando como voluntárias na organização do grupo junto aos coordenadores do FAMAC as acadêmicas, na época, Ana Carolina Coutinho de Oliveira e Márcia Leite do Nascimento.

Assim, encerra-se essa primeira fase do Projeto FAMAC, que compreendeu os três primeiros anos de ações na instauração de pesquisas sistemáticas sobre a fala manauara.

Segunda Fase: 2013 a 2015

Os dois anos que compreendem o período de 2013 a 2015 constituem a chamada segunda fase do Projeto FAMAC. É nesse período que ocorre a expansão das pesquisas do FAMAC.

No ano de 2013, iniciam-se os estudos sobre o quarto tópico da morfossintaxe que foi a gradação na fala manauara, por meio do projeto de Iniciação Científica, fomentado pela FAPEAM, sob o título: *Recursos léxico-gramaticais para gradação na fala manauara*.

Em 2014, foram ampliados os estudos referentes à expressão de futuridade. Para isso, implementaram-se dois projetos de Iniciação Científica também fomentados pela FAPEAM, os quais foram: *A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do irrealis na fala manauara e Análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do irrealis na fala manauara*.

Dessa segunda fase do FAMAC, um marco foi a instauração das pesquisas fonético-fonológicas. Foram selecionados dois temas, referentes a aspectos da fonologia da fala manauara que são “A realização da lateral alveolar /l / na fala manauara” e “A ocorrência do –r em coda silábica”. O primeiro, como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, desenvolvido por Camilla dos Santos Evangelista e, o segundo, como projeto de Iniciação Científica, fomentado pela FAPEAM, realizado por Heitor Picanço.

A segunda fase do FAMAC também é reconhecida como um período de expansão. Foi nessa fase que um dos estudantes pesquisadores desse projeto, Leandro D’Vinci Babilônia Brandão, conclui a graduação e iniciou o mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com isso, apresentam-se os primeiros resultados na formação de pesquisadores do FAMAC, na expansão dos estudos da fala manauara para outras universidades brasileiras.

Em 2014, dá-se um passo importante para o desenvolvimento da Linguística Aplicada ao Ensino no escopo do Projeto FAMAC. Naquele ano, a pesquisa sobre a fala manauara é selecionada como tema de estudo no curso de especialização em Metodologias de Ensino da Língua Portuguesa, da UEA, ofertado aos professores da Secretaria

de Educação do Estado (SEDUC). Com isso, os fenômenos da fala manauara e sua repercussão na escrita foram abordados como temas monográficos aos trabalhos de conclusão de curso de professores da SEDUC, com enfoques na descrição e na aplicação aos estudos de oralidade e escrita na educação básica. Esses trabalhos foram orientados pela Professora Doutora Silvana Andrade Martins, mentora desse projeto. Citam-se alguns dos temas abordados: regência verbal e ensino no escopo da variação linguística no emprego da regência e ensino da norma-padrão; dialeto cearense no falar manauara: uma reflexão sobre a influência histórica na produção da linguagem na cidade de Manaus; a influência nordestina contemporânea no falar manauara; a palatalização da lateral /l/: um estudo da variável na fala e escrita do manauara, entre outros.

Em 2014, o Projeto FAMAC dá um passo importante para sua consolidação que foi a abertura da linha de pesquisa Estudos da Fala Manauara, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da UEA. Assim, foram selecionados dois projetos. Um sobre a expressão do futuro na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista, apresentado por Jussara Maria de Oliveira Araújo e o outro sobre o gerúndio na expressão de futuro na diversidade do português manauara, proposto por Ana Augusta de Oliveira Simas, ambos sob a orientação da Professora Doutora Silvana Andrade Martins.

Quanto à produção científica e divulgação na 2ª fase do FAMAC, citam-se alguns trabalhos relevantes para esse período. Um deles foi a participação dos mentores deste projeto, em 2013, na Butler University, Indianapolis, EUA, no Congresso: *Exploring the portuguese diaspora in InterDisciplinary and Comparative Perspectives: an international conference*, apresentando o tema sobre as particularidades dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara; em 2015, no II Seminários de Linguagem, na Universidade Federal do Amazonas, com a finalidade de expor sobre o Projeto FAMAC; ainda em 2015, no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), realizado em Belém. Este último evento citado foi muito significativo, pois a participação do FAMAC se deu na coordenação do Simpósio Temático 23: O falar da Região Norte do Brasil: variações dialetais e atlas linguístico. Esse simpósio foi proposto pelas Professoras Doutoras Silvana A. Martins (UEA) e Maria Luíza Cruz-Cardoso (UFAM).

Ainda sublinham-se os significativos trabalhos orientados pelos pesquisadores mentores do FAMAC no campo da iniciação científica,

os quais foram: “Recursos léxico-gramaticais para gradação na fala manauara”, por Luciana Holanda dos Santos Serdeira; “O português falado na cidade de Manaus: coleta de dados”, desenvolvido por Heliene Arantes Carvalho; “Análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara”, realizado por Nathalie Anne Conceição de Barros; “A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do *irrealis* na fala manauara”, de autoria de Paula Jamille Feitosa Ribeiro.

Assim, o FAMAC completa seus seis anos de atuação, fortalecendo a formação de pesquisadores tanto na iniciação científica, na graduação, quanto na especialização e mestrado.

Terceira Fase: 2016 a 2019

A terceira fase do Projeto FAMAC é marcada como um período de consolidação dos estudos sobre a fala manauara no Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da UEA e na ampliação dos estudos fonético-fonológicos.

Em 2016, ocorreu a ampliação dos estudos fonético-fonológicos tanto na graduação quanto na pós-graduação, orientados pelo Professor Doutor Valteir Martins. Os estudos propostos foram: 1) Estudos sobre o enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página “Tal Qual Dublagens” (TCC/concluído) apresentado por Kamilla Oliveira do Amaral; 2) Nasalização variável de vogais na fala manauara (Mestrado), desenvolvido por Joyce Kamila Martins; 3) A palatalização das alveolares no contexto de /i/ na fala manauara (Mestrado), por Camilla Evangelista dos Santos.

Também em 2016 foram concluídas as duas primeiras dissertações no PPGLA, da UEA sobre a fala e a escrita do manauara, que foram: 1) A expressão de futuridade na *escrita* jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista, por Jussara M. O. Araújo; 2) O gerúndio na expressão de futuro na diversidade do português manauara, desenvolvido por Ana Augusta Simas. No âmbito dos aspectos fonético-fonológicos, foi apresentado o trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras sobre a interferência dialetal sobre a representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras, por Samantha Teixeira Vasconcelos.

Em 2017, o Projeto FAMAC ampliou sua oferta de vagas para o mestrado no PPGLA da UEA, no desenvolvimento de projetos nas

áreas fonético-fonológico, morfossintáticos e semântico-lexicais referentes ao falar do manauara. Ainda se sinaliza que, em 2016, o Projeto FAMAC inaugurou novos estudos para além das fronteiras de Manaus, iniciando dois projetos sobre o falar do amazonense da Região do Alto Rio Negro, evocando dois temas: o uso do pronome de 2ª pessoa e a expressão de futuridade.

Ainda nesse mesmo ano, a descrição da fala manauara se estende do projeto FAMAC do Núcleo de Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE), e se expande, com o objetivo de investigar a diversidade do português amazonense, abrangendo os municípios de Santa Isabel do Rio Negro e São Sebastião do Uatumã, por meio da elaboração de três dissertações do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes.

Em Santa Isabel do Rio Negro, Nathalie Barros investiga sobre a variação no âmbito do *irrealis* entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala Santa-Isabelense e Célia Silva pesquisa a respeito dos usos de tu/você/senhor. Em São Sebastião do Uatumã, Thamara Costa analisa aspectos fonético-fonológicos desse falar. Esses trabalhos estão em fase de conclusão, previstos para este primeiro semestre de 2019.

Ressalta-se também que, em 2017, duas integrantes do projeto FAMAC, Heliene Arantes e Kamilla Oliveira, foram aprovadas em Programa de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A primeira pesquisadora prossegue suas pesquisas com tema específico da fala manauara, investigando, nesse falar, como se processa a expressão da gradação explícita do aumentativo.

Em 2018, foram implantadas seis pesquisas de iniciação científica sobre o falar manauara, as quais deverão ser concluídas em julho de 2019. Três delas analisam o emprego do ‘a gente’ na escrita de gêneros comentários on-line, charges e crônicas veiculadas em suporte digital. Outras três analisam a expressão e omissão do sujeito oracional na fala manauara.

Citam-se os pesquisadores do FAMAC 2018/2019, de iniciação científica que, fomentados pela FAPEAM, investigam a variedade do português manauara, sob a orientação dos coordenadores do projeto, os quais são: Maria Ivanize Correa dos Santos, que pesquisa sobre “O “a gente” em comentários on-line de páginas de Facebook do jornalismo manauara”; Gabrielle Lifstitch Nogueira da Silva, “O “a gente” nas charges dos jornais on-line de Manaus” e Luís Fernando

Pinheiro dos Santos, O “a gente” já chegou às crônicas dos jornais do Amazonas? Um estudo sociofuncionalista da variação linguística na escrita do português manauara, orientados pela Dra. Silvana Andrade Martins. Sob a orientação do Dr. Valteir Martins estão às pesquisas desenvolvidas sobre a ocorrência do sujeito desinencial por Gabrielly Teixeira Moreira, Edney Alexander da Silva e João Eduardo Silva de Souza, referentes à norma popular, norma culta falada e norma culta escrita, respectivamente, todos fomentados pela FAPEAM, no âmbito da Universidade do Estado do Amazonas, Escola Normal Superior, em Manaus.

Para sintetizar a história das três fases do Grupo FAMAC, do Núcleo de Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE/CNPq), apresenta-se quadro dos pesquisadores desse grupo, identificando suas pesquisas e produções acadêmicas, elaborado pelas mestrandas Helene Arantes e Kamilla Oliveira (2019).

Quadro 1: Primeira Fase: 2009 a 2012
Iniciação Científica

	PESQUISADOR	TÍTULO	DATA
1	Bruno de Sousa Andrade Jhomara Soares dos Santos	A variedade culta falada na cidade de Manaus nas interlocuções de entrevistas	2009/2010
2	Leandro D’Vinci Babilônia Brandão Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende	Inquéritos da norma culta falada em Manaus em situações dialógicas informais.	2009/2010
3	Valquíria Luna Arce Lima	Registros de elocuições formais orais dos manauaras: materiais para estudo.	2009/2010
4	Leandro D’Vinci Babilônia Brandão	A variação tu/você na fala urbana culta manauara.	2010/2011
5	Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende	A variante a gente na fala urbana culta manauara	2010/2011
6	Bruno de Sousa Andrade	A expressão do tempo futuro na fala manauara: um estudo na interface da sintaxe/discurso	2011/2012
7	Leandro D’Vinci Babilônia Brandão	Estudo descritivo da alternância tu/você na fala manauara culta/popular	2011/2012
8	Carolina Kossoski Félix de Moraes Rezende	Estudo descritivo-comparativo da alternância nós/ a gente e seus mecanismos de concordância gramatical na fala manauara culta e popular	2011/2012

Quadro 2: Segunda Fase: 2013 a 2015
Iniciação Científica

	PESQUISADOR	TÍTULO	DATA
1	Marcia Leite do Nascimento	Inquéritos da fala manauara	2012/2013
2	Ana Carolina Coutinho de Oliveira Márcia Leite do Nascimento	Círculo de Formação sociolinguística para pesquisadores do projeto Fala Manauara	2012/2013
3	Luciana Holanda dos Santos Serdeira	Recursos léxico-gramaticais para graduação na fala manauara	2013/2014
4	Heliene Arantes Carvalho	O português falado na cidade de Manaus: coleta de dados.	2014/2015
5	Nathalie Anne Conceição de Barros	Análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do <i>irrealis</i> na fala manauara	2014/2015
6	Paula Jamille Feitosa Ribeiro	A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do <i>irrealis</i> na fala manauara	2014/2015

Quadro 3: Terceira Fase: 2016 a 2019
Iniciação Científica

	PESQUISADOR	TÍTULO	DATA
1	Maria Ivanize Correa dos Santos	O “a gente” em comentários online de páginas de Facebook do jornalismo manauara.	2018/2019
2	Gabrielle Lifitch Nogueira da Silva	O “a gente” nas charges dos jornais online de Manaus.	2018/2019
3	Luís Fernando Pinheiro dos Santos	O “a gente” já chegou às crônicas dos jornais do Amazonas? Um estudo sociofuncionalista da variação linguística na escrita do português manauara.	2018/2019
4	Gabrielly Teixeira Moreira	A ocorrência do sujeito desinencial norma popular.	2018/2019
5	Edney Alexander da Silva	A ocorrência do sujeito desinencial norma culta falada.	2018/2019
6	João Eduardo Silva de Souza	A ocorrência do sujeito desinencial e norma culta escrita.	2018/2019

Quadro 4: Publicações dos Pesquisadores do FAMAC

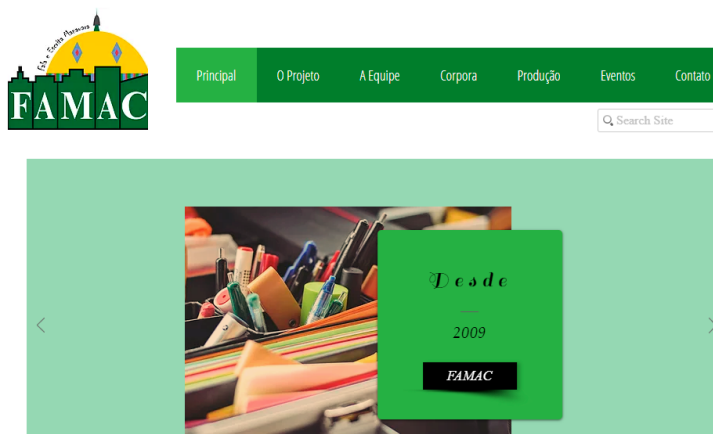
	PESQUISADOR	TÍTULO	DATA
1	Bruno Andrade Souza Silvana Andrade Martins	A variedade culta falada na cidade de Manaus em situações comunicativas de entrevistas. <i>In:</i> I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística. EDUFMA: São Luís, 2010. v. 1. p. 7-12.	2010
2	Leandro D´Vinci Babilônia Brandão Silvana Andrade Martins	O processo de monotongação na fala culta manauara. <i>In:</i> I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2010, São Luís: EDUFMA, 2010. v. 1. p. 125-126.	2010
3	Leandro D´Vinci Babilônia Brandão Carolina Kossoski Felix de Moraes Rezende Silvana Andrade Martins	Inquéritos da Norma Culta Falada em Manaus em situações dialógicas Informais. <i>In:</i> I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2010, São Luís: EDUFMA, 2010. v. 1. p. 76-77.	2010
4	Silvana Andrade Martins Carolina Kossoski Felix de Moraes Rezende	Materiais para estudo da variedade urbana oral culta de Manaus. <i>In:</i> I Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística. São Luís, 2010.	2010
5	Silvana Andrade Martins	Banco de dados digitais da fala manauara: um estudo em desenvolvimento. www.fflch.usp.br/dlcv/lport/site/gelic/	2011
6	Leandro D´Vinci Babilônia Brandão Silvana Andrade Martins	A alternância tu e você na fala culta manauara: considerações preliminares. <i>In:</i> I Encontro de Estudos do Português do Norte, 2011, Manaus. Livro de Resumos e Programação do I EPNORTE. Manaus: BK editora, 2011. v. 1. p. 97-98.	2011
7	Leandro D´Vinci Babilônia Brandão Silvana Andrade Martins	A quem me dirigirei: os pronomes de segunda pessoa na fala culta manauara. <i>In:</i> I Encontro de Estudos do Português do Norte, 2011, Manaus. Livro de Resumos e Programação do I EPNORTE. Manaus: BK editora, 2011. p. 96-97.	2011
8	Leandro D´Vinci Babilônia Brandão Silvana Andrade Martins	Contribuições da pesquisa sociolinguística: o projeto fala manauara culta. <i>In:</i> III CIELLA- Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia, 2011, Belém. Estudos Linguísticos e literários: histórias e perspectivas. Belém: Editora Boos, 2011. v. 1. p. 164-165	2011
9	Silvana Andrade Martins	Banco de dados digitais da fala manauara: um estudo em desenvolvimento. <i>In:</i> I Encontro de Estudos do Português do Norte, 2011, Manaus. Livro de Resumos e Programação do I EPNORTE. Manaus: BK editora, 2011. v. 1. p. 48-49.	2011

10	Carolina Kossoski Felix de Moraes Rezende Silvana Andrade Martins	A variante a gente na fala urbana culta manauara. <i>In: I Encontro de Estudos do Português do Norte, 2011, Manaus. Livro de Resumos e Programação do I EPNORTE. Manaus: BK editora, 2013. p. 68-70.</i>	2013
11	Silvana Andrade Martins	Particularidades do pronome de 2ª pessoa no falar manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português brasileiro. Congresso Internacional Exploration the Portuguese Diaspora in Interdisciplinary and Comparative Perspectives: An International Conference Caderno de Resumos. Indianópolis, EUA. 2013.	2013
12	Luciana Serdeira Silvana Andrade Martins Valteir Martins	Recursos léxico-gramaticais para gradação na fala manauara, 2014. <i>In: Abralin em Cena: Amazonas. Caderno de Resumos. Manaus: UEA Edições, 2014, p. 100.</i>	2014
13	Kamilla Oliveira do Amaral Valteir Martins	O enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens. <i>In: Ebook do V CIELLA - Congresso de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia. Organização: Sidney da Silva Fagundes, et al. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPA, 2016, p. 210-221.</i>	2016
14	Heliene Arantes Carvalho Silvana Andrade Martins	A expressão do aumentativo na fala manauara. <i>Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 414 - 432, ago./dez. 2017.</i>	2017

O BANCO DE DADOS DIGITAIS DO FAMAC

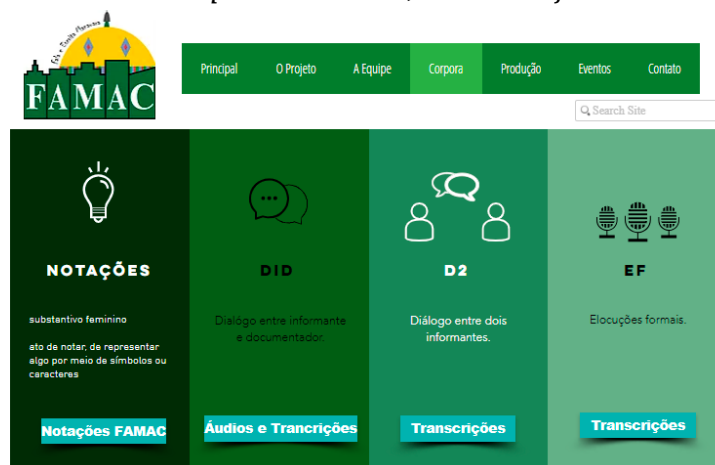
Os registros dos inquéritos da fala manauara coletados pela equipe do Projeto FAMAC são disponibilizados aos pesquisadores e demais interessados por esses estudos no Banco de Dados Digitais, que pode ser acessado em <projtofamac.wixsite.com/projetofamac>, conforme é apresentado na Figura 3.

3. Projeto FAMAC (*Fala Manauara Culta e Coloquial*), site do Projeto.



Nesse site, tem-se acesso às páginas referentes ao Projeto, a Equipe, os *Corpora*, Eventos e Contatos. Em referência aos *corpora*, são apresentadas as notações empregadas para a transcrição grafemática da fala e, na sequência, os registros de DID, D2 e Elocuções Formais.

4. Os *Corpora* do FAMAC, site do Projeto.



Quanto à produção científica, o FAMAC apresenta 4 seções: os trabalhos de Iniciação Científica, os Trabalhos de Conclusão de Curso que são artigos (TCC), as dissertações desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e os artigos completos e resumos divulgados em eventos científicos, conforme dispostos na Figura 5.

5. Produção Científica do FAMAC, site do Projeto.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo, ao expor sobre a criação e trajetória do Projeto FAMAC em suas três fases de desenvolvimento, demonstra como esse trabalho tem sido significativo para o conhecimento da diversidade linguística

do português amazonense no cenário brasileiro. Foram analisados aspectos do falar manauara e também do português amazonense, nas linhas teóricas da Sociolinguística e Sociofuncionalismo, nos níveis de análise fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical.

Nesse período de dez anos de atuação do FAMAC, muito foi feito e muito precisa ser ainda realizado, pois esse é um trabalho que exige bastante fôlego! Ao longo dos anos, a descrição do português amazonense tem se fortalecido grandemente, graças aos estudos realizados por outros pesquisadores da UEA, UFAM e faculdades particulares da cidade de Manaus. Vários estudos sobre os falares manauara e amazonense, de natureza dialetológica e sociolinguística têm sido realizados principalmente nos últimos oito anos.

Desse modo, no que se refere à diversidade do português manauara, a inclusão de Manaus no campo de pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas contribui para a descrição da realidade linguística do português no Brasil, caracterizando a língua portuguesa brasileira no contexto de sua pluralidade de normas objetivamente comprovadas no uso oral e de suas influências na escrita da língua. Nesse contexto, para finalizar, mencionam-se as palavras de Faraco (2004), ao ecoar o apelo de Cazuzza: “*Brasil, mostre a sua cara*”. Essa é a intenção do projeto FAMAC: apresentar mais um ângulo da cara linguística do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. De M. Panorama da cidade de Manaus: crise, progresso e cultura na década de 1960. (2010). *In: Somanlu. Revista de Estudos Amazônicos*, v. 10, n. 2, p. 45-66. Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- AGUILERA, V. De A; Altino, f. C. (2012). Para um Atlas Pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 56, p. 871-889. Disponível em: www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a0756n3.pdf.
- CASTILHO, A. T.; O português culto falado no Brasil. (História do Projeto NURC/BR). *In: Preti, D; H. Urbano (org.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo.* (1986- 1990). São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP.
- JÚNIOR, N. O Amazonês. CD. *A divina comédia cabocla*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=7izw5RXqCGk. Acesso em: 08 out. 2017.
- LABOV, Willian. (2008). *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial.
- MARTINS, S.; Martins, V.; Araújo, J. Banco de dados digitais do projeto FAMAC. Disponível em: projetoofamac.wixsite.com/projetoofamac.> Acesso em: 13 out. 2017.
- MARTINS, S; Martins, V. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português no Brasil. (2013) *In: Exploring the portuguese diáspora in InterDisciplinary and comparative perspectives*. Indianapolis: Butler University. v. 1, p. 64-65.
- TAVARES, M. A. Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal (RN): indícios de especialização funcional. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 12, jul./dez. 2010.
- VASCONCELOS, P. Vídeo *Amazonês*. Curso de Direito. Faculdade Uninorte. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=huH5p73fyvQ.

A coda é o constituinte silábico universalmente mais frágil. A debilidade da coda, no português, se reflete em vários fenômenos de variação e mudança fonológica, tais como a assimilação, o apagamento, a alternância de sons, a metátese e a fala conectada. Um dos segmentos codais do português, o (r) detém o maior número de materializações fonéticas que qualquer outro fonema e também manifesta, em grau variavelmente avançado, o processo de cancelamento. Por exemplo, somente para uma única palavra, catorze, há realizações como cato[r]ze ~ cato[r]ze ~ cato[r̥]ze ~ cato[ɣ]ze ~ cato[h̃]ze e cato[w]ze, a depender dos contextos regionais e linguísticos. Realizações como cato[Ø]ze são bastante comuns, indicando que o processo de enfraquecimento e perda sonora está atingindo, para além da coda final/externa, a coda medial/interna no âmbito do item linguístico.

De acordo com as pesquisas fonológicas do português, o (r) em ataque silábico, constituinte contextualmente mais forte, é elidido apenas quando o rótico preenche o segundo elemento do ataque ramificado em sílabas CCV, como em p[r]oblema ~ p[Ø]oblema. Entretanto, a queda do segmento é, em números, muito maior na coda, *locus* da instabilidade, que no onset silábico. O apagamento do (r) em ataque silábico simples poderia afastar a forma vocabular da canonicidade silábica do português e propiciar sequências VV, como em paada* = parada, o que é indesejável nesse sistema fonológico (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002). Também poderia introduzir formas agramaticais prontamente rejeitadas pelo falante do português, como elâmpago = relâmpago, ou mesmo confusões como aro* = raro, já havendo um conceito expresso por aro no léxico da língua.

Baseado em tais evidências, o presente artigo expõe os resultados de uma investigação referente ao cancelamento do (r) em coda silábica, interna e externa, no dialeto manauara. A pesquisa examina o apagamento do (r) codal na cidade de Manaus com base em 28 DIDs coletados pelo projeto FAMAC, provenientes de falantes com e sem

formação universitária. Desse modo, esta investigação visa contribuir ao entendimento da realidade sociolinguística do português falado no estado multilíngue e multiétnico do Amazonas, de maneira geral, e à compreensão dos padrões fonológicos variáveis que se concretizam no heterogêneo contexto sociolinguístico da capital amazonense.

Esta pesquisa ancora-se teórica e metodologicamente na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011; TARALLO, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e na Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001). Tendo em vista seus pressupostos, objetiva-se depreender os fundamentos linguísticos e sociais subjacentes ao cancelamento do (r) codal no falar manauara, bem como o efeito da frequência na efetivação do fenômeno na classe morfológica nominal, categoria em que o processo de apagamento se concretiza de modo particular (OLIVEIRA, 1983, 1997; CALLOU; LEITE; MORAES, 2002). A Fonologia Gestual (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992) também tem seus pressupostos empregados no entendimento do processo.

O texto está dividido em 5 tópicos. No primeiro, baseando-se nas pesquisas linguísticas existentes, discorreremos sobre a variabilidade fonética, a distribuição no português europeu e brasileiro do (r), sobretudo, em coda silábica; o contraste fonológico entre o “r” forte e o “r” fraco, salientando propriedades comuns dos chamados sons de (r), os róticos. Elencamos, também, as variantes manauaras do (r) identificadas no corpus da pesquisa. No segundo tópico, expomos os achados de alguns dos estudos sociolinguísticos que investigaram o cancelamento do (r) em coda no PB, sintetizando os principais condicionamentos linguísticos e motivações sociais reconhecidos como relevantes para a aplicação do fenômeno.

No terceiro, dissertamos a respeito das abordagens teórico-metodológicas que fundamentam a investigação. No quarto, apresentamos a metodologia empregada na coleta dos dados, os critérios utilizados e a configuração do corpus. No quinto e último tópico, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, focalizando separadamente (r)’s em coda interna versus em coda externa, a fim de se proceder a uma análise adequada do apagamento do (r) à luz dos fatores estruturais e sociais escolhidos e da frequência de uso, conforme especificamos.

O (R) NO PORTUGUÊS: VARIABILIDADE FONÉTICA E DISTRIBUIÇÃO

Os róticos estão presentes em três quartos das línguas do mundo (MADDIESON, 1984). Foneticamente, eles representam uma classe de segmentos latamente heterogênea em termos de sua fonação, modos e pontos de articulação variados intervêm na produção vocal dos diversos (r)'s. Fonologicamente, os róticos, entre outras características, ocupam o mesmo lugar em sistemas consonantais e em estruturas silábicas de diferentes línguas, têm efeitos similares sobre os ambientes fonéticos (alongamento, roticização e redução de vogais, por exemplo), podem, também, alternar com outros róticos (LINDAU, 1985). Não há correlatos articulatórios, nem acústicos, todavia, que evidenciem uma classe de segmentos com o traço [+rótico] (LINDAU, 1985; LADEFOGED; MADDIESON, 1996).

Aventar traços binários para associar os róticos em uma classe, tais como [Laminal], [soante], [consonantal], é um procedimento que não logra êxito, dada a alta variabilidade dos róticos. Ante a inviabilidade de uma abordagem baseada em traços fonéticos, articulatórios ou acústicos, Wiese (2011) sugere uma descrição baseada nos padrões fonotáticos, comuns aos sons de (r), para a heterogênea classe dos róticos. O fonólogo ressalta uma série de propriedades como sonoridade, adjacência ao núcleo silábico, variação alofônica, alternância fonêmica e mudanças sonoras inter-róticas, como características definidoras, bem como consideravelmente mais estáveis para o agrupamento dos róticos que as abordagens orientadas por traços. Entre outras vantagens, a proposta alternativa de Wiese tem o efeito de se poder reunir um extenso rol de segmentos, compreendendo as vogais roticizadas e todas as formas de (r)'s.

Em Portugal, há alguns estudos que detalham as realizações alofônicas dos róticos no português europeu. Em geral, linguistas portugueses, a par da oposição vibrante múltipla /r/ e vibrante simples /r/, assumem categoricamente estes dois fonemas como as variantes capitais do (r) e generalizam esta última para a posição de coda, a exemplo de Mateus (2003). No entanto, a realidade sonora dos róticos lusitanos é diversa e trilha o processo de posteriorização, como mostram pesquisas fonéticas⁵. Rennie e Martins (2013), por exemplo, analisam a distribuição variável

⁵ Em sua ilustração fonética do Português Europeu, com base no dialeto lisboense, Cruz-Ferreira (1995) elenca dois tipos de róticos em destaque: um tepe [ˈpira] “pira” e uma fricativa uvular sonora [ʁatu] “rato”.

dos róticos, em dados de 55 informantes, provindos do Arquivo Dialetal do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), sem avaliar seu arranjo nos constituintes silábicos e nos ambientes fonológicos. Nesse corpus, conforme os pesquisadores, as variantes de (r) são [ʁ], [χ], [x], [r] e [ʀ], em ordem decrescente. As fricativas uvulares, róticos mais frequentes, estão presentes, respectivamente, na fala de 42 (76%) e 13 (24%) dos 55 indivíduos; a fricativa velar está manifesta em 9 (16%), as vibrantes alveolar e uvular, ambas em 6 (11%) do total de falantes.

No Brasil, investigações que pormenorizem as materializações alofônicas do (r) no espaço nacional são abundantes. No português brasileiro, há numerosa variabilidade articulatória dos róticos codais, variedade superior, talvez, em toda a lusofonia, restrita ao dialeto e à posição do segmento na palavra. Além disso, mesmo intradialetalmente (r)'s heterogêneos também podem se materializar, caso de muitas comunidades de fala. O padrão de variação dos sons róticos, em localidades como João Pessoa, difere-se em função da posição da coda, variando entre codas internas e externas no domínio da palavra. O processo de lenição, na maioria das variedades dialetais brasileiras, encontra-se em estágio mais avançado que no português europeu, culminando na perda da consoante.

Em final de sílaba, contexto que se restringe esta pesquisa, as variantes posteriores do (r), [x, ɣ, h, ɦ], são as mais frequentes em quase todo o país (RENNICKE, 2015). As variantes anteriores, como [r] e [ɾ], parecem se circunscrever às variedades mais conservadoras do sul do Brasil. A vibrante alveolar [r] é rara, encontrada principalmente em áreas de imigração europeia. O tepe [ɾ] é a variante precípua do (r) em cidades como Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. As modalidades retroflexas da consoante se evidenciam em vários contextos geográficos, de norte a sul do país, com consistência em municípios como Londrina/PR e, mormente, em localidades de perfil rural. As fricativas velares [x, ɣ] predominam nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Florianópolis, e concorrem com a aspiração [h], no caso dos dois primeiros dialetos. Em João Pessoa, materializam-se a fricativa velar [x] e a fricativa laríngea [h], entretanto, este alofone prevalece em coda medial, aquele em coda final, quando não cede à queda [Ø]. Os demais sons de (r), tais como a vibrante uvular e a fricativa alveolar, constam como variantes marginais, de frequência diminuta nos dialetos onde são observadas (BRANDÃO, 2007; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; CALLOU; LEITE; MORAES, 2002; DA HORA; MONARETTO, 2003).

De todas as variantes, a fricativa laríngea, segundo Rennie (2015), está presente em (quase) todos os dialetos brasileiros, sendo a mais frequente. Como se vê, as realizações fonéticas variadas do (r) codal ilustram a diversidade linguística no Brasil, bem como constituem um dos maiores índices de diferenciação dialetal no PB. Em Manaus, em um total de 7661 ocorrências do (r) no corpus, observamos as seguintes modalidades articulatorias: fricativas laríngeas [h], característica do falar manauara, e [ɦ], com 3002 incidências; tepe [ɾ], com 254 materializações, emergente privativamente na ressilabificação da consoante em vogal de palavra subsequente; zero fonético [Ø], com 4398 efetuações; e fones de frequência ínfima como a fricativa velar [x], com 4 ocorrências, bem como a vibrante múltipla uvular [ʀ], o glide posterior [w] e a vogal roticizada [ɔ̥], com 1 realização cada⁶.

Na tabela do Alfabeto Fonético Internacional, proposto pelo IPA, os fones [h] e [ɦ] aparecem classificados como fricativas glotais, respectivamente, surda e sonora. Pairam, entretanto, concepções divergentes sobre esses sons, em razão de suas particularidades fonatórias transicionais. Ladefoged (1993, p. 277) questiona: “esses sons são, de fato, fricativas glotais?”⁷. Há línguas como o hebreu e o árabe que demonstram uma transição mais definida das frequências de formantes, na articulação de [h], por exemplo, indicando atividade constritiva como as demais fricativas, de acordo com Laufer (1991), citada por Ladefoged e Maddieson (1996). Mas em muitas outras línguas, caso do inglês e do português brasileiro, [h] e [ɦ] apenas acompanham a articulação dos sons adjacentes no trato vocal. Relegando sua natureza fricativa, Ladefoged (2001, p. 57) assim descreve [h]:

Ao contrário, a origem do som é a turbulência – as variações randômicas na pressão do ar – causada pelo movimento do ar através das bordas das cordas vocais abertas e outras superfícies do trato vocal. Porquanto a origem principal do som é profunda dentro do trato vocal, ao invés de próxima aos lábios ou a frente da boca, as ressonâncias de todo o trato vocal serão mais proeminentes, e o som é mais parecido com o de uma vogal turbulenta⁸.

⁶ Para exemplificar, transcrevemos os vocábulos nos quais as variantes codais marginais de (r) ocorreram: *ca[x]ne*, *da ta[x]de* (reiterada duas vezes pelo mesmo sujeito), *de ta[x]de*, *desaba[ʀ]*, *refo[w]so* e *abs[ɔ̥]vi*. Exceto a vibrante múltipla uvular, as demais variantes foram articuladas unicamente por falantes mais escolarizados, *i. e.*, com formação universitária completa.

⁷ “Are these sounds [h, ɦ] really glottal fricatives?” (LADEFOGED, 1993, p. 277).

⁸ “Instead the origing of the sound is the turbulence – the random variations in air pressure – caused by the movement of the air across the edges of the open vocal folds e other surfaces of

Conquanto esse som, em particular, seja melhor caracterizado como uma transição glotal surda ou como uma vogal ensurdecida, há de se considerar na esteira de Pike (1943), a perspectiva escolhida pelo descritivista, bem como a conveniência do termo fricativa glotal, observando também sua origem e pertinência no sistema fonológico do português, na condição de uma das variantes do (r). Portanto, a aspiração [h], materialização do chamado “r” forte, cunhagem convencional entre os linguistas brasileiros que se opõe a “r” fraco, resulta de um processo de enfraquecimento consonantal com a seguinte trajetória, em coda silábica, proposta por Rennie (2015, p. 46): $r \rightarrow \text{R} \rightarrow \chi \rightarrow h$. Especificamente relativo à [h], o segmento só preenche os constituintes hierarquicamente inferiores da sílaba, ataque ou coda, podendo ocorrer em início de sílaba ou palavra [\$_\#] ou em fim de sílaba ou vocábulo [\$_\#]. O “r” forte, representado ortograficamente por *rr* (*ferro, mirra*), contrasta-se fonologicamente, em ambiente intervocálico, com o “r” fraco, simbolizado na escrita por *r* (*fero, mira*), articulado como um tepe [r]: fe[h]o x fe[r]o, mi[h]a x mi[r]a. Em início ou final de palavra a oposição se neutraliza.

O CANCELAMENTO DO (R) NA LITERATURA (SOCIO)LINGUÍSTICA

O desaparecimento do (r) em coda silábica, latamente documentado, figura como um fenômeno linguístico remoto no tempo, com indícios no próprio latim. No final de palavra, paralelamente às demais consoantes, o fonema desapareceu da segunda e terceira declinações do latim na mudança ao português, como em *guttuor* > *glote*, não obstante diversas exceções de manutenção, *labor* > *labor* e *pudor* > *pudor* (COUTINHO, 1974; MATTOS; SILVA, 2006). Quando não caía ou resistia à queda, o fonema poderia ser reordenado em uma sequência fonológica, concretizando metáteses como *semper* > *sempre* e *quattuor* > *quatro*, ou poderia sofrer perda e modificação de traços, materializando assimilações como *persica* > *pêssego* e *persona* > *pessoa*, entre outros processos produtivos no latim (MATTOS; SILVA, 2006; SILVA NETO, 1946).

Na língua portuguesa, o primeiro testemunho do cancelamento do (r) data do séc. XVI com Gil Vicente, o qual ao caracterizar

the vocal tract. Because the principal origin of the sound is deep within the vocal tract, rather than near the lips or the front of the mouth, the resonances of the whole vocal tract will be more prominent, and the sound is more like that of a noisy vowel” (LADEFOGED, 2001, p. 57).

sociolinguisticamente o personagem Negro da tragicomédia *Frágoa d'amor*, entre outros marcadores, subtrai o (r) final dos verbos: *cassaa, queree, trazee, falaa* etc. Curiosamente, o dramaturgo o mantém em nominais, como também em vocábulos funcionais: *por, muier* etc (VICENTE, 1852 [1524]). No português brasileiro, a primeira referência ao fenômeno advém de Frei Francisco dos Prazeres; em 1819, ao retratar os aspectos linguísticos de falantes “rústicos” do Maranhão, ele registra *abraçá, feitô, tirá, sinhô, amô, nhô* (SILVA NETO, 1963, p. 90). A seguir, enfocaremos alguns dos estudos sociolinguísticos acerca do fenômeno no PB.

Oliveira (1983) analisa a variável (r) em fim de sílaba, sob abordagem neogramática⁹ descrevendo suas realizações fonéticas e apagamento em dados de 50 falantes do dialeto belo-horizontino. Em conformidade com os achados da investigação, o cancelamento do segmento aplicou-se em 17,59% dos casos (1387/7883), em posição medial, e 70,83% em posição final à palavra (8111/11450). Em sílaba interna, a perda do segmento ocorreu, preferencialmente, quando antecedido por vogais [+altas] e [+acentuadas], com pesos relativos (.57) e (.60), respectivamente, e sucedido por consoantes [+contínuas] e/ou [+vozeadas], a saber: [l] (.84), [z] e [ʒ] (.76), [s] e [ʃ] (.68), [v] (.66) e [b] (.58).

O linguista foi pioneiro em analisar separadamente o apagamento do (r) em verbos e em nominais (substantivos, adjetivos, advérbios, entre outros), decisão tomada com base nas evidências da literatura linguística existente e fomentada pelos seus resultados. No tocante aos nominais, 34% das ocorrências da variável implementou o fenômeno (553/1627), efetivando-se, principalmente, quando o (r) é precedido por vogais [-acentuadas], e seguido por segmentos [+vozeados] e [-nasais], em nomes não monossílabos. Oliveira (1983, p. 160) formula a seguinte regra para a supressão do (r) externo em nominais, a qual é estendida para os casos de elisão do (r) interno:

⁹ Na literatura linguística brasileira, defensores do Modelo Neogramático ou do Modelo da Difusão Lexical incluíram, em algumas publicações, o fenômeno de cancelamento do (r) pós-vocálico na discussão de qual constructo teórico seria o mais apropriado para a explanação da mudança sonora. Os que seguem o modelo neogramático advogam que as mudanças fonéticas são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas, sendo a unidade de implementação o som, afetando todas as palavras de uma categoria lexical simultaneamente. Os que aderem ao modelo difusionista, inversamente, defendem que as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais, sendo a unidade de difusão da mudança a palavra (OLIVEIRA, 1991). A Fonologia de Uso, modelo multirrepresentacional que fundamenta este estudo, difere de ambas as abordagens.

+ vozeado

(r) → <∅> / V _____ <##>

- nasal

No que tange aos verbos, verificando-se em 96% dos casos (7158/7454), a queda do (r) pós-vocálico final foi tão preponderante, independente dos fatores estruturais da pesquisa, que, ao contrário de formular uma regra de cancelamento, Oliveira (1983, p. 161) propõe uma regra de inserção do segmento na categoria verbal, transcrita abaixo:

∅ → <(r)> / V _____ ##

[+verbo]

Callou, Leite e Moraes (2002) analisaram 4334 ocorrências da consoante (r) em posição de coda no corpus do Projeto NURC. Em posição interna, o zero fonético, pouco produtivo, atingiu uma média de apenas 3%. Distintamente, em posição externa, o apagamento ocorreu com os seguintes percentuais nas capitais integrantes do projeto: Salvador, 61%, São Paulo e Recife, 49%, Rio de Janeiro, 47%, e Porto Alegre, 37%. Em posição final, os fonólogos também distinguiram verbos e nomes na análise do fenômeno. Os verbos atuaram em 65% e os nomes em 19% dos casos de ausência do (r). Os resultados probabilísticos assinalaram que, quanto aos verbos, indivíduos mais jovens (25-35 anos, (.81)), e a presença de vogais nucleares [-arredondadas] favoreceram o fenômeno. Quanto aos nominais, os falantes mais jovens (.71), novamente, e as mulheres (.62) destacaram-se na liderança do processo. Em Salvador (.91) e Recife (.88) o cancelamento foi mais intenso. Palavras não monossílabas foram mais favoráveis à regra de apagamento do (r), com taxas probabilísticas graduais: monossílabas (.07), dissílabas (.57), trissílabas (.60) e polissílabas (.66).

Da Hora e Monaretto (2003) pesquisaram o enfraquecimento e conseqüente desaparecimento variável do (r) em coda medial e final no corpus do Projeto VALPB, composto por 60 informantes do dialeto pessoense. No primeiro contexto, o apagamento do (r) foi nitidamente mais frequente quando a consoante subsequente é uma fricativa, com percentuais próximos de 50%. A explicação para tal condicionamento foi encontrada na Geometria de Traços pelos autores, no escopo da

qual, sendo [x] e [h] segmentos codais idênticos às fricativas em onset [f, v, s, z, ʃ, ʒ], quanto ao traço [+contínuo], efetua-se o desligamento do traço [+cont] em detrimento dos róticos e conseguinte queda. No segundo contexto, as vogais inibiram a emissão do rótico em cerca de 90% das ocorrências; o zero fonético correlacionou-se positivamente às sílabas tônicas com percentual acima de 90%; os indivíduos com nenhum ano de escolarização correlacionaram-se mais favoravelmente à ausência da consoante que informantes com 5 a 8 anos ou com + de 11 anos de escolarização, na conclusão dos autores.

Oliveira (1997) revisita o cancelamento do (r), dessa vez, sob a ótica difusionista. Nesse estudo, o linguista se ateu aos nominais, haja vista seu comportamento ímpar diante do fenômeno, com base nos dados de sua pesquisa anterior (OLIVEIRA, 1983). Os resultados evidenciaram que o apagamento do (r) não se processa de forma abrupta e homogênea na categoria nominal, mas de modo gradual o fenômeno vai se espalhando pelo léxico, controlador da mudança, sendo alguns itens mais afetados que outros (v. g., *qualquer* (.76), *versus mulher* (.47)).

Huback (2006), na linha de Oliveira (1997), lança mão dos princípios teóricos da Difusão Lexical e testa alguns pressupostos teóricos da Fonologia de Uso ao cancelamento do (r) em final de nominais. Dentre os resultados da pesquisa, enfatize-se a pertinência dos fatores estrutura morfológica e frequência lexical no processo. Nesse estudo, o sufixo agentivo *-dor* foi o morfema que mais sofreu o apagamento do (r), com percentagem e probabilidade, respectivamente, de 63% e 0,853. Para a linguista, o cancelamento estaria se espalhando gradualmente nas palavras portadoras do sufixo *-dor*, forma produtiva ao apagamento, associando-se aos vocábulos fônica e conceitualmente interligados em redes de similaridade fonética e semântica. Huback (2006, p. 24) também conclui que “todas as palavras líderes em cancelamento são altamente frequentes”, dando pistas do papel da frequência lexical na emancipação do fenômeno.

Dos estudos sociolinguísticos apresentados alusivos à queda do (r) em coda no PB, podemos sumarizar algumas conclusões. O apagamento do (r) é notoriamente muito mais frequente em sílaba externa que interna, sendo este o critério básico adotado em todos os estudos sociolinguísticos ilustrados. Em coda medial, Oliveira (1983) e Da Hora e Monaretto (2003), atestaram o condicionamento de fricativas em favor do apagamento, sem restrições de classe gramatical e, no estudo de Oliveira (1983), com certo favorecimento das vogais nucleares precedentes [i, u], especialmente em ambiente prosódico [+acentuado].

Em coda final, o cancelamento do (r) contrapõe dois agrupamentos gramaticais, verbos e não-verbos, aqueles sempre em estágio mais avançado no processo de apagamento, sendo esta separação um parâmetro primordial de análise corroborado por relatos, observações assistemáticas e pesquisas linguísticas realizadas sobre o fenômeno. Somente em Callou, Leite e Moraes (2003) detectou-se relevância das vogais antecedentes ao fenômeno, restritamente aos verbos. A tonicidade é um contexto suprasegmental favorável ao cancelamento (salvo nos resultados de Oliveira (1983)), sabendo que, os nominais não monossilábicos incorrem mais no processo que os monossilábicos, uma vez que nos verbos o apagamento predomina independentemente da extensão do vocábulo. Quando o (r) é um morfema ou integra uma unidade morfêmica, em nominais, a probabilidade de queda é ainda maior, de acordo com os resultados de Oliveira (1983) e de Huback (2006).

Quanto à atuação de fatores não-linguísticos temos o seguinte quadro. Sexo e grupo etário são fatores para os quais não há consenso nos resultados das pesquisas referentes à sua influência na supressão do (r), em qualquer posição da coda. Classe social e nível de escolaridade são fatores que, quando empregados, externam algumas regularidades, tanto em coda interna, como externa: as classes menos favorecidas (baixa, trabalhadora e média baixa), no estudo de Oliveira (1983), aplicaram ligeiramente mais o cancelamento que a classe mais favorecida (média alta); os falantes com maior escolaridade, em seu conjunto, aplicam o fenômeno relativamente com menos frequência que os com pouca escolaridade, sem grandes diferenças, segundo os resultados de Oliveira (1983) e Da Hora e Monaretto (2003). Mas, em Huback (2006), esse fator é assinalado como insignificante.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A FONOLOGIA DE USO

Nas linhas seguintes, discorreremos acerca das correntes teóricas que fundamentam a pesquisa: a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2011) e a Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001).

Nas palavras de seu maior expoente, a Sociolinguística Variacionista trata-se de uma “abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala” (LABOV, 2011, p. 215). Ao investigar um fenômeno qualquer, um sociolinguista variacionista depreende o lugar de seu objeto de estudo não só no sistema linguístico,

mas também na estrutura social da comunidade de fala em que realiza sua pesquisa. A partir de sua observação atinente à estratificação social e à distribuição linguística subjacentes ao seu objeto de investigação, ele estabelece correlações estatísticas entre os fatores selecionados como condicionantes ou motivadores, podendo ser linguísticos e/ou extralinguísticos, e o fenômeno estudado. A variação e a mudança linguística, âmago da abordagem variacionista, são investigadas à luz de amostras reais de fala; as fontes e os registros históricos, quando disponíveis, apresentam-se como materiais férteis que podem subsidiar o estudo (LABOV, 2011; TARALLO, 2007).

As grandes correntes linguísticas do séc. XX, compenetradas nos aspectos formais e sincrônicos da língua, desviaram-se da variação inerente a toda língua e abstiveram-se de um tratamento metodológica e empiricamente apropriado da mudança linguística. Em reação à práxis e aos princípios científicos em voga na linguística, entretentes, a Sociolinguística Variacionista, erigida com William Labov, propôs técnicas metodológicas rigorosas capazes de coordenar a pesquisa da variação e da mudança linguística em progresso. Nesse quadro de pesquisa socialmente realista, o foco reside na identificação do mecanismo de mudança operante na transição de determinado elemento de um estado de língua a outro. Um dos princípios norteadores da Sociolinguística Quantitativa, como também é conhecida, alude ao problema da implementação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Afinal, como a mudança linguística se processa em uma determinada variedade ou comunidade de fala?

A Fonologia de Uso, uma abordagem particular do funcionalismo norte-americano concebida na década de 80 do séc. XX, demonstra-se uma teoria linguística alternativa na resolução do problema da implementação (BYBEE, 1999, 2001). De acordo com sua precursora, “[...] o uso da língua desempenha a função de estruturar a forma e o conteúdo dos sistemas sonoros” (BYBEE, 2001, p. 1)¹⁰. A frequência de uso desponta, portanto, como um fator impactante na estrutura fonológica e, por conseguinte, na mudança dos padrões sonoros. A Fonologia de Uso preconiza a unidirecionalidade da evolução linguística, o efeito imediato e permanente da mudança sonora sobre o léxico, fomentada pela alta frequência de itens linguísticos em alguma instância específica de uso da língua.

¹⁰ “[...] language use plays a role in shaping the form and content of sound systems” (BYBEE, 2001, p. 1).

Os postulados da Fonologia de Uso vão de encontro aos pressupostos das teorias fonológicas tradicionais. Ao contrário destas, o modelo multirrepresentacional da Fonologia de Uso advoga a existência de fonemas e suas inúmeras realizações fonéticas (alofones), na representação mental dos vocábulos; as palavras ou estruturas sintáticas cristalizadas (*chunks*) são as unidades graduais básicas de categorização, estocadas em redes de similaridade fonética e/ou semântica. Para esse modelo cognitivo-funcionalista, o falante apreende em seu conhecimento fonológico os mínimos detalhes acústicos e articulatorios recorrentes no uso da língua, com a visão alternativa segundo a qual o mapeamento dos sons é simples e as representações mentais, complexas. Outrossim, a fonética e a fonologia não são vistas de forma segregada, mas integradas, e relacionadas em graus diversos com os demais módulos gramaticais (BYBEE, 1999, 2001; SILVA; GOMES, 2004).

Para aferir a regra da frequência na consolidação dos fenômenos linguísticos, a Fonologia de Uso considera duas medidas de frequência: a frequência de ocorrência (*token frequency*) e a frequência de tipo (*type frequency*). A frequência de ocorrência diz respeito ao número de vezes que uma determinada unidade, em geral, uma dada palavra, aparece em um corpus. Um dos efeitos da frequência assevera que palavras mais frequentes são mais suscetíveis à redução fonética que as infrequentes, e sofrem automatização para a eficiência da comunicação. A frequência de tipo concerne à frequência em dicionário de um padrão particular (como afixos, acento lexical, etc). Ela se relaciona diretamente com a produtividade de padrões linguísticos, associando e fortalecendo itens em esquemas cognitivos (BYBEE, 1999, 2001).

Diferentemente dos modelos neogramático e difusionista de mudança sonora, a Fonologia de Uso considera o papel exponencial da frequência de uso e assume, por sua parte, que a mudança sonora é tanto fonética como lexicalmente gradual, dado que o conhecimento linguístico dinâmico do falante engloba as redundâncias fonéticas e as especificidades lexicais dos fenômenos da linguagem (BYBEE, 2001; SILVA; GOMES, 2004). A Fonologia Baseada no Uso, de Bybee, aprecia como adequada a abordagem fundada em gestos articulatorios para representar, descrever e analisar unidades, fenômenos e processos fonológicos nos eventos reais da fala, na dinâmica que os sinalam.

No entendimento da Fonologia Gestual, gestos são unidades básicas de distinção lexical e também de ação articulatória, eventos discretos, porém, fisicamente reais, capazes de incorporar informação

categorica e gradiente (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992). Variáveis do trato (*tract variables*) especificam a dimensão de constricção existente no aparelho vocal, com os respectivos articuladores. A variável abertura glotal (*glottal aperture*), v. g., envolve unicamente a glote. Reinterpretações de aspectos sonoros emergiram com a Fonologia Articulatória. Processos como assimilação, e. g., passaram a ser tratados como redução temporal, em que gestos, antes sequenciais, passam a ser simultâneos, retemporizados. Sua estrutura descritiva enseja generalizações crosslinguísticas interessantes em hipótese alguma descartadas pela Fonologia de Uso, firmada nos esteios teóricos de várias correntes linguísticas.

O quadro sociolinguístico e funcional exposto comporta pressupostos teórico-metodológicos relevantes à análise do cancelamento interno e externo do (r) codal, que, em oposição às teorias fonológicas tradicionais, inclui em seu programa de estudos dados reais do contexto social. A frequência tem uma função crucial na efetivação da mudança linguística, tanto para a Fonologia de Uso, como para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011; BYBEE, 1999, 2001).

METODOLOGIA ADOTADA

Os corpora da pesquisa consistem em 28 Diálogos entre Informante e Documentador (DID) extraídos do banco de dados do FAMAC. O critério básico estabelecido para a escolha dos informantes, em consonância com os parâmetros do projeto, exige que estes tenham nascidos ou estejam residindo em Manaus há, no mínimo, 20 anos, e que não tenham se ausentado da capital por mais de 1/3 de suas vidas.

Os dados da pesquisa foram gravados por meio de instrumentos tecnológicos diversos, como telefones celulares e gravadores de áudio portáteis, sendo coletados entre os anos de 2009 e 2015 pela equipe de estudantes pesquisadores do FAMAC. O tempo de gravação dos inquéritos varia entre 19 e 35 minutos, totalizando aproximadamente 12 horas e 40 minutos de gravação.

Os 28 informantes da pesquisa foram agrupados segundo os fatores sexo (masculino e feminino), faixa etária (1ª faixa – falantes com 21 a 35 anos; 2ª faixa – falantes com 36 a 55 anos; 3ª faixa – falantes com idade acima de 55 anos) e grau de escolaridade (indivíduos graduados; indivíduos sem formação universitária). O quadro 1 ilustra a configuração do corpus.

Quadro 1: Configuração do corpus.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	GÊNERO	1ª FAIXA ETÁRIA	2ª FAIXA ETÁRIA	2ª FAIXA ETÁRIA	2ª FAIXA ETÁRIA
S/formação superior	Masculino	2	2	3	7
	Feminino	2	2	3	7
C/formação superior	Masculino	2	2	3	7
	Feminino	2	2	3	7
Nº DE INFORMANTES		8	8	12	28

Destarte, a estruturação social dos dados se conforma aos pressupostos metodológicos variacionistas, nos quais a presente pesquisa se alicerça ao estudo do apagamento do (r) em coda, viabilizando correlações sociolinguísticas (LABOV, 2011). Não havendo indícios de sua estigmatização pela comunidade de fala brasileira, conforme as investigações linguísticas sistemáticas e a observação de sua ocorrência no ambiente social, o cancelamento do segmento figura, pois, como um fenômeno passível de *pressões vindas de baixo*, ou seja, “abaixo do nível da percepção consciente”, nos termos labovianos (LABOV, 2011, p. 152).

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA E FUNCIONAL

Tendo como objetivo depreender os fundamentos linguísticos e sociais subjacentes ao cancelamento do (r) em coda silábica, bem como o efeito da frequência no desenvolvimento do fenômeno na classe nominal, arrolamos um conjunto de fatores estruturais e não-estruturais.

Os fatores linguísticos são: posição do (r) - distingue coda interna de externa no domínio da palavra; classe morfológica - diferencia verbos, nominais e itens gramaticais; vogal nuclear precedente; ambiente fonológico subsequente – rememora-se que em contexto final, além de consoante, vogal e pausa são ambientes possíveis; acento - discrimina sílaba acentuada de sílaba não acentuada; dimensão do vocábulo - separa as palavras conforme a quantidade de sílabas; e valor morfológico do (r) - cerceia-se a itens nominais. Os três últimos critérios limitam-se ao (r) em fim de sílaba externa.

Os fatores sociais são: grau de escolaridade - indivíduos com e sem formação superior; sexo - masculino e feminino; e faixa etária - agrupa os falantes de acordo com a sua idade, consoante às descrições no item 4. A frequência lexical levará em conta somente os nominais,

devido ao comportamento diferenciado da classe em relação ao apagamento, como se verá posteriormente. Salienta-se que, nos termos desta pesquisa, os itens gramaticais compõem-se das preposições, conjunções e respectivas locuções; os nominais dos substantivos, adjetivos, advérbios, numerais e do pronome *qualquer*.

A Tabela 1 mostra o cancelamento do (r) em função do fator *posição do (r)* no vocábulo:

Tabela 1: Posição na palavra.

	CODA INTERNA		CODA EXTERNA	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
CANC.	190/2755	6,89	4208/4906	85,77

Conforme os dados expostos na tabela 1, o apagamento da consoante é amplamente correlacionado à posição final de palavra. Por outro lado, o apagamento do segmento em posição medial apresenta baixa frequência. Separaremos, portanto, os (r)'s internos dos externos, tratando cada um dos casos à parte. Iniciando pelo (r) em coda interna, para analisarmos a natureza das restrições envolvidas nos 190 casos de queda nessa posição, selecionamos os seguintes fatores: *classe morfológica, vogal antecedente, ambiente fonológico subsequente, sexo e faixa etária*.

Análise do cancelamento do (r) em coda interna

A Tabela 2 mostra o cancelamento do (r) interno mediante o fator *classe morfológica*:

Tabela 2: Classe morfológica (contexto interno).

	CONTEXTO INTERNO	
	Apl./Total	%
VERBOS	14/435	3,21
NOMINAIS	81/1673	4,84
ITENS GRAM.	95/647	14,68
TOTAL	190/2755	6,89

Em coda interna, o zero fonético parece ser favorecido pelos vocábulos funcionais. Porém, a análise da distribuição do apagamento na categoria revelou que o fenômeno é exclusividade de apenas um item da classe, a conjunção *porque*, cuja a alta incidência discursiva

potencializa a redução e perda do (r). Outros itens gramaticais, como as locuções *a partir de*, *acerca de* e a forma *por+que* em outras funções que não à de marcador discursivo, nunca incorreram em supressão medial. As classes variáveis, por seu turno, tais como *conversei*, *surgiu*, *recurso* e *alergia*, apresentam uma variedade de formas afetadas pelo apagamento, sujeitas a condicionantes específicos, respondendo por 95 (=50%) dos casos de zero fonético.

O fator *vogal nuclear precedente* não se mostrou muito interessante, pois não ofereceu evidências de padrão algum de condicionamento sobre o apagamento do (r). Porém, é importante o registro de breves considerações, uma vez que é comum a recorrência a abordagens unilaterais que superestimam motivações fonéticas em desconsideração do componente lexical.

Em contexto interno, ainda que as vogais [+arredondadas] e [-baixas], [o] e [u] com percentuais, respectivamente, de 8% e 31% ao apagamento, possam induzir à conclusão trivial de que condicionam o cancelamento interno, tal inferência não parece razoável. Em primeiro lugar, [o] e [u] são vogais alternantes em ambiente prosódico átono na composição sonora do vocábulo funcional *porque*, forma linguística altamente recorrente que mais se inclinou ao apagamento interno. Em segundo lugar, [o] e [u] não possuem qualquer propriedade fonológica intrínseca que opere sobre [h]. Os demais segmentos nucleares tiveram percentuais inferiores aos das vogais sobreditas. Assim, o que existe é um item sujeito à redução sonora, com níveis elevados de frequência, não vogais antecedentes deste ou daquele tipo condicionando o cancelamento do fonema.

A Tabela 3 mostra o cancelamento do (r) medial a partir do fator *ambiente fonológico subsequente*:

Tabela 3: Ambiente fonológico subsequente (contexto interno).

	CONTEXTO INTERNO	
	Apl./Total	%
OCLUSIVA	99/1432	6,91
FRICATIVA	84/487	17,24
AFRICADA	0/318	0
NASAL	7/513	1,36
LÍQUIDA	0/5	0
TOTAL	190/2755	6,89

Em contexto interno, segundo os dados da tabela 3, os obstruintes fricativos e oclusivos em ataque na sílaba seguinte favorecem o cancelamento do (r) codal. No caso dos segmentos oclusivos, 95 das 99 consoantes que sucederam o (r) cancelado advêm da oclusiva velar surda [k], unidade que compõe a estrutura fônica do vocábulo funcional *porque*. Ao se subtrair as 95 ocorrências da oclusiva velar, resta um quantitativo de 4 consoantes oclusivas, o que torna improcedente o condicionamento da classe sobre o fenômeno, ao lado das nasais¹¹. O (r) em coda interna, quando seguido por africadas e líquidas, nunca incidiu em apagamento, fato totalmente oposto aos resultados de Oliveira (1983) quanto às líquidas, que indicaram seu forte condicionamento sobre a elisão do (r).

No caso dos obstruintes fricativos, entretanto, os segmentos condicionantes são variados e diversificados também são os itens linguísticos em que opera o processo, em contraste com a falsa restrição das oclusivas. As fricativas laríngeas [h, ɦ], segmentos representativos do (r) codal manauara, compartilham o traço [+cont] com as demais fricativas em *onset*, na teoria de traços fonológicos. Da Hora e Monaretto (2003, p. 134) explanam, então, que “a presença de dois segmentos idênticos vai provocar a eliminação de um deles”, redundando, neste caso, no desligamento do traço [+cont] das variantes aspiradas codais. No contexto da fonologia não-linear, a restrição obedece, portanto, ao *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), que proíbe elementos idênticos adjacentes (CLEMENTS; HUME, 1995).

Entretanto, em uma perspectiva gestual, pela qual os processos fonético-fonológicos não são observados como regras categóricas e discretas, devemos adotar a perspectiva de realização gradiente do fenômeno (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992). Nesse ponto de vista, não se trata de uma operação “brusca”, definida pela ausência ou presença de uma propriedade fonética, mas escalar, envolvendo variação na quantidade de ação muscular. Em consonância com Bybee (2001), a redução de magnitude (substantiva) implica também na retemporização entre os gestos contíguos, na forma de um núcleo mais alongado (*fo:sa*) ou não (*foØsa*).

As asserções registradas são preliminares e ficam para estudos posteriores a integração das propriedades acústicas do cancelamento diante de fricativas na explicação. Outrossim, a regra aplica-se

¹¹ Os 11 vocábulos alvos de apagamento interno, em que os contextos seguintes foram preenchidos por obstruintes oclusivos e soantes nasais, foram: *perpétuo*, *recordo*, *certo*, *certa*, *anteriormente* (2 vezes), *enorme*, *irmão*, *particularmente*, *conseguirmos*, *perdermos*.

independente do contexto prosódico. O cancelamento do (r) ocorre tanto em *cerveja, torcida, cirurgia*, por exemplo, onde a proeminência acentual da sílaba que porta o segmento é fraca, como em *força, catorze, Jorge*, onde a proeminência acentual é forte. Para finalizar a análise do cancelamento do (r) em coda medial, a Tabela 4 mostra o desaparecimento do (r) interno à luz dos fatores *sexo* e *faixa etária*.

Tabela 4: Sexo e faixa etária (contexto interno).

	CONTEXTO INTERNO			
	MASCULINO		FEMININO	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
1ª FAIXA	20/350	5,71	18/321	5,60
2ª FAIXA	36/448	8,03	40/543	7,36
3ª FAIXA	44/551	7,98	32/542	5,90
TOTAL	100/1349	7,41	90/1406	6,40

Os resultados concernentes ao cancelamento do (r) medial, para os fatores *sexo* e *faixa etária*, são muito contíguos, como se nota na Tabela 4. Em consequência, a única correlação social cabível alude ao fato que o fenômeno, em coda medial, está distribuído, conquanto em baixa frequência, ao longo da comunidade de fala manauara, de modo que indivíduos com idade, sexo e escolaridade distintos aplicam o fenômeno sem qualquer restrição social contrária.

Para analisarmos os 4208 casos de queda do (r) em posição final, selecionamos os fatores a seguir: *categoria gramatical, ambiente fonológico subsequente, acento, dimensão do vocábulo, valor morfológico do (r), sexo, grau de escolaridade, indivíduo e faixa etária*.

Análise do cancelamento do (r) em coda externa

A Tabela 5 mostra o cancelamento do (r) externo mediante o fator *categoria gramatical*:

Tabela 5: Categoria gramatical (contexto externo).

	CONTEXTO EXTERNO	
	Apl./Total	%
VERBOS	3493/3739	93,42
NOMINAIS	678/850	79,76
ITENS GRAM.	37/317	11,67
TOTAL	4208/4906	85,77

Em coda externa, os dados expostos na tabela 5 assinalam estágios bem diferentes da supressão do (r) final nas categorias morfológicas. A classe verbal assume a primazia no cancelamento do (r), havendo somente 5% de articulação do segmento. Na sequência, em etapa menos avançada que os verbos diante do processo, a categoria dos nominais apresenta quase 80% de queda, contra 16% de realização da consoante. A classe das palavras funcionais exhibe os índices mais baixos de apagamento, 12%, que podemos contrapor aos percentuais da aspiração, 33%, e da ressilabificação, 55%.

Os itens gramaticais, quando monossilábicos e sequenciados por vogal, ressilabificam o (r) (e.g., por exemplo, por uma etc.), processados e armazenados na memória como chunks. Nas 255 ocorrências de ressilabificação, 208 (82%) procedem de palavras monossilábicas e 175 (69%), de vocábulos funcionais. Os 80 casos restantes do processo nas classes variáveis - 44 dos verbos e 36 dos nominais - provêm quase totalmente de palavras com uma sílaba, apenas. Embora o tepe [r] seja a articulação mais comum, curiosamente a fricativa laríngea [h], esporádica, é uma variante possível no dialeto manauara, como nos dois casos encontrados no corpus do FAMAC: “[...] porque: ... [teø hũm] chefe implicando ... [...]”, informante 5-F, e “[...] e isso nos causa um pouco de pa[vo:ø hẽ]ntão... [...]”, informante 11-F.

Os itens gramaticais, quando seguidos por consoante e de extensão monossilábica, favoreceram a articulação do segmento (v.g., *por causa de, por mais que* etc.). Já vocábulos funcionais não monossilábicos, independente do ambiente fonológico, não se inclinaram à emissão vocal da consoante, comportando-se como as outras categorias morfológicas (e.g., *apesar de, no lugar de* etc.).

Dessa maneira, constatamos que o desaparecimento do (r) final encontra-se em estágio avançado na categoria verbal e na classe dos itens gramaticais em situação intermediária, distinta. Oportunamente, retomaremos o caso da classe nominal, em razão de sua situação particular, à luz da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001). Os resultados aqui apresentados estão em simetria com os achados dos inúmeros estudos realizados sobre o cancelamento do (r) que distinguem verbos de não-verbos.

A Tabela 6 mostra o apagamento do (r) externo a partir do fator *ambiente fonológico subsequente*:

Tabela 6: Ambiente fonológico subsequente (contexto externo).

	CONTEXTO EXTERNO	
	Apl./Total	%
VOGAL	1545/1843	83,83
CONSOANTE	2274/2565	88,65
PAUSA	389/498	78,11
TOTAL	4208/4906	85,77

Em contexto externo, nem vogal, tampouco consoante, em contexto fonológico seguinte, restringem o cancelamento do (r) externo, a não ser nas condições apresentadas previamente. A pausa, de certo modo, impõe resistência ao zero fonético. Em todo caso, não estamos diante de diferenças colossais. O agrupamento dos segmentos seguintes em torno de classes fonológicas foi aventado, mas os detalhes segmentais não foram aferidos como significativos. Resultados similares foram encontrados em Callou, Leite e Moraes (2002), em relação às cidades de Porto Alegre e São Paulo, bem como em Oliveira (1983) restritos aos nominais.

A Tabela 7 mostra o cancelamento do (r) com base no fator *acento*:

Tabela 7: Acento (coda externa).

	SÍLABA ACENTUADA		SÍLABA NÃO ACENTUADA	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
CANCELAMENTO	4166/4634	89,90	42/272	15,44
TOTAL	4208/4906			85,77

Em que pesem as assimetrias numéricas, as sílabas acentuadas provam-se extremamente suscetíveis ao cancelamento do (r) e as sílabas não acentuadas manifestam o inverso. Resultados e pareceres semelhantes foram identificados em Monaretto (2000), Da Hora e Monaretto (2003). Resultados contrários foram concebidos em Oliveira (1983) circunscritos aos nominais.

A Tabela 8 mostra o cancelamento do (r) em função do fator *dimensão do vocábulo*:

Tabela 8: Dimensão do vocábulo (coda final).

	CODA FINAL	
	Apl./Total	%
MONOSSÍLABO	796/1175	67,74
NÃO MONOSSÍLABO	3412/3731	91,45
TOTAL	4208/4906	85,77

A avaliação da relevância do fator *dimensão do vocábulo* sobre o fenômeno de apagamento do (r), fundidas as categorias morfológicas, norteou-nos à dedução que a real oposição se efetiva, deveras, entre palavras monossilábicas e não monossilábicas. Assim sendo, o cancelamento do (r) final ocorre em maior frequência em vocábulos com duas ou mais sílabas que vocábulos com apenas uma.

A tabela 9 mostra a supressão do (r) através do fator *valor morfológico do (r)* estrito à classe nominal:

Tabela 9: Valor morfológico do (r) (coda externa).

	CODA EXTERNA	
	Apl./Total	%
(R) MORFÊMICO	242/269	89,96
(R) NÃO-MORFÊMICO	436/581	75,04
TOTAL	678/850	79,76

No intuito de apresentar explicações adequadas sobre o funcionamento particular do cancelamento externo em nominais, analisamos o fenômeno através do fator *valor morfológico do (r)*. No português, (r)'s com função morfológica, em nominais, podem constituir morfemas (a exemplo de *escolar, popular, professor*) ou fazer parte da composição deles (à semelhança de *jogador, pastor, computador*), sendo substanciados semanticamente por noções agentivas e instrumentais, entre outras. Assim, (r)'s morfêmicos aplicaram mais o apagamento que (r)'s não-morfêmicos em nominais, exibindo índice muito próximo ao da classe verbal na tabela 5, 93%. Essa preferência peculiar do zero fonético já foi detectada em certo número de trabalhos: Oliveira (1983), Monaretto (2000) e Huback (2006), a qual traz resultados com elementos mais heterogêneos.

O sufixo *-dor* realizou o cancelamento em 93% dos casos (86/92). O sufixo *-tor* o aplicou em 75% das ocorrências (24/32). Outros sufixos efetuaram o fenômeno em 91% dos casos (132/145). No quadro teórico da Fonologia de Uso (BYBEE, 1999, 2001), a produtividade de um dado padrão linguístico reside, de maneira determinante, em sua frequência de tipo (*type frequency*). Os afixos referidos manifestam alta recorrência, credenciando-se a se conectarem a novas formas; paralelamente, são alvos de redução fonética, com graus diferentes de aplicação. O morfema *-dor*, com o maior percentual, seguido pelos demais sufixos *-r/-or/-ar*, apresenta grande probabilidade de, ao

associar-se a um dado item, realizar o cancelamento do (r). O sufixo *-tor*, com o menor índice, demonstra probabilidade inferior de aplicar o fenômeno, nas formas por ele conectadas. Esses resultados divergem, em certa extensão, com os relatados por Huback (2006), porquanto todos os sufixos e não somente *-dor* e *-tor*, como fora salientado nesse trabalho, favoreceram o apagamento do (r) em nominais.

Focalizaremos, desta feita, o apagamento de (r)'s não-morfêmicos em nominais assinalando a regra da frequência na regularidade do fenômeno. Para explorarmos os efeitos da frequência de ocorrência (token frequency) sobre o cancelamento do (r), nos dados coletados, algumas diligências metodológicas foram praticadas. Os mais frequentes nominais com (r) não-morfêmico enunciados por cada falante foram separados. Os itens altamente reincidentes, porém pronunciados por menos de 8 dos 28 informantes, foram removidos, com o fito de assegurar a representatividade dos dados recortados em relação à totalidade do corpus. A partir desses procedimentos, obtemos os seguintes tokens:

Quadro 2: Totalidade do corpus e seus respectivos tokens.

TOKEN	APL./TOTAL	%
<i>melhor</i>	54/66	81,81
<i>interior</i>	48/53	90,56
<i>lugar</i>	32/43	74,41
<i>qualquer</i>	36/41	87,80
<i>maior</i>	34/37	91,89

Posto que esses números não evidenciem, em caráter absoluto, a relação estreita entre a frequência de uso de um item linguístico e a propagação do fenômeno em foco, todos os cinco itens, com alta frequência, implementam o apagamento do (r) externo. Os nominais em questão experimentam estados diferentes no que tange ao cancelamento: *maior* e *interior* estão em estágio avançado, *lugar*, em etapa menos adiantada no processo. Destarte, o fenômeno não é lexicalmente homogêneo entre esses nominais mais recorrentes, não o é, também, entre os nominais com (r) morfêmico e não-morfêmico.

Sendo assim, corrobora-se um dos efeitos da alta frequência de ocorrência previsto pela Fonologia de Uso, conforme a qual quanto mais uma determinada palavra ou frase é utilizada, mais suscetível está à redução sonora e conseguinte automatização. Os vocábulos

mais recorrentes em determinada instância discursiva aceleram a mudança em maior proporção que os menos recorrentes. Tendo em escopo automatizar a produção da fala com vistas à eficiência da comunicação, o efeito modifica de forma definitiva a imagem armazenada das palavras no léxico mental, fixando os atributos contínuos e irreversíveis da mudança fonética. Consequentemente, o cancelamento do (r) está estocado no léxico mental dos falantes, integrando os padrões sonoros efetivos da comunidade fala manauara, nos respectivos grupos sociais particularizados na investigação (BYBEE, 1999, 2001).

A abrangência lexicalmente específica da queda do (r) final observada nas fronteiras da classe nominal, variável em frequência entre os vocábulos constituidores da categoria, ressalta o papel da palavra, *locus* da categorização, como a unidade em que a mudança se implementa com a respectiva gradiência sonora (BYBEE, 2001). Em uma perspectiva gestual, a fala é uma atividade motora dimensionada sob o espaço e tempo; um conhecimento procedural regulado por mecanismos manifestos em outras atividades humanas. Para Browman e Goldstein (1992), os processos articulatórios encontrados no ato de fala convergem para padrões gerais de configuração gestual.

Em final de sílaba, os movimentos articulatórios são menos síncronos, reduzidos em magnitude e mais extensos sobre o tempo (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992; BYBEE, 2001). Simplificando a estrutura silábica, podemos inferir um *continuum* acerca do enfraquecimento de [h]: a articulação gradual do gesto de constrição glotal (variante) à maximização erosiva com a perda substantiva do gesto, reforçada em final de palavra, o ambiente mais propício a processos lenitivos. Na representação e processamento neuromotor do gesto glotal, é possível a automatização de uma configuração gestual extremamente reduzida, em especial para palavras não monossílabas, sejam nominais ou não. Esses comentários e generalizações lícitas para fricativa laríngea codal conformam-se às predições da Fonologia Gestual e da Fonologia de Uso (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992; BYBEE, 2001; RENNICKE, 2015).

Para dar prosseguimento à análise do cancelamento da consoante em coda final, a tabela 10 mostra o desaparecimento do (r) externo por meio dos fatores grau de escolaridade e faixa etária:

Tabela 10: Grau de escolaridade e faixa etária (contexto externo).

	CONTEXTO EXTERNO			
	S/ FORMAÇÃO SUP.		C/ FORMAÇÃO SUP.	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
1ª FAIXA	692/780	88,71	437/503	86,87
2ª FAIXA	681/751	90,67	635/764	83,11
3ª FAIXA	827/939	88,07	936/1169	80,06
TOTAL	2200/2470	89,06	2008/2436	82,43

Com base nos dados visualizados na Tabela 10, em análise global, a ausência do (r) em fim de sílaba externa é mais frequente em falantes sem formação superior que em falantes com formação universitária. Os contrastes percentuais entre os indivíduos da 2ª e 3ª faixas etárias, contrapostos os níveis de escolaridade, são na ordem de 8%. A compatibilidade percentual mais expressiva se efetua entre os sujeitos do 1º grupo etário, na ordem de 2%. Ainda, o maior índice de cancelamento é identificado nas pessoas de 2ª faixa etária sem formação universitária, líderes no fenômeno, e o menor, nas pessoas de 3ª faixa com formação superior. No entanto, em contraste com os resultados tomados em conjunto, os resultados para indivíduos classificados, inclusive, no mesmo grupo, não foram idênticos. Esse quadro nos remete ao questionamento suscitado por Oliveira (1997), quanto ao comportamento dos indivíduos situados no mesmo grupo social no que se refere aos fenômenos variáveis da linguagem.

A Tabela 11 abaixo expõe os índices de apagamento para os 28 indivíduos, de acordo com o sexo, a escolaridade e a faixa etária. Na 3ª faixa etária, os falantes com maior escolaridade concretizam um caso curioso; ao mesmo tempo em que nela se atestam os mais baixos índices de apagamento - informantes 25-M (60%) e 26-F (63%) - se revelam níveis muito altos de cancelamento - informantes 24-M (96%) e 28-F (89%). Na 2ª faixa etária, no tocante aos falantes com menor escolaridade, ligeiramente distanciando-se dos altos valores para o grupo, a informante 7-F manifesta 84% de ocorrência do fenômeno. Comportamento diverso, uniforme, se observa quanto à variável sexo, combinada com a variável grau de escolaridade. Em relação aos falantes com baixo ou nulo grau de escolarização formal, os homens efetivaram 1071 (89%) casos de elisão de 1203 ocorrências da consoante e as mulheres 1129 (89% !) casos de queda de 1267 ocorrências do segmento. Em alusão aos falantes com maior escolarização formal, homens e mulheres efetuaram ambos, exatos 82% de cancelamento.

As pormenorizações inseridas expressam que o comportamento dos indivíduos de um mesmo grupo social, em face dos fenômenos sonoros, é diverso, complexo, sujeito a variações, e que deve ser interpretado sob o prisma dos diversos fatores selecionados para a análise da variação linguística. Rechaçando ilações errôneas, se a probabilidade era que falantes com alto grau de escolarização formal resistissem mais ao fenômeno, os números apresentados flexibilizam tal expectativa.

Tabela 11: Indivíduos, grau de escolaridade, sexo e faixa etária (contexto externo).

	CONTEXTO EXTERNO			
	S/ FORMAÇÃO SUP.		C/ FORMAÇÃO SUP.	
	Indiv.	%	Indiv.	%
1ª FAIXA	1-M	84,11	15-M	91,86
	2-M	90,17	16-M	88,27
	3-F	92,85	17-F	84,55
	4-F	88,26	18-F	84,09
2ª FAIXA	5-M	94,48	19-M	84,92
	6-M	93,37	20-M	84,42
	7-F	84,09	21-F	90,18
	8-F	91,28	22-F	71,02
3ª FAIXA	9-M	96,49	23-M	74,69
	10-M	81,38	24-M	96,31
	11-M	91,27	25-M	60,1
	12-F	83,33	26-F	63,05
	13-F	95,72	27-F	87,7
	14-F	88,92	28-F	89,01
TOTAL	14	89,06	14	82,43

A partir dos resultados para os grupos etários expressos na tabela 10 e 11, verifica-se que nas faixas etárias referentes aos falantes com formação universitária há discretamente uma mudança em progresso, em que os indivíduos com idade entre 21 a 55 anos, na liderança do apagamento do (r) em coda final, apresentam números relativamente próximos. Com percentuais também variados não inferiores a 80%, nos grupos etários dos falantes sem formação universitária, observa-se um padrão estável de mudança, destacando-se os falantes com idade de 35 a 55 anos na liderança do fenômeno. Superficializando-se nas entrevistas sociolinguísticas, instâncias discursivas que se afiguram altamente formais, para alguns falantes, é razoável conjecturar a

substancialização de elevados índices de cancelamento em situações sociopragmáticas com *status* paralelo de formalidade.

PALAVRAS FINAIS

A imensa diversidade linguística existente na cidade de Manaus prova ser de valor indiscutível no debate sobre a variação e mudança linguística. No esforço de imergir em seu universo sonoro, sob abordagem sociolinguística e funcional, a presente pesquisa investigou o cancelamento do (r) em coda silábica na comunidade de fala manauara, analisando a ocorrência da consoante em amostras de fala de 28 informantes, extraídas do banco de dados do projeto FAMAC. Para aferir as 7661 ocorrências do (r) encontradas no corpus, como procedimento geral, separamos os (r)'s em coda interna versus em coda externa.

No primeiro contexto, o principal condicionamento evidente adveio do ambiente fonológico subsequente, em que há o favorecimento de obstruintes fricativos em favor do cancelamento do (r). Não houve restrição social que inibisse o zero fonético em posição medial: indivíduos com sexo, idade e escolaridade distintos o efetuam. No segundo contexto, os fatores mais significativos foram a classe morfológica – os verbos estando em avançado estágio na elisão do (r), os nominais em fase intermediária, atrás dos verbos e à frente dos itens gramaticais, que, em sua maioria monossílabos, bloqueiam o processo - e o valor morfológico do (r), no âmbito do qual exploramos o papel da frequência de uso no desenvolvimento particular do apagamento em nominais, no escopo teórico da Fonologia de Uso. Em função da frequência de tipo, atestou-se que o sufixo *-dor* é o padrão mais produtivo ao cancelamento, com alta probabilidade de aplicá-lo nas formas em que se conecta. Em função da frequência de ocorrência, evidenciou-se que os nominais mais frequentes, todos alvos de cancelamento em graus diferentes, aceleram a mudança sonora, afetando permanentemente sua imagem no léxico mental. Nesse sentido, a Fonologia de Uso trouxe importantes contribuições para a abordagem do fenômeno, como também à resolução do problema da implementação da mudança linguística.

Outro constructo teórico importante foi a Fonologia Gestual, incorporada pela Fonologia de Uso, que propiciou percepções e generalizações interessantes da gradualidade do fenômeno, não abarcadas por teorias baseadas em traços-segmentos. Ainda em

relação ao contexto externo, em análise global, os falantes sem formação superior cancelaram mais o (r) final que os indivíduos com formação universitária. Entretanto, os indivíduos situados no mesmo grupo social não manifestaram comportamento idêntico quanto à aplicação do fenômeno, tanto em relação ao grupo de falantes com formação universitária, como em relação ao grupo de indivíduos com escolaridade mais baixa.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Nas trilhas do –r retroflexo. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 10/2, p. 265-283, 2007.
- BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria. Os róticos no sul do Brasil: panoramas e generalizações. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/2, p. 51-66, 2008.
- BROWMAN, Catherine P. ; GOLDSTEIN, Louis M. Articulatory phonology: an overview. *Phonetica*, n. 49, p. 155-80, 1992.
- BYBEE, Joan. Usage-based phonology. In: DARNELL, Michael *et al.* *Functionalism and formalism in linguistics*, volume 1: general papers. Amsterdam: Benjamins, 1999, p. 211-242.
- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002. v. VI.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1995, p. 245-306.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- CRUZ-FERREIRA, Madalena. European Portuguese. In: *Journal of the International Phonetic Association*. v. 25, n. 2, 1995, p. 90-94.
- DA HORA, Dermeval; MONARETTO, Valéria N. Enfraquecimento e apagamento de róticos. In: DA HORA, Dermeval; COLLINSCHON, Gisela. (org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003.

- HUBACK, Ana Paula da Silva. Cancelamento do (r) final em nominais: uma abordagem difusionista. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 11-28, 2006.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1972].
- LADEFOGED, Peter. *A Course in Phonetics*. 3. ed. Orlando: Harcourt Brace & Company, 1993.
- LADEFOGED, Peter. *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of Languages*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LINDAU, Mona. The story of /r/. In: FROMKIN, Victoria. (Ed.). *Phonetic Linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged*. Orlando: Academic Press, 1985.
- MADDIESON, Ian. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARTINS, Silvana Andrade. Banco Digital de Dados da Fala Manauara: um estudo em desenvolvimento (Comunicação pessoal). In: *"I Encontro de Estudos do Português do Norte"*, Manaus, 2011.
- MATEUS, Maria Helena Mira; RODRIGUES, Celeste. *A vibrante em coda no português europeu*. 2003. Disponível em: www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf. Acesso em: 31 jan. 2016.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MONARETTO, Valéria N. *O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese (Doutorado em Linguística). University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

- OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. *In: International Journal of the Sociology of Language* 89: Berlin, 1991, p. 93-105.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, 1997.
- PIKE, Kenneth L. *Phonetics: A critical analysis of phonetic theory and a technic for the practical description of sounds*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1971 [1943].
- RENNICKE, Iris; MARTINS, Pedro Tiago. As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialectal e implicações no sistema fonológico. *In: SILVA, F., FALÉ, I.; PEREIRA, I. (ed.). Textos Seleccionados do XXVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Coimbra, 2013, p. 509–523.
- RENNICKE, Iris. *Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado). University of Helsinki (Faculty of Arts), Helsinki: 2015.
- SILVA NETO, Serafim. *Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1963.
- SILVA, Thaís Cristófaró; GOMES, Christina Abreu. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 147-177, 2004.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VICENTE, Gil. *Obras de Gil Vicente – Tomo II*. (LEAL Jr., I. da J. Mendes; F. L. Pinheiro). Lisboa: Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, 1852 [1524].
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WIESE, Richard. The representation of rhotics. *In*: OOSTENDORP, Marc van; EWEN, Colin; RICE, Keren (Ed.). *The Blackwell Companion to Phonology*. Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell, 2011, p. 711-729.

Os estudos de abordagem dialetológica e sociolinguística no Brasil estão em desenvolvimento contínuo, sendo áreas de investigação relativamente novas, visto que a possibilidade de se gerar pesquisas de cunho linguístico, como a criação de um *Atlas Linguístico do Brasil* só começou a ser discutido em 1952, pela Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, através do decreto 30.643 de 20 de março do mesmo ano e, no entanto, apesar do governo ter sido favorável, houveram diversos empecilhos que impediram a sua elaboração, o que levou Silva Neto e Celso Cunha, em 1957, a apresentarem uma proposta de *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil*, dessa vez dividido por regiões, mais especificamente, sete áreas culturais. Segundo os autores:

É tarefa das mais urgentes a organização de um Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil, obra que irá tornar possível, pela primeira vez, uma visão de conjunto do desenvolvimento e do estado actual da língua portuguesa na América (CUNHA; SILVA NETO, 1960, p. 405).

Essa decisão de se elaborar diversos atlas regionais inspirou novas pesquisas, originando muitos outros atlas, tendo como pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963. O início de fato do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALIB), que é: “um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento – que tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa” (site do ALIB), criado pela Universidade Federal da Bahia, em parceria com outras 12 universidades do país, foi apenas em 1996 e, antes mesmo de seu início, já haviam sido publicados 4 grandes atlas: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987; o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), em 1994 e nessa época estava em andamento o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul* (ALERS), que foi publicado em 2002. Foram criados ainda, vários outros programas e projetos de estudos linguísticos no país,

como a implementação do *Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta Brasileira* (NURC), no Rio de Janeiro, em 1970, sendo uma extensão do *Proyecto de Estudio Coordinado de La Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de La Península Ibérica*, do qual já participavam países de língua espanhola.

Ainda que vários estudos linguísticos tenham sido criados decorrentes da implementação de vários Atlas Linguísticos no país, ainda hoje, considerando a grande extensão territorial do Brasil, pode-se dizer que o conhecimento sobre a variação do português brasileiro precisa ser ampliado, por meio da investigação científica, especialmente tendo como objeto de estudo as regiões pouco pesquisadas, como é o caso da região Norte.

Nas universidades do estado do Amazonas observa-se um crescente interesse dos seus pesquisadores das áreas da Sociolinguística e da Dialetoлогия em estudar a fala do amazonense, a partir de diversas perspectivas dos estudos linguísticos, nesse contexto sociocultural. Entre esses, destacam-se as pesquisas realizadas por graduandos e mestrandos ligados ao projeto *Atlas Lingüístico do Amazonas* (ALAM), coordenado pela linguista Maria Luísa Cruz-Cardoso, professora doutora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e as realizadas pelo projeto *Fala Manauara Culta e Coloquial* (FAMAC), constituído por uma equipe de graduandos e mestrandos coordenados pelos professores doutores Silvana Andrade Martins e Valteir Martins, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), entre outros estudos importantes que têm sido realizados por outros professores e instituições de ensino superior do Amazonas e de outros estados brasileiros.

Nessa perspectiva de ampliar o conhecimento dialetológico referente ao português falado no Brasil, esta pesquisa tem como objeto de estudo a fala da população nascida na capital do estado do Amazonas, em Manaus e investiga a realização fonética da lateral alveolar sonora /l/ seguida pela vogal anterior alta /i/. A hipótese era de que exista uma alofonia entre os fonemas laterais alveolar e palatal sonoras, da língua portuguesa. Nesse caso, a lateral alveolar sonora /l/ se realizaria como lateral palatal sonora /λ/, no contexto de /i/.

Para verificar essa ocorrência, foi utilizada uma lista de 50 palavras, divididas em 5 colunas, cada uma contendo 10 palavras. Para a escolha das palavras, empregou-se como critério agrupá-las quanto a sua tonicidade e posição na palavra. Assim, pesquisou-se a ocorrência de /l/ seguido de /i/ no contexto tônico (pré-tônico e pós-

tônico) e também no contexto átono. No contexto tônico, verificou-se essa ocorrência em palavras paroxítonas em posição inicial e não inicial de palavra, o que correspondia a 1ª e 2ª colunas. Na terceira coluna, reuniu-se as proparoxítonas. Em seguida, no contexto de sílaba átona, verificou-se, na 4ª coluna, palavras em que /l/ ocorria em sílaba pré-tônica. Por fim, na 5ª coluna, foram analisadas palavras em que essa lateral aparecia em sílaba pós-tônica. Ressaltou-se que em todas as palavras selecionadas a lateral ocorria no nível lexical. Como procedimento na coleta de dados, essas palavras foram lidas pelos informantes da pesquisa que foram selecionados considerando como critérios as variáveis de gênero, idade e de nível de escolaridade. As falas dos informantes foram gravadas em velocidade normal e, após a gravação, ouviu-se atentamente cada registro para verificar como a lateral alveolar foi realizada no ambiente de /i/. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa de cunho sociolinguístico variacionista, realizada por meio de pesquisa de campo, definida como quantitativa.

A pesquisa se divide em três tópicos. No primeiro, faz-se uma revisão de conceitos que são pertinentes a essa discussão, os quais constituem a fundamentação teórica sobre a qual analisou-se o fenômeno fonológico em estudo. A partir desse referencial teórico, no segundo tópico, detalhou-se a metodologia empregada para a coleta e análise dos dados e, no terceiro, analisou-se e discutiu-se os dados. Esses são seguidos pela apresentação das considerações finais.

Essa pesquisa busca sua base teórica nas áreas da Dialetologia e da Sociolinguística, como também na Fonética e na Fonologia. A Teoria da Geometria dos Traços Fonológicos, proposta por Clements (1985) é a teoria de base dessa investigação.

Língua e variação

A língua é o objeto da linguística e é essencial que deva ser abordada quando se trata de estudos de cunho sociolinguístico e, segundo Fiorin:

A língua é para Saussure “um sistema de signos” – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É “a parte social da linguagem” exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade (FIORIN, 2003, p. 10).

Ferdinand de Saussure (1857-1913), citado acima, é conhecido como o *Pai da Linguística*. Em seu livro *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente pela editora Payot de Paris, em 1916, por seus discípulos Charles Bally e Albert Secheyhay com a colaboração de Albert Riedlinger, Saussure diz que “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos” (2006, p. 27). Tem-se aqui uma conceituação do processo de produção da fala, que se estende desde a percepção dos sons feita pelo ouvinte, passando pelo seu processamento mental e finalizando pela sua articulação. Corroborando com o que afirma Saussure, Brandão (1991) explica que “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (p. 5).

Adotou-se também, a definição de Ferreira e Cardoso (1994) que entende a língua como “um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo” (p. 11). Dentro desse sistema de intercomunicação, é possível distinguir diversos subsistemas chamados *dialetos* (do grego *diálektos*, pelo latim *dialectu*). Os dialetos são variedades linguísticas que podem determinar a origem de seus falantes, seja em termos de localidade (dialetos regionais), seja em aspectos sociais (dialetos sociais ou socioletos).

Partindo do pressuposto de que a fala modifica as línguas, entende-se que é condição *sine qua non* haver mais de uma forma de se dizer ‘a mesma coisa’ para que ocorra a evolução de uma língua. Calvet (2002) explica que há essas formas diferentes de dizer a mesma coisa “quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm função outra, estilística ou social” (p. 103). Lembra-se de que se trata de uma dicotomia saussureana referida por Calvet: *significante* é a imagem acústica sensorial do signo (palavra), ou seja, a impressão psíquica do som, enquanto que o *significado* é o conceito mental que se tem deste signo (SAUSSURE, 2006, p. 80-81). A escolha que o falante faz de determinado significante em detrimento de outro reflete o contexto sócio-histórico em que ele se encontra.

Com relação à fala, na Linguística, não se considera que exista o ‘erro linguístico’, nos diálogos estabelecidos socialmente. Na verdade, há uma variação, diferenças de códigos, que estão sujeitos a léxicos e regras gramaticais distintos. Logo, ao tratar dessa questão, Ilari e Basso (2006) nos dizem que “estamos diante de outro código, e não

de erros devido às limitações mentais dos indivíduos” (p. 177). Essa aparente agramaticalidade da fala cotidiana é apresentada por Labov (2008) como:

Um mito sem nenhum fundamento na realidade, o qual parece originar-se em duas fontes: “dados obtidos de transcrições de conferências acadêmicas (...) e a tendência habitual a aceitar ideias que se encaixam em nosso quadro de referências [linguísticas formais], sem observar os dados que nos circundam [: o vernáculo] (p. 237).

É exatamente sem observar os dados reais que muitos não se dão conta de que, naturalmente, “a língua escrita tende a ser mais altamente padronizada do que a fala dos que a utilizam” (LYONS, 1987, p. 254).

Na Linguística, é sabido que não há uma norma especificamente padronizada na modalidade oral, e que a fala se realiza de diferentes formas, em suas variantes cultas e populares. Entendemos por variante “uma forma linguística que faz parte de um conjunto de alternativas de um determinado contexto” (CRYSTAL, 2008, p. 265).

Todas as línguas são heterogêneas por natureza, todas sofrem variação. “A variação é inerente à língua e reflete variações sociais” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). É necessário, então, que falantes de certos grupos se utilizem de outras variantes que não a padrão para que, por vezes, uma delas passe a ser a nova variante padrão. Caso contrário, se usaria ainda hoje, no Brasil, o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, o qual, segundo Ferreira (2004), passou a *vossemecê*, *vosmecê*, *ocê* (p. 2072) e é hoje utilizado em grande escala como *cê* em algumas regiões do país. Segundo Lyons (1987), com o passar do tempo e o acúmulo de mudanças ocorridas dentro de uma língua, esta acaba por tornar-se uma língua distinta. Essas mudanças, porém, não ocorrem ‘do dia para a noite’. “A verdade é que a transformação de uma língua em outra não é repentina, mas gradual” (LYONS, 1987, p. 172).

Dialetologia e Sociolinguística

A inquietação pelo estudo das variedades regionais de alguma língua é bastante antiga, porém os estudos de Dialetologia se expandiram apenas no final do século XIX, na Alemanha, Itália e notadamente na França, em que a disciplina entrou para o currículo da *École Pratique des Hautes Études de Paris* e também com o

pioneirismo de Jules Gilliéron, que utilizou a geolingüística como método específico na elaboração do *Atlas Linguístico da França* (ALF). Sobre o crescimento dos estudos dialetológicos, Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014) falam que:

Ganharam impulso os estudos dialetológicos pelo ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares) e pela evolução histórica das formas linguísticas (SIQUEIRA; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2014, p. 51).

Cardoso (2004) aponta que “sendo a Dialetologia, uma ciência com larga tradição, com valiosa literatura e metodologia já estabelecida, é imprescindível manter os estudos nessa área com as adaptações requeridas pelo mundo moderno” (p. 99). A tarefa da Dialetologia, então, segundo Cardoso (2010) é: “descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (p. 15).

No Brasil, temos algumas pesquisas nessa área. Como pioneiro, o projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, (o ALIB), que foi esboçado em 1952, pela Universidade Federal da Bahia e finalmente posto em prática em 1996 e encontra-se ainda em andamento. Logo após a idealização do ALIB, na Bahia mesmo, foi criado o então projeto *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), coordenado por Nelson Rossi e abrangeu 50 localidades, sendo publicado em 1963 em duas partes: um livro de introdução e os mapas linguísticos; outro projeto importantíssimo foi o projeto *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), coordenado por Vanderci Aguilera, onde foram investigadas 65 localidades, tendo seus resultados publicados em dois volumes também, em 1990. No Amazonas, destaca-se o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), que investigou 9 municípios representativos desse estado, sendo coordenado por Maria Luiza Cruz Cardoso de 2001 a 2004 (o ano de sua publicação), e também foi publicado em dois volumes, assim como os atlas citados anteriormente seguiram a mesma estrutura.

Outros tantos trabalhos, além dos mencionados, têm sido desenvolvidos na área da Dialetologia, que, segundo Coseriu: “A Dialetologia (...) é na atualidade a seção mais vital da linguística ibero-americana, do ponto de vista da quantidade do trabalho realizado e dos materiais recolhidos, e registrou progressos sensíveis nos últimos anos” (p. 338). Coseriu também fala que a geolingüística foi essencial

nos métodos de investigação dialetológica: “Quanto aos métodos de investigação (...) um progresso muito mais decisivo, para além da mera entrevista, foi a introdução da geografia linguística” (p. 339).

A Sociolinguística teve seu nascimento em 1964, em Los Angeles, em uma conferência que reuniu 25 pesquisadores. Segundo Melo (2013): “A sociolinguística tem como nascedouro os Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos de William Labov” (p. 1). O incentivador foi William Bright, que era o encarregado da publicação das atas, definindo o papel da sociolinguística, porém foi Labov quem começou uma série de investigações sobre variação linguística. Nomes muito importantes na história da Linguística se fizeram presentes no encontro, foram eles: William Labov, John Fisher, Dell Hymes, John Gumperz, Charles Ferguson, Uriel Weinreich Bright e sobre esse encontro, Calvet (2002) fala: “O encontro de maio de 1964 marca, com efeito, o nascimento da Sociolinguística” (p. 30).

A Sociolinguística, segundo Calvet (2002), era “Como uma ciência que mostra que a variação ou diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (p. 21). O grande papel da Sociolinguística para Siqueira, Magalhães e Gonçalves (2014) é:

Investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (SIQUEIRA; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2014, p. 49).

Segundo Fonseca e Neves (1974), a Sociolinguística pretendia: “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (p. 17) e os autores prosseguem afirmando qual é o objeto de estudo da Sociolinguística: “é precisamente a diversidade linguística o objeto de estudo da sociolinguística” (p. 18).

Labov tem papel importantíssimo na história da Sociolinguística Variacionista, pois em 1964, ele concluiu um estudo na cidade de Nova Iorque: *A Estratificação do Inglês em Nova Iorque*, em que, segundo Alkmim (2008):

Em que ele estabeleceu um “modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação,

de grande impacto na Linguística contemporânea” (ALKMIM *apud* MUSSALIM; BENTES 2008, p. 30).

A Sociolinguística Variacionista trabalha exatamente com a heterogeneidade linguística a qual pode ser observada, descrita e analisada empiricamente. Ao focar a variação da produção linguística dentro dos limites das comunidades de fala estabelecidos em suas pesquisas, essa teoria veio contrapor a abordagem dos gerativistas da década anterior que, assim como os estruturalistas, idealizavam uma comunidade de fala homogênea. Dessa mudança do ponto de vista, Labov (2008, p. 140) fala que antigamente, era normal considerar as normas sociais que compõem a língua, como sendo invariantes e ainda, precisavam ser compartilhadas por todos da comunidade de fala, entretanto, novos estudos do contexto social em que determinada língua é usada, mostram que muitos elementos que fazem parte da estrutura linguística estão envolvidos em variação.

Com o avanço nos estudos linguísticos, faz-se necessário hoje que qualquer pesquisa se baseie na investigação também social do contexto de produção linguística.

A Dialetoлогия e a Sociolinguística se correlacionam, pois, segundo Ferreira e Cardoso (1994): “a Dialetoлогия estuda a diversidade diatópica e a Sociolinguística, a diversidade diastrática” (p. 16). Assim, há dois tipos de diferenças internas em uma língua, as diatópicas (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) e as diastráticas, que estão relacionadas aos estratos sociais. As diatópicas dizem respeito a diferenças no falar de uma mesma língua em espaços geográficos distintos, ao conjunto de formas específicas utilizadas em determinada região, conhecido como dialeto regional ou simplesmente dialeto. As diastráticas são as variantes socioculturais que podem determinar características específicas do falante, como classe social, gênero, grau de escolaridade, profissão, faixa etária, etc. Ao conjunto de formas de determinadas características denomina-se dialeto social ou socioleto.

Há uma distinção bem definida entre esses dois tipos de diferenças na teoria, em que Ilari e Basso (2006) dizem que, na prática, no entanto: “nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático” (p. 163), eles continuam dizendo que é preciso que o pesquisador mantenha, da maneira mais precisa possível, um controle das variáveis extralinguísticas, com o objetivo de verificar quais as características da produção de determinado falante refletem traços socioculturais e

quais as características que demonstram traços da origem regional, somente assim, pode-se determinar, se um dado fenômeno ocorre mais em alguma comunidade de fala do que outra ou ainda, se ocorre em determinado gênero e no outro não, ou se ocorre mais em alguma faixa etária específica.

Quanto às diferenças de gênero, muito já se tem visto nas pesquisas publicadas referentes aos estudos da linguagem. Parece ser acordo geral entre os pesquisadores que a fala das mulheres tende a apresentar mais marcas de variantes prestigiadas socialmente do que a dos homens. Paiva (2010, p. 34) comenta que há muitos outros estudos de orientação sociovariacionista, que corroboraram com a constatação de um outro pesquisador: Fisher, em que dizia que gênero e sexo podem ser um grupo de fatores significativos no processo de variáveis de diferentes níveis, podendo ser fonológicos, morfossintáticos ou até mesmo semânticos, apresentando um padrão regular, demonstrando que as mulheres têm maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Existem ainda autores que falam do cruzamento entre o gênero e a escolaridade que são Oliveira e Silva Paiva (1996), em que apontam características de que a escolarização “atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens, em que a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos” (p. 39).

Para uma melhor utilização dos materiais para as pesquisas de cunho linguístico é imprescindível que haja uma colaboração entre a Sociolinguística e a Dialectologia e, a partir disso, Brandão (1991) fala que: “os princípios da geografia linguística, combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução” (p. 12). Conseqüentemente, é necessário que as pesquisas tratem de fatores linguísticos e extralinguísticos ao mesmo tempo, levar em conta as questões sociais, em que Labov (2008), fala que o “estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes” (p. 151).

Fonética e Fonologia

A Fonética e Fonologia têm o mesmo objeto de estudo: os sons da fala humana, ou seja, tanto uma quanto a outra investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala. A diferença encontra-se no ponto de vista de onde observam esse objeto, uma vez que a Fonética e a Fonologia observam os sons da fala a partir de duas perspectivas diferentes. A Fonética descreve os sons da fala, enquanto que a Fonologia os interpreta. Os tipos de análise traçadas por cada uma são também diferentes. Cagliari (2002) distingue:

A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função linguística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas (p. 18).

Para que a comunicação seja realizada com sucesso entre os interlocutores, é necessário um funcionamento físico adequado dos órgãos que fazem parte da caixa acústica que são responsáveis pela produção e percepção dos sons da fala, para que saia o som: O cérebro, os pulmões, a laringe, o ouvido, dentre outros órgãos e também que os interlocutores consigam falar o mesmo código, a mesma língua falada pelo outro. Outro ponto importante é a capacidade de se interpretar as ondas sonoras emitidas pelo falante e captadas pelo ouvinte.

Segundo as autoras Lazzarotto-Volcão, Nunes e Seara (2011), sobre Fonética:

Podemos estudar a fala a partir da sua fisiologia, ou seja, a partir dos órgãos que a produzem, tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção de “voz” que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não-vozeados (surdos). Podemos também estudá-la a partir dos sons gerados por esses órgãos, ou seja, com base nas propriedades sonoras (acústicas) transmitidas por esses sons. Podemos ainda examinar a fala, sob a ótica do ouvinte, ou seja, da análise e processamento da onda sonora quando realiza a tarefa de percepção dos sons, dando sentido àquilo que foi ouvido. Todos esses aspectos podem ser considerados pela Fonética (p. 12).

Lazarotto-Vulcão, Nunes e Seara discorrem sobre a fonética, no sentido de que a fonética articulatória é, de fato, o estudo dos sons da

fala na busca de suas características fisiológicas e articulatórias. Para o entendimento dos mecanismos de articulação dos sons produzidos, precisa-se conhecer os órgãos responsáveis pela realização dos diferentes sons do aparelho fonador humano, onde se produzem os sons. O aparelho fonador é dividido nas regiões subglótica e supraglótica. Essa divisão acontece a partir da glote, em função de ser acima dela que se encontram as cavidades responsáveis pelas ressonâncias vocais.

O aparelho fonador pode ser visto nas figuras abaixo:

1. *Aparelho fonador humano.*

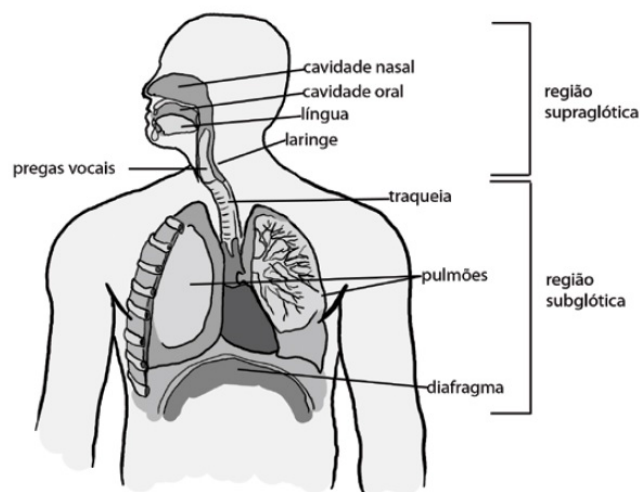


Figura 1. Aparelho fonador humano (PARKER, 2007, p.137)

Fonte: Seara *et al.*, 2011, p. 18.

2. *Esquema detalhado dos órgãos articulatórios ativos e passivos do aparelho fonador humano.*

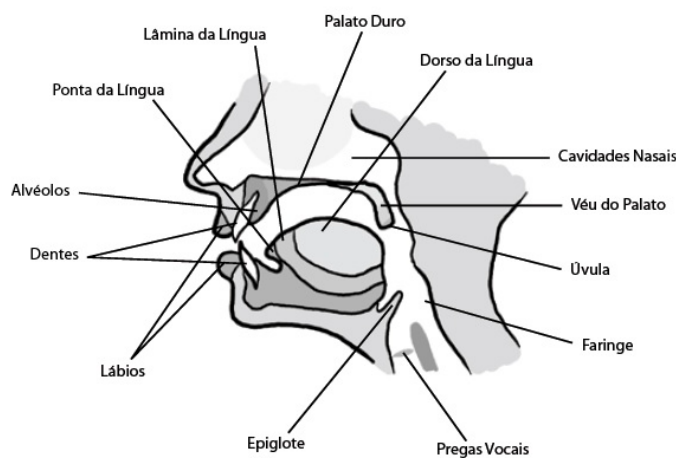


Figura 2. Esquema detalhado dos órgãos articulatórios ativos e passivos do aparelho fonador humano.

Fonte: Seara *et al.*, 2011, p. 18.

Há destaque para a distinção entre *fone* e *fonema*. O fone, prioritariamente estudado pela Fonética, constitui-se do som emitido na fala, ao que Crystal (2008) explica: “Termo usado em Fonética para indicar o menor Segmento Discreto perceptível de som em uma corrente de fala (...) os fones são as Realizações físicas dos Fonemas” (p. 112). O fonema, foco dos estudos da Fonologia, é a unidade que faz distinção de signo quando substituída por outra. Silva (2011) explica o fonema como uma unidade sonora que

“se distingue funcionalmente de outras unidades sonoras da língua. Dois sons podem ser classificados como fonemas quando estão em contraste e oposição. Ou seja, são sons diferentes em um mesmo contexto, em palavras com significados diferentes” (p. 109).

A Alofonia entre as laterais alveolar /l/ e palatal /λ/, no português, já tem sido postulada por alguns fonólogos, considerando a ocorrência desse fenômeno em registros que se distinguem por características diatópicas e estilísticas.

Há a hipótese da neutralização da oposição entre os fonemas laterais alveolar /l/ e palatal /λ/, no contexto de -i, na fala manauara, quando a lateral se realiza em sílaba tônica, havendo uma pequena variação no contexto de sílaba pós-tônica.

A Teoria da Geometria dos Traços Fonológicos

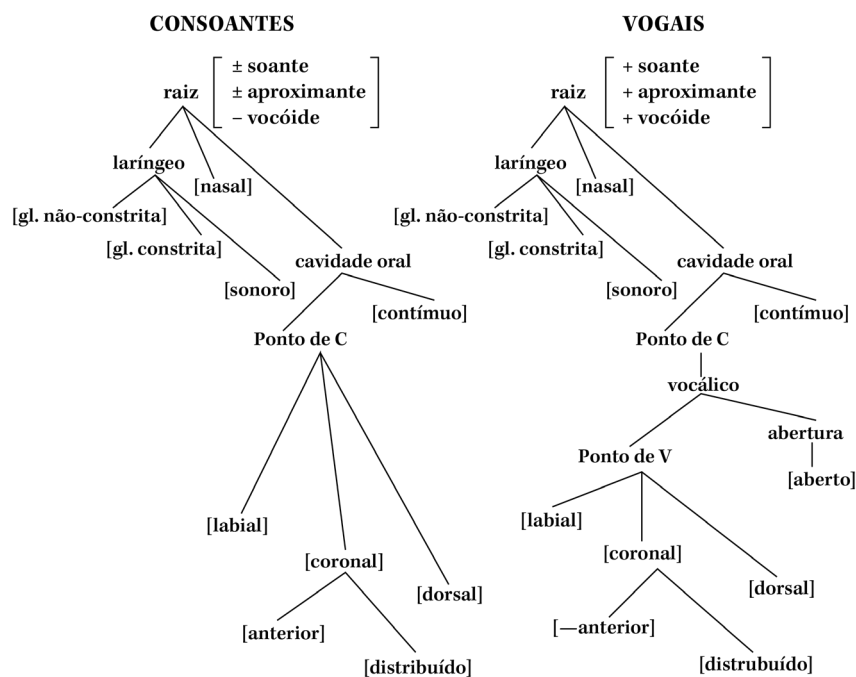
A Geometria de Traços tem como uma de suas principais características a capacidade de capturar o fato de que somente traços pertencentes a uma classe natural podem ser envolvidos em um mesmo processo fonológico, ou seja, é uma teoria que consegue propor uma organização interna para cada um dos segmentos das línguas, opondo-se, assim, ao modelo da Fonologia Gerativa Padrão que representava cada segmento por meio de um feixe de traços desordenados. Essa teoria difere, também, da teoria fonológica padrão porque é capaz de determinar quais regras são mais comuns nas línguas e também quais regras não são atestadas. A teoria da Geometria de Traços proposta por Clements (1985) é um desdobramento da fonologia autosegmental proposta por Goldsmith (1976). Os dois modelos embora sejam também um desdobramento da fonologia gerativa padrão, apresentam diversas críticas a essa teoria.

A Geometria de Traços, modelo de descrição fonológica, proposta por Clements (1985), analisa a estrutura interna dos sons da fala, representando-a por meio de um sistema arbóreo, em que se evidencia a maneira com que os sons se interagem nos sistemas fonológicos. É uma teoria de formalização da hierarquização dos traços fonológicos, a qual é utilizada nesse trabalho para explicar o processo de palatalização da lateral alveolar sonora /l/, no contexto de /i/, na fala manauara.

Nesse modelo, a estrutura de traço interna ao segmento é caracterizada como uma árvore em que os nós terminais são traços, os nós intermediários são classes de traços e o nó raiz agrupa todos os traços definindo o segmento (CLEMETS; HUME, 1985).

Cada regra fonológica se aplica a um nó e as ramificações abaixo dele são também influenciadas por essa regra. As classes de traços têm relação com padrões fonológicos e a hierarquia de traços é similar a uma imagem simplificada do trato vocálico, no qual cada classe representa um articulador funcionalmente independente ou um conjunto de articuladores. Os valores dos traços são universalmente definidos e determinados em camadas, agrupados em constituintes maiores, não variando de língua para língua. A representação arbórea completa dos traços de segmentos, de acordo com a Geometria de Traços, conforme se apresenta:

3. Representação arbórea da Geometria de Traços Fonológicos (CLEMETS; HUME, 1995).



Fonte: Matzenauer (2005, p. 50).

Martins (1994) explica a organização da Geometria dos Traços, conforme apresentada por Clements, 1985:

Esse autor, em seu artigo “The Geometry of Phonological Features” mostra que os traços fonológicos estão agrupados juntos. Essa organização fonológica foi chamada por ele de “geometria dos traços” (feature geometry). Sua visão é em forma de árvore. Esta árvore reflete a visão de que todos os pontos de articulação são agrupados juntos, sob o domínio do nó de ponto (p. 49).

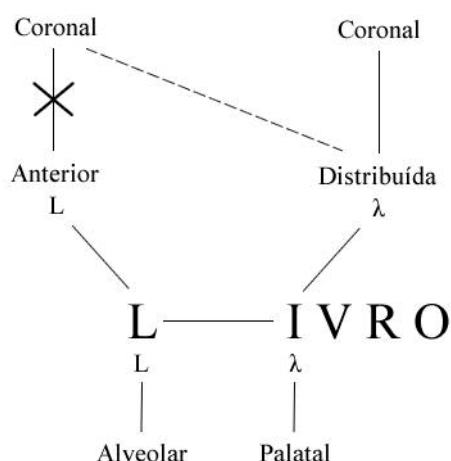
Esses traços estão organizados de modo que impõe restrições à aplicação de certas regras fonológicas. Como explica Silva (2010):

Essa forma de mostrar a organização de traços torna possível impor fortes restrições à forma e à função das regras fonológicas, já que os processos fonológicos só poderão envolver traços isolados, nós de classe ou nó de raiz. A organização dos traços não permite que existam regras fonológicas que façam menção, por exemplo, ao traço [glote não constricta] e o traço [distribuído] como um grupo, já que eles não pertencem ao mesmo nó de classe [...]. Essas restrições obedecem a princípios como a organização de traços que é universalmente determinada (p. 23).

Neste estudo a Geometria dos Traços é empregada para explicar o processo de assimilação parcial que ocorre com a lateral alveolar sonora /l/ no contexto de /i/, a partir do pressuposto teórico de que os segmentos são constituídos de traços que se organizam hierarquicamente, conforme proposto por Clements e Humes (1995).

A Geometria dos Traços explica esse fenômeno de palatalização da lateral alveolar, considerando o desligamento e assimilação dos traços de nó das classes de elementos representadas, em função dos traços terminais que concebem um elemento de classe. Assim, o fenômeno da variação de /l/ para /λ/, realizado no contexto de /i/, ocorre no nó de classe intermediária na cavidade oral, no nó Ponto de C, representado no sistema arbóreo, o qual abriga os nós de classes de nível mais baixo. No ponto C, o traço [coronal] [anterior] da lateral alveolar /l/, no contexto de /i/, desliga-se do traço [anterior] e assimila o traço [distribuído] pertinente a esse fonema vocálico, realizando-se como palatalizado. Essa regra fonológica pode ser assim formalizada: /l/ → /λ/ i. Na figura a seguir, demonstra-se esse fenômeno, conforme a Teoria da Geometria dos traços:

5. Teoria da Geometria dos Traços.



Como a Geometria de Traços se configura na forma de uma árvore, cada nó dessa árvore representa uma classe de elementos e os traços terminais representam apenas um elemento da classe. Cada regra fonológica se aplica a um nó e as ramificações abaixo dele são também influenciadas por essa regra. Todo nó age sempre de forma positiva e os valores negativos são excluídos. Os nós de classes de nível mais baixo designam agrupamentos de traços funcionais. Os elementos são agrupados em constituintes, que podem funcionar como unidades inteiras nas regras fonológicas. As classes de traços têm relação com padrões fonológicos e a hierarquia de traços é similar a uma imagem simplificada do trato vocálico, no qual cada classe representa um articulador funcionalmente independente ou um conjunto de articuladores. Os valores dos traços são universalmente definidos e determinados em camadas, agrupados em constituintes maiores, não variando de língua para língua.

O Fenômeno em estudo: a realização variável de /l/ diante de /i/

Em termos articulatorios, os sons laterais são produzidos com uma oclusão na linha médio sagital do trato vocal, com passagem de fluxo ar por um ou ambos os lados da língua (LADEFOGED; MADDIESON, 1996; ZHOU, 2009).

Estudos realizados nesta área dão conta da existência, em certas línguas, de duas variantes na produção da lateral alveolar, de acordo com a posição silábica e o contexto fonético: uma produção *light* que ocorre em posição inicial de sílaba; e uma produção *dark*, que

ocorre em posição final de sílaba e associada a vogais posteriores (ANDRADE, 1998; LADEFOGED; MADDIESON, 1996; NARAYANAN; ALWAN, 1997; SPROAT; FUJIMURA, 1993; ZHOU, 2009).

Linguisticamente, é importante referir que o fonema /l/ faz parte do restrito subconjunto de fonemas do português europeu que podem constituir coda silábica (ANDRADE, 1998).

Devido à sua variabilidade, o som [l] apresenta-se como um dos sons de mais difícil aprendizagem quer para crianças nativas, quer para adultos não nativos de uma determinada língua, sendo extenso o registro de casos de “resistência” à produção deste som, o que causa níveis significativos de frustração nos pacientes e terapeutas (ZHOU, 2009).

Há autores que falam que a dificuldade maior de produção articulatória é o –r (vibrante simples). Também, nesse sentido, há o fenômeno conhecido como Rotacismo que é a troca do /l/ por /r/, como em *planta*, que produzido como *pranta*, o que gera preconceito linguístico. Em oposição, tem-se o lambdacismo, que se constitui na troca do /r/ por /l/, onde *prato* vira *plato*.

Este caráter extremamente variável do som /l/ também compromete os avanços noutras áreas tais como a verificação da identidade do orador e a síntese e reconhecimento de voz (ZHOU, 2009), áreas estas que bebem de todo o conhecimento acústico-articulatório de uma língua.

No sistema consonantal do português, a lateral alveolar e a palatal são consideradas como fonemas distintos. No entanto, os estudos sobre os sons palatais, em geral, conforme aponta Machado-Soares (2011), demonstram que: “há uma diversidade de processos envolvidos em suas realizações, devido tanto a fatores de ordem social quanto linguística, no caso, a produção articulatória, o que torna sua caracterização um tanto diferenciada de autor para autor” (p. 111).

O termo palatal, conforme explica Crystal (1985, p. 192) “refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro”.

As palatais do português do Brasil têm sido alvo de alguns estudos, tais como Mota (1995), que estudou as variantes palatais do português do Brasil; Oliveira (2007) que desenvolveu uma tese de doutorado sobre a palatalização da lateral alveolar /l/ em posição pré-vocálica em Itaituba, no estado do Pará; e Oliveira *et al.* (2009), os quais realizaram uma pesquisa sobre a realização da variável /l/ diante de [i, j] a partir de dados de 32 paraenses.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados nessa pesquisa para a investigação da palatalização do /l/ seguido de /i/ na fala manauara são da Sociolinguística Variacionista. A pesquisa foi de caráter quantitativo, visto que a natureza da unidade de análise sociolinguística é prioritariamente quantitativa. Camacho (2008) explica que isso se dá devido ao fato de que “a relevância metodológica das variantes que constituem uma variável é determinada pela frequência percentual de cada uma em relação aos diferentes fatores que as condicionam” (p. 61).

No desenvolvimento da pesquisa, iniciou-se elaborando os instrumentos de pesquisa para a coleta de dados, seguidos pela seleção dos informantes, da realização da coleta de dados com registros da fala, seguida pela audição atenta dos dados e pela definição da ocorrência das variáveis em estudo encontradas no corpus da pesquisa. Após, os dados foram tabulados, analisados e discutidos. Esses passos são discutidos como se seguem.

Informantes

A presente pesquisa baseou-se, sobretudo, nos princípios tradicionais da Dialetoлогия, com amparo nos princípios da Sociolinguística para definir os requisitos dos informantes que participaram desta. Determinou-se então, o número total de 12 informantes, sendo 6 homens e 6 mulheres (cf. Quadro 1) que participaram desta pesquisa, com o perfil “claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 27) no que diz respeito aos critérios de seleção e as características socioculturais, a fim de analisar a possível influência de cada fator e das variáveis extralinguísticas sobre o fenômeno em estudo, que foram:

a) *Naturalidade*, com precisão do local de nascimento – Todos os informantes são nascidos na cidade de Manaus-AM, uma vez que se buscou investigar a fala manauara;

b) *Grau de escolaridade* – 4 dos 12 informantes, até a data das respectivas entrevistas, tinham cursado até o ensino fundamental, 4 tinham o ensino médio e os outros 4 tinham ensino superior. A primeira e a segunda faixa do nível de escolaridade estabeleceu-se a partir de Labov (2008) que nos diz que “Quanto à educação, há uma nítida ruptura no comportamento linguístico (...): a conclusão do primeiro ano do ensino médio” (p. 144), enquanto a terceira faixa foi estabelecida com o objetivo de investigar a influência do nível superior de ensino sobre a variável em questão;

c) *Faixa etária* – 05 informantes entre 11 e 20 anos (sendo os menores de idade tendo assinatura de autorização dos pais) e 07 informantes entre 21 e 40 anos, com o propósito de analisar a juventude e a idade mais adulta;

d) *Gênero ou sexo* – Foram selecionados 06 informantes do gênero masculino e 06 do gênero feminino;

e) *Domicílios e período de permanência em cada um deles* – Os informantes selecionados, até as entrevistas, não tinham se afastado da cidade de Manaus por mais de 1/3 da vida;

f) *Viagens efetuadas e duração de cada uma delas* – Eliminouse, aqui, os candidatos a informantes que haviam feito viagens muito longas e recentes, a fim de evitar influência de outros dialetos regionais;

g) *Naturalidade dos pais e do cônjuge* (se houvesse) – Também nascidos na cidade investigada.

h) *Condições de fonação* – Os entrevistados apresentavam boas condições de fonação.

O Quadro1 é um resumo do cruzamento da quantidade de informantes com as variáveis extralinguísticas independentes presentes em qualquer comunidade linguística a ser estudada:

Quadro 1: Distribuição dos informantes conforme os principais critérios socioculturais extralinguísticos.

GÊNERO	MASCULINO	FEMININO
	6	6
FAIXA ETÁRIA - 11 – 20 ANOS	3	2
FAIXA ETÁRIA - 21 – 40 ANOS	3	4
GRAU DE ESCOLARIDADE		
ENSINO FUNDAMENTAL	2	2
ENSINO MÉDIO	2	2
ENSINO SUPERIOR	2	2

A maior dificuldade encontrada para a formação do corpus de análise foi encontrar pessoas mais velhas para as entrevistas, descartando então a faixa etária dos idosos, deixando aberto para uma nova pesquisa. Outra dificuldade foi a de encontrar pessoas tipicamente manauaras de pais manauaras, pois a maioria das pessoas tem algum de seus pais vindos dos interiores do Amazonas ou então (em sua maioria) são nordestinos que vieram para cá muito jovens.

Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita através de gravação, pois, segundo Labov (2008) diz que:

Não importa que outros métodos possam ser usados para obter amostras da fala (sessões em grupo, observação anônima), a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática (p. 244).

Dentro dessa escolha de conduzir entrevistas individuais, Cardoso (2010) aponta duas possibilidades: a aplicação de questionário e o registro de conversa livre. Tendo em vista a necessidade específica de se pesquisar a ocorrência da Neutralização da lateral alveolar no contexto de /i/, optou-se por lista de palavras como fonte principal para garantir todas as possibilidades.

As entrevistas foram realizadas individualmente, estando prioritariamente presentes apenas entrevistadora e informante.

Os locais e horários eram normalmente determinados pelo próprio informante, tendo sido conduzidas entrevistas nos turnos matutino, vespertino e noturno em locais diversos, em sua maioria dentro do carro da pesquisadora. Procurou-se, sempre que possível, isolar ao máximo os sons dos ambientes para uma melhor percepção das produções dos falantes. As entrevistas foram gravadas através de um aparelho celular de modelo *Samsung Galaxy Ace 3* cujas gravações resultam em áudios de excelente qualidade.

O informante assinava um *termo de autorização* no qual autorizava a gravação e utilização dos dados coletados na entrevista, sendo também devidamente informado que poderia retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo e sem necessidade de justificativa e, no caso dos participantes menores de idade, os pais assinavam no lugar deles, autorizando a gravação.

Cada entrevista durou em média 20 minutos: 10 para explicar para o participante de que se tratava de uma pesquisa linguística que estudava o falar manauara, seguido da assinatura do termo de consentimento e também da ficha do participante (para ter certeza de que se tratava de um participante adequado), mais 5 minutos de descontração e os 5 minutos restantes foram os da gravação da pronúncia das palavras por eles que estavam contidas na lista.

Para a aplicação dos passos seguintes da coleta de dados propriamente dita, deparou-se com o conhecido *paradoxo do observador*. Sabe-se que “o grau de reflexão [sobre as formas linguísticas] é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal” (CAMACHO, 2008, p. 60). Dentro desse paradoxo, Macedo (2010) explica:

O linguista precisa descrever a linguagem em seu contexto natural de uso e depara-se com a contradição de que, ao fazê-lo, cria uma situação em que os falantes se sentem observados, por anotações em entrevistas, em gravações, videoteipes e outros meios, deixando de apresentar um comportamento totalmente natural (p. 60).

Observou-se que todos os informantes passaram por um momento de tensão, onde logo após serem informados de como deveriam agir, a maioria começava a rir ou a demonstrar um pouco de nervosismo em errar alguma coisa, por mais que fosse explicado que a pesquisa não se tratava de procurar erro ou falha na pronúncia das palavras. Foi então

que se lidou com a situação da seguinte maneira: dava-se um minuto para todos os participantes rirem, sacudirem o corpo, para poderem se acalmar e logo após o momento de descontração, mostrávamos que era algo simples de se fazer, que só era necessário que fosse lida a lista de palavras que estava em suas mãos, e que a leitura fosse de forma tranquila e pausada. Logo após esse momento de descontração, os participantes colaboraram muito bem. Labov sugere que “uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (p. 244).

Lista de Palavras

É sabido que qualquer pesquisa sociolinguística que investigue a fala almeja estudar o vernáculo, apresentado por Tarallo (2007) como sendo “a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação” (p. 19). Nos momentos de leitura, há uma necessidade maior de atenção, o nível de automonitoramento do informante é muito mais alto, porém, não se tinha tempo suficiente para fazer entrevistas de maior duração, portanto, optou-se por usar uma lista de palavras selecionadas previamente para a pesquisa, em que o processo de leitura fosse calmo e pausado.

A lista continha 50 palavras, divididas em 5 colunas, cada uma com 10 palavras, que representavam:

- 1ª coluna - Palavras tônicas com /l/ no início;
- 2ª coluna – Palavras tônicas com /l/ no meio da palavra;
- 3ª coluna – Palavras proparoxítonas;
- 4ª coluna – Palavras átonas com /l/ pré-tônicas;
- 5ª coluna – Palavras átonas com /l/ pós-tônicas.

Quadro 2: Lista de palavras.

01	Lindo	Alice	Ilícito	Habilidade	Exílio
02	Livro	Alívio	Cilíndrico	Helicóptero	Cálice
03	Lixa	Baliza	Polígono	Alicerce	Óleo
04	Linha	Melissa	Política	Alicate	Válido

05	Liga	Palito	Relíquia	Militar	Pele
06	Liso	Calibre	Película	Eliminar	Cólica
07	Lírio	Colina	Balística	Valioso	Sério
08	Lista	Polido	Delírio	Balear	Mole
09	Litro	Boliche	Delícia	Elixir	Cílio
10	Lia	Rolinha	Milícia	Palidez	Vale

Foi criada a tabela acima e posteriormente foi impressa, visto que na hora das gravações, era mais fácil deixá-los à vontade segurando seus papéis e falando as palavras que ali estavam. A pesquisadora teve o cuidado de somente apontar para as palavras quando necessário e não as mencionar, para que não houvesse nenhum tipo de contaminação nem influência da sua fala na fala dos participantes.

Os dados foram gravados e ouvidos atenciosamente diversas vezes para verificar qual variável era realizada: /l/ ou /λ/. Após, os dados foram tabulados através do programa *Excel* do *Windows*.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise procurou verificar a hipótese de que na fala manauara havia o processo de neutralização da lateral alveolar /l/ diante da vogal alta /i/, se transformando em palatal /λ/.

Ao analisar os resultados dos dados, verificou-se que, em todas as pronúncias de palavras paroxítonas em que a lateral ocorreu na sílaba tônica na posição de início de palavra e na posição não inicial ocorreu a palatalização da lateral /l/ no contexto da vogal anterior /i/.

Na posição de início de palavra, foram verificadas suas ocorrências nos seguintes vocábulos, num total de dez selecionados: “lindo, livro, lixa, linha, liga, liso, lírio, lista, litro e Lia”. Já na posição não inicial, foram investigadas as pronúncias das palavras: “Alice, alívio, baliza, Melissa, palito, calibre, colina, polido, boliche e rolinha”.

O objetivo de selecionar essas palavras foi de reunir palavras em que a lateral ocorria em contexto de vogal anterior alta oral e nasal e também seguida por consoantes de pontos de articulação e sonoridade, como no contexto de oclusivas e fricativas surdas e sonoras, nasais e em sílabas em que ocorriam ditongos.

Em todos esses contextos linguísticos, e considerando todas as variáveis extralinguísticas de gênero, faixa etária e grau de escolaridade, foi unânime a ocorrência do fenômeno de palatalização em todos esses contextos fônicos.

A variação entre pronúncias com /l/ e /λ/ também não ocorreu na terceira coluna da lista de coleta de dados, a qual reúne palavras proparoxítonas, em que a lateral ocorre na sílaba tônica¹². Foram investigadas as realizações fonéticas dos seguintes vocábulos, também num total de dez: “ilícito, cilíndrico, polígono, política, relíquia, película, balística, delírio, delícia e milícia”.

Conforme pode ser constatado a ocorrência da sílaba tônica se deu em posição não inicial na palavra e em diferentes contextos fonéticos, seguidas por fonemas fricativos e oclusivos, surdos e sonoros e também por sílabas em que há ditongos /ia/ ou /io/.

A variação de pronúncia entre lateral alveolar e palatal surgiu na quarta coluna da lista de coleta de dados que reúne dez palavras em que a lateral ocorre em sílaba pré-tônica. Quanto à tonicidade, os vocábulos selecionados são proparoxítonos: “habilidade, helicóptero, alicerce, alicate, valioso”, e também oxítonos: “militar, eliminar, balear, elixir e palidez”.

Essa variação entre a produção de /l/ e /λ/ foi percebida somente na pronúncia da palavra *balear*, executada por um falante do gênero feminino, da faixa etária 2 (de 21 a 40 anos), que possui ensino superior, falando com palatalização. Nesse caso, a hipótese que se levanta é de que esse falante não estava se monitorando para fazer uma leitura da palavra próxima da ortografia, o que ocorre geralmente com pessoas com menor grau de escolaridade, quando têm uma concepção errônea de que “a fala deve espelhar a escrita”. Já os demais participantes, 11 informantes, tiveram uma pronúncia mais próxima da palavra escrita [ba'leah], visto que as palavras deveriam ser lidas. Assim, a realização fonética da maioria dos participantes da pesquisa se realizou com a produção de /l/, aparentando terem sido pronúncias monitoradas ou ainda artificiais, idealizadas pela reprodução da forma ortográfica.

Na quinta coluna da lista de coleta de dados, também foram registradas variações de pronúncias entre /l/ e /λ/ nos falantes. Nessa coluna foram reunidas palavras em que a lateral ocorre em posição pós-tônica. Também num total de dez vocábulos, foram investigadas

¹² Um dos informantes se esqueceu de pronunciar a palavra ‘delícia’, que constava na lista, o que ocasionou a diferença no total de pronúncias com /λ/.

as realizações fonéticas na produção das seguintes palavras proparoxítonas e paroxítonas: “exílio, cálice, óleo, válido, pele, cólica, mole, cílio, vale e sério”.¹³

Essa variação de pronúncia ocorreu em três das nove palavras selecionadas, que foram: *exílio*, *óleo* e *pele*.

No caso, levanta-se a hipótese de que essa variação de pronúncia possa ser explicada por registros com graus diferentes de monitoramento, com possibilidade de maior ou menor esforço do falante para manter uma pronúncia mais representativa da correspondência fonema e grafema.

Evidenciou e tabelou-se duas dessas palavras em que ocorreram as variações: *pele* e *óleo*, vistas a seguir.

Na palavra *pele*, a variação pode ser explicada pela vogal /e/, em sílaba pós-tônica, que na maioria dos dialetos brasileiros, em registros espontâneos ocorre o seu alteamento, sendo produzida como [i], ou seja, [peli] ou [pɛli], tendo somente uma pessoa pronunciado com /e/, o que demonstra uma marca de maior monitoramento.

Em análise, apresentam-se os resultados obtidos:

Tabela 1: Resultados obtidos com a palavra *pele*.

PRONÚNCIA PÓS-TÔNICA PALAVRA PELE (%)	TOTAL DE PRONÚNCIAS COM L [L]	TOTAL DE PRONÚNCIAS COM LH [λ]
	8,3	91,7
GÊNERO MASCULINO	8,3	41,7
GÊNERO FEMININO	0	50
FAIXA ETÁRIA 1	0	41,7
FAIXA ETÁRIA 2	8,3	50
ENSINO FUNDAMENTAL	0	33,3
ENSINO MÉDIO	0	33,4
ENSINO SUPERIOR	8,3	25

Analisando a tabela, pôde-se estimar que na palavra *pele*, 8,3% dos participantes (correspondente a 1 pessoa), pronunciaram com /l/, enquanto que 91,7% pronunciaram com /λ/, caracterizando a palatalização quase que na sua totalidade. No gênero masculino, 8,3%

¹³ A palavra ‘sério’ foi desconsiderada, pois houve um equívoco em sua seleção, quando deveria ser selecionado vocábulo ‘Célio’.

pronunciaram a palavra com /l/, enquanto que 41,7% pronunciaram com /λ/. No gênero feminino, ninguém pronunciou a palavra com /l/, enquanto que 50% pronunciaram a palavra com /λ/. Na faixa etária 1, ninguém pronunciou com /l/, enquanto que 41,7% pronunciaram com /λ/. Na faixa etária 2, 8,3% pronunciaram com /l/, enquanto que 50% pronunciaram com /λ/. No ensino fundamental, ninguém pronunciou com /l/, enquanto que 33,3% pronunciaram com /λ/. No ensino médio ninguém pronunciou com /l/, enquanto que 33,4% pronunciaram com /λ/. No ensino superior, 8,3% pronunciaram com /l/, enquanto que 25% pronunciaram com /λ/.

Em resumo, a maioria das pessoas falou com palatalização no grupo de gênero feminino, da faixa etária 2, dentre a escolaridade de ensino fundamental e médio.

A próxima palavra em que se observou variação foi em *óleo*, tendo 4 pessoas pronunciado com /l/ e 8 com /λ/ e seus dados em porcentagem podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 2: Porcentagens das variações da palavra *óleo*.

PRONÚNCIA PÓS-TÔNICA PALAVRA ÓLEO (%)	TOTAL DE PRONÚNCIAS COM L [L]	TOTAL PRONÚNCIAS COM LH
		33,3
GÊNERO MASCULINO	25	25
GÊNERO FEMININO	8,3	41,7
FAIXA ETÁRIA 1	8,3	33,3
FAIXA ETÁRIA 2	25	33,4
ENSINO FUNDAMENTAL	8,3	25
ENSINO MÉDIO	8,3	25
ENSINO SUPERIOR	16,7	16,7

O que se pôde aferir da tabela é que a maioria das pessoas (8 pessoas) pronunciaram a palavra com palatalização, caracterizando 66,7% das pronúncias, enquanto que 33,3% pronunciaram com /l/. Do gênero masculino, 25% dos participantes pronunciaram a palavra com /l/, enquanto que 25% também pronunciaram com /λ/. No gênero feminino, 8,3% participantes pronunciaram com /l/, enquanto que 41,7% com /λ/. Na faixa etária 1, 8,3 pronunciaram com /l/, enquanto que 33,3% pronunciaram com /λ/. Na faixa etária 2, 25% pronunciaram

com /l/, enquanto que 33,4% pronunciaram com /λ/. No ensino fundamental, 8,3% pronunciaram com /l/, enquanto que 25% com /λ/. No ensino médio, 8,3% pronunciaram com /l/, enquanto que 25% com /λ/. No ensino superior, 16,7% pronunciaram com /l/, enquanto que 16,7% com /λ/.

Em suma, a tabela caracteriza que a maioria das pessoas pronunciam a palavra óleo com som de [λ], ou seja, com palatalização. O gênero feminino, de ambas faixas etárias e de grau de escolaridade tanto de ensino fundamental e médio, é o que mais pronuncia com [λ].

Essa considerável variação nessa palavra pode ser devido à preocupação do falante em manter a diferença lexical entre a pronúncia do vocábulo “óleo” diferente do verbo olhar na primeira pessoa do singular do modo indicativo “olho”.

A outra palavra falada com variação foi “exílio”, que, da mesma forma que “óleo”, a lateral ocorre em sílabas em que há o ditongo crescente [jo], que pode sofrer redução na fala. Chama-se a atenção o fato de que em palavras que possuem essa estrutura silábica admitem-se duas pronúncias, ora como ditongo, ora como hiato, considerando que se trata do ditongo crescente que é instável na língua portuguesa.

Em suma, decorrente de análise da tabulação da palavra, verificou-se que a maioria dos falantes pronunciam as palavras com palatalização, tendo o grupo masculino, da faixa etária 2, de grau de escolaridade tanto do ensino fundamental e superior, sendo o que mais fala desta maneira.

Para um entendimento melhor e mais claro, foi elaborada mais uma tabela, logo a seguir, que demonstra a pronúncia geral das palavras, em cada uma de suas colunas que representam seu tipo, em porcentagem:

Tabela 3: Resultados das pronúncias gerais das palavras.

ATRIBUTO	Pronúncias Tônicas no início da palavra (% Totais)	Pronúncias Tônicas no meio da palavra (% Totais)	Pronúncias Proparoxítonas (% Totais)	Pronúncias Pré-tônicas (% Totais)	Pronúncias Pós-tônicas (% Totais)
Total pronúncias com L /l/	0	0	0	9,2	5,6
Total pronúncias com LH /λ/	100	100	100	90,8	94,4

Foi constatado, através de tabulação, que 100% das palavras tônicas no início das palavras, no meio das palavras e as proparoxítonas, foram pronunciadas com /λ/, caracterizando a palatalização no falar manauara, não havendo dúvidas de que esta já seja uma característica internalizada por sua comunidade de falantes. As pequenas variações que ocorreram nas pronúncias das palavras pré e pós-tônicas, apesar de terem aparecido, constituem uma minoria, pois mais de 90% dos informantes pronunciaram a lateral palatalizada no contexto de [i], o que indubitavelmente mostra que essa é uma característica dialetal da fala manauara ou do “manauês”.

Em síntese, no que se refere à fala manauara, fundamentado nesses resultados de pesquisa, pode-se dizer que uma característica desse falar é a neutralização da oposição entre os fonemas laterais alveolar /l/ e palatal /λ/, no contexto de /i/, independente do contexto fônico ser átono ou tônico, pré ou pós tônico; ocorrer na posição inicial ou final da palavra; aparecer em palavras oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas; independente do número de sílabas do vocábulo ou de ocorrer ditongo ou não. Embora tenha se observado uma ínfima variação no contexto de sílaba pós-tônica, no entanto, essa variação pode ser verificada nessa pesquisa em função da metodologia da coleta de dados, uma vez que o falante produziu as palavras a partir da leitura. Esse procedimento pode ter ocasionado pronúncias artificiais, monitoradas, realizadas como uma tentativa de aproximação com a reprodução de cada som da letra representada pela ortografia.

Logo, na fala manauara, há uma alofonia entre as laterais alveolar [l] e palatal [λ], o que, no português, já tem sido postulada por alguns fonólogos, considerando a ocorrência desse fenômeno em registros que se distinguem por características diatópicas e estilísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os estudos gerados a partir da pesquisa, concluímos que o fenômeno da Neutralização do /l/ diante da vogal alta /i/ é uma característica comum do falante manauara, independente de gênero, faixa etária e escolaridade, como se verificou nas palavras das três primeiras tabelas, que dizem respeito às palavras tônicas e, mesmo que as palavras das colunas posteriores que tratam das proparoxítonas e das átonas pré e pós-tônicas, apresentarem algumas mudanças na fala

dos participantes, a análise geral é de que o fenômeno é consolidado na comunidade dos falantes manauaras, caracterizando uma marca dialetal do “manauês”.

A pesquisa gerou ainda dados para uma nova pesquisa que diz respeito à procura do fenômeno da *harmonização da fala da comunidade manauara*, que verifica o comportamento das alveolares /d/, /t/, /n/, que, assim como o /l/ aqui estudado, quando vêm precedidas de /i/ se tornam automaticamente palatais, estudo que está sendo feito pela pesquisadora na sua dissertação de mestrado na Universidade do Estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte 1. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1.
- ANDRADE, A. Variação fonética de /l/ em ataque silábico em Português europeu. *In*: *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. p. 55-76, Lisboa, 1998.
- BERÇOT-RODRIGUES, S. F. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte 2. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008, V. 1.
- CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. *In*: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of Phonological theory*. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1995.

- CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CUNHA, C. F. da; SILVA NETO, S. da. Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil. In: *Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, 3., 1957, Lisboa. Actas... Lisboa: [S.l], v. 2, 1960. p. 405-412.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, José Luiz *et al*. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2003. v. 1 e 2
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Massachusetts, 1996.
- LAZZAROTTO-VOLCÃO, C.; NUNES, V. G. ; SEARA, C. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis: LLV/ CCE, 2011.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

- MACHADO-SOARES, E. P. Aspectos fonéticos, fonológicos e sociolinguísticos das palatais lateral e nasal. *Rev. de Letras*, v. 30, p. 111-121, jan. 2010/dez. 2011. Disponível em: www.revistadeletras.ufc.br/Revista20de20Letras20Vol.30.
- MARTINS, Valteir Andrade. *Análise prosódica da língua (Maku-Kamã) numa perspectiva não-linear*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 1994.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-73.
- MELO, Nildete Silva de. As contribuições da sociolinguística para o ensino da língua materna e valorização da cultura indígena. *Anais do SILEL*. v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- MOTA, Jacyra. Variantes palatais do português do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni. *Atti Del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Università di Palermo. Centro di studi filologici e linguistici siciliani. 1995. p. 475-483.
- NARAYANAN, S. S.; ALWAN, A. A., Toward Articulatory-acoustic models for liquid approximants based on MRI and EPG data. Part I. The Laterals. *Journal of Acoustical Society of America*, p. 101, 1997.
- OLIVEIRA, Marilúcia B. de. *Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA*. 2007. 230p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O.; PAIVA, M. da C. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PAIVA, Maria da Conceição de. O interesse da variável sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

- RAZKY, Abdelhak *et al.* *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Universidade Federal do Pará. Belém, 2004.
- SANTOS, Lúcia de Fátima. Realização das Oclusivas /T/ e /D/ na fala de Maceió. *In: MOURA, Denilda (org.). Variação e ensino. Imagens preliminares da realização variável de /l/prevocálico no Estado do Pará* Marilucia OLIVEIRA * Abdelhak RAZKY ** Wilker SILVA *** *SIGNUM: Est. Ling., Londrina, jul. v. 12, n. 1, p. 257-278, 2009.*
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEARA, C.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C.; NUNES, V. G.; *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis: LLV/ CCE, 2011.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara L. Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista intercâmbio*, São Paulo, v. XXVIII, p. 46-50, 2014.
- SPROAT, R.; FUJIMURA, O. Allophonic variation in English /l/ and its implications for phonetic implementation. *Journal of Phonetics*, 21, p. 291-311, 1993.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.
- ZHOU, X. Articulatory and Acoustic Study of American English Liquid Sounds /r/ and /l/. *An MRI* 2009.



Aspectos da nasalização de vogais na fala manauara

Joyce Camila Martins
Valteir Martins

Este estudo se dedica a apresentar uma abordagem acerca de aspectos da nasalização das vogais produzidas no âmbito da fala dos manauaras. Salienta-se que, entretanto, este artigo apresenta um recorte da pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA-UEA), enquadrada na linha de pesquisa dois intitulada “Linguagem, discurso e práticas sociais”. Assim sendo, as informações e análises aqui dispostas compõem partes significativas da dissertação apresentada ao supracitado programa.

A NASALIZAÇÃO EM PERSPECTIVA

A compreensão que ora se tem acerca dos sons nasais é resultado da junção de conceitos de diferentes disciplinas, muitas vezes de áreas do conhecimento não afins, que trataram da produção e percepção deste fenômeno linguístico. Desta maneira, julgou-se prudente trazer à baila tais definições que contribuem para a compreensão do tema.

Conceituando o Som Nasal

A produção da voz humana é resultado de um complexo trabalho no qual o ar vindo dos pulmões por pressão do diafragma, passará até a sua saída do corpo, pela traqueia e laringe (onde se encontram as cordas vocais, vibrando-as ou não), ressoando na cavidade oral, nasal ou em ambas.

Neste contexto, uma definição articulatória sobre a produção dos sons nasais precisa levar em consideração a maneira como os órgãos do “aparelho fonador”¹⁴ são mobilizados para produzi-los.

¹⁴ Esta expressão é usada de maneira genérica, visto que se está ciente que a produção de sons não é a função primeira dos órgãos envolvidos na produção da voz humana.

Assim sendo, os ditos sons nasais podem ser definidos segundo Silva (1998, p. 29), a qual indica que:

Qualquer segmento produzido com o véu palatino levantado obstruindo a passagem do ar para a cavidade nasal é chamado de **oral** [...] Um segmento produzido com o abaixamento do véu palatino de maneira que haja ressonância na cavidade nasal é chamado de **nasal**.

Desenvolvendo e ampliando o conceito de som nasal, faz-se necessário considerar que, quando se trata da articulação de uma vogal, a ressonância ocorre nas cavidades oral e nasal, por meio de um fenômeno conhecido como acoplamento; quando o que está em questão é a articulação de uma consoante, ocorre, ainda, algum tipo de oclusão na cavidade oral, de modo que a ressonância se dá apenas na cavidade nasal.

Ainda à guisa de conceituação, recupera-se o que afirma Costa (2007), ao informar que as cavidades orais e nasais estão ligadas por uma abertura traduzida pela autora como porta velofaríngea¹⁵.

Embora se defina a posição do palato mole de maneira binária (levantado ou abaixado), a real situação deste músculo não ocorre apenas nestas das posições. Basta pensar nos movimentos musculares visíveis aos nossos olhos (como o movimentar do braço, por exemplo) e que se dão num *continuum*. Desta forma, é possível haver variações na posição do véu palatino, estando ele mais abaixado para emitir determinado som e menos abaixado para outro. Da mesma maneira, também a posição da porta velofaríngea poderá variar com a posição mais ou menos aberta em virtude do som que se precise articular.

Definições como a apresentada por Silva (1998) exacerbam no didatismo, pois apresentam uma compreensão polarizada acerca de um fenômeno com tantos matizes. Sobre a questão, Durvasula (2009, p. 43) elucida que “[...] while soft-palate lowering is a consistent correlate of phonologically nasal segments, it is not a correlate that is exclusive to nasal segments [...]”¹⁶.

Pelo exposto até aqui, é possível entender que os movimentos fundamentais para a produção de um som nasal ocorrem na região supraglótica e os elementos envolvidos no movimento da *porta velofaríngea* interessam para esta compreensão. Desta maneira, elenca-

¹⁵ Do inglês *velopharyngeal port*.

¹⁶ Tradução realizada pela autora deste trabalho: [...] enquanto “palato-mole abaixado” é uma característica correlata à Fonologia dos segmentos nasais, ela não é exclusiva dos segmentos nais [...]

se, de acordo com Cagliari (1977, p. 54), os seguintes elementos em torno do movimento da *porta velofarígea*: “[...] 6 muscles attached to the velum are: tensor palatini, levator palatini, superior constrictor, palatoglossus, palatopharyngeus and uvular muscle. The uvular muscle is the only one that is not paired”¹⁷. Diferentes teóricos envolvem uma quantidade divergente de músculos (variando para menos), de modo que não há um consenso na literatura acerca da questão.

Além disso, é preciso compreender que o aspecto nasal é apenas um dos viéses que concorrem para a caracterização de um som. A interação desse com outros traços característicos de um determinado segmento terá consequências diretas na configuração final das cavidades oral e nasal, sendo esta questão exemplificada neste trabalho conforme aponta Medeiros (2007, p. 183): “este é um fenômeno fonético universal: a vogal baixa se nasaliza mais facilmente que as demais”.

Para dar conta do complexo fenômeno da produção de sons nasais, conceituações cunhadas no campo da acústica, uma disciplina da Física, são pertinentes para este trabalho, com o objetivo de obter um panorama tão completo quanto possível acerca do tema.

Os estudos acústicos em torno da fala entendem-na como sons cujas propriedades físicas podem ser mensuradas, no tocante, por exemplo, à duração, à frequência, à amplitude, entre outros aspectos. Para exemplificar a teoria, Kent e Read (2015) sugerem que o mecanismo de produção da voz humana seja comparado a um tubo cilíndrico totalmente aberto de um lado e vedado do outro lado por uma membrana elástica com um corte ao meio. A membrana é o vibrador, fonte da energia acústica propagada pelo tubo, o ressoador. Este modelo, guardadas as devidas proporções e observado o fato de que a mudança na extensão do tubo muda as frequências por ele produzidas, reproduz satisfatoriamente o padrão de “aparelho fonador” humano.

Os estudos linguísticos que lançam mão de análises acústicas sobre a fala fazem-no por meio da inserção dos dados coletados (gravações de voz) em programas que fazem a leitura das frequências sonoras e as transformam em espectrograma, “[...] um dispositivo gráfico que é uma função da frequência¹⁸ de onda (medida em Hz) pelo tempo (em

¹⁷ Tradução realizada pela autora deste trabalho: [...] 6 músculos anexados ao véu palatino são: tensionador palatino, levantador (elevador) palatino, constritor superior, palatoglossos, palatofaríngeo, músculo uvular. O músculo uvular é o único que não possui um par.

¹⁸ A grafia presente nas citações e que não estão de acordo com as regras do Novo acordo ortográfico foram mantidas como no original, sem a inserção da expressão “sic”, haja vista serem textos escritos na vigência de acordo ortográfico anterior.

milissegundos)” (COSTA, 2007, p. 34). O espectrograma é dividido em formantes, que são as faixas de frequências sonoras.

Durvasula (2009) elenca quatro parâmetros acústicos que podem ser usados para a detecção de uma emissão de consoante nasal ao analisar um espectrograma: 1) *Envelope variance*: constante; 2) *energy onset/offset*: que é bastante evidente se compararmos a emissão de consoantes nasais, com não nasais; 3) *spectral peak frequency*: menor para consoantes nasais do que para outras consoantes; 4) *energy ratio*:¹⁹ mais baixa para consoantes nasais que para não nasais. Estes parâmetros são evidenciados na figura 1.

O próprio autor assevera, entretanto, que tais padrões não podem ser imediatamente aplicados para as emissões de vogais nasais. Isso porque, conforme já explicamos, a sua produção é o resultado do acoplamento entre as cavidades nasal e oral, sem oclusão na segunda. Como há diferenças no processo de emissão de um som nasal vogal em relação ao som consoante, as propriedades acústicas também serão divergentes. No tangente à emissão da vogal nasal, elencamos informações de acordo com Seara (2000, p. 52-53), a qual afirma que:

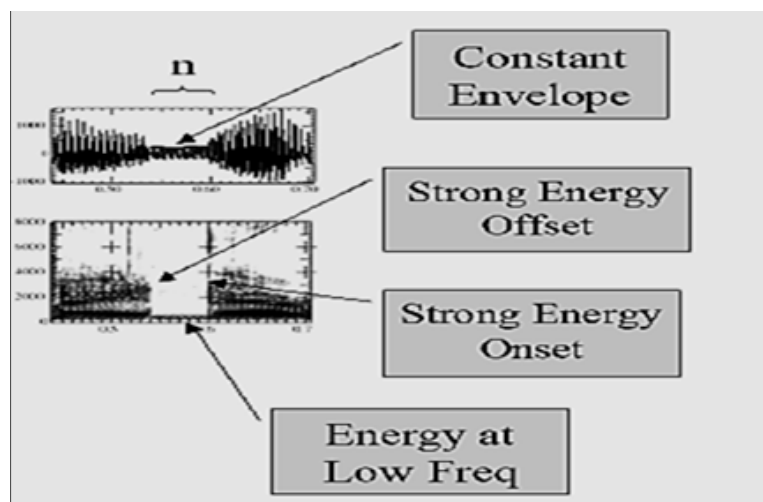
[...] o acoplamento da cavidade nasal à cavidade bucal leva às seguintes modificações espectrais:

- aparecimento de formantes específicos (formantes nasais) que são as ressonâncias reforçadas quando da passagem do ar pelas narinas;
- presença de anti-ressonâncias (ou anti-formantes), devido à absorção de energia pelas paredes do trato nasal;
- atenuação geral da amplitude dos formantes, particularmente do primeiro formante;
- aumento da largura-de-banda dos formantes.

Essas são características gerais, uma vez que é preciso levar em consideração as propriedades da emissão de cada vogal em específico, observando as interações no seu contexto fonológico, pois isso afetará o resultado espectral; a mesma advertência é válida para a emissão das consoantes nasais.

¹⁹ Tradução realizada pela autora deste trabalho: 1) *envelope variance* – variação do padrão; 2) *energy onset/offset*: energia do ataque e de compensação; 3) *spectral peak frequency*: frequência espectral de picos; *energy ratio*: razão da energia.

1. Padrão do espectrograma para a consoante /n/.



FONTE: Durvasula, 2009, p. 40.²⁰

O tratamento da nasalização: o percurso na teoria Linguística

Desde que o corte Saussuriano inaugurou, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*²¹, aquilo que se convencionou chamar de Linguística Moderna, a linguagem foi compreendida como uma faculdade formada por dois aspectos em oposição complementar: língua e fala²². A fala foi caracterizada como caótica e assistemática, imprópria, portanto, para o estudo científico. A língua, por sua vez, foi tomada como o objeto do estudo linguístico, sendo definida como:

[...] um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...] é um todo por si e um princípio de classificação [...] constitui algo adquirido e convencional [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 17).

O aspecto social aí apontado não estava significando uma relação entre a língua e as práticas sociais (não diretamente), mas estava dizendo respeito àquilo que era sistemático. Outras definições acerca

²⁰ Tradução realizada pela autora deste trabalho: *constant envelope*: padrão constante; *strong energy onset*: forte energia de ataque; *strong energy offset*: forte energia de compensação; *energy at low freq.*: energia em baixa frequência

²¹ Sabe-se que este livro foi publicado após a morte de Ferdinand de Saussure, por seus alunos. Entretanto, a autoria é atribuída ao mestre genebrino e assim a tradição Linguística faz referências às ideias presentes naquele livro

²² “*Langue*” e “*Parole*”, como expostos nos escritos originais da obra. Há teóricos que traduzem o termo *Parole* como “discurso” ou “uso”.

da questão apontados no *Curso* se deram por meio de dicotomias, nas quais um conceito era construído a partir daquilo que o outro conceito não era. Os postulados Saussurianos, alinhados às tendências científicas da época, constituem o chamado Estruturalismo Linguístico.

A recepção destas ideias por diferentes grupos de estudiosos gerou, para além de críticas, a busca pelo desenvolvimento destes conceitos. Neste processo de recepção, destaca-se o Círculo Linguístico de Praga, grupo de estudiosos que desenvolveu, entre outras teorias, o aspecto da língua como sistema, contribuindo com formulações acerca da área da Fonética e Fonologia. É deste grupo a distinção entre estes os dois termos, claramente influenciada pela supracitada dicotomia de Saussure: cabe à Fonética estudar os sons da fala, do uso; à Fonologia, os sons do sistema da Língua.

A obra *Principles of Phonology*²³, de Nikolay Trubetskoy, delinea os fundamentos da Fonologia como o desdobramento da Linguística que dará conta da sistematização do componente sonoro da língua.

Também pela herança dicotômica Saussuriana, a Fonologia Estruturalista teve as bases fundadas na oposição entre os fonemas, a partir das quais as línguas produzem novas palavras. É nesse sentido que o tratamento à emissão do som nasal aparece nos escritos de Trubetzky:

[...] phonological oppositions can be divided into three types: *Privative* oppositions are oppositions in which one member is characterized by the presence, the other by the absence, of a mark. For example: ‘voiced’/‘voiceless’, ‘nasalized’/‘nonnasalized’ [...] The opposition member that is characterized by the presence of the mark is called ‘marked’, the member characterized by its absence ‘unmarked’. This type of opposition is extremely important for phonology” (1969 [1939], p. 75)²⁴.

Sendo um dos traços que pode opor um fonema ao outro, este tratamento compreende que a nasalidade está presa ao segmento sonoro. Nesta medida, num processo de comutação, ao substituir na palavra um som marcado pelo traço nasal por outro que não seja marcado, a nasalidade desaparecia, já que tal característica está presa ao segmento.

²³ Traduzida do alemão “*Grundzüge de Phonologie*”.

²⁴ Tradução realizada pela autora deste trabalho: [...] oposições fonológicas podem ser divididas em três tipos:

Oposições *particulares* são oposições em que um membro é caracterizado pela presença, o outro pela ausência, de uma marca. Por exemplo: “vozeado”/“desvozeado”, “**nasalizado**”/“**desnasalizado**” [...] O membro da oposição que é caracterizado pela presença da marca é chamado “**marcado**”, o membro caracterizado pela ausência, “**não marcado**”. Esse tipo de oposição é extremamente importante para a Fonologia.

O avanço dos estudos linguísticos fez surgir o Gerativismo, abordagem teórica de Noam Chomsky. Enquanto o Estruturalismo demonstrou uma preocupação em descrever as estruturas linguísticas, o Gerativismo propôs que a mesma descrição fosse feita, porém de modo a tornar explícitas as operações mentais que organizam as estruturas da língua, deslocando metodologicamente este campo científico para um viés cognitivo. Convém pontuar, a respeito desta corrente teórica, alguns preceitos teóricos básicos que influenciaram as suas posteriores formulações acerca do tratamento fonológico, incluindo-se neste contexto as emissões nasais.

O Gerativismo postulou a existência de dois conceitos: competência e desempenho²⁵, em que o primeiro significa o conhecimento inato e cognitivo que o falante nativo de determinada língua possui sobre ela, no que se refere a sua produção, reconhecimento e compreensão; o segundo termo designa o uso que o falante faz de sua língua. Desta maneira, a língua possui uma estrutura profunda, em que estão às regras gramaticais por meio da qual a língua opera, e uma estrutura de superfície, explicitada pelos usos linguísticos. O estudo Fonético deveria atuar no nível da estrutura de superfície, ao passo que o estudo Fonológico, no nível da estrutura profunda.

O Gerativismo trabalhou em torno da ideia da construção de universais linguísticos, isto é, de regras que seriam comuns a todas as línguas, já que os homens possuiriam uma predisposição genética para a sua aquisição, e que poderiam estar relacionadas a qualquer um dos componentes do estudo linguístico. Sobre o nível Fonético e Fonológico, Chomsky e Halle expõem, na obra *The sound pattern of english*, frequentemente referida como SPE, as principais linhas deste estudo na abordagem do gerativismo, postulando que

[...] the theory of “universal phonetics”, that part of general linguistics that specifies the class of “possible phonetic representations” of sentences by determining the universal set of phonetic features and the conditions on their possible combinations. The phonetic form of each sentence in a each language is drawn from this class of possible phonetic representations²⁶ (1968, p. 4-5).

²⁵ No original em inglês competence e performance.

²⁶ Tradução realizada pela autora deste trabalho: a teoria dos “universais fonéticos”, aquela parte da lingüística geral que especifica a classe das “possíveis representações fonéticas” das sentenças, pela determinação de traços fonéticos universais e das condições de suas possíveis combinações. A forma fonética de cada sentença em cada uma das línguas é extraída desta classe de possíveis representações fonéticas.

Os universais fonéticos repousariam, portanto, na formulação de regras que explicitariam a maneira como as regras gramaticais²⁷ operam para a definição dos traços fonéticos e de suas possíveis combinações.

Cada fonema carregaria consigo uma complexa caracterização de traços, definidos tal como [+traço] ou [-traço]²⁸. Uma representação binária que assim é mantida na estrutura de superfície; na estrutura profunda, a teoria reconhece a necessidade de estabelecer a gradação da especificação de cada traço. O traço nasal não foge ao padrão do tratamento teórico, sendo marcado nas análises tal como: [+nasal] ou [-nasal]. A figura 2 extrai, da supracitada obra de Chomsky e Halle, um exemplo de como um segmento poderia ser caracterizado; fez-se o destaque para explicitar a presença do traço nasal nesta matriz e a atribuição da presença do traço pelo sinal [+] e da ausência pelo sinal [-]. Uma análise desta natureza, produzida com foco no PB²⁹ para inventariar as consoantes, apresenta a seguinte configuração:

Tabela 1: Matriz de traços distintivos do PB de acordo com a SPE.

	p	B	f	v	m	t	d	s	z	N	ʃ	ʒ	λ	ɲ	k	G	r	l
Soante	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-	+	+
Silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Consonântico	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Alto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-
Arredondado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Anterior	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+
Coronal	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+
Contínuo	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	±	-	-	-	+	±
Estridente	-	-	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-	-
Vozeado	-	+	-	+	+	-	+	-	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+
Nasal	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+

Fonte: Cagliari, 2002, p. 93 – Destaques, nas consoantes e no traço nasal, adaptado pelos autores.

²⁷ Termo empregado em referência à competência linguística dos falantes.

²⁸ Aqui, a palavra traço é empregada de forma genérica, em referência a todos os traços indicado pelas teorias fonológicas.

²⁹ Doravante Português Brasileiro.

Embora apresente uma mudança de perspectiva bastante significativa, permitindo um novo paradigma de análises não apenas das emissões nasais, mas também da abordagem teórica em Fonética e Fonológica, ao propor o olhar para os traços distintivos e a formulações de regras tomando-os como referencia principal, é possível notar que a abordagem do traço se dá numa relação direta com o segmento que caracteriza.

O conhecimento científico é construído pela via da crítica e da reorganização dos paradigmas para dar conta dos novos problemas que surgem e explicá-los; trata-se, portanto, de uma constante revisão de conceitos e métodos de coleta e análise de dados. É desta maneira que os pressupostos da Fonologia Gerativa clássica em certo ponto não conseguiram dar conta de fenômenos como o registrado, por exemplo, no Kaingang³⁰, em que “[...] consoantes subjacentemente nasais, ao constituir sílaba com vogais orais, ganham contorno desnasalizado, originando nasais pós e pré-oralizadas [...]” (D’ANGELIS, 1998, p. 107), conforme fica exposto em 1a em oposição à 1b:

1a. mɛŋ => [‘mɛŋ] = <i>mel, abelha</i>	1b. mɛŋ => [‘mbɛŋ] = <i>grande</i>
mɔ => [‘mɔ] = <i>jabuticaba</i>	mɔ => [‘mbɔ] = <i>espiga</i>
mɛŋ => [‘mɛŋ] = <i>criação (animal)</i>	mɛŋ => [‘mbɛŋ] = <i>machado</i>

Por este rápido comentário extraído de tese de doutorado que se dedicou a analisar a supracitada língua, é possível extrair o fato de que determinados segmentos nasais adquirem um contorno desnasalizado. Ou seja, dentro de um mesmo segmento, ocorreu a mudança da valência do traço, de [+] para [-] ou o contrário.

Neste tipo de observação aparece um movimento metodológico importante: o fato de considerar que os traços possuem uma organização hierárquica que independe do segmento sonoro, podendo exacerbá-lo ou ser menor; outra característica fundamental é o fato de que “o apagamento de um segmento não implica [...] o desaparecimento de todos os traços que o compõem” (HERNANDORENA, *apud* D’ANGELIS, 1998, p. 59). As representações da Fonologia Autossegmental buscarão uma forma que não seja linha reta (como a vista com a Fonologia Gerativa), apresentando-a forma bidimensional, a qual:

³⁰ Língua pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. É falada por uma população cujas aldeias estão espalhadas pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

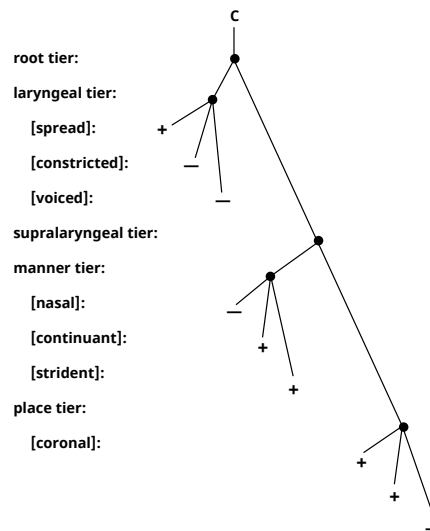
[...] vê a fonologia como diversos “degraus” [...] ligados uns aos outros por linhas de associação que indicam como devem ser co-articulados. Elaborada originalmente para tratar de fenômenos tonais, a abordagem passou a lidar com outros traços com mais de um segmento, especialmente harmonização vocálica e consonantal (CRYSTAL, 1995, p. 117).

Esta postura de análise interpreta os traços como elementos autônomos em relação aos segmentos sonoros. Na perspectiva desta compreensão, encontra-se a abordagem da Geometria de Traços que os apresenta de forma hierarquizada, conforme a Figura 3 demonstra.

O princípio da hierarquia é a raiz, a qual são relacionados todos os traços que podem compor o segmento de maneira direta ou indireta. Os traços propriamente ditos são os elementos terminais e estão agrupados, em camadas distintas, aos chamados de nós de classe; esses existem quando se comprova que um grupo de traços se comporta segundo seu domínio. As linhas demonstram a associação entre os traços, do nó raiz até que se chegue ao símbolo terminal. Clements sumariza o traçado desta forma de representação, explicando que “The hierarchical organisation of a segment has the formal structure of a tree diagram rooted in one or more elements [...] whose terminal symbols are the feature specifications (+) and (-) [...]”³¹ (1985, p. 247).

³¹ Nos escritos originais de Clements, os sinais de + e – estão colocados entre aspas simples; optou-se pelos parênteses, para evitar ambiguidades, visto que em dias atuais a junção destes sinais geraria um símbolo frequentemente usado em trocas de mensagens de texto. Tradução realizada pela autora deste trabalho: A organização hierárquica de um segmento tem a estrutura formal de um diagrama de árvore enraizado em um ou mais elementos [...] cujos símbolos terminais são as especificações de características (+) e (-).

3. Representação estrutural de uma árvore de traços.



Fonte: Clements, 1985, p. 248.³²

Muitas são as representações arbóreas surgidas de acordo com a interpretação de cada pesquisador que se ocupa em dar conta de diferentes questões da descrição Fonética/Fonológica, tomando para si estes princípios teóricos. Abordando especificamente o traço nasal, apresenta-se a interpretação de Bisol que, a propósito de debater a questão das vogais nasais no PB, define que “A relação do traço nasal com a raiz (r) se estabelece diretamente, isto é, sem intermediários e sem nós pendentes, o que lhe empresta expressiva independência [...]” (2002, p. 503).

Cabe também pontuar a proposta de Pigott, debatida por D’Angelis (1998), Bisol (2002) e Costa (2015), que propõe que o traço nasal tanto pode estar vinculado a um nó *soft palate* (véu palatino), como a um nó *spontaneous voicing* (vozeamento espontâneo), gerando, assim, padrões diferentes de harmonia nasal (processo explicado mais adiante). Isso é possível porque, de acordo com aquele autor, há duas possibilidades de organização do traço nasal, fenômeno no qual se percebe o compartilhamento do traço ou nó entre os segmentos. É o que ocorre com os exemplos expostos por Moraes e Wetzels (1992)³³:

³² Tradução dos termos presentes na Figura 3 realizada pela autora deste trabalho: root tier – camada raiz; laryngeal tier - camada laríngea; spread – espalhar; constricted - restringido; voiced - vozeado; supralaryngeal tier - camada supralaríngea; nasal – nasal; continuant – contínua; strident – estridência; place tier - camada de lugar; coronal – coronal; anterior – anterior; distributed – distribuído.

³³ O segundo exemplo presente em 1d não consta no trabalho citado e foi adicionado ao escopo pela autora deste trabalho para completar o quadro comparativo.

1c. Cama - /'kãma/
Cano - /'kãnu/ 1d. Camada - /ka'mada/
Flamengo - /fla'mêgu/

Em 1c. tem-se, na juntura da sílaba, a presença da consoante nasal em contato com uma vogal que assimila o traço nasal do segmento contíguo. Já em 1d., há novamente o contato entre vogal e consoante nasal em junção de sílaba, porém as vogais em 1d não assimilaram o traço nasal da consoante. No primeiro grupo, ocorreu o espalhamento regressivo do traço nasal da consoante para a vogal anterior; no segundo grupo isso não foi registrado.

No caso dos exemplos em 1c. o espalhamento se deu em seguimentos contíguos. Isso, porém, não é a regra, pois o espalhamento pode atingir também os segmentos não contíguos, rompendo o limite da sílaba; há, ainda, situações em que o traço não é compartilhado com o segmento próximo, mas com o que está mais distante. Ao tratarem do espalhamento do traço da nasalidade, Costa e Malta (2015,p. 139) pontuam que:

[...] devemos definir seis pontos:

1. As fontes da nasalidade: gatilho ou origem do traço [nasal];
2. O(s) alvo(s) do espalhamento nasal: segmentos que recebem o traço [nasal];
3. Os segmentos transparentes à harmonia nasal: aqueles que deixam passar a nasalidade e não se nasalizam;
4. Os segmentos opacos à harmonia nasal ou bloqueadores: os que interrompem o espalhamento;
5. As direções do espalhamento: direita, esquerda ou bidirecional; e
6. O domínio do espalhamento.

As Vogais Nasais No Português Brasileiro (PB)

O debate e a teorização sobre a nasalidade no PB não é uma questão nova. Bueno (1958, p. 78) afirma que:

[...] a nasalidade era muito mais acentuada no período arcaico do que o é hoje no português europeu. Serve de tipo intermediário a expressão do Brasil. Mantemos, como era regra certa, na época trovadoresca, a nasalização da vogal que fôsse seguida de *m* ou *n*: *cã*-ma; *sã*-to; *vê*-to; *tĩ*-no. Em Portugal, no tipo oficial de Lisboa-Coimbra, já isto não se observa e estas mesmas palavras soam aos nossos ouvidos: *cá*-ma; *sán*-to; *vén*-to [...].

Este comentário demonstra que o aspecto da nasalidade no português, brasileiro ou europeu, tem suscitado nos pesquisadores a necessidade de descrever as características deste fenômeno em diferentes comunidades de fala há bastante tempo; este trabalho se inscreve neste escopo. Por esta razão, propõe-se a finalização deste capítulo fazendo um percurso sobre os achados de algumas pesquisas feitas neste sentido.

No sistema fonológico do PB, não há divergências teóricas quanto ao fato de que existem duas regras que norteiam a ocorrência das vogais em contextos nasais. Trabalhos de orientação estruturalista, como o de Mattoso Câmara Jr (1970); gerativa, como o de Duarte e Teixeira (1979); ou não-linear, como o de Costa e Malta (2015) registraram e referendaram a existência dos dois contextos.

Para distinguir ambas as ocorrências, observa-se, inicialmente, os exemplos constantes em 2e e 2f (CÂMARA JR., 1970, p. 47), para os três primeiros exemplos:

2e. Leda	2f. Lenda
Juta	Junta
Cito	Cinto
Cata	Canta

As palavras em 2e registram emissão oral no mesmo contexto fonológico em que as palavras de 2f registram emissão oral. Esta alternância gera contraste de significados, já que é evidente que a palavra de um campo não significa o mesmo que seu par opositivo. Este primeiro padrão pode ser denominado por nasalidade contrastiva.

É também bastante claro que os processos de 2g e 2h são distintos dos ocorridos em 2e e 2f:

Banana 2e.	[ba'nãna] 2h.	[bã'nãna]
Amizade	[ami'zadi]	[ãmi'zadi]
Anel	[ˈanew]	[ãnew]

Fonte: Palavras definidas pelos autores.

Neste outro bloco de palavras, também ocorreu a mudança de uma emissão oral por uma emissão nasal no mesmo contexto fonológico. Isso, entretanto, não gera contraste, pois os pares opositivos elencados resultam no mesmo significado. Este segundo padrão pode ser denominado como nasalidade vocálica.

É comum encontrar, em diferentes trabalhos acerca da questão, várias formas de nomear ambos os casos³⁴. O escopo deste trabalho adotará, daqui para diante, a seguinte nomenclatura: Nasalidade Fonológica, quando tratarmos de situações análogas ao primeiro exemplo; Nasalização Fonética, para indicarmos algo relativo à segunda questão.

A nasalização fonética, não contrastiva conforme visto, é resultado do espalhamento do traço [nasal] para a vogal contígua, sendo “[...] um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente [...]” (MOLLICA, 2010, p. 10-11), podendo ter diferentes manifestações nos falares do PB. É o que o registram Moraes e Wetzels, ao afirmarem que:

[...] a nasalização alofônica está fortemente condicionada pelo fator regional sendo a frequência de aplicação da regra decrescente no sentido norte-sul do país. No Nordeste, ela tem maior índice de aplicação [...] no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo apenas tônicas sofrem nasalização [...] enquanto em São Paulo, com frequência, não se nasalizam as vogais tônicas [...] (1992, p. 55).

Conforme a própria citação deixa explícito, a ocorrência da nasalização fonética não é influenciada apenas por questões particulares ao sistema linguístico, mas também por aspectos extrassistêmicos³⁵, ratificando a existência de regularidade na variação, sendo possível a observância de um padrão existente na sua aplicação. Os cortes geográficos promovidos pelos autores neste ponto do texto deixam entrever a necessidade de estudos que melhor determinem as ocorrências em comunidades de fala específicas, haja vista serem muito extensos, referindo-se a regiões como um todo, ou a estados inteiros.

³⁴ Citando alguns exemplos: Silva (1998) adota os termos **nasalização** e **nasalidade** para referenciar os casos análogos aos nossos exemplos 1 e 2, respectivamente. Moraes e Wetzels (1992) utilizam a nomenclatura **nasalidade contrastiva** e a **nasalidade vocálica alofônica**, respectivamente. Bisol (2002) e Abaurre e Pagotto (2002) utilizam as palavras nasalização e nasalidade livremente para fazer referência às duas situações, acrescentando termos como Fonética, Fonológica e Distintiva para diferenciar um sistema do outro.

³⁵ São próprias do sistema linguístico as observações que tomam por parâmetro, por exemplo, a posição da variável dentro da sílaba, da sílaba em que está a variável em relação à sílaba tônica, características dos traços. São extrassistêmicas as observações que dizem respeito à interação da língua com a sua comunidade de fala, destacando o lugar, características dos falantes, graus de formalidade e informalidade, entre outros aspectos. Esta conceituação será melhor desenvolvida no segundo capítulo deste trabalho.

Debates em torno da questão: existe vogal nasal no Português Brasileiro?

Acerca da problemática, inicialmente apresentamos a visão de Câmara Jr., cujo ponto de vista defende que “a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal.” (1970, p. 48). Uma interpretação bifonêmica, que considera que vogal nasal é, na verdade, o resultado da junção de uma vogal oral e um arquifonema³⁶ nasal (representado como /N/). Nesta interpretação, fica clara a filiação de Câmara Jr. às formulações do Estruturalismo do Círculo Linguístico de Praga.

Um dos argumentos apresentados pelo teórico para justificar a sua posição é o fato de que não há, no português, hiatos que sejam formados por vogal nasal. Nos casos em que isso aconteceria, o traço de nasalidade simplesmente desaparece, como na oposição entre bom (/boN/) e boa. Câmara Jr. não está sozinho em seu ponto de vista, liderando uma corrente de pesquisadores que fizeram uma interpretação bifonêmica acerca da vogal nasal.

Mira Mateus *apud* Bisol (2002, p. 502), por exemplo, também apresenta um indício que deporia a favor da interpretação bifonêmica: a desnasalização do prefixo “-in”, que pode aparecer sob a forma de uma vogal nasal em impossível, perdendo, porém, o traço nasal quando diante de líquidas como é o caso da palavra ilegal³⁷.

Também nesta linha, estudo apresentado por Moraes e Wetzels (1992), a partir de um experimento no qual observaram a duração da produção dos segmentos nasais e nasalizados, concluiu que a vogal nasal não é uma realidade fonológica, estando presente apenas na superfície.

O outro viés do debate sobre o estatuto da vogal nasal, interpretam-nas como contrapartes das vogais orais, sendo, portanto fonemas efetivos. Neste sentido, Cagliari (1977) produziu trabalho em Fonética experimental com o qual argumenta que a vogal teria assimilado a consoante nasal por completo, transformando-se em nasalizada.

Nesta perspectiva, cabe observar o estudo produzido por Medeiros e Demolin (2006), também baseado em experimento para coleta de dados. Como resultado, constatou-se o total levantamento

³⁶ Conceito produzido no Círculo Linguístico de Praga e usado para designar situações em que os fonemas em determinadas posições das palavras perdem sua distintividade.

³⁷ Esta questão comporá o corpus da coleta de dados desta pesquisa, pois se tem a hipótese que o caráter nasal do prefixo “-in” possa estar conservado de alguma maneira na variedade falada na cidade de Manaus.

do véu-palatino enquanto se realizava a pronúncia de “cito” e das outras palavras sem traço [nasal]; quando da pronúncia da palavra “cinto”, e das outras com traço [nasal], o véu-palatino abaixou-se momentaneamente. Os autores não fazem afirmações taxativas, porém permitem que, os resultados obtidos com as imagens, demonstrem que o estado articulatório das vogais em contexto nasal testadas são compatíveis com a característica da emissão nasal.

Longe de pretender elucidar uma questão tão complexa, tampouco é objetivo deste trabalho posicionar-se diante da questão antes de analisar dados coletados, para que possam dar substância a qualquer tipo de contribuição que se possa pretender fazer neste sentido, pois, conforme observado anteriormente, muitos estudos experimentais de base Fonética apresentaram considerações pertinentes à compreensão do sistema fonológico da língua.

Cabe, por fim, retomar a nasalização fonética, pois, como fenômeno variante que é, tem sido alvo de muitos trabalhos que se propõem a explicar e descrever as condições para a sua ocorrência.

A pesquisa de Abaurre e Pagotto (2002) está vinculada ao Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e aborda a nasalidade Fonética do PB, buscando compor um corpus de referência nacional; os dados da pesquisa foram coletados em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Em suas conclusões, as autoras apontam para o fato de que em sílabas acentuadas o compartilhamento do traço é quase categórico; quando a consoante palatal é a fonte do traço [nasal], a vogal se nasaliza em cem por cento dos casos; a presença de consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização; onset³⁸ vazio inibe o compartilhamento do traço [nasal]; o fator região geográfica demonstra que Nordeste e Sul³⁹ do país se opõem: as capitais nordestinas nasalizam mais que São Paulo e Porto Alegre; o Rio de Janeiro foi considerado um meio termo, por apresentar certo grau de aplicação da regra.

Já o trabalho de Santos (2013) apresenta um estudo sobre o fenômeno da nasalização no contexto da comunidade do Distrito de Freguesia do

³⁸ Numa sílaba que não seja formada apenas por uma vogal, tendo portanto somente núcleo, o onset (ataque) é a parte inicial da sílaba.

³⁹ Na conclusão do trabalho, as autoras dividem o país em Norte e Sul; optou-se pela mudança do termo Norte para Nordeste, pois não há efetivamente nenhuma capital do Norte envolvida no corpus da pesquisa. Como estes termos aparecem para fazer menção a um critério geográfico, a correção do termo parece ser mais acertado.

Andirá, município de Barreirinha, no Amazonas. Ao comparar os dados coletados, a pesquisadora conclui, após levantamento diacrônico⁴⁰, que o fenômeno registrado naquela localidade⁴¹, é semelhante à nasalidade do português arcaico, numa variação produzida em Lisboa-Coimbra, na época dos cancioneiros portugueses.

O trabalho de Barbosa (1995) faz um apanhado de observações acerca da fala dos amazonenses, contemplando uma série de fenômenos distintos. Embora seu objetivo seja, ao final, demonstrar como estas características de fala podem influenciar a aprendizagem do inglês como segunda língua, dedica-se especial atenção à descrição da variedade do falar amazonense. Ao comentar a nasalização, utiliza exemplos extraídos da fala manauara; a própria autora pontua a necessidade de estudos mais completos e explicativos acerca do traço [nasal], já que este não é o seu foco único; eis o contexto no qual este trabalho se insere. Além disso, outras duas ressalvas precisa ser feitas: 1) seu comentário diz respeito especificamente aos fones das consoantes nasais; 2) seus registros datam de em meados dos anos 1990, podendo oferecer a esta pesquisa uma perspectiva diacrônica, ao observar se registros separados temporalmente por mais de vinte anos permanecem com os mesmos padrões ou se, ao contrário, a variedade falada em Manaus apresentou inovações.

O estudo sociolinguístico desenvolvido por Capistrano (2004) na cidade de Fortaleza, para o qual foram selecionados 20 falantes considerados cultos (professores universitários) e 20 falantes com grau de escolaridade mais baixa, aos quais foram aplicados testes envolvendo fala espontânea e leitura. O estudo revelou que, em posição tônica a nasalização é de quase cem por cento das ocorrências; em relação aos professores universitários, notou-se uma redução em relação à nasalização das pretônicas, fato que pode estar associado ao grau de escolarização.

Deste rápido exame de quatro pesquisas, observa-se que os estudos descritivos têm muito a contribuir para o conhecimento acerca do traço [nasal], ao registrar e descrever processos peculiares em diferentes comunidades de fala. Também é relevante destacar que estes estudos ratificam as observações feitas por Wetzels e Moraes (1992) e citadas

⁴⁰ Perspectiva de análise que compara corpus de uma mesma língua, mas de períodos diferentes.

⁴¹ Em determinados contextos de fala, no qual se espera que se nasalize determinada vogal, o traço não aparece, como, por exemplo, a palavra “cana”, que usualmente é realizada por [ˈkãna], nesta localidade por ser realizada como [ˈkana].

neste trabalho, no que se refere à distribuição geográfica da produção da nasalização (no âmbito nacional).

De acordo com Abaurre e Pagotto “[...] por ser um fenômeno variável (a nasalização fonética), manifesta-se de forma diferente em diferentes dialetos do PB, prestando-se, por conseguinte, à uma análise de cunho variacionista [...]” (2002, p. 492). Este aspecto variável da nasalização fonética enseja a produção de pesquisas cujo objetivo principal é o de descrevê-lo pela via da Sociolinguística variacionista, como as supracitadas e dentre as quais pretende-se inserir este trabalho.

O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS NA FALA MANAUARA: A PERSPECTIVA DA NASALIZAÇÃO

De forma bastante abrangente, a Sociolinguística investiga as relações entre a língua e a sociedade, explicitando, de acordo com Labov (2008), “[...] o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social [...]” (p. 19). Ou seja, os pressupostos aqui expostos buscam apontar a inter-relação existente entre as dinâmicas sociais e os padrões de variação e mudanças linguísticas.

Da seleção da amostra

Conforme explicitado anteriormente, o presente texto apresenta uma perspectiva parcial preliminar de consolidação dos dados. Foram aqui consideradas as entrevistas realizadas junto a oito falantes⁴² definidos a partir de critérios que se alinham ao projeto FAMAC (Fala Manauara Culta - Projeto de Variação Urbana Oral Culta Manauara), mantido pela Universidade do Estado do Amazonas e coordenado pela professora Dr^a. Silvana Martins: ter nascido em Manaus e não ter se ausentado da cidade por mais 5 anos; ser maior de 18 anos; preferencialmente filho(a) de manauaras. Priorizamos informantes com residência e atividades concentradas na área urbana de Manaus.

⁴² No âmbito do trabalho desenvolvido para a pesquisa de mestrado foram entrevistados vinte e quatro informantes, três informantes para cada perfil elaborado, cujo material está em análise; o número citado representa um terço do material colhido.

Além disso, controlaram-se as variáveis descritas no Quadro 1:

Quadro 1: Variáveis extrassistêmicas.

Variável social gênero	Variável social faixa etária	Variedade social grau de escolaridade
Feminino	1ª faixa etária: entre 18 e 45 anos	Baixa/Média escolaridade – sem formação superior completa
Masculino	2ª faixa etária: acima dos 45 anos	Alta escolaridade – com formação superior completa

A combinação destes fatores entre si gerou o número de oito perfis de informantes, conforme demonstra o Quadro 2, para os quais selecionamos uma entrevista para cada.

Quadro 2: Perfil dos informantes.

Perfil 1	Sexo feminino; 1ª faixa etária; baixa/média escolaridade.
Perfil 2	Sexo feminino; 1ª faixa etária; alta escolaridade.
Perfil 3	Sexo feminino; 2ª faixa etária; baixa/média escolaridade.
Perfil 4	Sexo feminino; 2ª faixa etária; alta escolaridade.
Perfil 5	Sexo masculino; 1ª faixa etária; baixa/média escolaridade.
Perfil 6	Sexo masculino; 1ª faixa etária; alta escolaridade.
Perfil 7	Sexo masculino; 2ª faixa etária; baixa/média escolaridade.
Perfil 8	Sexo masculino; 2ª faixa etária; alta escolaridade.

Também predefiniu-se um conjunto de palavras as quais esperava-se conseguir no momento das entrevistas junto aos informantes. As entrevistas foram realizadas no contexto típico de cada informante, em especial nas suas casas, razão pela qual há ruídos externos como latidos de cachorros ou o soar de ventiladores; priorizou-se a disponibilidade do informante. Foi elaborado um conjunto de projeção de slides elaborados no programa *Power Point*, no qual havia imagens e frases alusivas às palavras buscadas; buscou-se empreender cada entrevista na forma de uma conversa, de modo que perguntas também pudessem ser inseridas para se chegar às palavras buscadas.

Em relação à nasalização variável de vogais da fala manauara, o conjunto de palavras predefinidas observavam os seguintes contextos fonológicos:

- Sílabas tônicas em posição inicial;
- Sílabas tônicas em posição intermediária;
- Sílabas pretônicas;
- Sílabas postônicas;
- Sílabas subtônicas (acento secundário);
- “-I” em posição de núcleo de sílaba inicial de;
- Verbo da 1ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular – pretérito perfeito / modo indicativo;
- Substantivo derivado do verbo da 1ª conjugação;
- Verbo da 3ª conjugação na forma da 3ª pessoa do singular - pretérito perfeito / modo indicativo;
- Verbo da 3ª conjugação na forma do infinitivo.

Tais fatores foram elencados a partir do exposto pela pesquisa de Abaurre e Pagotto (2002), as quais fizeram levantamento do fenômeno da nasalização em cinco capitais brasileiras, não contemplando Manaus. Unindo-se a essa primeira pesquisa, conspirou-se também o exposto pelo trabalho de Barbosa (1995), Santos (2013) e Levy (2017), ocorridos em contexto amazônico, no interior e na cidade de Manaus respectivamente. O quadro 8 apresenta o conjunto das palavras selecionadas para satisfazer aos critérios fonológicos definidos.

Uma vez coletado o material, passou-se ao momento de tratamento, o qual consistiu nos seguintes procedimentos:

1. Recorte do áudio das entrevistas, de modo a isolar as palavras que contemplam os contextos fonológicos pesquisados.

2. Análise do áudio fruto do recorte, utilizando o *software Praat*, de modo a gerar espectrograma para confirmar a presença, ou não, do fenômeno da nasalização variável.

Desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weernick, da Universidade de Amsterdã, o *Praat* é um *software* desenvolvido com foco na análise sonora, o qual possibilita a análise dos padrões de um segmento sonoro, pois gera um gráfico no qual se pode visualizar a variação da frequência da emissão de um som.

1. Tabulação dos dados obtidos, tanto intrassistêmicos (o resultado dos espectrogramas), como extrassistêmicos (informações do questionário).

Para tato, lançou-se mão de outro *software* desenvolvido por David Sankoff e Sali A. Tagliamonte, da Universidade de Toronto, para pesquisas Sociolinguísticas, o *GoldVarb X*. O objetivo desta aplicação é respaldar a quantificação dos dados na dinâmica com todas as variáveis envolvidas. O software fornece percentual e peso relativo para a ocorrência do fenômeno em estudo.

A partir da inserção dos dados no *software*, uma análise quantitativa foi gerada, a partir da qual a análise qualitativa se desenvolve. O percurso metodológico aqui descrito é necessário porque “Uma variável linguística precisa ser definida sob condições estritas para que seja parte de uma estrutura linguística [...]” (WEIRREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107). A comprovação da existência da variação precisa, portanto, de regras bem descritas, capazes de comprovar a existência de regularidade na variação.

Apontamentos sobre a nasalização de vogais na fala manauara

Em seu trabalho, distante deste mais de vinte anos, Barbosa (p. 99, 1995), afirmou que, na fala manauara, “[...] poucos são os casos que não registram nasalização de um som vocálico seguido de consoantes nasais”, nele também pontuou a necessidade de promover o aprofundamento da questão, de modo a definir os domínios da nasalização variável no âmbito da comunidade de fala manauara.

Esta dissertação se dedicou a abordar a nasalização, considerando a sua natureza variável no âmbito do PB, adotando, para isso, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de Labov, para dar conta dos aspectos tangentes ao uso da língua na dinâmica social. Além disso, no tangente à análise sistemática do trabalho, tomou-se a Fonologia Autossegmental como modelo para as interpretações dos fenômenos registrados, especialmente para tratar dos aspectos do espalhamento do traço [nasal] da consoante tanto para vogais adjacentes, como para vogais em sílabas não contíguas.

As análises contaram com o auxílio dos *softwares Praat e Goldvarb X*, de modo a aplicar o primeiro na observação auxiliar da aplicação, ou não, da nasalização variável, e o segundo para a quantificação dos dados de modo a verificar o peso relativo das variáveis no pacote da variação.

A análise dos materiais coletados resultou em duas vertentes de interpretação dos dados: a intrassistêmica, a qual avaliou os dados do ponto de vista do sistema linguístico, considerando o traço [nasal]

na relação com os demais segmentos sonoros; a extrassistêmica, que observou a dinâmica da variável dependente em relação aos processos sociais que podem influenciar os sistemas linguísticos.

Assim sendo, a primeira linha de análise indicou que, quando a variável dependente está em contexto de sílaba tônica e sílaba subtônica, sua tendência é a realização pela forma da nasalização. Uma vez inserida em contexto de sílabas não tônicas, a tendência pela não nasalização registrou um aumento.

A contiguidade com o fonema consonantal bilabial /m/ indicou um fator de realização da variável dependente pela forma da não nasalização. Em relação à palatal [ɲ], foi registrada realização na forma do glide /ỹ/ ou o seu apagamento, ocorrido na junção com a vogal alta anterior [i].

A hipótese de explicação para este fenômeno considerou que [ɲ] e [ĩ] apresentam o ponto de articulação semelhante, conforme aponta WEISS (1988), já que ambas são palatais, de modo que é possível, pelo processo de evolução das línguas, que o ponto palatal da sílaba tônica, exercido pela vogal, tenha dominado e assimilado a consoante, de modo que o seu traço nasal também acabou sendo absorvido pela vogal adjacente ou assumido o papel de um glide.

A fala manauara também apresentou um processo de desnasalização das variáveis localizadas ao final das palavras, em contextos de sílabas não tônicas.

Outro aspecto para o qual se buscou coletar material diz respeito à vogal [i] ocupando a posição de núcleo em sílabas iniciais de palavras. Os processos relacionados a essa ocorrência demonstraram como fatores favorecedores de nasalização de vogais: a junção com consoantes laterais e vibrantes, a harmonia nasal, a monomorfia dos prefixos latinos indicadores de negação e a lexicalização. Estes fatores analisados em perspectiva permitem afirmar que fala manauara apresenta processos em prol da construção de simetrias.

Por fim, os aspectos intralinguísticos demonstraram que a nasalização variável também pode ser um recurso aplicado para distinção de formas foneticamente semelhantes.

Retomando os blocos de análise quanto aos fatores extrassistêmicos, as reflexões sobre o material coletado levaram à conclusão de que:

- 1) Os homens apresentam maior tendência em realizar a variável dependente pela forma da nasalização.

2) A realização da variável dependente pela forma da nasalização é um fenômeno mais frequente entre os mais velhos, pertencentes à segunda faixa etária.

3) A realização variável é associada a uma concepção menos prestigiada de uso do PB, ou menos associada ao padrão de escolarização mais baixo. Aspecto corroborado pela variável gênero, uma vez que as mulheres são mais conservadoras e mais associadas aos padrões formais de uso da língua e aplicam a nasalização com menor frequência.

A pesquisa científica nunca se esgota. Ao contrário, ela aponta para novas perspectivas de abordagem da temática estudada. Ao término deste trabalho, é possível perceber outras possibilidades de estudo da nasalização variável, ao abordar, por exemplo, a nasalização no âmbito da área rural de Manaus ou na região Metropolitana da capital. Também a possibilidade de analisar aspectos relacionando especificamente a nasalização variável e a estrutura da sílaba, mantendo a abordagem Autossegmental.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; PAGOTTO, Emílio Gozze. Nasalização do português no Brasil. *In: KOCH, Ingedore G. Vilaça (org.). Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 491-519. v. VI.
- BARBOSA, Lenise Pereira. *Fonologia: a fala amazonense e sua influência no ensino de inglês*. Manaus: UA, 1995.
- BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. *In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S (orgs.). Gramática do português falado: novos estudos descritivos (Volume VIII)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. (p. 501-535).
- BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica: Introdução à Teoria e à Prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. Ph. D. thesis Edimburgo: University of Edimburgh, 1977.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAPISTRANO, Karine Oliveira. Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética. *Rev. de Letras*, n. 26, v. 1/2, p. 60-69, jan./dez. 2004.
- CHOMSKY, Noam Avram; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, George Nick. The geometry of phonological features. *In: Phonology Yearbook*. 1985, v. 2, p. 225-252.

- COSTA, C. P. *Apyngwarupigwa: nasalização em Nhandewa-guarani*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- COSTA, Consuelo Paiva Godinho, MALTA, Cinthia. Nasalização em Português Brasileiro: uma (re)visão autossegmental. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 18/1, p. 132-156, jun. 2015.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*, 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- DUARTE, Yara; TEIXEIRA, Raquel. O processo de nasalização das vogais em português sob o enfoque da fonologia gerativa. *Letras hoje*, v. 14, n. 3, 1979.
- DURVASULA, Karthik. *Understanding nasality*. University of Delaware, 2009. Dissertação para obtenção do grau de Doctor of Philosophy in Linguistics.
- KENT, Ray D.; READ, Charles. *Análise Acústica da fala*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEVY, Joseane Medeiros. *A nasalização de vogal fechada anterior [i], em contextos não nasais*. Manaus, 2017. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Universidade do Estado do Amazonas.
- MEDEIROS, Beatriz Raposo de. Vogais nasais do português brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. *Revista Letras*, Curitiba, n. 72, p. 165-188, maio/ago. 2007.
- MEDEIROS, Beatriz Raposo de, DEMOLIN, Didier. Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 131-142, dez. 2006.

- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MORAES, João Antônio de; WETZELS, W. Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 153-166, jul./dez. 1992.
- SANTOS, Tatiana Belmonte dos. *Descrição da nasalidade no município de Barreirinha, comunidade do Andirá, no Amazonas*. Manaus, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- TRUBETZKOY, Nikolay Sergejevich. *Principles of Phonology*. Translated by C. A. M. Baltaxe. Paris: Klincksieck, 1969.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

INTRODUÇÃO

O comportamento variacionista das fricativas no português brasileiro ocorre em diversas regiões do país como pode ser observado no trabalho de Rodrigues, 2012. No norte do Brasil esse fato não é diferente, pois percebe-se diariamente, em situações concretas de comunicação, a substituição das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] pela fricativa glotal [h] na produção da fala manauara. Porém, pelo fato de Berçot-Rodrigues (2014) e Amaral (2016) já terem estudado esse fenômeno fonético na cidade, decidiu-se, neste trabalho, propor um novo recorte,, verificando se o processo presente na oralidade ocorre também na ortografia. Assim, propõe-se analisar a ocorrência de substituição das fricativas [ʃ] e [ʒ] pela fricativa [h] na escrita de manauaras.

Para essa análise, optou-se pela abordagem teórica da Sociolinguística Variacionista, ou Laboviana, a qual tem como princípio teórico relacionar a ocorrência de fenômenos linguísticos com variáveis extralinguísticas como sexo, idade, escolaridade, etc.

O grupo de análise escolhido para aplicação de questionário para a coleta de dados foi de alunos de uma unidade de um Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA, da cidade de Manaus, uma vez que esse espaço formal de educação oferece uma ampla oportunidade de coleta de dados, pois é frequentado por alunos de variadas faixas etárias e escolaridade.

Eleito o objeto e o grupo de investigação, este estudo estabeleceu, como objetivos de pesquisa, verificar a ocorrência, ou não, do fenômeno linguístico investigado, na escrita dos alunos selecionados; definir o perfil social do informante, caso a ocorrência seja confirmada; analisar sobre qual posição silábica o fenômeno mais incide e que tipo de ambiente fonológico propicia a ocorrência.

A apresentação deste estudo, em sua primeira seção, inicia-se com o aporte teórico que fundamenta essa análise, abordando os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e seus

principais estudiosos; na sequência, descreve-se o percurso da variação das fricativas no português brasileiro dos pontos de vista histórico e geográfico; e, por último, discorre-se sobre a relação fala/escrita, evidenciando que o apoio na oralidade é o fator de ocorrência do fenômeno em estudo. Já na segunda seção, apresenta-se um detalhamento a respeito da metodologia utilizada para a coleta de dados da pesquisa, e, por último, dedica-se à análise e discussão dos resultados, seguida das considerações finais.

APORTE TEÓRICO

Sociolinguística e Teoria da Variação

A Sociolinguística tem origem em um contexto interdisciplinar do início do século XX quando dos estudos da Antropologia Linguística, que entendia a linguagem em seu âmbito social, de modo que língua, sociedade e cultura eram considerados fenômenos indissociáveis. Embora visível a ascensão dos estudos linguísticos que englobavam em sua descrição aspectos culturais e sociais, foram os de abordagem formalista, isto é, os estruturalistas e gerativistas, que continuaram ganhando força.

Para fazer um breve retrospecto dos estudos formalistas, aborda-se o estruturalismo, o qual se estabelece norteado pela publicação do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma do linguista suíço Ferdinand de Saussure, em que a língua era entendida como um sistema. Nessa perspectiva de estudo, o funcionamento do sistema linguístico deveria ser explicado por meio do estabelecimento de suas unidades e de suas relações estruturais. Esses estudos alcançaram grande repercussão, consolidadas por meio dos Círculos Linguísticos europeus, que propuseram vários modelos teóricos estruturalistas.

Nos Estados Unidos da América, a vertente do Estruturalismo norte-americana se origina dos trabalhos de Leonard Bloomfield, com a publicação de *Language* (1933), em que o autor apresenta uma descrição da linguística estruturalista americana. Os estudos que seguiram a tradição blomfieldiana foram imensamente produtivos na descrição das línguas indígenas americanas, sobretudo. Confrontando esse projeto estruturalista, grandemente influenciado pelo modelo behaviorista e guiado por princípios teóricos e metodologia de natureza mecanicista e empírica, Noam Chomsky publica *Syntactic Structures* (1957), inaugurando um novo paradigma de estudos linguísticos, que

se torna conhecido como Gerativismo. Esse modelo teórico formal tem por objetivo descrever e explicar como funciona a linguagem humana, propondo que a capacidade humana de falar e entender uma língua é resultado de um dispositivo inato, conhecido como a faculdade da linguagem. Assim reconheceu a existência de uma Gramática Universal, constituída por princípios gerais e parâmetros, os quais são selecionados pelas línguas, em particular.

As abordagens teóricas de cunho estruturalista e gerativistas, conhecidas como formalistas, interessavam-se em estudar o sistema da língua em si. Entretanto, outro paradigma teórico surge para estudar também a articulação entre sistema da língua e seus usos.

É nesse meio que emergem e florescem os estudos da língua, focalizando seus usos. Mas foi em 1966, quando Bright, em uma publicação de estudos sob o título de “Sociolinguísticas”, derivada de um congresso realizado na Universidade da Califórnia, definiu e caracterizou a Sociolinguística quando afirmou que a proposta dessa nova área de estudo era “(...) demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais”, ou seja, apresentar a característica isomórfica da relação língua e sociedade (BRIGHT, 1974, p. 34, *apud* ALKMIM, 2003, p. 28).

Para a Sociolinguística o objeto de estudo eram os sujeitos reais, enquanto que, para Chomsky, o objeto de estudo dos estudos linguísticos eram os sujeitos ideais, isto é, compreendido em sua competência linguística do falante-ouvinte ideal que pertence a uma comunidade homogênea. Porém, o falante-ouvinte ideal seria o indivíduo cujas faculdades comunicativas estão em perfeito estado de funcionamento, fazendo bom uso delas, ou seja, este é capaz de estabelecer comunicação (entendendo e fazendo-se entender) e, não só isso, um sujeito que se identifica social e culturalmente com um ou mais grupos e se reconhece como membro deste/destes. Além disso, como uma comunidade pode ser entendida como linguisticamente homogênea se, onde há língua há variação?

Apesar de Saussure ter considerado a língua como produto social (CLG, p. 41), ele priorizou uma visão da língua como “um todo por si”, um sistema de natureza imanente, ou seja, segundo a teoria “dá-se como certo o caráter social da língua e se passa a outra coisa, a uma linguística formal, a língua ‘em si mesma e por si mesma” (CALVET, 2002, p. 15). E Chomsky não fez diferente, ele argumentou que a ciência linguística “deveria ocupar-se com o estudo da competência, e não restringir-se ao desempenho” (WEEDWOOD, 2002, p. 133). E desempenho, de acordo com o linguista norte-americano, nada mais

é que o uso efetivo da língua em situações reais de uso, logo, a fala. É então, justamente, o vácuo entre língua (ela propriamente falada) e sociedade que a Sociolinguística preencheu.

Dessa forma, em 1964, ano do marco sociolinguístico, William Bright anunciou, no caderno de publicações já mencionado, os fatores definidos socialmente com os quais se supõe que a diversidade linguística se relacione. São eles: identidade social do emissor, ou falante; identidade social do receptor, ou ouvinte; o contexto social e as atitudes linguísticas, ou seja, “o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico sobre os outros” (ALKMIM, 2003, p. 28-29). Contudo, o ponto de partida para o estudo sociolinguístico é a comunidade linguística, e essa não pode ser entendida simplesmente como um grupo em que os indivíduos compartilham do mesmo código linguístico, mas sim, como um conjunto de pessoas que possuem hábitos e costumes ou uma identidade específica que os caracterizem como um coletivo singular, pois “o objeto de estudo da sociolinguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico” (CALVET, 2002, p. 108). Na Sociolinguística, a delimitação desse grupo vai depender do alcance do estudo, pois se pode analisar desde grandes comunidades de fala, como a cidade de São Paulo, Belém, Tóquio, Maceió, como comunidades menores como a dos caiçaras do litoral do Rio de Janeiro, um grupo de indígenas de venezuelanos em Manaus, a comunidade LGBTQ do Ceará, entre outros.

A primeira constatação que se faz ao se estudar uma comunidade linguística é a existência de variação, pois nenhuma língua apresenta-se de forma homogênea: “língua e variação são inseparáveis” (ALKMIM, 2003, p. 33). Por variação, entende-se o fenômeno em que são encontradas mais de uma forma de dizer a mesma coisa em uma língua específica. À essa forma dá-se o nome de “variante”, e a um conjunto de variantes nomeia-se de “variável”.

As variações podem ser geográficas (diatópicas) ou sociais (diastráticas). A primeira caracteriza variações que se distinguem no espaço geográfico, como, por exemplo, as diferenças de pronúncia do [r] paulistano e do [r] carioca; a forma “muriçoca” usada no Sudeste, e “carapanã”, utilizada no Norte, para se referir a “mosquito” de uma maneira geral. Já a variação social considera fatores como classe social, idade, sexo e contexto social na relação com as variantes. Como exemplo de variação considerando classe social ocorre, no Brasil, segundo Alkmin (2003), o fenômeno da troca do l pelo r, em encontros

consonantais, como “grobo”, no lugar de “globo”, e “brusa”, ao invés de “blusa”, pois o modo de falar com o r, nesses casos, designa um falante de classe socioeconômica inferior e, a segunda, de classe superior.

Em relação ao fator idade, citam-se as diferenças de falas entre as gerações, como as gírias empregadas pelos jovens e não entendidas pelos mais idosos. Quanto ao fator sexo, Alkmim (2003, p. 36) dá o exemplo da língua japonesa em que, além do pronome “eu”, que é comum a ambos os gêneros, ainda existem as formas alternativas “atashi”, usada somente por mulheres, e “boku”, usada somente por homens. Já contexto social diz respeito às mudanças linguísticas que variam de acordo com a situação social que o falante se encontra, ou seja, diz respeito às diferenças no seu comportamento linguístico, por exemplo, um comportamento linguístico empregado ao falar com amigos e, em contraste, ao utilizado para falar com o chefe, no ambiente de trabalho.

Sobre variação linguística e estrutura social, a coexistência das variedades mostra pares de classificação de variantes em razão de seu valor em determinada sociedade. Essas classificações ocorrem da seguinte forma: padrão versus não padrão; conservadora versus inovadora; de prestígio versus estigmatizada, decorrem da atribuição de valor determinada pela classe social dominante, pois, segundo Gnerre (1985, p. 4, *apud* ALKMIM, 2003, p. 39), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘vale’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale o reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

A Sociolinguística Variacionista é a teoria sobre a qual este estudo se assenta, dito isso, autores como Labov e Tarallo subsidiam as perspectivas teórica e metodológica empregadas para a coleta dos dados e análise do fenômeno da variável fricativa na escrita de estudantes manauaras.

Em 1966, quando a publicação de seu estudo sobre a estratificação do [r] na cidade de Nova Iorque, William Labov estabeleceu um modelo de descrição e interpretação de dados do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, que veio a ser conhecido como Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação. O recorte do vernáculo feito pelo linguista, como se viu, foi a variação do [r] (ausência e presença), e como comunidade escolhida, o cientista elegeu a de vendedores de três grandes lojas da cidade norte-americana: *Saks*, *Macy’s* e *Klein*. Cada uma delas possui o seguinte *status* social: a primeira é uma loja frequentada por clientes da classe superior; a segunda, pelos de classe média e, a terceira, de classe inferior. Essas lojas foram assim delimitadas

a partir de critérios de análises feitas pelo próprio pesquisador, incluindo a localização das lojas e o perfil da clientela.

Partindo da definição do sociólogo Bernard Barber, que diz que “a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social” (BARBER, 1957, *apud* LABOV, 2008, p. 64), Labov entendia que “os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral” (LABOV, 2008, p. 65), ou seja, resumidamente, a estratificação social leva à uma estratificação linguística. Isso fez o linguista lançar a seguinte hipótese geral referente ao seu estudo: “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)” (LABOV, 2008, p. 65).

Uma vez selecionado o grupo e a variável a ser estudada, faz-se necessário um método de coleta de dados. Dependendo do fenômeno que se pretende estudar, a coleta se diferencia. Uma variável morfológica como a ausência do [s] plural no português brasileiro, por exemplo, é muito mais frequente na fala que uma variável sintática, embora a presença ou ausência do –s se faz no arranjo morfossintático. Por isso, seria necessário, para essa última, uma quantidade de dados maior para resultados mais representativos (TARALLO, 2007, p. 20). O tipo de variável a ser estudada também vai determinar o método da coleta de dados. Labov, em seu estudo, limitou-se a uma simples abordagem onde a pergunta feita pelo pesquisador ao entrevistado buscava como resposta uma produção de fala que contivesse a variável a ser estudada. Obtida essa resposta, o pesquisador se retirava para uma área da loja de modo a escapar da visão do vendedor a fim de “tomar nota” acerca do que foi analisado na produção de fala. É importante salientar que “o propósito do método sociolinguístico é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados” (TARALLO, 2007, p. 21). No caso da pesquisa de Labov, o autor mesmo explica que, para as entrevistas, vestiu-se “à moda da classe média e usava sua pronúncia normal de universitário (...)” (LABOV, 2008, p. 70).

Mas, para casos em que seja necessário grande volume de dados, é aconselhado o uso de um gravador. E, a fim de neutralizar o efeito de sua presença, Tarallo (2007) aconselha a coleta de dados a partir de narrativa de experiência pessoal, a qual pode ser guiada por um roteiro, a fim de que o entrevistado não se desvie do propósito da pesquisa.

Também pode ser coletada uma narrativa pessoal, do tipo de discurso, na qual o falante se envolve emocionalmente, de modo que o fato de se tratar de uma entrevista não interfira no automonitoramento da fala.

Após a coleta de análise de dados da pesquisa de Labov, este afirma que os resultados, nas referidas lojas, mostram a estratificação do (r) nítida e coerente, conforme a hipótese geral anunciada no início da pesquisa (LABOV, 2008, p. 71), ou seja, os vendedores da *Saks* pronunciam mais o r, e o número de pronúncia pelos informantes vai diminuindo de acordo com a classificação de *status* de cada loja. Dessa forma, podemos presumir que a pronúncia do r do inglês de Nova Iorque, no contexto silábico analisado, corresponde à fala padrão, conservadora e de prestígio, enquanto que a ausência do r é marca de fala não padrão, inovadora e estigmatizada.

Como a pesquisa sociolinguística considera fatores extralinguísticos na variação, Tarallo sugere a sistematização das células sociais, ou variáveis sociais, por meio de códigos, a fim de facilitar e organizar os dados.

1. Organização em código dos grupos socioeconômicos, e de sexo por definição própria, reproduzida de A pesquisa sociolinguística, de Fernando Tarallo, 2007, p. 28.

Grupo socioeconômico: A e B (2 células);
Sexo: Masculino e Feminino (2 células).

2. Classificação etária do informante organizada por grupo advinda de A pesquisa sociolinguística, de Fernando Tarallo, 2007 (p. 29).

Grupo 1: de 15 a 29 anos;
Grupo 2: de 30 a 45 anos;
Grupo 3: de 46 a 60 anos.

Para o caso de uso das três variáveis sociais em uma pesquisa, o autor mostra as combinações possíveis conforme Figura 3 abaixo.

3. Possibilidade de combinação das três variáveis exemplificadas advinda de obra A pesquisa sociolinguística, de Fernando Tarallo, 2007 (p. 29).

SEXO	CLASSE	IDADE
1. Masculino	A	15 a 29 anos
2. Masculino	A	30 a 45 anos
3. Masculino	A	46 a 60 anos
4. Masculino	B	15 a 29 anos

5. Masculino	B	30 a 45 anos
6. Masculino	B	46 a 60 anos
7. Feminino	A	15 a 29 anos
8. Feminino	A	30 a 45 anos
9. Feminino	A	46 a 60 anos
10. Feminino	B	15 a 29 anos
11. Feminino	B	30 a 45 anos
12. Feminino	B	46 a 60 anos

Como se pode constatar, para o caso exemplificado, existem 12 possibilidades de combinação a partir de duas variáveis socioeconômicas, duas variáveis referentes a sexo, e três variáveis etárias. Para um caso como esse, Tarallo sugere o mínimo de cinco informantes para cada combinação, pois esse número garantirá resultados significativos e representatividade da amostra.

Labov, em sua pesquisa, avalia fatores extralinguísticos como raça, idade e ocupação do informante. Neste estudo, estes fatores são considerados na análise proposta. Para tanto, na sequência, adentra-se ao fenômeno de variação referente às fricativas no português brasileiro.

A variação das fricativas no português brasileiro

Para tratar desse tópico, inicialmente, faz-se menção ao artigo publicado pela pesquisadora Ana Germana Pontes Rodrigues, na *Web-Revista Sociodialeto*⁴³ de 2012. A autora faz uma compilação dos estudos de maior relevância sobre a realização variável das fricativas no português brasileiro, apresentando também uma breve descrição das fricativas no latim. Com esse intuito, são citados Aguiar (1937), Bueno ([1955] 1967), Silva Neto (1975), Macambira (1987), Roncarati (1988, 1999), Alencar (2007), Aragão (2000, 2009), Canovas (1991) e Pelicioli (2008). Rodrigues (2012) inicia citando o estudo de Silva Neto (1979), o qual registrou a variação do /s/ pós-vocálico desde o latim. Segundo o autor, mesmo o poeta romano Catulo⁴⁴ já considerava a variação (manutenção ou perda) do -s final, quando antecedido de vogal e precedido de palavra iniciada por consoante. Posteriormente,

⁴³ A Web-Revista Sociodialeto é uma publicação do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos – NUPESDD, da Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul – UEMS. O estudo citado foi publicado no volume 2 da revista, número 1, edição de julho de 2012.

⁴⁴ Caio Valério Catulo foi um poeta romano do século IX a.C.

ainda no Latim, a presença do -s passou a ser considerada a pronúncia padrão que, segundo Silva Neto, sofreu motivações histórico-sociais.

Já a aspiração se trata de um fenômeno mais recente: “a pronúncia aspirada parece ser um fenômeno do romance, embora, provavelmente, no latim, a aspiração representada pelo h inicial de morfema como em *hodie* > hoje não tenha chegado às línguas neolatinas” (RONCARATI *et al.* [1998], *apud* CANOVAS, 1991, p. 32). Esse fenômeno é caracterizado pelo enfraquecimento, ou lenição articulatória, que juntamente com a palatização, caracterizam a evolução do sistema consonantal do latim para o português (TARALLO, 1990, p. 208). Mas esse fenômeno não parou por aí, pois o /v/ também tem mostrado uma tendência ao enfraquecimento sendo produzido de forma aspirada /h/. Assim, percebe-se que a realização variável de fricativas, principalmente do /s/ pós-vocálico, vem desde o latim arcaico e tanto as variações quanto a aspiração apresentam razões tanto propriamente linguísticas, quanto sociais.

Passando para o português brasileiro, bem como para estudos mais recentes sobre as fricativas produzidas no falar cearense, Aguiar (1937, p. 290) identificou a ocorrência de r velar /h/ no lugar de /ʒ/, como em *hente* (gente), *hiro* (giro), *hanela* (janela), *hogar* (jogar) e *humento* (jumento) no falar rústico e infantil. No dialeto popular, ainda segundo o autor, o s passa a r antes de d e de consoante nasal como em *ur-dia* (os dias), *derde* (desde), *mermo* (mesmo), *ur-nome* (os nomes), e ocorre o apagamento de -s final de palavras. O v também passou a r na pronúncia rústica e infantil (*estaha*, *ahia*, *hamo*, *cahalo*, *fahia*, *fahenda*, respectivamente, estava, havia, vamos, cavalo, fazia, fazenda). O z também passou a r na fala infantil e popular (*fahê*, *fahia*, *fahenda* - fazer, fazia, fazenda), podendo esse ser detectado até na “fala descuidada de pessoas cultas (*mah-eu*, *mah-é-isso* - mas eu, mas é isso).

Silveira Bueno ([1955] 1967) afirma que, em alguns lugares do Brasil, o enfraquecimento é caracterizado, principalmente, no falar de pessoas de baixo intelecto, (representando o pensar característico dessa época quanto à variação):

Há no Norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um r gutural [...]. De estudos por nós feitos em vários meses de observação nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, notamos que, em muitas pessoas, mormente quando o nível intelectual é inferior, este r gutural já se vai transformando em pura aspiração representada pelo h ou pelo j em espanhol (p. 22).

Dos trabalhos mais atuais sobre variação, faz-se referência ao de Roncarati (1989) que relaciona fatores de controle lexical e condicionantes linguísticos à aspiração e ao apagamento das fricativas /v, z, ʒ/ na fala cearense. A autora afirma que a posição pós-tônica e a usualidade da desinência do pretérito do indicativo *-ava* e dos itens *mesmo* e *gente* favorecem a aspiração (*botaha* ao invés de *botava*) e o apagamento (*meØmo* e *Øente*, no lugar de *mesmo* e *gente*). As consoantes /l, n, d, m/, de maior durabilidade sonora, também favorecem a aspiração quando associadas a *mais* e *mesmo* (*maih ligado*, *maih novo*, *gosta maih de ler* - mais ligado, mais novo, gosta mais de ler). Com palavras em que ocorre o som de /ʒ/, em posição inicial, a que mais sofre enfraquecimento é o advérbio *já* (*há*). Ainda neste estudo, ao aplicar-se um teste de atitudes, revelou-se que o enfraquecimento das fricativas é favorecido em situação de fala informal e que este fenômeno também é uma marca masculina. Também apontou que, na fala dos adultos, o fenômeno do enfraquecimento das fricativas é mais frequente, e que há uma forte relação entre a ocorrência desse tipo de enfraquecimento e a origem do falante. Ainda constatou que quanto mais for usual um item lexical, mais seu enfraquecimento é aceito pela comunidade de fala.

Em um estudo sociodialetoal do falar de Fortaleza realizado por Alencar (2007), foi analisada a realização dos róticos /r/ e /r/, no qual o autor constatou a realização desses como variante das fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/ em determinados contextos. O corpus foi constituído por 24 informantes moradores de diferentes bairros da capital cearense, distribuídos em duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos), dos gêneros feminino e masculino e de graus de escolaridade divididos em ensino fundamental e ensino superior. Os resultados mostraram o enfraquecimento de /v/ para /h/ em posição inicial e medial, em nomes e verbos, sendo mais frequente com a vogal /a/, com maior número de ocorrência na desinência do pretérito imperfeito do indicativo *-ava* (*brinca[h]am*), além da forma verbal IR (*[h]amos*). Em /z/ a reificação se dá em posição medial seguida de consoante vozeada (*me[h]mo*, *de[h]de*) e em posição final sob a mesma condição (*fai[h] muita*). Já a reificação de /ʒ/ realizou-se em maior número quando antecedia as vogais /a/ e /ẽ/ em início de palavra (*[h]á* e *[h]ente*).

Finalizando, a autora traça a seguinte consideração:

A “reificação” das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB (ALENCAR, *op. cit.*, p. 138).

Para um estudo da neutralização⁴⁵ dos fonemas /v, z, ʒ e r/ e sua realização aspirada [h], ainda no Ceará, Aragão (2009) utilizou um corpus composto por entrevistas, conversas espontâneas e IMP (interação médico-paciente), pertencentes ao projeto Dialetos Sociais do Ceará. Considerou-se a estrutura interna da palavra, as variáveis de sexo masculino e feminino, três faixas etárias (de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos), três níveis de instrução escolar (primário, ginásio e 2o grau) além de duas classes sociais (média e baixa). Para dados coletados do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) - Ceará (Fortaleza), as variáveis sociais foram distribuídas também em sexos masculino e feminino, faixas etárias de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos, e grau de escolaridade até a 4a série do Ensino Fundamental e Ensino Superior. Os resultados apontaram para aspiração, quanto aos fatores internos, em contextos de vogal seguinte ([ka'hãlʃ] para cavalo), posição inicial ([hãmʃ] para vamos, [hʃmẽtʃ] para jumento) e posição medial ([mehmʃ] para mesmo, [ĩhẽhnʃ] para inverno); quanto aos fatores sexo, faixa etária e escolaridade, todos realizaram neutralização e aspiração, e o que marcou a variação foram questões relativas às situações como formalidade/informalidade, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado. Concluindo, a pesquisadora afirma que o fenômeno é uma marca do falar cearense tendo em vista sua ocorrência em todos os segmentos sociais analisados, sendo, portanto, um fenômeno fonético-fonológico e sociodialetal.

Em Salvador, Canovas (1991) analisou a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z e ʒ/ em posição de ataque silábico na fala coletada em gravação de caráter semi-informal, de 45 informantes distribuídos em três níveis de escolaridade (1o, 2o e 3o graus), três faixas etárias (13 a 20 anos, 21 a 45 anos e 46 a 70 anos); além disso, analisou entrevistas de TV com 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 e 60 anos, em situação de fala normal. Com isso, conclui que ocorre o predomínio da pronúncia alveolar [s, z] em todos os contextos, exceto quando precedida por /m/ e /l/, no qual a forma aspirada superou, por exemplo, na pronúncia da palavra “mesmo”:

⁴⁵ Perda da função distintiva entre fonemas.

([‘mehm̩]). Também diante de /g, d e b/ ocorreu aspiração, embora em menor número para a alveolar. Dessa forma, a autora conclui que consoantes sonoras favorecem a aspiração e que o processo de enfraquecimento de /v, z e ʒ/ encontra-se em fase inicial.

Ainda em Canovas, as variáveis sociais da pesquisa apontam para o uso da forma alveolar, ou seja, do /s, z/, pelos informantes de nível superior, e que a variação do /S/ pós-vocálico caminha para o apagamento. Os informantes de maior escolaridade foram os que mais aspiraram e apagaram /v/, enquanto que sua realização plena se deu mais pelos informantes de 2o grau, seguidos pelos de 1o e 3o, respectivamente. Quanto à idade, os falantes da faixa etária intermediária foram os que mais utilizaram a alveolar [s, z], seguidos pelos da faixa etária mais velha e, por último, a mais jovem, que utilizou mais as palatais [ʃ, ʒ]. Portanto, o apagamento ocorreu mais entre os mais jovens, enquanto que a aspiração é registrada em todas as idades. Neste estudo a autora não considerou o fator sexo por constatar que o informante do sexo feminino aponta um comportamento linguístico conservador.

Em um estudo sobre a palatalização de fricativas /s/ e /z/ no português brasileiro realizado por Dermeval da Hora com dados do projeto NURC, APERJ e VALPB, os resultados apontam para predomínio da realização de [s] em São Paulo e Porto Alegre; em Recife e Rio de Janeiro registrou o predomínio [ʃ, ʒ]; em Salvador, [s] e [ʃ, ʒ] se distribuem homogeneamente (45% e 44% respectivamente). No caso de /S/ pós-vocálico em Brasília, o maior número de realização se deu com alveolar (97%), seguido de aspirada (2%) e zero fonético (1%).

No Norte do País, o trabalho de Carvalho (2000) analisa a variação do /S/ pós-vocálico na fala dos belenenses a partir da fala de 42 informantes estratificados em sexo masculino e feminino (21 informantes para cada), não escolarizados, ensino fundamental completo/incompleto e ensino médio completo/incompleto; faixa etária de 15 a 25 anos, de 26 a 46 anos e acima de 46 anos; classe social média e baixa. Considerando essas variáveis e as realizações alveolares, palatais, aspirada e apagamento, os resultados apontaram para o uso da palatal pelos mais escolarizados; aspirada e apagada para os não escolarizados, havendo equilíbrio entre as variantes pelos que tinham o 1o grau completo; os homens realizaram tanto a pronúncia aspirada quanto apagada, enquanto as mulheres utilizaram as palatais e alveolares. Os mais jovens realizaram as variáveis de forma equilibrada; a faixa etária intermediária utilizou

apenas a palatal e os mais velhos foram os que mais aspiraram. A autora conclui que, em Belém, predomina o uso da palatal considerada a variante de prestígio.

No Amazonas, nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant, o comportamento do /S/ pós-vocálico foi investigado por Martins (2007). De forma geral, há o predomínio da forma pós-alveolar surda e sonora [ʃ, ʒ] em Barcelos, Itacoatiara e Parintins, cujo, neste último, a realização do /S/, em posição medial, que predomina, na faixa etária de 36 a 55 anos, é a aspirada. Em Tefé, a aspiração se destacou na faixa etária de 18 a 35 anos. Nos demais municípios a maior produção se deu como alveolar /s/.

Como se pode observar por meio dessa breve explicação, a variação das fricativas no português brasileiro é riquíssima, pois varia em diferentes formas, principalmente quanto à realização do /S/ pós-vocálico, e esse fenômeno possui características particulares nas diversas partes do País. Isso mostra que, apesar da grandeza dimensional do Brasil, ainda estamos conectados pela língua portuguesa brasileira, com toda a sua variedade, desde as grandes cidades do Sudeste do Brasil até os pequenos municípios do interior do Amazonas.

Desvios ortográficos: o apoio na oralidade

Para verificar se há interferência da fala dialetal na escrita de estudantes manauaras, é necessário abordar a relação entre fala e escrita e compreender os tipos de desvios ortográficos, que podem ocorrer no processo de aquisição da ortografia. Para isso, propõe-se iniciar este momento abordando o que é fonema e a relação entre fonema e grafema. A esse respeito, Evanildo Bechara conceitua fonema como “uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra” e letra como “o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua” (2009, p. 57). Resumidamente, fonema corresponde aos sons da língua e, letra, ou grafema, à forma mínima escrita que representa o som da língua. Dessa forma, pode-se depreender que, no português brasileiro, doravante PB, assim como em outras línguas, a correspondência entre grafema e fonema não é perfeita, ou seja, não há um único correspondente sonoro para cada letra, nem uma letra para cada som.

Saussure (2012) afirma que há dois sistemas de escrita. São eles o ideográfico e o fonético. O sistema ideográfico corresponde a um sistema em que um único signo representa uma palavra e esse signo

não possui relação alguma com os sons que se usam para pronunciá-lo. Isso acontece no Chinês, por exemplo, onde o ideograma e a palavra são, pelo mesmo motivo, signos de uma mesma ideia. Tanto o som utilizado para se referir a determinada coisa, como o ideograma que a representa, carregam o mesmo significado referente a tal coisa. Já o sistema de escrita fonético, ou alfabético, tenta reproduzir a sequência de sons de uma palavra através da unidade mínima da escrita, a letra. Ou seja, diferentemente do sistema ideográfico, o alfabético “não representa diretamente o significado das palavras, mas sim sua sequência fonológica”, conforme descrevem Nobile *et al* (2009, p. 38).

O sistema de escrita alfabético cobre todas as línguas neolatinas e disso decorre em uma série de complicações para os falantes dessas línguas no processo de alfabetização, uma vez que, como já visto, nesse sistema, não há correspondência perfeita entre letra e som. No PB, por exemplo, a letra “s” pode ter som de /s/ e /z/; já o som [s] pode ser representado graficamente por <s>, <c>, <ç>, <ss>, <xc>, <xs>, <sc>, <sç>, <x> e ainda <z>. Portanto, a alfabetização é um processo necessário, devendo ser rigoroso, a fim de que o aluno compreenda o sistema de funcionamento da escrita da língua a qual pertence.

As etapas pelas quais a criança passa desde a alfabetização “zero” até a plena alfabetização, segundo Ferreira (1985), são a pré-silábica, na qual não há compreensão alguma da relação fala e escrita; a silábica, em que a criança começa a estabelecer relação entre a grafia e o som, reconhecendo uma única letra para cada sílaba; a silábico-alfabética, em que, acrescentando mais letras à sua escrita, começa a compor sílabas com mais de uma letra; e, por fim, a alfabética, em que finalmente a criança passa a reconhecer os sons que compõem as palavras, atribuindo uma letra a cada um deles. Dessa forma, pode-se deduzir que, à medida que o sujeito vai sendo alfabetizado, os erros de escrita, ou “tentativas de acerto”, segundo Bagno (2013), vão diminuindo. Essa dedução é corroborada por Carraher, em um estudo cujo resultado “demonstrou que, com o aumento da escolarização, há uma tendência à diminuição de erros de transcrição de fala, erros por desconhecimento da origem da palavra e erros por dificuldades na escrita de sílabas complexas” (1985, p. 269-285, *apud* NOBILE *et al.*, 2009, p. 41). No entanto, “a descoberta da natureza alfabética do sistema de escrita não implica o domínio das regras ortográficas, uma vez que a escrita alfabética comporta diversas irregularidades do ponto de vista das correspondências entre grafemas e fonemas” (NOBILE, 2009, p. 39).

Sobre os erros ou alterações ortográficas decorrentes da correlação grafema-fonema do sistema de escrita alfabético, Zorzi (1998) elabora as seguintes classificações para caracterizá-los:

a) Representações múltiplas: é quando há alteração ortográfica referente à relação letra-som decorrente da multiplicidade sonora para uma única letra, ou da multiplicidade gráfica para um único som. Exemplos: *bixo* - bicho; *çaudade* - saudade; *cuadra* - quadra; *delísia* - delícia; *nervoza* - nervosa.

b) Apoio na oralidade: quando se escreve a palavra da mesma forma que se fala, ou seja, a escrita aproxima-se de uma transcrição fonética. Exemplos: *mermu* - mesmo; *tisôra* - tesoura; *incino* - ensino; *parêdi* - parede.

c) Omissões: omissão de uma ou mais letras. Exemplo: *pedao* - pedaço; *muto* - muito; *compou* - comprou; *quado* - quadro.

d) Junção-separação: quando uma expressão é composta por mais de uma palavra e é escrita junta, ou o contrário. Exemplos: *porisso* - por isso; *avontade* - a vontade; *em bora* - embora; *a o* - ao.

e) Confusão de -am com -ão: quando uma palavra terminada em -am é escrita com -ão, e vice-versa. Exemplo: *encontraram* - encontrarão; *falarão* - falaram.

f) Generalização: generalização indevida da escrita convencional. Exemplo: *moito* - muito; *polei* - pulei; *mininu* - menino.

g) Trocas surdas/sonoras: confusão entre pares de fonemas que se diferenciam pelo traço de sonoridade. Exemplos: *obricado* - obrigado; *carota* - garota; *peganto* - pegando.

h) Acréscimo: acréscimo de letra indevidamente. Exemplo: *engraçaada* - engraçada; *lar* - lá; *gelor* - gelo.

i) Letras parecidas: quando há semelhança visual entre as letras. Exemplo: *bamho* - banho; *una* - uma; *nedo* - medo; *Alhan* - Allan.

j) Inversão: troca de posição entre letras de uma palavra. Exemplo: *praticipei* - participei; *cardeia* - cadeira; *fiu* - fui; *arcodou* - acordou.

l) Outros: casos que não cabem nos casos anteriores. Exemplos: *vriti* - *vesti*; *flamago* - *flamengo*; *sutrinha* - *sobrinha*; *janguê* - *sangue*.

Observadas essas classificações, a que será examinada nesse estudo é o apoio na oralidade, uma vez que o problema investigado tem sua raiz em uma questão essencialmente fonética: a aspiração como enfraquecimento de fricativas.

METODOLOGIA

Nesta seção, explicitam-se detalhes acerca da escolha da variável estudada, da comunidade de fala, do recorte do fenômeno para análise, bem como do método utilizado para a coleta de dados, dos instrumentos técnicos e questionários, enfim, de todo processo prático inerente à pesquisa de campo.

O interesse de estudo que originou este trabalho foi o desejo de entender o fenômeno de aspiração das fricativas na fala manauara. Porém, por se tratar de um fenômeno que oferece ampla variação de recortes para análise, decidiu-se aqui pela verificação da ocorrência do fenômeno na escrita.

Delimitou-se à análise das fricativas palatais [ʃ, ʒ], variáveis manauaras do arquifonema /S/, em contexto silábico final, para verificar a ocorrência da aspiração na representação gráfica da palavra. Para obter palavras com possibilidade de ocorrência do fenômeno, foi necessária a aplicação de um teste-diagnóstico, simulando uma lista de questões contendo frases e perguntas que estimulassem como resposta a ocorrência de 13 palavras selecionadas pelas pesquisadoras, as quais foram: *leste*, *oeste*, *afastar*, *mais*, *dois*, *três*, *desfazer*, *mesmo*, *castigo*, *poste*, *elástico*, *desde as* e *mastigar*. A elaboração do teste-diagnóstico foi inspirada no *Questionário Fonético Fonológico* (QFF) elaborado por Shanay Freire Berçot-Rodrigues em sua dissertação de mestrado intitulada “A realização da fricativa glotal na fala manauara”, defendida em 2014, na Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Das treze palavras selecionadas, sete delas (*afastar*, *leste*, *mais*, *dois*, *três*, *desfazer* e *mesmo*) pertenciam ao QFF de Berçot-Rodrigues, onde cinco delas (*mesmo*, *mais*, *dois*, *três* e *leste*) foram as que mais sofreram aspiração de acordo com os dados dessa pesquisadora. Já quatro (*oeste*, *castigo*, *elástico* e *desde as*) das treze palavras selecionadas pertenciam ao quadro de *palavras-extras* produzidas pelos informantes desse estudo citado, nas quais foi identificado o

fenômeno da aspiração. As duas palavras restantes (*poste* e *mastigar*), do conjunto das treze, foram selecionadas aleatoriamente.

O teste-diagnóstico foi composto por duas páginas, com uma adicional, que compunha uma espécie de “capa”, contendo um “Formulário de dados pessoais” com os seguintes campos para preenchimento: nome, gênero, idade, endereço residencial, local de nascimento, estado civil, naturalidade do cônjuge, profissão, naturalidade da mãe, naturalidade do pai. O *box* para preenchimento desses dados foi seguido pela observação: “os dados aqui preenchidos e as respostas das questões anexas a esta folha serão mantidos sob total sigilo, pois servirão somente para fins estatísticos de pesquisa”. Para diminuir ao máximo a influência do teste sobre os informantes, não foi inserido nele qualquer tipo de identificação institucional. Também, a fim de reforçar as respostas requeridas, fez-se uso do recurso de projeção de imagens simultaneamente à aplicação do teste.

O teste foi aplicado em sala de aula e, também para reduzir a influência da situação de coleta de pesquisa sobre língua portuguesa, elaborou-se a estratégia de escolher outras disciplinas para a aplicação do instrumento de pesquisa. Para isso, a escola disponibilizou o tempo dos professores da disciplina de Educação Artística para a realização da coleta de dados. Antes da aplicação do teste, foi tida uma conversa com os professores da disciplina sobre a pesquisa e a importância em diminuir os impactos dessa sobre os alunos. Dessa forma, chegou-se à conclusão de que o melhor seria ter uma conversa de conteúdo fictício com os alunos no dia da aplicação do teste, quando o professor falaria que gostaria de aplicar um questionário com os alunos para um trabalho em grupo de sua pós-graduação. Os dados foram coletados nesse contexto por uma das pesquisadoras, que figurou como uma colega que iria auxiliar o professor da sala em sua pesquisa.

Assim, foram escolhidas duas turmas de Ensino Fundamental e duas turmas de Ensino Médio, sendo uma turma vespertina e uma noturna de cada etapa a fim de obter o maior número de dados possível.

O campo de pesquisa foi um Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA, Estadual. Essa seleção foi feita considerando que nesse espaço de aprendizado encontram-se alunos em processo de alfabetização com perfis sociais bastante heterogêneos. Essa heterogeneidade se dá em razão de uma complexidade de fatores de suma importância, mas que não fazem parte, nesse momento, do objeto de estudo aqui estabelecido. Ademais, a escolha também foi feita por se entender a

importância do papel fundamentalmente social, político e ideológico da EJA, bem como da importância do papel social que há na pesquisa acadêmica em compreender os diversos mecanismos pelos quais a sociedade e as políticas públicas operam para o melhoramento, ou não, da garantia e do acesso dos cidadãos aos seus direitos, que devem confluir para o melhoramento da qualidade de vida.

Foram encontradas algumas dificuldades durante a aplicação, pois se percebeu que alguns alunos não sabiam como proceder ao preenchimento do modelo textual que lhes foi apresentado. Mas todo o auxílio foi prestado aos colaboradores desse estudo, ao mesmo tempo em que se evitou influenciá-los quanto às formulações das respostas do teste. Feita a aplicação do teste-diagnóstico, elaborou-se um código de identificação do informante com o intuito de preservar sua identidade. Essa codificação consistiu na escolha aleatória de uma letra do alfabeto romano (escolheu-se a letra “A” maiúscula), seguida de um número cardinal. Dessa forma, resultaram-se os códigos A1, A2, A3,..., A24, A25,..., A72, e assim sucessivamente para identificação dos colaboradores. Cada teste-diagnóstico foi devidamente etiquetado com uma sequência do código com a finalidade de facilitar procedimentos futuros.

Posteriormente, organizou-se uma tabela no programa Microsoft Excel® com os códigos alinhados individualmente em células, em uma coluna, seguidos da transcrição de cada resposta do colaborador da vez, obedecendo a uma sequência horizontal, em que cada resposta era enquadrada na coluna da palavra à qual se referia.

Após, procedeu-se à contabilização das ocorrências, feita manualmente, a partir da tabela supracitada. Com a obtenção dos resultados para cada palavra, organizou-se uma tabela. Registrou-se também as respostas em branco. E, com o auxílio do programa Excel, foi possível elaborar um gráfico de percentagem de todas as ocorrências.

Para traçar o perfil social do colaborador, foi necessário recorrer à tabela de transcrição, localizar as ocorrências do fenômeno e, em seguida, o código do colaborador. Assim, foi possível acessar o formulário de dados pessoais a fim de obter as informações pretendidas.

Após essa explanação da metodologia, passa-se a discutir os resultados obtidos, por meio das amostras analisadas, comparando com outros resultados apresentados por estudos referentes às análises do fenômeno da variação, a fim de obter uma rica discussão que contribua tanto para a sociedade, em geral, quanto para a comunidade científica e acadêmica, em particular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final das aplicações do teste-diagnóstico, somou-se o total de 91 colaboradores que produziram um corpus composto por 1084 palavras. É importante lembrar que houve respostas deixadas em branco. Do número total de colaboradores, 51 são alunos do Ensino Médio e 40 do Ensino Fundamental. Ainda, os que se identificam com o gênero masculino somam 44 e com o feminino 47.

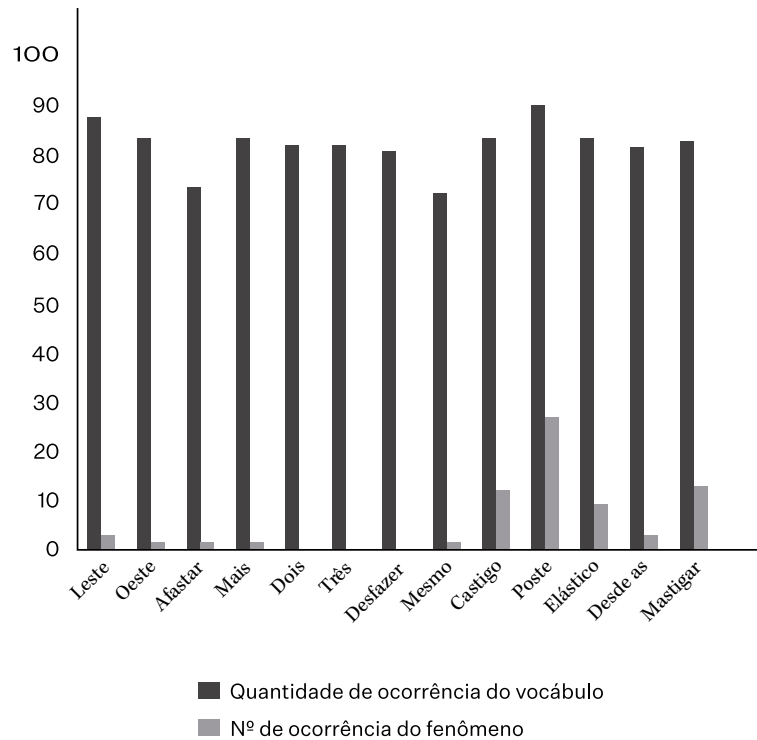
Quanto à reprodução do fenômeno, dos 91 colaboradores, 46 deles, o que corresponde a 50,54%, evidenciaram a ocorrência, na escrita, da variante fricativa glotal, a aspirada, em substituição às fricativas palatais [ʃ, ʒ] o que respondeu positivamente ao questionamento inicial da pesquisa.

Na Tabela 1, apresentam-se o número de respostas e a quantidade de reprodução do fenômeno para cada palavra, seguida do Gráfico 1, em que se demonstram as porcentagens dessas ocorrências, objetivando uma melhor visualização dos resultados.

Tabela 1: Frequência da representação gráfica da reificação das fricativas.

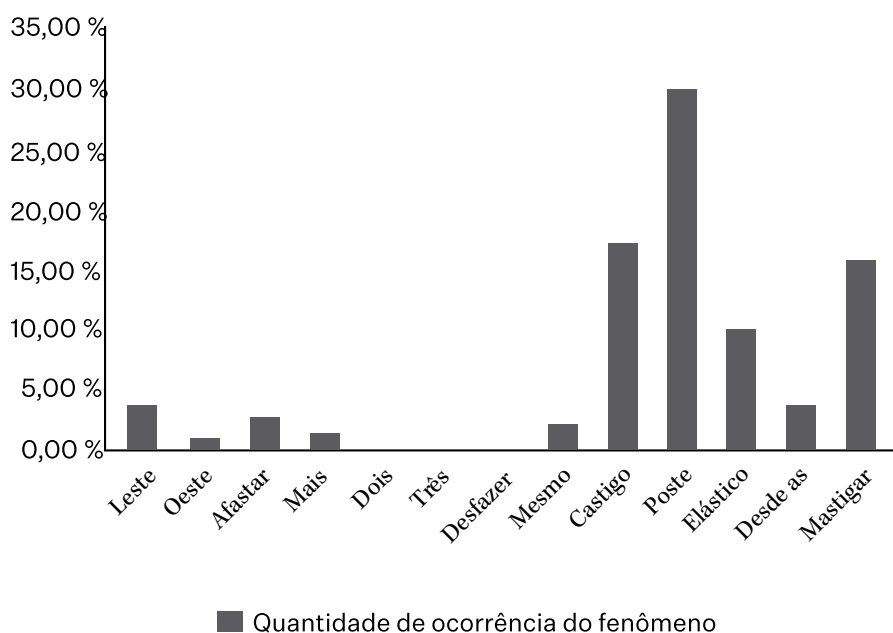
VOCÁBULO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIA DO VOCÁBULO	NO DE OCORRÊNCIA DO FENÔMENO
POSTE	90	27
CASTIGO	86	15
MASTIGAR	85	14
ELÁSTICO	86	9
LESTE	87	3
DESDE AS	83	3
AFASTAR	76	2
MESMO	75	2
OESTE	84	1
MAIS	85	1
DOIS	83	0
DESFIZER	81	0
TRÊS	83	0

Gráfico 1: Quantidade de ocorrência de palavras e quantidade de ocorrências do fenômeno.



Os resultados apresentados evidenciam que, das 13 palavras selecionadas, somente em três delas não houve a ocorrência de interferência da oralidade na escrita, as quais são: *dois*, *três* e *desfazer*. Observa-se que as duas primeiras são monossílabos, com coda preenchida pela fricativa pós-alveolar /ʃ/ - considerando-se aqui o dialeto dos manauaras. Na palavra “desfazer”, a fricativa pós-alveolar /ʃ/ antecede outra fricativa, /f/, o que parece ser um fator contextual para inibir a ocorrência da reificação, considerando a sequência de fricativas. Nas demais palavras, constatou-se o fenômeno, com ocorrência variável, contudo, as três palavras em que houve maior incidência de reificação foram, em ordem decrescente, *poste*, *castigo* e *mastigar*, conforme se atesta no Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentagem de ocorrência do fenômeno.



Observa-se ainda que, das dez palavras que sofrem o fenômeno da reificação representado na escrita, sobre quatro delas há uma incidência superior a 10%: *poste* (30%), *castigo* (17,44%), *mastigar* (16,40%) e *elástico* (10,46%). Nelas, a fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ antecede a oclusiva alveolar surda /t/. Logo, esse contexto fonológico, no caso dos dados analisados, favorece a ocorrência do fenômeno da reificação na escrita dos estudantes da EJA que participaram deste estudo.

Em ambientes em que a fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/, no dialeto manauara, aparece antecedendo consoante sonora, nasal ou oclusiva, no caso das palavras *mesmo* e *desde as*, ocorreu o fenômeno, mas com baixa incidência.

Confirmada a representação gráfica do enfraquecimento de fricativas que ocorre na fala manauara, passa-se a traçar o perfil social dos colaboradores, estudantes da EJA, correlacionando à incidência da reificação na escrita como um desvio relativo ao apoio na oralidade. Identificou-se que, quanto à variável independente sexo/gênero, dos 46 colaboradores que reproduziram o fenômeno, 24 são do gênero feminino e 22 do masculino, mostrando-se, a variável, portanto, não significativa para o estudo.

Quanto ao fator escolaridade, registrou-se o fenômeno na escrita de 17 estudantes do Ensino Fundamental e 29 do Ensino Médio, mostrando uma significativa diferença entre os níveis de ensino, o que foi surpreendente, uma vez que os estudantes de maior grau de escolaridade foram os que mais realizaram, na escrita, a reificação.

Em relação à faixa etária, como não há estabelecido pela bibliografia científica um intervalo de tempo específico para essa classificação, optou-se por um intervalo de 11 anos para cada faixa, posto que a idade mínima da primeira foi estabelecida de acordo com a menor idade do grupo de colaboradores e, a partir dela, foi-se dando o intervalo de tempo escolhido até chegar à terceira faixa etária, que inclui todas as idades a partir dos 39 anos em virtude de haver somente uma pequena quantidade de informantes pertencentes a esse grupo. Então, para essa célula social, foi estabelecida a seguinte divisão, com seus respectivos resultados relativos à contabilização do fenômeno: de 15 a 26 anos: 23 ocorrências; de 27 a 38: 14; e de 39 em diante: 9. Esse resultado identifica que os estudantes da primeira faixa etária são os que mais realizam o fenômeno, na escrita, com o apoio na oralidade.

Após esse detalhamento, conclui-se que o perfil social dos que mais realizaram o fenômeno de interferência da fala na escrita entre os estudantes da EJA que participaram dessa pesquisa foram do gênero feminino, do Ensino Médio, pertencente à faixa etária mais jovem (15 a 26 anos de idade).

Quanto à variável sexo/gênero, os resultados obtidos neste estudo contrariam os resultados relativos a essa variável, pois pesquisas em comunidades de falas ocidentais evidenciam que as mulheres tendem a cultivar as normas de prestígio da língua, fato que, neste estudo, não se confirmou, apesar de a diferença dos resultados na produção escrita entre homens e mulheres não ter sido de grande proporcionalidade.

Também surpreende o resultado quanto ao fator escolaridade, conforme já salientado, pois supõe-se que quanto maior o nível escolar, maior será o acesso à norma padrão da língua e, conseqüentemente, melhor desempenho de escrita haverá. No entanto, os resultados obtidos por este estudo não confirmaram essa hipótese. A esse tipo de paradoxo, Labov denomina “enigma”. O autor adverte que “quando todos os outros resultados confirmam a hipótese original, um único resultado que não se encaixa no padrão esperado pode atrair nossa atenção para rumos novos e proveitosos” (LABOV, 2008, p. 80).

Afora isso, o fato de a faixa etária mais jovem produzir maior número do fenômeno, se comparado a resultados de pesquisa de fala, assemelha-se à pesquisa realizada na cidade de Tefé, aqui mencionada, onde a fricativa aspirada foi produzida na fala, de forma significativa, pela faixa etária mais jovem das mulheres pesquisadas (18 a 35 anos).

Por isso, para melhor observação e análise do fenômeno, seria ideal a coleta de redações feitas em aulas que não de Língua Portuguesa, a fim de obter textos em que os colaboradores realizassem produções o menos monitoradas possível, embora se reconheça que um texto escrito em ambiente escolar sofra sempre algum tipo de monitoramento em razão do contexto formal escolar; ou ainda, a busca por outros métodos de coleta de dados escritos fora do ambiente escolar, a fim de obter resultados que confirmem ou não os dados aqui apresentados.

No que tange ao seu valor social, este estudo é de relevante significância para a sociedade, principalmente para professores, educadores, pedagogos e profissionais da educação, pois evidencia uma estatística importantíssima para orientar o processo de aprendizado da escrita ortográfica, visando à formação social e cidadã dos estudantes. Considerando que há inúmeras dificuldades consequentes da complexa sociedade de país colonizado e em desenvolvimento que o Brasil se tornou, e, não bastando o fato de se carregar esse estigma histórico, dentre os políticos e sociais, os indivíduos que usufruem do EJA sofrem duplamente o preconceito, a discriminação e a exclusão por parte da sociedade por constituírem uma minoria social de indivíduos que, por inúmeros motivos - muitos deles consequentes de injustiças políticas e sociais -, não conseguiram ter um processo de desenvolvimento educacional conforme os padrões estabelecidos.

Além disso, segundo o último censo, realizado no País em 2010, o Brasil possui cerca de 12,9 milhões de pessoas adultas não alfabetizadas dentre os 144.8 milhões de habitantes brasileiros adultos, o que corresponde a cerca de 8,9% dessa população. Isso levou o Brasil a ser o 8º colocado na lista dos países com mais adultos analfabetos do mundo, conforme os dados da UNESCO, ficando à frente de países como Indonésia (9º) e Congo (10º)⁴⁶.

Por todos esses fatores, e tantos outros, este trabalho endossa a importância da escola como espaço de aprendizado e formação cidadã, além do papel do professor frente a essa grande empreitada. A escola ainda é o ambiente onde diversos mundos se encontram e onde esses mundos convergem para o mesmo objetivo e é, também, o espaço onde o fundamental para viver em sociedade acontece: espaço de vivência, aprendizado e troca de conhecimento. É na escola onde a maioria

⁴⁶ BRASIL está entre 10 países com mais analfabetos no mundo. EXAME. São Paulo, 29 jan. 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-esta-entre-os-10-paises-com-mais-analfabetos/>. Acesso em: 8 nov. 2017.

aprende as primeiras letras, tanto a ler e a escrever, e é onde muitos têm o primeiro contato com elas. E sem saber ler e escrever, o indivíduo é relegado ao limbo da sociedade, e isso independe de faixa etária.

Espera-se, portanto, que este estudo abra caminhos para novas pesquisas relativas à relação entre fala e escrita, no que se refere à variação dialetal, na cidade de Manaus, principalmente nos contextos escolares, contribuindo para a construção de uma escola mais atenta à realidade sociolinguística de seus estudantes objetivando propiciar às crianças, adolescentes, jovens e adultos um ensino eficaz, que proporcione a construção de uma sociedade menos desigual.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 51(51), p. 271-307, 1937.
- ALENCAR, Maria S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r̃/*. 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- AMARAL, Kamilla Oliveira do. *A utilização da fricativa glotal na fala manauara retratada na página Tal Qual Dublagens*. 2016. 20 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas, 2016. Disponível em formato digital nos arquivos da secretaria do curso.
- ARAGÃO, Maria do S. S. de. *Aspectos Fonético-Fonológicos do Falar do Ceará: o que tem Surgido nos Inquéritos Experimentais do Atlas Linguístico do Brasil – AliB-CE*. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 19., 2003, Lisboa. Anais do XIX Encontro Nacional da APL – Programa e Resumos. Lisboa: Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, 2003. p. 8-19.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. 2014. 98 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3996/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Shanay%20Freire%20Ber%C3%A7ot-Rodrigues.pdf. Acesso em: 21 jul. 2016.
- BUENO, Francisco da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CANOVAS, Maria I. F. *Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador*. Salvador, 1991. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MACAMBIRA, José R. *Fonologia do Português*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- MARTINS, Flávia S. *A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant*. CONGRESSO de INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFAM, 16., 2007, Manaus.
- MORAIS, José. *Representações fonológicas na aprendizagem da leitura e na leitura competente*. Disponível em: apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/1-Morais.pdf. Acesso em: 25 out. 2017.
- NOBILE, Gislaine Gasparin; BARRERA, Sylvia Domingos. *Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita*. Disponível em: webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3SM5UBVKoh8J:periodicos.pucminas.br/index.php/psicologia%25EE%2580%2580em%25EE%2580%2581revista/article/download/885/868+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 7 nov. 2017.
- PELICIOLO, Ronaldo. *A aspiração de fricativas na fala de Salvador*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 15., 2008, Montevideu. Anais do XV Congresso Internacional de La ALFAL, 2008.
- RIBEIRO, Rosiane da Silva; TAVARES, Helenice Maria. *Resgate da EJA numa perspectiva de letramento*. Disponível em: catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/21-pedagogia.pdf. Acesso em: 25 out. 2017.

- RODRIGUES, Ana Germana Pontes. *A realização variável de fricativas no Português Brasileiro*. Disponível em: www.sociodialeto.com.br/edicoes/12/12092012084232.pdf. Acesso em: 25 jul. 2016.
- RONCARATI, Cláudia N. *Variação fonológica e morfossintática na fala cearense*. [S.L.:s.n.], 1999. p. 12.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paez, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cutrix, 2012.
- SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazzarotto. *Fonética e Fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. 651 p. (Coleção Brasileira de Filosofia Portuguesa).
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- VIEIRA, Renata. *A influência da oralidade na produção da escrita de alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública*. Disponível em: www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro02/LTAA02_a18.pdf. Acesso em: 25 out. 2017.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.



Expressão de futuridade
uma análise da ocorrência do pretérito imperfeito do modo indicativo na expressão do (*irrealis*) na fala manauara
Nathalie Anne Conceição de Barros
Silvana Andrade Martins

Em meio a tantas formas de variações na língua portuguesa, a futuridade vem-se tornando preponderante como linha de análise de muitos pesquisadores sociolinguistas no Brasil, especialmente a respeito da oscilação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito como expressão do *irrealis* (*hipótese, dúvida e suposição*). Os resultados desses trabalhos estão repercutindo de maneira positiva, visto que delimitam a compreensão e o funcionamento deste fenômeno de variação, apresentando uma descrição de probabilidades de sistematização de seu uso, em diferentes regiões.

Entre as pesquisas referentes à expressão da futuridade e, em específico, no âmbito do o *irrealis*, citam-se os estudos de Costa (2003) sobre o futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro; Barbosa (2005), sobre a variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por ‘se’ na fala uberlandense e Tesch (2011), sobre a variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba.

Referentes à Manaus, foram realizados dois estudos no âmbito da Pesquisa de Iniciação Científica, vinculados ao macroprojeto “Estudos da Variedade do Português Manauara: enfoques morfossintáticos” (MARTINS, 2015). O primeiro é de Ribeiro (2015), que verificou, por meio de levantamentos e análises de dados, a ocorrência do futuro do pretérito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara; o segundo foi realizado por Barros (2015), que versou sobre a análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara. Em linhas gerais, as conclusões obtidas nesses subprojetos de pesquisa foram que o futuro do pretérito ainda é a forma mais empregada para expressar o *irrealis*. No entanto, o pretérito imperfeito já apresenta uma ocorrência significativa. Estes resultados, posteriormente, foram sistematizados pelas autoras para obtenção do título da graduação em Letras Língua Portuguesa. Ressalta-se que para essa sistematização foi feita uma revisão dos resultados

apresentados na pesquisa do PAIC (FAPEAM) e um aprimoramento na metodologia de tabulação dos dados, empregando o Programa de Análise Estatística – *Goldvarb X*.

Neste capítulo, apresentar-se-á os resultados do artigo de conclusão de curso de Licenciatura em Língua Portuguesa realizada por Barros (2015), sobre a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara. Propõe-se aqui evidenciar que fatores linguísticos que contribuem para a ocorrência das formas sintética ou analítica desse tempo verbal, verificando as variáveis referentes ao tipo de texto e paralelismo e os fatores extralinguísticos, gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

Esse estudo se fundamentou nos pressupostos da Linguística Funcionalista (VOTRE, 1992) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). A primeira tem como enfoque a interação social, visando a análise da relação entre a estrutura e a função do emprego da língua em diversas situações de comunicação. A segunda, por sua vez, verifica-se a relação entre variantes linguísticas e as categorias sociais na mesma comunidade linguística.

Como procedimentos metodológicos, no trabalho, utilizaram-se os resultados do corpus de análise da pesquisa de Iniciação Científica de Barros (2015), a qual foi não publicada neste período. Esse corpus foi constituído por 24 entrevista (Diálogo entre informante e documentador) com informantes nativos da capital do Amazonas e/ou informantes residentes nesta localidade há mais de trinta anos, sendo 12 informantes com nível superior e 12 sem nível superior, dos gêneros masculino e feminino, o sexo feminino, equivalendo-se de 12 informantes e o masculino, também, com 12 informantes, distribuídos em três faixas etárias (1^a: 18-35 anos; 2^o: 35-55 anos e 3^o: 55 em diante, onde cada faixa tendo um valor numérico de 8 informantes).

Com o intuito de obter resultados precisos, esses dados foram coletados a partir de perguntas que proporcionaram a ocorrência de situações de probabilidade, as quais promoveriam o emprego da futuridade. Exemplos: “Caso ganhe na loteria consegue imaginar sua vida daqui a dez anos?”/ Caso você case, onde pretende passar a sua lua de mel?. Observa-se que se teve o cuidado de não utilizar verbo no tempo futuro na formulação da pergunta para não influenciar o interlocutor a empregar a mesma forma verbal.

Como recurso de análise quantitativa, utilizou-se o programa *Goldvarb X*, o qual tem como função indicar quais os grupos de fatores

que, no estudo, são significativos ou não, dependendo da frequência em que cada ocorre. Esses grupos de fatores são os condicionadores que possivelmente desencadeiam a tal mudança da substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito, subdivido em linguísticos (tipologia textual e paralelismo) e extralinguísticos (faixa etária, gênero e escolaridade). Além disso, o programa possibilita contabilizar, de maneira exata, os dados envolvidos, contestando, de modo eficaz, quais hipóteses iniciais são diretamente válidas nesta pesquisa.

Para a utilização deste programa estatístico, os dados foram codificados por letras e números, distribuídos pelos grupos de fatores, a fim de serem inseridos no *token* do programa. A variante em estudo é o pretérito imperfeito, representada pela letra 'I'. Em sua forma sintética foi representada por 'X' e, na perifrástica por Y.

Referente aos grupos de fatores linguísticos: o paralelismo foi indicado por 'P' e o não paralelismo por 'Q'. Em referência ao fator tipologia textual, empregou-se a letra 'N' para as sequências narrativas e 'A' para as sequências argumentativas.

Relativos aos fatores extralinguísticos foram verificados: a) o grupo de fator escolaridade, sendo empregada a letra 'B' para ensino básico e 'S' para superior. O fator faixa etária foi subdividido em três variáveis, indicadas respectivamente pelos numerais '1' (de 18-35 anos), '2' (de 35-55 anos) e '3' (acima de 55 anos). Por último, para o grupo de fator gênero, empregou-se a letra 'M' para masculino e 'F' para feminino. Assim, chegou-se à seguinte codificação: *IF3SPDRX*.

Após a codificação, foram feitas as 'rodadas' dos dados, as quais constituem do cruzamento dos fatores linguísticos, com o intuito de obter a análise estatística. É o próprio programa que separa os grupos de fatores a serem rodados. Essas rodadas constituem-se de cruzamentos realizados das codificações com os grupos de fatores. Através delas, obtiveram-se informações percentuais, numéricas e pesos relativos, as quais indicam os grupos de fatores que são pertinentes para a ocorrência da variável dependente em estudo. Os resultados foram organizados em gráficos e tabelas.

O corpus utilizado para análise dos dados da pesquisa faz parte do banco de dados do projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial), organizado por um grupo de pesquisadores, do qual fazemos parte e que está disponível no site <www.martinsuea.com.br/>. O objetivo é documentar a fala manauara, provendo subsídios para a realização de análises referentes a essa variedade da língua portuguesa. O

projeto FAMAC iniciou-se em 2009 e é desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, acadêmicos e mestrandos, sob a coordenação da professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas Silvana Andrade Martins. Esse grupo tem-se dedicado à realização de diversas pesquisas nas áreas da Sociolinguística e da Dialectologia.

Esse estudo sobre a ocorrência do pretérito imperfeito como forma inovadora para expressar a futuridade em concorrência com o futuro do pretérito é de grande relevância para o conhecimento desse uso inovador no português brasileiro e, em especial, na fala manauara. Desta maneira, proporciona-se a divulgação de conhecimentos a respeito dessa variedade do português manauara e suscitam-se reflexões acerca das maneiras que a língua materna pode ser ensinada mais próxima da realidade linguística dos falantes.

A LÍNGUA NO VÍES VARIACIONISTA LABOVIANA E A LÍNGUA NO VIÉS FUNCIONAL

Conforme foi mencionado na introdução, a pesquisa de Barros (2015) vincula-se aos pressupostos teóricos da Teoria da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008) e do Funcionalismo Linguístico (CASTILHO, 2012).

A língua humana, propriamente viva e em uso, caracteriza-se por ser um sistema dinâmico, mutável e flexível que, no decorrer do tempo, se agasalham ou se instalam tanto às mudanças socioculturais provenientes das comunidades de fala como também às necessidades sócio comunicativas de seus falantes. Dessa forma, perenemente traços linguísticos desaparecem, outros se originam ou outros já existentes se remodelam e se modificam aderindo novos significados ou novas finalidades. Como afirma Coseriu (1979), a língua nunca está completa e acabada. Ela é em sua magnitude algo a se refazer, comportando-se inovações a todo o momento. A cada geração, em cada situação do ato de fala, recria-se a língua.

Esse dinamismo presente na Língua é em função de diferentes aspectos estruturais e aspectos extraestruturais: região, perfil dos usuários- faixa etária, sexo, gênero, classe social -, isso demonstra que ao praticarmos interações discursivas com pessoas de diferentes perfis, podemos nos moldar de acordo com os interlocutores, ao contexto no qual estamos inseridos e às situações, adquirindo traços e marcas linguísticas dessa comunicação social.

Neste sentido, a língua apresenta um procedimento em que duas estruturas podem ocorrer em uma mesma situação apresentando o mesmo valor representacional, ou seja, tendo o mesmo significado. Como enfatiza Tarallo (2007, p. 5), a essência da língua:

se configura em um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (chamadas de variantes linguísticas) se enfrentam em duelo de contemporização por sua subsistência e coexistência, ou mais fatalisticamente, em um combate de sangramento de morte.

Essas mudanças linguísticas não ocorrem de maneiras aleatórias, mas seguem uma organização regular, motivados pelo próprio sistema linguístico e que também conjecturam aspectos sociais, “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos” (MARTELOTTA, 2011, p. 141).

Entende-se que o falante não apresenta autonomia em modificar ou criar uma estrutura linguística da maneira que pretende ou no momento em que deseja, caso contrário, aconteceria um “caos linguístico”, a variação linguística obedece a um processo sistemático. Portanto, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

William Labov, tendo essa perspectiva de língua, foi um dos precursores em fazer essa correlação entre a língua e a sociedade, verificando-se as variações linguísticas presentes em distintos contrastes sociais. Realizou seus estudos em referência à estratificação social do emprego do /r/, em departamentos de lojas nos Estados Unidos, formulando, com base nos resultados obtidos, a Teoria Variacionista que vincula a variação linguística também a fatores sociais.

Portanto, a Teoria Variacionista objetiva-se em sistematizar e descrever as mudanças e variações linguísticas em contextos reais e efetivos de fala, isto é, o ato comunicativo em uma mesma comunidade linguística. Mas, para esta ocorrência, a sociolinguística utiliza-se da pesquisa quantitativa, com o intuito de compreender e verificar as regras categóricas que favorecem a ocorrência dessas variações linguísticas, também é necessário que o pesquisador trace três pilares: primeiramente o levantamento de dados da língua falada, os quais refletem o vernáculo da comunidade; posteriormente a descrição

da variável, tendo em vista o perfil completo das variantes que as compõem e, em seguida, a análise dos fatores linguísticos e não linguísticos que influenciam na ocorrência da variável.

O Funcionalismo Linguístico tem como pressuposto teórico o estudo da língua como uma ferramenta de interação social. Tendo como objetivo investigar a competência comunicativa do falante, considerando as diferentes situações de enunciação. Analisa a estrutura gramatical, tendo como referência a circunstância interacional como um todo: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. A esse respeito, explica Castilho (2012, p. 21):

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação de estruturas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e intercomunicação.

Portanto, no que se concerne à teoria Funcionalista, a língua não é possuidora de estruturas estáticas e constantes. Pelo contrário, ela se molda de acordo com a necessidade de que o falante tem para efetivar sua capacidade de direcionar sua interação social através da língua. Para tanto, a pesquisa funcionalista busca esclarecer as relações entre a estrutura e a função, mais propriamente referentes àquelas funções que influenciam na estrutura gramatical. Assim, uma “gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico” (NEVES, 1997, p. 16).

Sendo assim, estas teorias fundamentam e direcionam a pesquisa, que examina a ocorrência da expressão da futuridade, a respeito do emprego da forma verbal do pretérito imperfeito no âmbito do *irrealis*, analisando os seus usos nos contextos de interação verbal e buscando compreender as estratégias linguísticas e sociais que influenciam e favorecem o uso desta forma verbal.

A ALTERNÂNCIA ENTRE PRETÉRITO IMPERFEITO E O FUTURO DO PRETÉRITO

A perspectiva do fenômeno na Gramática Tradicional

No decorrer desta pesquisa, situam-se textos que diretamente ou indiretamente abordam a respeito do pretérito imperfeito do modo indicativo como alternativa de substituição do futuro do pretérito no âmbito de hipótese (*Irrealis*). No intuito de um melhor entendimento, abordam-se perspectivas referentes à questão pautada, sob a ótica de diferentes e renomados autores da Gramática Tradicional. Citam-se, entre esses, Said Ali (1969); Cunha e Cintra (2013), Bechara (2009), Azeredo (2013) e Rocha Lima (2014).

Said Ali (1969), na *Gramática Secundária de Língua Portuguesa*, cita, somente, de maneira objetiva o indício da possível substituição do futuro do pretérito pelo pretérito mais que perfeito do indicativo, em orações condicionadas.

Cunha e Cintra (2013), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ao fazer referência a respeito do pretérito imperfeito, pontuam as possíveis utilizações deste tempo verbal em períodos hipotéticos, dentre eles, como substituto do futuro do pretérito. Registram que o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito quando for: “[...] para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 466). Exemplificando-se essa ocorrência, os autores citam os seguintes exemplos: “- O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto *virava* um fazendão (Monteiro Lobato, U, 236) - Se eu não fosse mulher, ia também!” (grifo nosso).

Na *Moderna Gramática do Português*, Bechara (2009) também alega que o pretérito imperfeito pode substituir o futuro do pretérito, em situações menos formais, na conversação, quando “se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante” (BECHARA, 2009, p. 278), tal como: “Se me desprezasses, morreria, *matava-me* [CBr.9,19]” (grifo nosso).

José Azeredo (2013), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, situa o emprego do pretérito imperfeito, fazendo, apenas, uma observação quanto à variação entre os dois tempos verbais, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, ainda que “nos registros semiformal e informal, o pretérito imperfeito do indicativo emprega-se

regularmente com o mesmo valor do futuro do pretérito”, por exemplo: “como foi que você adivinhou que eles chegavam hoje? (chegavam por chegariam)” (AZEREDO, 2010, p. 360). Entretanto, Rocha Lima, em sua gramática *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2014), não faz referência à alternância em questão.

Evidencia-se, a partir das aceções e exemplos das gramáticas tradicionais mencionadas, que elas não abordam de forma significativa e abrangente o assunto envolvido. Poucos autores se preocupam em aclarar em quais situações comunicativas se utilizarão o pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito. Na ocasião, o que é versado, na maioria das vezes, não passa de uma mera notificação, não sendo um facilitador para o entendimento da ocorrência deste fenômeno e sim gerador de mais dúvidas.

Estudos Sociolinguísticos referentes à variável pretérito imperfeito na expressão de futuridade

A variável pretérito imperfeito na expressão de futuridade, em concorrência com a forma verbal tradicional futuro do pretérito, tem sido objeto de estudo, focalizando diferentes regiões do Brasil.

Nessa perspectiva de estudo, faz-se referência à Costa (1997). Essa autora pesquisa a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, em suas formas sintéticas e perifrásticas, no português informal na fala carioca. O objetivo foi identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência de uma ou outra forma. Segundo a autora, os textos narrativos favorecem o uso do pretérito imperfeito. Ela elucida, em suas conclusões, que as formas verbais perifrásticas tanto do futuro do pretérito (IRIA + VERBO) como o pretérito imperfeito (IA+ VERBO), não são simples substituições aparentes de suas formas sintéticas, pois apresentam contextos específicos de uso. As perífrases são também as formas mais preferíveis no discurso de falantes tanto jovens quanto idosos. Os jovens optam por (ia + verbo) e, os idosos, pela variante (iria + verbo).

Costa (2003), em sua tese intitulada *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*, verifica e analisa o fenômeno de variação entre o futuro do pretérito e pretérito imperfeito, tanto em suas formas sintéticas quanto em suas formas perifrásticas, além da variante havia de + infinitivo que expressam a noção de *irrealis*, em um período real de longa duração,

ou seja, numa perspectiva diacrônica, a autora faz uso de textos de peças teatrais datados do início do século XVIII até o final do século XX, mais precisamente dentre os anos de 1733 a 1997. Em relação aos resultados desta pesquisa, em primeiro lugar, em sua corpora abrangeu-se de 673 ocorrências de variantes que expressam o *irrealis*. Constatou-se que houve um uso equilibrado entre as formas sintéticas do futuro do pretérito (FP) e o pretérito imperfeito (PI), este com 39% das ocorrências e aquele com 38% a variante, em relação às formas perifrásticas, o pretérito imperfeito (IA+V) está se instituindo como forma inovadora com 17% de ocorrências, enquanto que o (havia de +V) praticamente está em desuso com apenas 6% de ocorrências, já a variante IRIA + V apareceu poucas vezes, sendo excluída da análise, com apenas (1%) de ocorrências. Notou-se, também, a partir do banco de dados houve uma oscilação nas ocorrências das formas FP e PI na linha do tempo.

Tatiane Barbosa (2005), em sua dissertação “A variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense”, investiga a alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito em orações condicionais iniciadas pela partícula “se”. A autora analisou 45 entrevistas, coletadas com falantes adultos. A análise norteia-se na Sociolinguística Laboviana e na Trans-sistêmica. Como resultado, verificou que o pretérito imperfeito é o preferencial da classe baixa e que o paralelismo formal também favorece a ocorrência desse tempo verbal.

Leila Tesch (2011), em um dos capítulos de sua dissertação de mestrado, analisa a oscilação entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo, tanto em sua forma sintética quanto perifrástica, com a expressão de noção do âmbito do *irrealis*. Sob a luz dos princípios da Teoria Sociolinguística Variacionista, a autora averigua os fatores linguísticos (paralelismo, tipo de texto e saliência fônica) e extralinguísticos (escolaridade, gênero e faixa etária), que possam condicionar a variação e/ou mudança. Para a realização deste trabalho, a autora utilizou os *corpora* do Banco de Dados do projeto PortVix: O português falado na cidade de Vitória”. Os resultados apontados por Tesch (2011) demonstram um emprego equilibrado entre as duas formas verbais (o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito). Entretanto, analisando-se isoladamente os verbos modais dos não modais, verificou-se o

uso preponderante do futuro do pretérito junto aos verbos modais, além de bloquearem a colocação na forma perifrástica do verbo. Já o pretérito imperfeito foi persistente nos verbos não modais. Além disso, a forma perifrástica do pretérito imperfeito foi favorecida pelos falantes de faixa etária mais jovens.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS: CONDICIONADORES INIBIDORES E PRODUTIVOS DO PRETÉRITO IMPERFEITO NO ÂMBITO DO *IRREALIS*

Nesta categoria pautada, abordar-se-ão os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes que influenciam a ocorrência da variação do pretérito imperfeito, como forma inovadora, em substituição ao futuro do pretérito na expressão do *irrealis*. Serão verificadas se estas ocorrências se realizam em suas formas sintéticas ou perifrásticas. O intuito é atribuir uma análise expressamente quantitativa, por meio da interpretação dos dados, para reconhecer melhor a natureza, as funções, as relações e causas do emprego linguístico em questão.

Entretanto, para que se tenha uma melhor compreensão do fenômeno em estudo, a ocorrência do pretérito imperfeito em alternância com o futuro do pretérito, apresentam-se, inicialmente, os resultados gerais obtidos por Barros (2015) a respeito da ocorrência do pretérito imperfeito, e os de Ribeiro (2015) referente à frequência do futuro do pretérito, as quais utilizaram o mesmo corpus.

Na Tabela 1, evidencia-se a distribuição geral de frequência das duas formas verbais. Expõe-se o total de ocorrências do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, no âmbito do *irrealis*, o corpus de análise se constitui de 24 entrevistas, que identificou o fenômeno da variável junto a verbos não modais.

Tabela 1: Distribuição geral de ocorrências dos verbos.

	Futuro do pretérito (Forma sintética)	Pretérito Imperfeito (Forma sintética)	IA+V (Forma perifrástica)	IRIA+V (Forma perifrástica)	TOTAL
Nº de ocorrências	458	132	156	46	792
% das ocorrências	58%	16,67%	19,67%	5,66%	100%

Como se pode verificar na Tabela 1, que indica o total de ocorrências das variantes em estudo, foram identificados 792 ocorrências de expressão de futuridade, somando as variantes do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, tanto em sua forma sintética quanto em perifrástica, registradas em 24 entrevistas de falantes manauaras. Dessas 792 ocorrências, apenas foram atestadas 288 de pretérito imperfeito, equivalendo a um percentual de 36, 34%. E, entre essas, 132 ocorrências foram da forma verbal sintética e 156 de perifrásticas. Portanto, os informantes entrevistados preferem empregar a perífrase que a forma sintética, quando fazem uso do pretérito imperfeito.

Para ilustrar essas ocorrências do pretérito imperfeito na expressão de futuridade, apresentam-se trechos das entrevistas.

Forma Analítica (ia + verbo)

Documentador: então... em sua opinião como as pessoas que ganham na loteria devem reagir para realmente aproveitar do prêmio e se fazer na vida?

Informante: bom se fosse comigo era isso *ia procurar* as pessoas... com certeza *ia ter contato* com quem já... tem tanto dinheiro assim... e (hes.) *ia planejar* né... não *ia ter gastos* com... coisas...: que não fossem importantes e *ia investir* na vida de todo mundo... sempre crescendo...: (DID 7, feminino, 1ª faixa etária, nível superior).

Forma Sintética (verbo+ DMT)

Documentador: Caso ganhe na loteria....consegue imaginar sua vida daqui dez anos?

Informante: [...] Se eu ganhasse na loteria.... paPAI::.... Eu ostentava... comprava uma Ferrari e um helicóptero (DID 1: masculino, ensino básico, 1ª faixa etária)

Apesar da preponderância da utilização do futuro do pretérito, evidencia-se um resultado significativo de emprego da forma inovadora, ou seja, do pretérito imperfeito, conforme já demonstrado na tabela 1.

GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Grupo de Fator Escolaridade

Um dos fatores que desempenha uma função primordial no processo mantenedor ao domínio da norma culta (prestigiada) é a escola. Por este motivo considera-se na análise o grau de escolaridade do falante. Conforme Votre (2012, p. 51): “compreende-se [...] a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança”.

Sendo assim, espera-se que as formas do tempo verbal do pretérito imperfeito do modo indicativo, tanto a sintética quanto a perifrástica, por não serem referidas de maneira sistemática no contexto gramatical e no ambiente escolar como sendo formas inovadoras e presentes na língua, sejam mais utilizadas pelos informantes que tenham um menor grau de escolaridade. Segundo Tesch (2011), o emprego do pretérito imperfeito é assim considerado socialmente:

não se possa afirmar propriamente que são formas estigmatizadas, geralmente, são tidas como informais coloquiais. [...] aprendidas e difundidas a partir da interação espontânea dos usuários da língua, não por meio da gramática tradicional (p. 106).

Tabela 2: Influência do grupo de fatores escolaridade na seleção do pretérito imperfeito.

Fatores	Pretérito Imperfeito		Pretérito Imp. Sintético		Pretérito Imperfeito. Perifrástico	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ensino Básico (12) Informantes	170	59,027	78	27,083	92	31,944
Ensino Superior (12) Informantes	118	49,973	64	27,751	54	22,222
Total: 24	288	100%				

Os índices na tabela 2 evidenciam que os falantes com menor grau de escolaridade, os detentores do Ensino Básico, por estar em contato menor com a língua culta, difundida pelo universo gramatical da norma padrão, tendem a favorecer o emprego do pretérito imperfeito em detrimento do futuro do pretérito, com 170 ocorrências ao todo, subdividindo-se em 78 eventos no pretérito imperfeito sintético e 92 no pretérito imperfeito perifrástico. Por outro lado, os informantes

graduados empregaram menos vezes a variante inovadora. Foram 118 ocorrências, sendo 64 no pretérito imperfeito sintético e 54 no pretérito imperfeito perifrástico. Esses resultados não apontam para uma diferença muito significativa no que se refere ao fator escolaridade, pois a hipótese era que o pretérito imperfeito fosse mais bloqueado pelos falantes do ensino superior.

No que se refere ao emprego do pretérito imperfeito, entre o uso da forma analítica e o sintético, constata-se que a maior frequência de realizações do pretérito imperfeito analítico ocorre entre informantes que possuem menor nível de escolaridade, por se tratar de uma configuração mais inovadora. Os informantes com ensino superior, quando usam o pretérito imperfeito, preferem a forma sintética.

Grupo de Fator Faixa etária

A variante independente faixa etária é significativa em um estudo de natureza sociolinguística, pois é por meio desta que se pode verificar a magnitude do fenômeno, isto é, identificar se essa ocorrência é discreta ou se caracteriza como uma mudança em curso sincrônico.

Deste modo, Nero (2008) esclarece que a explicação teoricamente empírica para esta concepção é de que o processo de aprendizagem completo da linguagem ocorre na puberdade. A partir dessa fase da vida, o vernáculo do indivíduo fica equilibrado, isto é, o indivíduo não altera sua linguagem natural no decorrer do tempo. Por isso, os falantes adultos favorecem as formas clássicas, que reflete sua linguagem de 15 anos atrás e, os mais jovens, as variáveis mais atuais. Então uma variável que apresenta variantes em concorrência, a faixa etária do grupo é importante fator para definir se o fenômeno da variável aponta ou não para uma mudança na língua.

Em referência ao emprego do pretérito imperfeito na expressão do *irrealis*, a hipótese geral levantada é de que haja uma variação na fala manauara, que já se caracteriza uma discreta mudança. Isso por que se acredita que os mais jovens utilizem mais a forma inovadora, o pretérito imperfeito, em construção perifrástica, e os mais velhos, em sua forma sintética, que é regida como mais formal dentro do sistema linguístico.

Tabela 3: Influência do grupo de fatores faixa etária na escolha do pretérito imperfeito.

Fatores	Pretérito Imperfeito		Pretérito Imperfeito Sintético		Pretérito Imperfeito Perifrástico	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Primeira Faixa Etária (18-35 anos) (08 informantes)	140	50 %	64	22,85%	76	27,15%
Segunda Faixa Etária (36-54 anos) (08 informantes)	28	10%	13	4,6%	15	6,4%
Terceira Faixa Etária (de 55 anos em diante) (08 informantes)	120	40%	55	19,6%	65	20,4%
Total = 24 informantes.	288	100%				

Notando a Tabela 3, confere-se que os informantes de 18 a 35 anos, os da primeira faixa etária, são os que mais empregam o pretérito imperfeito (140) e a forma perifrástica foi a mais produtiva (76), o que confirma, em partes, a hipótese inicial de que os jovens encabeçam a mudança linguística. A terceira faixa etária, de 55 anos em diante, fica em segundo lugar quanto ao emprego da forma inovadora (120). Já a segunda faixa etária, de 36 a 55 anos, apresentou um emprego muito discreto do pretérito imperfeito.

Os resultados obtidos quanto ao fator faixa etária aproximam-se daqueles apresentados por Costa (1997) e Barbosa (2005). Costa, em suas pesquisas variacionistas referentes à fala carioca, comprova que a variante do pretérito imperfeito é utilizada pelos mais jovens. Barbosa (2005, p. 77), por sua vez, afirma que “a respeito dos resultados obtidos sobre a faixa etária acima de 45 anos (terceira faixa etária) da região de Urberlandia (MG) [...] que [...] favorece a variante PI”.

Grupo de fator gênero

A linguagem entre homens e mulheres ocorre de forma diferenciada em razão das distintas ideologias e aceções de mundo e desempenhos sociais. Pela alta exigência da sociedade, na ascensão ao mercado de trabalho e pela divisão de trabalho entre os sexos, a mulher pareceu ter mais preferência à linguagem formal, sendo mais conservadora. Pierre Bordieu (1996, p. 37) cita que “[...] as mulheres [...] se mostram mais dispostas a adotar a língua legítima”.

Porém, quando uma forma inovadora deixa de ser estigmatizada, passando a ser aceita no contexto social, as mulheres empregam-

na com mais assiduidade do que os homens em seu vocabulários linguísticos, como afirma Paiva (2004, p. 36):

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de forma socialmente desprestigiada, as mulheres são mais conservadoras e os homens tomam a liderança do processo.

Ainda a esse respeito, também complementa Trudgill (1974, p. 97):

As mulheres, em muitos casos, se auto-definem como usuárias das variantes mais prestigiosas sem realmente o serem, sem dúvida, porque gostariam de utilizá-las ou pensam que deveriam fazê-lo, passando então a crer que realmente o fazem. Isso quer dizer que os falantes se veem como quem utiliza a forma a que aspiram e que para eles tem conotações favoráveis em comparação à forma que realmente usam.

Em concernência a isso, por mais que o uso da variante do pretérito imperfeito pareça ter *status* menos conceituado em relação ao futuro do pretérito, não se pode afirmar que há estigmatização social quanto ao uso da forma inovadora. Esse uso é apresentado pelas gramáticas como uma possibilidade coloquial de uso. Na tabela 4, apresentam-se os resultados, que demonstram que as mulheres não são mais conservadoras que os homens:

Tabela 4: Influência do grupo de fator gênero na escolha do pretérito imperfeito.

Fatores	Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito Sintético
Homem (12 informantes)	102 (35,5%)	55 (19,09%)	47 (16,41%)
Mulher (12 informantes)	186 (64,5)	100 (34,7)	86 (29,8 %)
Total= 24 informantes	288 (100%)		

Os resultados da Tabela 4 explicitam, com clareza, que as mulheres empregam mais o pretérito imperfeito do que os homens, ou seja, a forma inovadora. Também, verifica-se o emprego mais frequente da perífrase que da forma sintética. Logo, nesse contexto, seguindo os pressupostos da Teoria Variacionista, este uso se mostra como uma variação que não é estigmatizada socialmente.

GRUPO DE FATORES LINGÜÍSTICOS

Grupo de Fator Paralelismo

O paralelismo formal, segundo Barbosa (2005, p. 49), é “a ocorrência em cadeia de uma mesma forma linguística”, ou seja, a presença de uma variante pode levar a ocorrência de outra idêntica em contexto imediatamente posterior. Neste fator, foi levado em consideração, na análise do corpus deste trabalho, somente os paralelismos adjacentes do próprio discurso do falante, desconsiderando a relação da fala entre entrevistador e informante (gatilho). Então supostamente, o que se espera é que o emprego de uma forma do pretérito imperfeito (sintético ou perifrástico) influencie novamente no aparecimento de outra forma no pretérito imperfeito (sintético ou perifrástico). Note os exemplos a seguir:

Paralelo – Forma Perifrástica e Sintética

Documentador: se por um acaso sua família perdesse TUdo empre::go Ca:::sa e outros bens você imagina suas ações Diane dessas coisas ruins... caso vocês perdessem tudo?

Informante: “a gente: **ia**... correr pra família...pra nossa família... pros amigos...**ia pedir ajuda...ia** pedir emprego e eu **ia construir** de novo tudo” (DID 14, masculino, 1ª faixa, ensino básico).

Paralelo – Forma Sintética

Documentador: hum (hes.)... se por um acaso o senhor e a sua família estivessem andando na rua e encontrasse um bebe no lixo ou na porta de casa em frente a sua casa... eh o senhor consegue imaginar... eh... qual seria a situação sobre aquela criança sobre aquele bebe?

Informante: eu trazia pra casa... ai dizia pra mulher que foi de uma mulher por aí (risadas) aí ela tem que criar (risadas) eh brincadeira trazia pra cá e falava a verdade...: encontrei esse bebe lá no ali no numa lixeira e vamos criar ele ai nós ia criar ai tinha que criar...:

Tabela 5: Influência do grupo de fator paralelismo na escolha do pretérito imperfeito.

Fatores	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito Sintético	Total dos fatores
Paralelo	75 (26 %)	63 (21,92 %)	138 (47,92 %)
Não Paralelo	81 (28,12 %)	69 (23,96%)	150 (52,08 %)
			288 (100%)

Na Tabela 5, os resultados oferecidos não confirmam o favorecimento do grupo do paralelismo como um dos motivadores na escolha da tal variante, já que os índices de não paralelo são maiores do que o paralelo. Constitui-se assim um número equivalente a 81 dados na forma perifrástica e 69 na forma sintética, compreendendo um total de 150 ocorrências de não paralelo. A frequência do fator paralelo foi de 138 dados. Nesse fator, os resultados são diferentes dos obtidos em Tesch (2011) e Barbosa (2005), nos quais o paralelismo formal favoreceu a utilização do pretérito imperfeito.

Grupo de Fator Tipologia Textual

Nesta seção, será apresentado de que maneira a tipologia textual correlaciona-se ao pretérito imperfeito do indicativo no âmbito do *irrealis* em sequências narrativas e argumentativas.

A hipótese que dirige este tópico é que as sequências narrativas favorecem o uso do pretérito imperfeito, por levar o falante a enunciar uma sucessão de fatos em ordem cronológica, conforme explica Freitag *et al.* (2007, p. 4-5):

Constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo, não há estaticidade.

A narrativa favorece a ocorrência da variante, ao contrário do texto argumentativo que utiliza mais a forma padrão da língua. Verificam-se os exemplos a seguir:

Documentador: Caso você ganhe na loteria consegue imaginar sua família daqui a dez anos?

Informante: é sim... é:: eu **imaginaria**:: minha família:: bem estrutura::da...meus filhos em uma ótima esco::La é:: **ia investir** meu dinheiro em empresa **ia fazer** uma empresa pra mim e também **ia investir** isso em imóveis... né é::... (DID 12, Masculino, 1º faixa etária, nível superior).
Informante: “[...] um bom:: um bom:: imóvel pra morar **comprava** um carro bem novo pra mim andar:: pra ir pra iGREja né ... **doava** dinheiro aos pobres ...[...]” (DID 18, 3a faixa, ensino básico).

Tabela 6: Influência do grupo de fator tipologia textual na escolha do pretérito imperfeito.

Fatores	Pretérito Imperfeito Sintético	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito
Argumentativo	37 (13,1%)	43 (14,9%)	80 (28%)
Narrativo	96 (33,2%)	112 (38,8%)	208 (72%)
		Total	288 (100%)

Os resultados apontam, conforme anteriormente estabelecido pela hipótese, que as sequências narrativas favorecem o emprego da forma verbal no pretérito imperfeito para a expressão do *irrealis* em relação às sequências argumentativas, visto que foi uma diferença significativa que ocorreu entre os tipos de texto.

Conforme atesta Tesch (2011, p. 102) em sua pesquisa: “[...] ao se formular as hipóteses do fator ‘tipo de texto’, tendo em vista que o pretérito imperfeito é um tempo verbal típico das narrativas”. Também, esse fato é constatado em Costa (1997, p. 151). Percebe-se inclusive, que tanto a forma sintética como a perifrástica do pretérito imperfeito é influenciada pela utilização do texto narrativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma análise sobre a ocorrência do pretérito imperfeito na expressão do *irrealis* do modo indicativo, nas formas sintéticas e perifrásticas, no português falado da cidade de Manaus, Amazonas, verificando-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar no acontecimento da tal variante. Averiguou-se que, de uma maneira geral, as formas perifrásticas vêm sendo preferencialmente mais utilizadas do que as formas sintéticas, equivalendo-se a uma porcentagem de 54,17%, notável, por mais que não seja uma grande diferença entre as duas formas.

Em relação aos fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), vale ressaltar que os três foram selecionados pelo *Goldvarb X*, mostrando-

se bastante significativos a esta pesquisa. Referindo-se ao gênero, tinha-se a hipótese de que a mulher usaria a forma mais vinculada à norma culta. Contudo, ela aderiu mais que os homens ao uso do pretérito imperfeito na forma perifrástica, o que possibilitou o reconhecimento de que esta variante não sofre estigmatização social. Em referência à faixa etária, os mais jovens favorecem a utilização do pretérito imperfeito, evidenciando-se uma mudança em curso. Por fim, quanto ao fator escolaridade, os que têm menor grau de escolaridade selecionam com maior frequência o pretérito imperfeito, em sua forma perifrástica.

O paralelismo foi insignificativo considerando esse corpus de análise, visto que a presença de uma forma não levou ao comparecimento de outra estrutura idêntica no mesmo contexto. Quanto ao fator tipologia textual, este foi muito significativo, demonstrando que a narrativa favorece a ocorrência do pretérito imperfeito, enquanto que o argumentativo inibe.

Assim, foram selecionados cinco grupos de fatores, subdivididos em fatores linguísticos: tipologia textual e paralelismo e, em fatores extralinguísticos: gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade, para a averiguação e investigação do fenômeno da variação. Dentre esses cinco grupos, o programa *GOLDVARB* não achou relevante somente um, que foi o paralelismo, o qual não favoreceu a efetivação do pretérito imperfeito, enquanto os demais foram estaticamente significativos.

Por fim, é importante ressaltar que este estudo não almejou traçar de modo definitivo a ocorrência do pretérito imperfeito na expressão do *irrealis*, mas apresenta resultados importantes para a sistematização deste fenômeno linguístico na fala manauara, no quadro das variedades do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BARBOSA, Tatiana. *A variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por 'se' na fala uberlandense*, 2005. 113 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Texeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro *In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *A variação entre as formas do futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. 1997. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013
- FREITAG, Raquel Meister Ko. O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística. *In: II CIDS - Congresso Internacional de Dialectologiae Sociolinguística: Diversidade linguística e políticas de ensino*, 2, 2012, Belém. Anais... São Luís: EDUFMA, 2012. p. 289-296.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise. *In: OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em construções hipotéticas na fala de maceioenses*. Letrônica: Porto Alegre, 2013.

- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972; 2008.
- MARTINS, S. A. *Macroprojeto Estudos da Variedade do Português Manauara: enfoques morfossintáticos* Manaus: NEPLAE, 2015.
- NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PAIVA, M^a da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.
- RIBEIRO, Paula Jamille. *A ocorrência do futuro do pretérito no âmbito do irrealis na fala manauara*. SISPROJ-Nº 21106. Manaus, 2015.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- TESCH, L. M. A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. *Percursos Linguísticos*. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.

Cada enunciador possui um estilo individual de fala, a partir das possibilidades que seu sistema linguístico dispõe. Entre essas possibilidades está a gradação, que é um mecanismo linguístico que o falante emprega como forma de expressão avaliativa no contexto de seu discurso, em concordância com a esfera de atividade linguística individual. Em relação a isso, Bakhtin (1992, p. 288) afirma que: “Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”.

Na esteira desse pensamento, ressalta-se que a língua dispõe de vários recursos para que um enunciador possa se posicionar em relação àquilo que expressa e assim emitir avaliações sobre pessoas, objetos, entidades e demais aspectos das relações sociais. Dessa forma, essas avaliações evidenciam um universo de possibilidades negociadas em um texto, as quais são expressas por itens lexicais, como palavras lexicais e gramaticais, e afixos. A seleção desses mecanismos variam dependendo de fatores internos à língua (os linguísticos) e de extralinguísticos, como os geográficos e socioculturais.

É nesse âmbito que esse estudo se inscreve, uma vez que tem como propósito analisar os mecanismos léxico-gramaticais empregados pelos falantes manauaras para expressarem a noção de gradação (força e/ou foco) no contexto do discurso.

BREVE CONCEITUAÇÃO DO FENÔMENO DA GRADAÇÃO

A gradação é o recurso empregado pelo produtor de um texto oral ou escrito, para graduar força ou foco daquilo que o falante tem por objetivo expressar. É um mecanismo que é utilizado para intensificar ou suavizar o julgamento manifestado no texto, dependendo dos recursos utilizados pelo enunciador (MARTIN; WHITE, 2005). Identificar as estratégias empregadas na gradação interessa para a compreensão dos mecanismos linguísticos selecionados pelo enunciador, considerando

não somente fatores linguísticos referentes ao contexto dialógico e funcional, mas também os extralinguísticos, condicionados por variações diatópicas, diastráticas e diafásicas.

De acordo com Souza (2010), o conceito de gradação pressupõe a existência de uma escala ou um contínuo de intensidade virtual, com valores que variam entre um polo constituído de elementos léxico-gramaticais que expressam avaliações socialmente consideradas como menos intensas, até o outro polo, que indicam avaliações vistas como mais intensas.

Em uma situação discursiva são empregados diferentes processos gradativos que podem se configurar de modo explícito ou implícito. Na gradação explícita, a expressão de significados gradativos é indicada por meio de expedientes morfológicos, sintáticos ou semânticos, presentes na estrutura focalizada. Já na gradação implícita, a significação gradativa se revela nas relações estabelecidas entre os termos no contexto discursivo e não unicamente em uma forma, considerada em si mesma.

QUADRO TEÓRICO NORTEADOR

Nesta pesquisa, segue-se a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2011), a qual prioriza o estudo da linguagem em sua inscrição social, concebendo a língua como um sistema de variação e mudança. Portanto, nesse sentido, busca-se compreender os traços linguísticos compartilhados pelos falantes da sociedade manauara em referência ao sistema de avaliatividade, tendo como variáveis independentes o grau de escolaridade (graduados e não graduados) e gênero/sexo.

Através da análise linguística da fala manauara, pretende-se conhecer e sistematizar o uso da língua no contexto social, investigando os fatores linguísticos e extralinguísticos, empregados por essa comunidade linguística para emitirem avaliatividade na configuração do discurso.

A Teoria do Funcionalismo Linguístico (VOTRE, 1992; SOUZA, 2012) é outro aporte teórico que sustenta essa análise. Nesta perspectiva de estudo a linguagem é considerada em seu viés interacional e assim incorpora às descrições as intenções comunicativas dos interlocutores. Analisa-se a manifestação da competência comunicativa do falante manauara, por meio de suas seleções de uso linguístico na constituição

de seu discurso. No escopo dos estudos funcionalistas, a relação da estrutura gramatical da língua com o contexto discursivo é um fator preponderante para analisar a língua não somente como instrumento de interação social, mas também como um sistema funcional que seleciona suas formas dependendo de suas funções. Assim, a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical selecionada pelo falante, dando forma ao sistema.

Ainda empregam-se os pressupostos teóricos propostos por Martin e White (2005) para a análise do fenômeno da gradação com a finalidade de identificar os mecanismos léxico-gramaticais utilizados pelos manauaras para graduar força e foco na construção do significado no contexto do discurso. Por força, refere-se a categorias que indicam intensidade ou quantidade e realiza-se através de itens lexicais que denotam intensificação (“mais”, “menos”, “bastante”, etc.) ou que denotam quantificação (“poucos”, “vários”, etc.). O foco diz respeito a categorias não passíveis de gradação e se referem à classificação prototípica dos seres ou comportamentos (morfologia comparativa e superlativa, repetição e vários aspectos grafológicos e fonológicos), cuja avaliação recai num *continuum* mais prototípico/menos prototípico.

A Teoria da Avaliatividade proposta por Martin e White é uma abordagem importante no escopo da Linguística-Sistêmico Funcional aplicada em diversas áreas da análise linguística. O fenômeno de avaliação na linguagem é um recurso de negociação de valores socialmente compartilhados, que expressam a avaliação de coisas, de pessoas, de emoções, sendo um aporte teórico interessante para explorar o domínio das análises discursivas.

É relevante notar que, embora a teoria da avaliatividade englobe outros subsistemas, a perspectiva desta pesquisa se atém ao conceito de gradação que envolve força e foco, empregados no sentido mais amplo, sem se preocupar em fazer a distinção entre um e outro mecanismo.

Com base nesses autores supracitados, instancia-se, em termos de precisão, em que a participação em uma categoria é reforçada e, em termos de mitigação, em que a participação em outra categoria é abrandada. Portanto, fundamentado nesse arcabouço teórico, propõe-se identificar os recursos linguísticos empregados na expressão da gradação, em situação discursiva, entre os falantes manauaras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo segue a metodologia de pesquisa de campo de natureza sociolinguística e de cunho quantitativo, com o objetivo de identificar as ocorrências de mecanismos léxico-gramaticais indicadores de gradação na fala manauara. Para tanto, *os corpora* de análise são constituídos por inquéritos da fala manauara disponíveis pelo Banco de Dados do FAMAC (Fala Manauara), projeto de pesquisa coordenado pela professora Doutora Silvana Andrade Martins e vinculado ao Núcleo de Estudos de Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE).

Para essa pesquisa, foram utilizados 10 inquéritos, na modalidade de entrevistas, conhecidos como DID (diálogos entre informante e documentador), os quais foram coletados pela equipe do FAMAC, por meio de gravações e, posteriormente, foram transcritos, com o emprego de uma escrita grafemática, especificamente utilizada para a transcrição de fala, conforme proposta por Marcuschi (2002) e pelo NURC (Norma Urbana Culta).

Quadro 1: Notações grafemáticas empregadas pelo FAMAC.

Pausas	Breves ...	naquele tempo lá... uns vinte anos atrás
	Longas ...:	anos deixa eu vê...: vixe 35 anos atrás
Ênfase	MAIÚSCULAS	curimatã aruanã... PEScada
Prolongamento de sílaba	:	não tinha Á:GUA não tinha luz:
Não compreensível	(inint.)	a gente (inint.) a gente saia
Interferência	(tipo de interferência)	é (vozes) em Manaus
Hesitação	(hes.)	tinha que andar (hes.) uns três quilômetros
Estímulo do interlocutor	(est: tipo de estímulo)	era um balneário (est: hunrum) aí nós atravessamo
Dúvida do pesquisador	"palavra"	"amingau" é um mato
Silabação	Si-la-ba-ção	que a única coisa que tinha era que era: a-ni-mais
Superposição de fala	L1: [... L1: ...]	ou que é muito L1 :[que é uma das barreiras né?]

O critério de seleção dos informantes possui como condicionadores extralinguísticos de natureza social, os quais são: gênero/sexo (masculino e feminino), e grau de escolaridade (com e sem nível superior completo) e faixa etária, distribuídos em três grupos, sendo: grupo 1 (de 25 a 35 anos); grupo 2 (de 36 a 55 anos) e grupo 3 (a partir de 56 anos). Do primeiro grupo participaram 3 informantes; do segundo, dois; e, do terceiro, 5 informantes. Todos os informantes deveriam preencher os seguintes critérios: ser nascido e/ou residente em Manaus há pelo menos vinte anos, e ser preferencialmente filhos de pais amazonenses.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO FENÔMENO DA GRADAÇÃO

Na análise dos corpora foram identificados um total de 1.803 ocorrências de indicação de gradação nos 10 inquéritos analisados, sendo 5 de falantes com grau de escolaridade de nível superior e 5 sem graduação.

A análise geral mostra que as produções de recursos gradativos dividiram-se em recursos de: gradação explícita, ou seja, aquela configurada por meio de expedientes gramaticais; gradação implícita, que se configura por meio de pressupostos subentendidos; e, item lexical, expressa no próprio item lexical de base nocional ou gramatical, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Ocorrências Gerais de Gradação.

TIPOS DE GRADAÇÃO	S/ NÍVEL SUP	C/ NÍVEL SUP	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA
Explícita	346	88	434/1803	24%
Implícita	428	285	713/1803	40%
Por meio de itens lexicais	495	161	656/1803	36%
Gradação Total	1269	534	1803	S/ NIVEL SUP
				70%
				C/ NIVEL SUP
				30%

De acordo com a Tabela 1, do total de 1.803 ocorrências, 434 se deram na gradação explícita (24%), 713 na gradação implícita (40%) e 656 por meio de itens lexicais (36%).

O exame dos dados evidencia uma menor ocorrência na gradação explícita, tradicionalmente mais inclinada nos estudos gramaticais, ocupando um percentual de 24%. Por conseguinte, a proporção mais significativa de indicação de gradação é pelo mecanismo implícito, em que se utilizam os pressupostos e os subentendidos, ocupando um percentual de 40%. E, 36% das ocorrências foram de uso de expressão de grau por meio de itens lexicais. Dessa maneira, observou-se que o processo gradativo implícito é empregado mais frequentemente que o explícito. Portanto, numa situação discursiva, os recursos para indicação de gradação, segundo a perspectiva sociointeracional e funcional da fala manauara, são dos três tipos de gradações, porém ocorrem quanto à seleção.

Na fala dos menos escolarizados (sem graduação), a ocorrência mais significativa de marcação de grau foi através do uso de itens lexicais. Já entre os informantes com nível superior, o recurso que obteve maior produtividade foi o uso de gradação implícita.

Mecanismos de gradação explícita

A gradação explícita se configura pela indicação de gradação por meio de processos morfológicos, sintáticos ou semânticos. O grau explícito está relacionado à intensificação de classes gramaticais: substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. Nos *corpora* desse estudo, foram inventariados os seguintes processos intensificadores:

- I. Processos intensificadores de substantivos, adjetivos e advérbios:
 1. Aumentativo (apenas junto a substantivos e adjetivos)
 - a. forma sintética. “essa *grandona* aí” (DID:F3S/S)⁴⁷
 - b. forma analítica. “lá eles chamum de espinhel que é um *anzol grande*” (DID:M1S/S)
 2. Diminutivo (substantivos, adjetivos e advérbios)
 - a. forma sintética. “tem muita gente *burguesinha*” (DID:M3C/S)
 - b. forma analítica. “eu quero que essa *ciência material pequena*” (DID:M3C/S)

⁴⁷ Sexo: F/M; Faixa etária: 1,2 ou 3; Escolaridade: C/S (Nível Superior) ou S/S (sem Nível Superior)

3. Comparativo

- a. de superioridade (melhor...(do) que). “ninguém *melhor do que* eu para administrar” (DID:F1C/S)
- b. de inferioridade (menos...(do) que). “a matéria *que eu menos* gostava era so-cio-logia” (DID:F2C/S)
- c. de igualdade (tão...quanto). Ex: “no meu trabalho *tanto* os de hoje *como* eu conheço de antigamente” (DID:F2C/S)

4. Superlativo

a. Relativo

- i. de superioridade. “ela era *mais* levada do que nós” (DID:F3S/S)
- ii. de inferioridade. Não houve ocorrências.

b. Absoluto

- i. sintético. “são aqueles exame geriatra que *são caríssimos*” (DID:F2C/S)
- ii. analítico. “tinha *muita* árvore de buriti” (DID:F3S/S)

Tabela 2: Mecanismos de Gradação Explícita.

GRADAÇÃO EXPLÍCITA	S/ NÍV SUP	C/ NÍV SUP	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA
Aumentativo sintético	9	5	14/434	3%
Aumentativo analítico	17	3	20/434	5%
Diminutivo sintético	152	10	162/434	37%
Diminutivo analítico	0	3	3/434	1%
Comparativo de superioridade	2	3	5/434	1%
Comparativo de inferioridade	0	1	1/434	0%
Comparativo de igualdade	1	0	1/434	0%
Superlativo relativo de superioridade	3	0	3/434	1%
Superlativo relativo de inferioridade	0	0	0/434	0%
Superlativo absoluto sintético	0	1	1/434	0%
Superlativo absoluto analítico	162	62	224/434	52%

Do total de 434 ocorrências de gradação explícita, a Tabela 2 aponta para uma incidência maior de grau superlativo absoluto analítico (52%) e diminutivo sintético (37%). Os demais tipos de gradação foram empregados numa proporção bem menor, sendo: aumentativo analítico (5%), aumentativo sintético (4%), comparativo de superioridade (1%), diminutivo analítico (1%), comparativo inferioridade (0%), comparativo de igualdade (0%) e superlativo absoluto sintético (0%).

Os casos de comparativo de inferioridade (0%), comparativo de igualdade (0%) e superlativo absoluto sintético (0%) tiveram ocorrências mínimas, as quais não alcançaram o percentual de 1%; quanto ao uso do grau superlativo relativo de inferioridade (0%), não houve ocorrência. Observou-se ainda que as atribuições de grau ocorreram no contexto dos substantivos e adjetivos.

Nos aumentativos, registraram-se processos de grau na forma sintética e na analítica. Nas ocorrências de vocábulos com aumentativo sintético, as opções de sufixos mais comuns foram respectivamente: *-ão*, *-ona* e *-ura*, como é demonstrado nos seguintes exemplos: “era bem *altão* (...) dessa *fundura*” (DID:F3S/S) e “era complicado tinha só *cacimbão*” (DID:M1S/S).

Nas ocorrências de processos de grau com aumentativo analítico, apenas 3 casos se deram antepostos em relação ao substantivo e 17 casos pospostos ao substantivo. Logo, há uma preferência para empregar o adjetivo posposto ao substantivo: “fazia aqueles *moldes grandes*” (DID:F3S/S). Ainda no escopo da indicação de gradação por meio do aumentativo analítico, registrou-se o emprego de expedientes morfológicos, através da seleção de sufixos tanto aumentativos quanto diminutivos, conforme se ilustra por meio do seguinte enunciado: “demora aparecia aqueles boto *macetão* [...] era um... *barracãozinho* coberto de de de alvenaria” (DID:M1S/S).

O excerto foi selecionado de um dos inquéritos que constitui os corpora de análise e versa sobre o tema infância. Nesse, observa-se, pelo contexto discursivo, que o falante emprega o diminutivo para expressar sua afetividade em referência à sua saudosa moradia dos tempos de infância. Logo, nem sempre os morfemas diminutivos estão relacionados ao grau, pois podem expressar avaliatividade, como bem ressalta Rocha (1998):

Essa universalidade do emprego do morfema de grau diminutivo se deve ao fato de que ele é empregado na língua não só para indicar diminuição de tamanho, como também para expressar a emoção ou a afetividade que o falante coloca em seu discurso (p. 197).

Referente às construções com grau diminutivo, registraram-se apenas casos de diminutivo sintético. Nas 162 ocorrências de vocábulos com diminutivos sintéticos, as opções de sufixos mais frequentes foram respectivamente: *-inho(a)* e *-zinho(a)*, em substantivos, adjetivos e advérbios, conforme ilustra o enunciado: “fazia *cotinha* (...) meia

ruinzinha” (DID:F3S/S). Ainda se registrou uma ocorrência de uso do sufixo *-ico*, na palavra *namorico* (DID:F3S/S). Um mecanismo muito produtivo para expressar o grau diminutivo no discurso manauara são as construções com repetições em coda do mesmo vocábulo, por exemplo: “a roupa toda enxuta e *limpinha limpinha*” (DID:F3S/S).

Vale ressaltar que a expressão de gradação do grau de diminutivo por meio dos sufixos *-zinho(a)* *-inho(a)* tem uma uso muito peculiar e frequente na fala manauara, o que deve ser discutido na continuidade desses estudos.

Quanto aos graus tanto aumentativo quanto diminutivo, são frequentes tanto a forma sintética quanto a analítica. Essa última, porém, é a mais recorrente para indicação do aumentativo e, na expressão do diminutivo, emprega-se com maior frequência a forma sintética.

Em relação às construções com graus comparativos, registraram-se processos gradativos de superioridade, inferioridade e igualdade, numa baixa escala de produção. Das 7 ocorrências de graus comparativos, o grau comparativo de superioridade foi o mais frequente, totalizando 5 ocorrências.

O uso de superlativo relativo de superioridade e de inferioridade não foram mecanismos produtivos nos corpora analisados. Já em referência ao superlativo absoluto analítico, foram 224 ocorrências, correspondendo a 52%. Esse uso, nos inquéritos analisados, está associado a uma produção simultânea de outros recursos gradativos como repetições de vocábulos em coda, uso de sufixos de diminutivo e recursos prosódicos: “meu pai passô *MUito*↓ *mu*ito tempo doente” (DID:F3S/S).

O grau superlativo absoluto sintético foi identificado somente na fala de um dos informantes, de nível superior (DID:F2C/S). É possível, com mais dados, verificar a hipótese de que esse recurso de marcação de gradação esteja restrito à fala culta, uma vez que o grau superlativo absoluto sintético se configura com a norma-padrão.

Na análise geral de dados em que se identificou a gradação explícita, o grau superlativo absoluto analítico é mais frequente tanto entre os entrevistados com nível superior de escolaridade, quanto entre os que não são graduados. No entanto, ressalta-se que é entre os falantes com menor grau de escolaridade que a ocorrência do grau absoluto analítico é mais significativa. Também o uso de diminutivo sintético é mais frequente entre as pessoas com menor grau de escolaridade.

Mecanismos da Gradação Implícita

O processo de gradação implícita se revela naquilo que não está dito, mas está significado, ou seja, nos pressupostos subentendidos. Na análise dos corpora, foram evidenciados os usos de indicação de grau por mecanismos de gradação implícita, que se configuraram pelos usos de sintagmas ou orações, figuras de linguagem, recursos prosódicos, referência exofórica e repetições, conforme estão exemplificados no texto que se segue.

1. Estruturação de sintagmas ou orações.

a) *ESC/D* (Encadeamento semântico crescente ou decrescente de estruturas linguísticas). “eu *gostei muito admirei demais... fiquei maravilhado* com os contos dele...:” (DID:M2C/S).

b) Emprego sucessivo de numerais denotando aumento/diminuição de quantidade. “é merma faxa etária de *quatro* pra *cinco* ano” (DID:F1C/S).

2. Figuras de linguagem: metáfora. “era *um derrubando* o outro era assim que era nossa turma.” (DID:F2C/S).

3. Recursos prosódicos. “eu tinha Ó:Dio↓⁴⁸ de mentiroso” (DID:F3S/S).

4. Referência exofórica (assim/desse tamanho). “aí a gente arrudiamo *assim* não onde tinha mais buxuxu.” (demonstrando por uso de gestos o tamanho) (DID:F3S/S).

5. Repetições (do significante).

a) De vocábulos. “brincava *muito muito muito*” (DID:F3S/S).

b) De sintagmas ou orações. “*a bíblia fala no fundo no fundo a bíblia fala* de amor.” (DID:M3C/S).

c) Repetição (do significado) por meio de paráfrase. “país que vai tá sempre a frente de outros países *na questão do desenvolvimento na questão de melhorias*” (DID:M1C/S).

⁴⁸ Recurso prosódico de entonação decrescente

Tabela 3: Mecanismos de Gradação Implícita.

GRADAÇÃO IMPLÍCITA	S/ NÍV SUP	C/ NÍV SUP	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA
ESC/D	24	30	54/713	8%
Emp. Suc. Num.	5	7	12/713	2%
Figuras de linguagem	16	19	35/713	5%
Recursos prosódicos	60	97	157/713	22%
Referência exofórica	106	48	154/713	22%
Repetição de vocábulos	89	29	118/713	16%
Repetição de sintagmas ou orações	89	50	139/713	19%
Repetição por meio de paráfrase	39	5	44/713	6%

Das 713 ocorrências de gradação implícita indicadas pela Tabela 3, os mecanismos mais frequentes foram o uso de recursos prosódicos (22%) e o emprego de referência exofórica (22%), seguidos por repetições de sintagmas ou orações (19%) e repetições de vocábulos (16%). Os demais mecanismos apresentaram uma proporção de realização abaixo de 10%.

A estruturação de orações é um mecanismo de gradação que se configura por meio da construção de períodos, com caráter intensificador, para indicar grau máximo ou mínimo. Nessas construções, ocorrem encadeamento semântico crescente ou decrescente e emprego sucessivo de numerais, denotando aumento ou diminuição de quantidade.

As figuras de linguagem se configuram como outro mecanismo disponível na língua para exprimir a gradação de modo implícito, para intensificar ou comparar. Nos inquéritos analisados, a metáfora foi a figura de linguagem mais produtiva.

Na fala manauara, destacou-se o recurso prosódico como o mais frequente para indicação de gradação implícita. Esse mecanismo se configurou de diversas formas: crescente, decrescente e silabado, inclusive com o emprego concomitante de itens lexicais que inerentemente expressam grau, por exemplo: “porque eu já trabalhei *MUIto*↓ *muItO muItO muItO*” (DID:F3S/S).

A referência exofórica estabelece uma comparação no contexto extralinguístico, mediante o uso de “assim” ou “desse tamanho”. Por meio desse mecanismo, o falante procura fornecer ao seu interlocutor uma referência situacional. A palavra “assim” foi a mais ocorrente como indicação desse recurso.

Quanto aos usos de estratégias de repetições para expressar a gradação, atestou-se que esses são importantes mecanismos de intensificação na construção discursiva da fala manauara, evidenciados pelos números significativos de ocorrências nos corpora *investigados*. Esse mecanismo apresentou-se nas formas de repetições de vocábulos, repetições de sintagmas ou orações e repetição do significado, por meio de paráfrase.

Observa-se que, na literatura a respeito do emprego de mecanismos de gradação, a indicação é de que a gradação explícita, por ser a mais inclinada à gramática normativa, ocupe uma posição de prestígio no discurso. Esse fato de concordância com a fala de prestígio é bem explicado por Tarallo (2007, p. 11): “a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas”. Entretanto, nos inquéritos analisados, diferentemente foi a gradação implícita o recurso mais selecionado pelos falantes manauaras. Não foi intenção deste estudo, avaliar se esse uso inovador é considerado não padrão, estigmatizado ou de prestígio no contexto particular dessa comunidade linguístico, o que se pode sinalizar no momento é de que esses resultados não seguem as tendências atestadas de modo geral como estratégia de gradação. Logo, o que se pode afirmar em referência a esse estudo é que, no reportório do falante manauara, o emprego da gradação implícita é o principal mecanismo do sistema de avaliatividade.

GRADAÇÃO EXPRESSA POR MEIO DE ITENS LEXICAIS

A gradação expressa por meio de itens lexicais indica a noção de grau no próprio item lexical, independentemente da construção sintática em que a palavra se insere ou de quaisquer outros fatores. Na sequência, exemplificam-se as ocorrências de gradações por meio de itens lexicais de base nocional e gramatical.

BASE NOCIONAL

- a) Substantivo. “era um *bocado* de gente.” (DID:M1S/S)
- b) Verbo. “*tirando* o egoísmo lá nós era assim.” (DID:F2C/S)

c) Adjetivo. “em uma área totalmente *diferente*.” (DID:F1C/S)

Tabela 4: Mecanismos de Gradação por Meio de Itens Lexicais de Base Nocional.

BASES NOCIONAIS	S/ NÍV SUP	C/ NÍV SUP	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA
Substantivo	11	3	14/54	26%
Verbo	5	10	15/54	28%
Adjetivo	5	20	25/54	46%

BASE GRAMATICAL

Como exemplos de itens lexicais com base gramatical apresentam-se:

a) Todo (a)/tudo/nada. “tentar reconstruir *tudo* que eu tinha” (DID:M1C/S)

b) Só/apenas. “era tudo *só* buraco” (DID:F3S/S)

c) Nunca/semprc. “eu *nunca* vi estória assim.” (DID:M1S/S)

d) Como / que nem. “segunda época ah *como* é a recuperação de hoje.” (DID:F3S/S)

e) Quase. “lá eu *quase* não tenho.” (DID:F3S/S)

f) Qualquer. “eu não gostava de *qualquer* coisinha não.” (DID:F3S/S)

g) Tanto(a). “já passei por *tanta* DOEN:ça↓.” (DID:F3S/S)

h) Ninguém/nenhuma/alguma. “então se acontecesse *alguma* coisa JAMAIS *alguém* ia sabe(r).” (DID:M1S/S)

i) Palavras reais. “participava *mermo*” (DID:F3S/S)

j) Enfático. “*ah* eu tive uma professora que eu nunca esqueci” (DID:F3S/S)

Tabela 5: Mecanismos de Gradação por Meio de Itens Lexicais de Base Gramatical.

BASES GRAMATICAIS	S/ NÍV SUP	C/ NÍV SUP	OCO/TOTAL	FREQUÊNCIA
Todo (a) / tudo / nada	165	49	214/656	33%
Só / apenas	118	20	138/656	21%
Nunca / sempre	47	18	65/656	10%
Como / que nem	12	8	20/656	3%
Quase	4	0	4/656	1%
Qualquer	1	0	1/656	0%
Tanto (a)	7	3	10/656	1%
Ninguém / nenhuma / alguma	21	46	67/656	10%
Palavras reais	86	8	94/656	14%
Enfático	34	9	43/656	7%

Das 656 ocorrências apresentadas na Tabela 6, a gradação por meio de itens lexicais de base gramatical teve como formas mais produtivas o uso das palavras “todo (a)/tudo/nada” (33%); “só/apenas” (21%) e palavras lexicais (14%).

Na escala de gradação, no âmbito de palavras gramaticais, os pronomes *todo(a)/tudo/nada* expressam totalidade e exclusividade; *só/apenas*, indica minoria. Já entre as palavras lexicais ressaltam-se a alta ocorrência de palavras regionais que expressam intensificação. Entre os mais frequentes estão: *mermo(a)*, que é uma variação da palavra mesmo, *pra caramba*, que indica “muito”, e “*poizé*”, que indica certeza ou concordância com algo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou compreender a variedade dos recursos gradativos que expressam força ou foco na fala manauara, com o objetivo de inventariar o fenômeno da gradação nos expedientes de gradação explícita, implícita e indicada por itens lexicais de bases nocionais e gramaticais. Dessa maneira, buscou-se examinar o sistema de avaliatividade, correlacionando recursos morfológicos, sintáticos e semânticos.

Ressalta-se que este tipo de pesquisa vem ganhando espaço entre os estudiosos, embora ainda possua pouca repercussão no meio acadêmico. Provavelmente esse quadro se justifique pela complexidade e amplitude da teoria de avaliatividade no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional. Por isso, é importante que haja uma

ampliação de pesquisas nessa área do saber científico. Além disso, por tratar-se de um tema que agora começa ser tratado na fala manauara, há a necessidade de se realizar outros estudos complementares. Nessa perspectiva de pesquisa, futuros trabalhos poderão somar-se a esse, trazendo uma análise mais específica de cada tópico que envolve o sistema de avaliatividade.

Para melhor especificar a exploração científica do tema da gradação na fala manauara, apontam-se estudos específicos para investigar a gradação explícita; a expressão do grau diminutivo; o fenômeno morfossintático de repetições em coda de vocábulos; o emprego de recursos prosódicos como mecanismo de gradação. Portanto, há uma gama de possibilidades a serem exploradas em referência ao tema da gradação na fala manauara.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 2009.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1979.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change Internal Factors*. RJ: UFRJ, 1994. p. 183-216.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MARTINS, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. London; New York: Palgrave, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: contexto 2010.
- NUNES, Glivia Guimarães; CABRAL, Sara Regina. *Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto*. Systemics across Languages: SP, 2013.
- RESENDE, Leticia. *Indeterminação da linguagem: léxico e gramática*. São Paulo: Alfa, 2000.
- ROCHA, Luis Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

- SOUZA, Edson Rosa (Org). *Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. Série princípios 9. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- UNSTON, S. Evaluation and the planes of discourse: status and value in persuasive texts. *In*: UNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 176-206.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues; VIEIRA, Márcia dos Santos Machado. A expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de letras da UFF*, n. 34, p. 63-83, 2008.
- FAMAC, Banco de dados digital da fala manauara. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas. Disponível em: projetoofamac.wixsite.com/projetoofamac. Acesso em: 08 out. 2013.

Estudos linguísticos mostram que as línguas são suscetíveis à mudança assim como a diferenças comportamentais dos falantes, constituem-se de variações que coexistem em um mesmo espaço de tempo e mudanças manifestadas em sua evolução histórica (MARTELOTTA, 2011). No português brasileiro, a ocorrência do gerúndio para expressar a futuridade é um exemplo deste fenômeno linguístico e que chama a atenção de estudiosos, no sentido de registrar e analisar a variação e a mudança no escopo da Língua Portuguesa.

Nesta perspectiva de estudo, investiga-se a ocorrência do gerúndio na expressão do futuro na diversidade do português do manauara, fundamentado na teoria Sociofuncionalista, que converge princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico, Tavares (2013) e Castilho (2012). Tem-se como objeto de análise a construção gerundiva codificada por três verbos 'ir + estar + gerúndio' como indicação de tempo futuro, objetivando verificar em quais contextos ela ocorre e quais fatores contribuem para o uso desta variante.

Neste artigo, destacam-se três aspectos relevantes sobre o estudo. O primeiro traz conceitos sobre o Funcionalismo e a Sociolinguística Variacionista e se enfocam pontos comuns entre as teorias. No segundo, faz uma abordagem acerca do tratamento da forma nominal gerúndio e construção ir + estar + gerúndio, à luz de autores como Bagno (2013), Castilho e Elias (2012), Perini (2010), Possenti (2003), entre outros. O terceiro apresenta a análise dos dados sobre: A inserção de ir + estar + gerúndio como expressão de futuridade na fala do manauara, Marcas de Tempo Futuro, Tipos de oração, Gênero/Sexo, Faixa Etária, Profissão, Nível de Escolaridade e Grau de Formalidade são os fatores de análise selecionados como favorecedores ou inibidores para o uso da construção inovadora ir + estar + gerúndio para expressar uma ação futura. Por fim, as considerações finais acerca dos resultados.

SOCIOFUNCIONALISMO: ASPECTOS CONVERGENTES DO BINÔMIO SOCIOLINGUÍSTICA E FUNCIONALISMO

Sociofuncionalismo nasce de uma orientação de pesquisa que tem por objetivo analisar e explicar os fenômenos da variação e de mudança linguística. Para isso, conforme explica Tavares (2013, p. 27), “busca articular [...] pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso”. Essa teoria tem fundamentado vários estudos que investigam fenômenos variáveis, particularmente entre a variação morfossintática e o processo de mudança por gramaticalização, de acordo com a autora supracitada.

Em conformidade com Labov ([1972], 2008, p. 13), considerado por muitos como o precursor da Sociolinguística Variacionista, esta tem por objetivo a análise da “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”.

Nessa abordagem teórica, Tavares (2013, p. 3) explica que “a língua apresenta variabilidade de uso em todos os níveis: os falantes fazem escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou construções”. A autora ressalta que esta assertiva contraria a postura linguística do século passado, representado pelo Estruturalismo, que, em sua base teórica, postulava a língua como um sistema inalterável e homogêneo.

A concepção interacionista e funcional da língua é enfatizada na afirmação de Bakhtin⁴⁹ (1929, *apud* TORRES, 2009, p. 87), ao enunciar que a real substância de uma língua não se constitui através de um sistema que não seja concreto das formas linguísticas, por enunciação morfológica dissociada, nem tão pouco pelo fenômeno psicológico, mas sim pelo evento social de interação verbal que se efetua por meio de enunciação ou das enunciações. Essa percepção da língua admite que a variação dos usos linguísticos acarreta existência de duas ou mais formas distintas, as quais, em uma dada comunidade de fala e em um dado período de tempo, são usadas para expressar o mesmo significado ou função.

Além da variação e mudança, outro postulado da Sociolinguística é a concepção social de língua, o qual é ressaltado por Calvet (2002, p. 12),

⁴⁹ BAKTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1990.

o de que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Nesse sentido, agrega-se a essa afirmação às palavras de Benveniste⁵⁰ (1989, *apud* TORRES, 2009, p. 88), ao explicitar que é pela língua que os indivíduos e sociedade se determinam de forma mútua, é pelo uso desta língua na interação social que são construídas as relações com os outros e desta mesma forma agem sobre o sistema linguístico do qual utilizam conforme sua necessidade.

A variação e a mudança linguística, no escopo da Sociolinguística, são compreendidas como um processo inerente às línguas do mundo, desencadeados por fatores que intervêm nos usos linguísticos, como o sociocultural e a decorrência do tempo. “Desenvolve-se historicamente e, uma vez constituída, estabelece para os falantes uma maneira de organizar o mundo, impõe aos falantes essa tradição constitutiva” (FIORIN, 2014, p. 69). Logo, “ela é produto do meio social e, uma vez construída, tem um papel ativo no processo de comportamento do homem. A língua não é uma nomenclatura que se apõe a uma realidade pré-categorizada, é ela que classifica a realidade⁵¹”.

Sendo assim, a língua não para no tempo, segue seu curso como bem afirma Bagno (2013). Isso a faz ser um instrumento pronto para o falante expressar suas necessidades comunicativas. Dik⁵² (1978, *apud* CASTILHO, 2012, p. 21) destaca que a língua não é abstrata, pois ela existe em função do seu uso e tem como objetivo estabelecer comunicação entre os usuários. Por isso, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa e a sintaxe e a semântica devem ser estudadas dentro de uma proposta pragmática. Na concepção de Tavares (2013), a descoberta dos padrões de distribuição das formas variantes é um dos objetivos principais da Sociolinguística Variacionista, pelo fato de que permite o mapeamento de prováveis influências de natureza, tanto sociocultural quanto linguística e estilística sobre o emprego variável dessas formas.

Sendo assim, é relevante expor o pensamento de Camacho⁵³ (2001, *apud* TORRES, 2009, p. 89), ao dizer que na perspectiva da

⁵⁰ BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1990.

⁵¹ FIORIN, José Luiz. *Língua, Modernidade e Tradição*. Disponível em: www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/113869.

⁵² DIK, S. *Gramática funcional*. Trad. Leocardio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madri: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.

⁵³ CAMACHO, Roberto Gomes. In: MUSSALIN, Bentes F; Bentes. A. C. *Introdução à Linguística aplicada: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

Sociolinguística Variacionista, a análise da linguagem em contexto social é tão importante para resolver os problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade não é vista como um simples instrumento interdisciplinar, mas, sim, imprescindível. Além disso, por ser a linguagem um fenômeno social, a Sociolinguística busca, no contexto social, respostas para questões que emanam de variações comuns ao sistema linguístico. Isso porque, não é possível dissociar a linguagem de suas funções sócio-interativas.

Neste sentido, para a Sociolinguística, os falantes de uma mesma língua que compõe uma comunidade linguística não se expressam de forma homogênea, considera ainda que as situações de comunicação exigem do falante a utilização de diferentes formas de se expressar. Por conseguinte, os usos linguísticos estão vinculados aos contextos sociais e, portanto, a escolha por uma ou outra estrutura gramatical é contextual.

O Funcionalismo Linguístico, por sua vez, também busca explicar o processamento da língua a partir dos usos linguísticos, conforme já abordado. Nesta perspectiva teórica, Castilho (2012, p. 20) esclarece que “o funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas.” Por conseguinte, em conformidade com o autor, diferentes metodologias são propostas para captar a “situação verbal”, com amplo enfoque na Teoria da Variação. O linguista afirma também, que o Funcionalismo tem ora o discurso, ora a Semântica como fatores centrais de uma língua, discutindo continuamente como a língua funciona nos ambientes.

O autor, na mesma obra, enfatiza que, no âmbito do Funcionalismo, a língua é concebida como “um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, ou seja, é a capacidade de sustentar a interação através da linguagem.” Assim, para Castilho (2012), as expressões linguísticas ao serem descritas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. Pois, o discurso é um macro globalizador no qual é preciso estudar a Semântica e a Sintaxe. Portanto, é importante observar o fato de que a ação comunicativa não compreende apenas a codificação e a transmissão da mensagem, mas, sim, todos os aspectos relevantes para a utilização da língua pelos usuários.

Para Dik⁵⁴ (1978, *apud* CASTILHO, 2012, p. 21) a língua não é abstrata, pois ela existe em função do seu uso e tem como objetivo

⁵⁴ DIK, S. *Gramática funcional*. Trad. Leocardio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madri: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.

estabelecer comunicação entre os usuários. Por isso, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa e a sintaxe e a semântica devem ser estudadas dentro de uma proposta pragmática.

Castilho (2012, p. 21) ressalta a postulação central do Funcionalismo, a de que não é uma única teoria, e sim de um conjunto de subteorias correspondentes à postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que tem um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Estruturas estas, que, de acordo com o autor, não são fechadas, uma vez que representam de forma contínua gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e intercomunicação. A pesquisa funcionalista, então, tem como cerne esclarecer as relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Kenedy e Martelotta (2003) destacam que o Funcionalismo Linguístico se caracteriza por uma concepção de que a língua é um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões provenientes das diferentes situações comunicativas, que contribuem para determinação da sua estrutura gramatical. Assim sendo, “o principal interesse de uma linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas” (DIK⁵⁵, 1989 *apud* KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 21).

Considerando este aspecto, Kenedy e Martelotta apresentam um conjunto de premissas com quais Givon (1995), individualiza o Funcionalismo: a) a linguagem é uma atividade sociocultural; b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; c) a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; d) a mudança e variação estão sempre presentes; e) o sentido é contextualmente e não atômico; f) as categorias não são discretas; g) a estrutura é maleável e não rígida; h) as gramáticas são emergentes; i) as regras de gramática permitem algumas exceções.

Neste sentido, para o Funcionalismo, a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas elaboradas pelos usuários. Além disso, esta gramática não é estática, visto que “a língua é uma competência comunicativa, as estruturas linguísticas não são objetos autônomos, a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos ou numa percepção pancrônica da língua” (CASTILHO, 2012, p. 22).

⁵⁵ Ver Neves 1997.

Tendo como base teórica a Sociolinguística Variacionista e o Sociofuncionalismo Linguístico, reúnem-se pontos convergentes existentes entre essas teorias, os quais são relevantes na abordagem do estudo em questão, conforme apontados por Tavares (2004, p. 3):

a) o objeto de estudo é a língua em uso, cuja natureza heterogênea obriga a variação e a mudança; b) os fenômenos linguísticos que constituem o alvo de investigação são analisados em situação de comunicação reais em que falantes reais interagem; c) a língua está continuamente se movendo, mudando e interagindo; d) a mudança linguística se espalha de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região geração, classe social e etc, sendo o aumento de frequência de uso compreendido como índice de difusão linguística; e) fenômenos podem ser atestados através de tratamento empírico com quantificação estatística.

A respeito do surgimento do termo “sociofuncionalismo”, Neves (1999) explica que ele surgiu no *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL/RJ), como uma nomenclatura para designar as pesquisas que eram norteadas pela Sociolinguística Variacionista e pelo Funcionalismo norte-americano, as quais analisavam o fenômeno da variável linguística numa perspectiva teórica de que o uso variável é definido nos contextos das relações interativas estabelecidas durante a comunicação.

No uso diário da língua, há, por um lado, construções gramaticais que são repetidas, reforçando-se assim sua regularidade e seu caráter fixo, sistemático, o uso conserva a gramática. Por outro lado, tais construções podem ser rearranjadas e remodeladas de modos diferentes, dando origem a construções inovadoras, o uso modifica a gramática (TAVARES, 2003, 2012a).

A autora ressalta ainda, que como as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, individuais, e podem ser diferentes em diversos graus, eles precisam se esforçar para se fazer entender e tentar entender também, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções. A partir disso, surgem as mudanças e adaptações feitas durante a interação. E, como tentativa de obtenção de êxito no processo de troca verbal, pode ocorrer o surgimento de novas estratégias para a constituição do discurso que, se frequentemente repetidas, tornam-se rotineiras, tornando-se parte da gramática da língua.

Esse movimento de rotinização gramatical é denominado Gramaticalização, caracterizado como processo de regularização

gradual pelo qual estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou itens gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto comunicativo (HOPPER, 1987; 1998; e 2011, *apud* TAVARES, 2013, p. 32).

Tavares (2013) assevera que a gramática constitui um processo contínuo, está sempre em movimento, é pressionada pela necessidade de uso do falante, no que tange ao Funcionalismo Linguístico. Nesta perspectiva teórica a variação está presente nos níveis mais profundos de representação gramatical, sendo, portanto, inerente à língua. Assim explica que este é um dos pontos de maior aproximação das duas teorias, uma vez que a Sociolinguística Variacionista pode incorporar pressupostos teórico-metodológicos da Linguística baseada no uso, já que também propõe que a variabilidade é um fenômeno inerente à língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966; 1972), embora destinada à compreensão, como ocorre à interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical (BYBEE *apud* TAVARES, 2013, p. 33).

Neste contexto, além da questão da variabilidade inerente, existem vários postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Linguística baseada no uso que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados na análise e explicação de fenômenos de variação e de mudança linguística.

NOVO OLHAR SOBRE O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No português brasileiro os verbos, na forma nominal de gerúndio, podem aliar-se a outras formas verbais para expressar diferentes tempos e modos, acrescidas de noções aspectuais diferentes, como por exemplo, no evento ‘Nós estávamos caminhando na praça ontem à tarde’. Conforme Torres (2009), neste evento há uma situação anterior ao momento da fala, uma expressão de tempo passado, que tem como verbo principal o gerúndio, o que expressa uma ação durativa e acabada no passado; em ‘Estamos observando a paisagem’, há uma situação concomitante ao momento da fala, que expressa duratividade e situação não acabada no presente; em ‘Amanhã estou viajando para Parintins’, existe uma situação posterior ao momento da fala, ou seja, uma expressão de futuro igualmente durativa, não começada. Estas

construções são antigas, bastante recorrentes na língua e não são alvos de preconceito quando do seu uso. Além disso, são variáveis que expressam passado, presente e futuro. Também, há no português brasileiro, no caso da expressão do futuro, formas perifrásticas construídas com três verbos: ‘auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio’. O uso destas construções, as quais são chamadas indiscriminadamente de gerundismo, tem sido objeto de bastante discussão em meio aos estudiosos da linguística e os conservadores da língua única.

A discussão em torno da forma nominal ‘gerúndio’ é pelo fato de que ela está assumindo mais uma função na oralidade, para expressar uma ação futura, o que contraria as regras determinadas em gramáticas tradicionais.

Bagno (2013) e Perini (2010) afirmam que as gramáticas normativas descrevem regras que não se aplicam, nem alcançam todos os usos possíveis da língua. “Isso se deve a vários fatores, entre os quais o caráter assistemático da própria Norma Gramatical Brasileira (NGB), assim como sua pobreza conceitual frente à extrema complicação dos fatores” (PERINI, 2010, p. 23). O posicionamento adverso dos linguistas a muitas regras estabelecidas pelas gramáticas tradicionais é por considerarem que a língua é um instrumento de interação social e que, portanto, suas regras não podem ser ditadas por poucos nem impostas aos falantes como algo pronto, estático e desvinculado do seu meio social.

Neste sentido, Perini (2010), Castilho e Elias (2012) e Bagno (2013) explanam, de forma mais ampliada, sobre o emprego de construções com o gerúndio, mostrando que o uso do gerúndio no português falado contemporâneo vai muito além do seu aspecto de duratividade.

Perini (2010) menciona a forma progressiva, formada por ‘estar + gerúndio’, e diz que uma construção como ‘estou fazendo’ é a maneira normal de relatar um evento simultâneo ao momento da fala. Porém, há também formas progressivas com o verbo ‘estar’ no passado: ‘estive fazendo’ e ‘estava fazendo’ e, no futuro, como ‘eu vou estar fazendo’. Segundo o autor, qualquer forma de ‘estar’, exceto o próprio gerúndio, pode ser base de uma construção progressiva, como em (1), (2) e (3):

(1) ‘Alguns meninos *estavam fazendo* barulho lá fora’.

(2) ‘Eu *estive trabalhando* no meu projeto durante uma semana’.

(3) ‘Quando o dia amanhecer, eu *vou estar dormindo*’.

Essas formas expressam eventos em andamento, seja no presente, no passado ou no futuro.

Castilho e Elias (2012, p. 132-133), ao tratar do fenômeno linguístico gerúndio, contemplam a tendência na fala, no português brasileiro contemporâneo, para expressar uma ação futura, que é a perífrase gerundiva codificada pelo verbo ‘ir + estar + gerúndio’. Os autores argumentam que “o quadro conjugacional do português brasileiro está sendo alterado, perdendo-se formas simples, substituídas por formas compostas ou perifrásticas” (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 133). Eles salientam que os falantes do português brasileiro desenvolveram mais formas perifrásticas do que os falantes de Latim. Acrescentam ainda que talvez se queira, agora, juntar ao presente simples de ‘eu tenho cura’, por exemplo, uma espécie de presente composto ‘eu estou tendo cura’. A forma ‘vou’ atribui tempo futuro ao conjunto ‘eu vou estar tendo cura’, evitando-se o futuro simples em –rei. Não se referem a estas construções como “erro” ou inadequação cometida pelo falante, mas como uma forma inovadora, possível. Os autores ressaltam que as perífrases, no português brasileiro, são muito produtivas. Por exemplo, “pode-se utilizar mais de um verbo auxiliar para criar perífrases complexas tais como: *tinha sido falado, tinha vindo falar, posso estar falando, vou estar enviando*” (CASTILHO; ELIAS 2012, p. 77).

Nesta perspectiva, também se destaca o emprego do verbo ‘ir’, que está se gramaticalizando, assumindo mais uma função no português contemporâneo falado, que é a expressão de futuridade. Entretanto, esta forma tem sido refutada por muitos defensores da língua homogênea:

Essa forma verbal, a exemplo do que ocorre com o infinitivo alia-se a outros para expressar o tempo futuro formando perífrases, algumas delas com até três verbos: (i) verbo flexionado no futuro do presente + gerúndio; (ii) verbo auxiliar no presente + verbo principal no gerúndio; (iii) verbo auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio (TORRES, 2009, p. 32).

Esta é a razão para os olhares negativos que recaem sobre o uso do gerúndio, tachado de “gerundismo”, “erro de construção”, “anglicismo”, “uso exagerado do gerúndio”. A esse respeito, Possenti (2003), posiciona-se diante desta questão afirmando que a ordem dos verbos auxiliares é perfeitamente canônica porque eles vêm

sempre antes do principal como em ‘vou sair’. Se houver mais de um auxiliar na mesma construção, haverá ordens permitidas e outras proibidas a exemplo de ‘tenho estado viajando’, mas não ‘*estive tendo viajado’; ‘vou estar saindo’, mas não ‘*estarei indo sair’. Além disso, conforme afirma o autor, cada auxiliar pede que o verbo seguinte tenha uma forma específica, ou seja, não aceita qualquer outra forma do verbo seguinte. Assim, o verbo ‘ir’ pede um infinitivo: ‘vou sair’, mas não ‘*vou saído’. O verbo ‘estar’ pede gerúndio ou particípio: ‘estar dormindo’, ‘estar vestido’, mas não ‘*estar dormir’. Logo, a construção está em conformidade com a sintaxe do português e sua ordem é: ‘ir + estar + -ndo’.

Possenti (2003) destaca também que nem todos os verbos são durativos, evidentemente: ‘enviar’, ‘providenciar’, ‘decidir’ são eventos semelfactivos, um único evento. Comrie (1976) distingue, no entanto, eventos desse tipo que ocorrem repetidas vezes em sequência (iterativos). Por conseguinte, se o aspecto dos verbos não for considerado, dificilmente se entenderá por que um caso de “gerundismo” pode ser normal e outro não.

Fiorin (*apud* VARGAS, 2011) explica que quando há a difusão de uma forma linguística é porque ela atende às necessidades da comunicação, como no caso do gerundismo. Segundo o autor, os operadores de telemarketing perceberam que era adequada, por soar como uma forma polida, mais culta, semelhante ao tempo futuro do pretérito, usado quando se quer ser gentil e dá uma ideia de compromisso e desobrigação, “vou estar enviando” parece menos afirmativo quanto a “vou enviar”.

Este pensamento está em conformidade com Bagno (2013, p. 180) ao afirmar que a consequência disso “é precisamente a reestruturação da gramática/ressignificação do léxico por meio do discurso, ancorado na semântica e acionado pela pragmática”. O autor destaca também que a língua vai se distanciando do que é para se tornar algo novo em um processo que pode levar séculos e às vezes até milênios para se completar. E, somente para ser reiniciado pelos falantes, que ativam novamente os mesmos processos cognitivos, em um ciclo ininterrupto. Diante disso, muitas mudanças ocorrem na língua, algumas se firmam de tal maneira que se tornam elementos comuns, que não despertam atenção. Outras causam estranheza e são combatidas, às vezes, até de forma extremamente preconceituosa, como no caso da perífrase ‘ir’ + estar + gerúndio, na expressão de futuridade.

Isso acontece porque, de acordo com Martellota,

Os falantes são sensíveis às mudanças que ocorrem em sua língua, quando observamos que eles fazem, ou deixam de fazer uso de uma determinada expressão por ela ser típica da fala de pessoas mais velhas ou de falantes mais jovens. Notamos a consciência dos usuários no que concerne à mudança da língua quando percebemos o “desconfortamento” de alguns falantes em relação aos usos novos, que se desenvolvem contrariamente às normas gramaticais, como é o caso do chamado *gerundismo*, ou seja, *o uso frequente do gerúndio em funções não previstas em seu valor tradicional*, que se desenvolveram recentemente. Vemos esse caso em frases do tipo: *Vamos estar mandando a mercadoria amanhã* ou *Eu gostaria de estar falando com o senhor Paulo, por favor*. Esses fatos indicam que os usuários da língua têm consciência dos movimentos de mudança e variação que a caracterizam – pelo menos daqueles que se manifestam dentro de seu tempo de vida, sendo a eles perceptíveis (2011, p. 38, grifo nosso).

Para Bagno (2013, p. 163), “a língua não é uma entidade autônoma, que pode ser estudada sem considerar os falantes e suas interações sociocomunicativas. Não há língua sem falantes, ela só existe em uso, em forma de discurso”. Na concepção do autor, a gramática da língua se forma a partir da utilização que os falantes fazem dos recursos linguísticos que estão a sua disposição no sistema. E, quando esses recursos não atendem mais sua necessidade de comunicação, os falantes criam outros, geralmente, “através de reestruturações, ressignificações, reinterpretções e reanálises dos discursos já existentes. Gramática e discurso estão em íntima conexão, e um já traz dentro de si os germes ou a semente do outro”⁵⁶.

A INSERÇÃO DE IR + ESTAR + GERÚNDIO COMO EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NA FALA DO MANAUARA

Considerara-se neste estudo *Gerundismo*, quando o evento ocorre posteriormente ao momento da fala e como *Não gerundismo*, quando o evento ocorre coterporal ao momento da fala, a exemplo de:

(4) ‘Então tá bom amanhã quando tu me liga eu já VÔ TÁ DORMINDO’ então um chero. Assim, parte-se do princípio de que a variável Não Gerundismo está em concordância com a gramática

⁵⁶ Ibidem.

normativa e a variável Gerundismo está em discordância do padrão culto da língua como:

(5) ‘Não me ligue nessa hora, porque eu VOU ESTAR ALMOÇANDO’. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Variável dependente: gerundismo e não gerundismo.

Variável	Número de Dados	Percentual
Gerundismo	139	97,9%
Não Gerundismo	3	2,1%
Total	142	100%

Conforme é apresentado na Tabela 1, a amostra se constituiu quase que exclusivamente de gerundismo, aqui codificadas como as construções ‘ir/poder (presente) + estar + gerúndio’ em que a ação não ocorre no momento de outra, considerada no futuro.

Marcas de Tempo Futuro

O fator ‘Marca de Tempo Futuro’ no contexto variante de futuro ‘ir/poder + estar + gerúndio’ foi verificado para atestar se a perífrase gerundiva é favorecida por este fator. A verificação desta hipótese neste estudo deve-se ao fato de que outras pesquisas como a de Torres (2009, p. 135) mostrou que a presença de um constituinte indicador de tempo futuro como os advérbios de tempo e locuções adverbiais favorece a construção com três verbos que expressam futuro.

Na amostra desta análise, diferentemente dos resultados obtidos por Torres, nessa amostra a ausência de marca é que foi favorecedora da perífrase gerundiva, com 89,7% das ocorrências. Ao passo que, com a presença de marca, houve 17 dados, o equivalente a 10,3% de ocorrência. Os exemplos (6) e (7) ilustram a ocorrência sem marca de tempo futuro e o (8) exemplifica a ocorrência com marca de tempo futuro, o qual apresenta em sua estrutura o advérbio de tempo ‘amanhã’.

(6) “[...] Se a gente saí daqui *vão tá reclamando* né? E a gente vai deixa de ajudar a coordenação [...]” (Diário de campo, professores em ambiente de trabalho).

(7) “Por hoje é só tem festa na ilha e nós *vamos estar* apresentando direto de Parintins.” (Programa televisivo ‘Alô Amazonas’; apresentador).

(8) “Quem não trouxe o dinheiro amanhã eu *vô tá passando pra pegá*” (Diário de campo, díade simétrica, alunos).

Isso permite dizer que a ocorrência da perífrase não depende ou não está atrelada à marca de tempo futuro. No confronto dos pesos relativos, o programa apontou para a ausência de marca (0,632) e para presença de marca (0,009). Este resultado coincide com o que foi apresentado por Santos (2008). Ao analisar o aspecto e a temporalidade no advérbio para o gerundismo expandido (vou estar enviando), registrou 0,69 de ausência de marca. Nas ocorrências com marca de futuro foi mais frequente o aspecto pontual em referência a mais de uma semana (0,55).

Tipos de Oração

Outro fator controlado foi o ‘tipo de oração’, com o intuito de verificar quais orações favoreciam a utilização da construção inovadora. A ocorrência da perífrase foi examinada em cinco tipos de oração: oração absoluta, coordenada, principal, subordinada e interrogativa. Os dados mostram que há maior frequência de ocorrência da perífrase (ir/poder) + estar + gerúndio é em orações coordenadas, 63,8%, seguidas pelas subordinadas, com 18,9%. O menor índice de ocorrência foi no contexto das orações interrogativas, 2,7%. Este resultado difere dos encontrados por Santos (2008). A pesquisadora constatou em sua pesquisa, que a construção ‘ir + estar + gerúndio’, denominada por ela de ‘gerúndio expandido’, é favorecida nos casos de oração absoluta (p. 75).

Fator Gênero/Sexo

Quanto ao fator gênero/sexo, o propósito foi verificar se havia favorecimento do uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ a um dos gêneros. Os resultados evidenciam maior frequência no uso da perífrase gerundiva, conhecida como gerundismo, na fala feminina, 61,1%. Enquanto que para o gênero masculino a ocorrência foi de 38,9%. Esse resultado que desponta o gênero feminino com um percentual bem mais alto do que o masculino na fala de Manaus é um dado importante sobre o gerundismo nesta população em estudo, mas que deve ser interpretado com cautela, pois é necessário ser visto correlacionado aos resultados de outros fatores.

No âmbito da Teoria da Sociolinguística Variacionista, Labov (2008 [1972] p. 81) aponta que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens”. Considerando que a variante inovadora estudada é uma forma que tende a ser avaliada pela sociedade brasileira como um vício de linguagem que deve ser evitado, seria de se esperar que o gênero masculino fosse mais favorecedor à ocorrência do gerundismo.

Freitag (2012, *apud* OLIVEIRA, *et al.*, 2014) contribui com esta discussão, ao afirmar que os homens tendem a usar a forma inovadora, impulsionando a mudança, ao passo que as mulheres tendem a fazer uso da forma canônica, abonada pela gramática normativa. Isso é confirmado no estudo de Torres (2009), ao afirmar que “pode-se dizer que há uma tendência, embora leve e em termos percentuais, ao favorecimento de gerundismo em oposição ao não gerundismo pelo sexo masculino, usam mais livremente as variantes estigmatizadas” (p. 151).

Esse princípio da Sociolinguística é reforçado nos resultados do estudo apresentado também por Oliveira (2006): “o grupo ‘sexo/gênero do informante’ foi selecionado apenas na fala mais formal, o que indica que a distinção homem X mulher é anulada na fala menos formal” (p. 126). Contudo, Paiva (2012, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 10) alerta que é evidente que qualquer explicação acerca do efeito da variável sexo/gênero pressupõe certa cautela, dadas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino (PAIVA, 2012, p. 41).

A partir do que aponta a Teoria da Sociolinguística Variacionista a respeito do fator gênero/sexo e dos resultados obtidos por outros estudos, conforme descrito acima outras pesquisas, a constatação de maior frequência do gerundismo na fala feminina deve ser interpretada, conforme dito no início dessa discussão, correlacionando outros fatores como o contexto de formalidade ‘mais e menos formal’ e o grau de escolaridade.

Quanto ao fator escolaridade, as mulheres que participaram deste estudo como informantes diretas possuem ensino superior (professoras) e ensino médio (atendentes de loja e promotoras de venda) e quanto ao contexto mais formal e menos formal, o gerundismo foi mais frequente em contextos menos formais.

Logo, considerando o princípio de que as mulheres tendem a encabeçar a mudança quando a forma inovadora não é estigmatizada, estudos referentes à aceitabilidade do gerundismo entre os manauaras

vão contribuir para melhor compreender a mudança em curso. Nesse estudo, foi realizada uma enquete a esse respeito, no entanto, restringiu-se aos professores. Seria necessário que tivesse um prosseguimento, sendo ampliada a outros segmentos sociais da sociedade.

Fator Faixa Etária

O fator faixa etária foi selecionado para este estudo por ser um dado importante nas pesquisas sociolinguísticas. Embora não tenha sido escolhido pelo programa *GoldvarbX* como significativo na amostra em análise, considera-se pertinente apresentar as informações, já que a faixa etária indica se a variável inovadora aponta para uma mudança em tempo real ou em tempo aparente e se se trata de variação estável ou de mudança em curso, conforme explica Oliveira (2006, p. 129). Os dados apontam que a frequência de uso da construção tachada de gerundismo é muito maior na primeira faixa etária (18 a 35), alcançando o total de 71% dos dados da amostra. O percentual de ocorrência do gerundismo na terceira faixa etária foi ínfimo, somente 1,1%. Na segunda faixa etária, o percentual é bem mais elevado em referência à terceira faixa, mas ainda se distancia em muito da frequência identificada na primeira faixa etária. Esse resultado evidencia que, na fala manauara, o emprego do gerundismo como forma inovadora indica uma mudança em curso bem acentuada.

Esse resultado da variável faixa etária é um dado bastante importante para a Sociolinguística Variacionista, “[...], pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de variação estável ou de mudança em curso” (OLIVEIRA, 2006, p. 129).

Logo, o resultado do fator faixa etária na fala manauara apontando que se trata de uma mudança em curso é um dado importante que pode também ser melhor compreendido correlacionado a outros fatores.

Fator Profissão

O fator profissão foi selecionado com o intuito de verificar se a profissão é um fator que inibe ou favorece o uso da perífrase ‘ir/ poder + estar + gerúndio’ na codificação de tempo futuro. A hipótese era a de que este fator inibisse o uso da construção gerundiva na fala dos professores e que favorecesse na fala dos atendentes de loja e

promotores de venda. Na amostra foram amalgamados os dados das 06 Elocuções Formais (EF) coletadas com professores, 12 inquéritos registrados com os vendedores em ambientes de trabalho e dados do diário de campo. Exemplos desses registros são:

(9) “[...] – Ela não gostô que o professor que foi professor da turma antes passou email com o conteúdo pros alunos.”

– Sério!

– Porque ela disse eles já iam saber o assunto dela eu disse isso não é bom? Aí eu disse pra ela então planeja tua aula e dá uma aula excelente porque tu *vai tá* dando aula pra quem sabe do assunto tu *vai tá explicando* assunto pra gente que conhece [...]” (Diário de campo. Professor, díade simétrica em ambiente de trabalho).

(10) “[...] Professora se eu falar de tributação das pequenas empresas *vai tá abrangendo* toda a tributação das pequenas empresas [...]” (Diário de campo. Acadêmico, díade assimétrica: professor/aluno).

A respeito das entrevistas com os professores que foi um instrumento empregado para a constituição do corpus, retoma-se o fato de que não produziu nenhum dado. No entanto, esse resultado nulo foi importante para compreender com maior abrangência o fenômeno da variável em estudo. O que se concluiu é que em situações de alto grau de monitoramento, as construções gerundivas ‘ir/poder + estar + gerúndio’ são evitadas na fala dos professores.

Para apresentação dos resultados, reuniu-se, na Tabela 2, não somente a frequência do gerundismo na fala de professores e atendentes, mas incluiu-se na fala dos acadêmicos, dos apresentadores e entrevistados do programa televisivo local e na fala de um grupo que não foi discriminado em relação à profissão que é o constituído por familiares e amigos. Esse último grupo consta na tabela para efeitos da composição do total de dados apresentados.

Tabela 2: Profissão.

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Familiares/Populares/Amigos	31/185	1/185	17,3%
Entrevistados			
(Pelo programa televisivo)	7/185	0/185	3,8%

Jornalistas			
(Apresentadores e entrevistadores do programa televisivo Alô Amazonas)	37/185	0/185	20%
Acadêmicos de Ensino Superior	14/185	1/185	8,1%
Professores	39/185	1/185	21,6%
Vendedores	54/185	0/185	29,2%
Total	182	3	185

Na disposição dos dados na tabela, observa-se das 185 ocorrências, 54 são da fala dos atendentes de loja e promotores de venda, correspondente a 29,2%. Na fala dos professores registraram-se 39 dados, o equivalente a 21,6%. Na sequência estão as ocorrências na fala de apresentadores do programa televisivo ‘Alô Amazonas’, alcançando 20% e dos demais em que se contabilizou a fala de familiares, populares e amigos, foi de 17,3%.

Os exemplos (11) e (12) representam a ocorrência da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ na fala dos atendentes de loja e promotores de venda.

(11) “é...então esse aqui é smart xxx controle a gente tá trabalhando com ele o plano tem duzentos MB e até dezembro a gente *vai tá dando* de cortesia mais duzentos MB ele possui ligações ilimitadas para todo Brasil.” (Inquéritos D2. Díade assimétrica entre vendedor/comprador).

(12) “[...] você tem que passa doze meses com esse plano pra podê vir a cancelá ele se você cancelá fora do prazo você pode também mas *vai tá pagando* uma taxa por quebra de contrato.” (Inquéritos D2. Díade assimétrica entre vendedor/comprador).

E os enunciados expressos em (13) e (14) exemplificam a ocorrência da perífrase na fala dos docentes em ambiente formal.

(13) “[...] A gente não sabe que horas que os professores que vão avaliar *vão ta passando* então não pode falta ninguém [...]” (Elocução formal. Professor em sala de aula).

(14) “[...] Esse aqui é manual vocês *já vão tá recebendo* alguns já receberam outros não receberam a gente vai tá mostrando o calendário acadêmico eu sempre faço um resumo do calendário acadêmico [...]” (Elocução formal. Professores em ambiente de trabalho).

Por conseguinte, os resultados da análise indicam a confirmação da hipótese de que o fator profissão inibe o uso da perífrase na fala dos docentes, embora a discrepância entre os índices não seja alargada. Outro dado importante a ser notado é a similaridade de ocorrência do gerundismo na fala dos professores (21,6 %) e dos jornalistas (20%), embora a deste último grupo não foi incluído nas hipóteses levantadas no início desse estudo quanto ao fator profissão como favorecedor ou inibidor da ocorrência do gerundismo.

Também foi verificado que, na fala dos acadêmicos, o gerundismo ocorreu 8,1%, sendo, portanto, muito menos frequente que na dos professores. No entanto, esse dado deve ser visto com precaução, uma vez que os acadêmicos são participantes indiretos neste estudo, no sentido que os dados que deles provêm são constituídos somente de anotações em diário de campo e, portanto, nesse caso, não se pretendeu controlar esse grupo de fator ‘professor versus acadêmico’ quanto à frequência de uso de gerundismo. Para isto seria necessário obedecer ao critério de equidade quanto ao número de dados de cada grupo representado. Ressalta-se que esse resultado apontado na tabela 2 quanto à frequência do gerundismo entre os acadêmicos é importante para demonstrar que todos os dados da amostra foram considerados na rodada do programa estatístico, além de apontar para uma futura investigação para a melhor compreensão do fenômeno em estudo.

Fator Nível de Escolaridade

O fator nível de escolaridade também foi verificado neste estudo. A hipótese formulada é a de que o menor grau de instrução favorece o uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’. Do grupo com nível superior fazem parte professores e jornalistas (apresentadores e entrevistadores de programa televisivo) e do ensino superior incompleto, referente aos acadêmicos, em interação com os professores. Do ensino médio, os atendentes de loja e promotores de venda, além de parte do grupo constituído por populares, amigos e familiares. Outra parte deste último grupo possui apenas ensino fundamental.

Tabela 3: Nível Escolaridade.

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Ensino Fundamental	3/185	0/185	1,6%
Ensino Médio	84/185	0/185	45,4%
Ensino Superior Incompleto	14/185	1/185	8,1%
Ensino Superior Completo	81/185	2/185	44,9%
Total	182	3	

Os dados apresentados na tabela mostram que dos 185 dados, 84 foram registrados na fala de pessoas com nível de escolaridade médio, um percentual de 45%. E, 81 foram de ocorrências na fala de pessoas com ensino superior, alcançando a 44,9%. Observa-se que há uma equiparação entre os níveis, o que mostra que as pessoas com maior grau de escolaridade não têm resistência em utilizar a construção gerundiva em estudo. Portanto, não se confirmou a hipótese de que o gerundismo seria inibido na fala de pessoas com grau de escolaridade nível superior.

Grau de Formalidade

O fator grau de formalidade também foi selecionado neste estudo para verificar o comportamento do uso da perífrase gerundiva, considerando as interlocuções em contextos mais e menos formais, divididos em contextos formais, menos formais e informais. Foram consideradas como formal o ambiente de trabalho que, no caso dos professores, foram reuniões pedagógicas e sala de aulas e, no caso dos atendentes de loja e promotores de venda, os diálogos com os consumidores. Como contextos menos formais, foram agrupadas as ocorrências no contexto do programa televisivo local e como informal os ambientes em que ocorriam interação entre professores, como colegas de profissão nos momentos de intervalo do trabalho, entre amigos e familiares.

Tabela 4: Graus de Formalidade.

Fatores	Gerundismo	Não Gerundismo	Percentual
	Nº Dados	Nº Dados	
Formal	39/185	2/185	21,6%
Menos Formal	98/185	0/185	53%
Informal	45/185	2/185	25,4%
Total	182	3	185

A partir das informações registradas na tabela, verifica-se que a maior ocorrência da perífrase gerundiva em estudo foi em contexto menos formal, alcançando 53%. Em contextos formal e informal, os resultados apontam para uma relativa equivalência referente à frequência, sendo 21,6% e 25%, respectivamente, com vantagem discreta para as ocorrências em contextos informais. Apesar dessa proximidade referente à frequência entre contextos formais e informais, confirma-se a hipótese que nos contextos formais a ocorrência do gerundismo é menos produtiva.

Esses dados são relevantes para a análise, uma vez que evidencia que o gerundismo não está restrito a ocorrer somente em um tipo de contexto. Essa variável inovadora, considerando a amostra analisada, apresenta-se, na fala, em todos os graus de formalidade, embora tenha menor índice no ambiente formal.

No ambiente classificado como menos formal, por exemplo, estão inseridas as ocorrências no programa televisivo local, em que foram registradas díades de apresentador, repórter e entrevistado. Os exemplos (15), (16) e (17) ilustram o uso da perífrase nestes ambientes.

(15) “[...] É impressionante como existem muitos pontos na cidade de Manaus da Manaus Ambiental nessa situação nós entramos em contato com a concessionária e eles disseram que logo *vão tá resolvendo* aí esse problema aí da rua Santo Afonso” (apresentador em programa televisivo local).

(16) “[...] essas áreas de estacionamento elas chegam ai até a Avenida do Turismo e aí pra esse perímetro de segurança no caso pra evita o robo dos veículos que também é muito comum a polícia montada *vai estar atuando* andando sempre onde estiverem estacionados os carros dentro dos eventos em si principalmente na Ponta Negra vai tê aí pelo menos quatrocentos policiais que *vão estar dando* o suporte necessário para a guarda municipal né” (repórter em programa televisivo local).

(17) “[...] Nós vamos colocar 20 viaturas que *vão tá rodando* nas ruas então pra você que não se senti seguro nas ruas pode contar com a segurança aí” (Entrevistado em programa televisivo local).

É importante lembrar que estes programas apresentam roteiro de escrita e de fala, ou seja, há momentos em que o apresentador lê a

notícia no monitor e, em determinados momentos, faz comentário a respeito de algum assunto voltado ao interesse da sociedade manauara. É exatamente quando o interlocutor se desvincula do texto escrito que foram registrados os gerundismos. Esta mesma circunstância favorece o uso desta construção gerundiva pelos repórteres, os quais utilizaram a forma inovadora, no momento em que precisavam noticiar para o programa através de links ao vivo.

No que se refere a ambientes formais, como as reuniões pedagógicas e sala de aula apresentam-se como exemplos da ocorrência do gerundismo os enunciados (18) e (19):

(18) “[...] Eu vou apresentar algumas coordenações novas e eu *vou estar chamando* a professora X [...] a nossa meta agora é transformar a instituição num centro universitário e aí eu *vou estar apresentando* pra vocês alguns resultados...” (Elocação formal. Professor em ambiente de trabalho).

(19) “[...] Olha façam silêncio depois a gente *vai ta fazendo* a conferência eu e a professora [...]” (Diário de campo. Professor. Díade assimétrica Professor/Aluno).

Os exemplos expressos em (20), (21) e (22) ilustram a ocorrência perífrase inovadora em ambientes informais.

(20) “[...] Amanhã *vão tá fazendo* biometria aqui nessa unidade há eu vou fazer a minha [...]” (Diário de campo. Professor; Díade simétrica Informal/Professores).

(21) – Professora a senhora pode tirá uma dúvida minha?
– Sim, sim.
– A minha cliente tá pedindo aposentadoria.
– Sob que alegação?
– De que a patroa tá exigindo muito dela pô... se ela tá nove anos sem trabalha como é que ela *vai tá exigindo*? (Diário de campo. Professor; díade simétrica professores/ informal).

(22) “[...] eu falei pra mamãe e ela ainda ficô chateada disse mãe a senhora já tá com esse problema aí eu *vô tá levando* mais problema [...]” (Diário de campo, díade simétrica, ambiente familiar).

Diante dos resultados apresentados e dos exemplos que ilustram o uso da perífrase ‘ir/poder + estar + gerúndio’, para expressar o futuro, há que se considerar que essa construção gerundiva é altamente frequente na fala.

Não é pretensão deste estudo, registrar um quantitativo elevado de dados deste fenômeno linguístico, visto como inovador no português brasileiro, mas sim, descrever o comportamento de sua inserção na fala manauara. Da análise, entende-se que a construção, a qual é vista como “errada” por muitos críticos e gramáticos, vem se expandindo na fala, caracterizando-se como uma mudança em curso, e não está restrita a determinado grupo de falante, faixa etária, gênero ou à determinada situação de comunicação, embora selecione, entre os fatores extralinguísticos, o gênero feminino, a primeira faixa etária, os atendentes de loja e promotores de venda e os contextos menos formais como fatores favorecedores da ocorrência do gerundismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, que este estudo apresenta referentes à frequência de uso da perífrase gerundiva, conhecida como “gerundismo”, possibilitam alavancar uma discussão a respeito do tema em referência à fala de Manaus e no contexto do português brasileiro.

Trata-se de uma discussão inicial, pois não se teve a pretensão de verificar todos os grupos de fatores que podem implicar na ocorrência da variável gerundiva de futuro, como forma inovadora na língua, nem correlacionar todos eles, mas delimitou seu objeto de estudo e sua perspectiva de análise e desenvolveu a pesquisa conforme o objetivo estabelecido, que foi verificar a frequência de uso da construção gerundiva de futuro e estabelecer, entre os grupos de fatores selecionados, quais são favorecedores ou inibidores para essa ocorrência.

Da fala, considerando os objetivos e as hipóteses do estudo, destacam-se dois grupos de fatores linguísticos selecionados pelo programa estatístico como os mais significativos para a ocorrência da perífrase gerundiva em estudo, que são a ‘marca de tempo futuro’ e o ‘tipo de ‘oração’. A análise mostrou que o fator ‘ausência’ de marca favoreceu a ocorrência da perífrase gerundiva, mostrando similaridade com os resultados de Santos (2008) e divergentes daqueles obtidos por Torres (2009).

Em se tratando do controle do tipo de oração, a análise apontou favorecimento do uso da construção ‘ir/poder + estar + gerúndio’ para dois tipos de oração: as coordenadas, com 63,8%, com grande vantagem sobre a segunda maior frequência que foram as subordinadas, com 18,9%. Este resultado difere dos encontrados por Santos (2008) em que a oração favorecida é a absoluta.

A hipótese de que a perífrase gerundiva inovadora fosse inibida na fala dos professores e favorecida na dos atendentes de loja não se confirmou, considerando que a frequência de uso apontou para resultados muito próximos. Na fala dos docentes foi de 21,6% e, na fala dos vendedores, foi de 29%.

A pesquisa mostrou que a realização da perífrase inovadora transita entre os falantes de todos os graus de escolaridade; é mais frequente em contextos menos formais; as mulheres surpreendentemente são as que mais utilizam; os atendentes de loja e promotores de venda empregam mais que os professores, mas na fala destes últimos a frequência não é baixa; e o uso é maior entre os jovens de 18 a 35 anos, o que aponta para uma mudança em curso.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico: o que é e como se faz*. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CASTILHO, Ataliba de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramática do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). *O Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas* São Paulo: Contexto, 2012.
- FIORIN, José Luiz. Língua, Modernidade e Tradição. *Revista USP*, n. 2, mar./set. 2014. Disponível em: www.revistas.usp.br/diversitas/article/download/113869/111730. Acesso em: 17 maio 2017
- KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, p. 17-28. Disponível em: www.ufjf.br/revistaveredas. Acesso em: 14 maio 2017.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, Maria Helena. Estudos Funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. Especial, p. 70-104, 1999.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da Língua Portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *Introdução ao GoldVarbX: uso e interpretação*. Universidade Federal da Paraíba (UFP), 2014. Disponível em: www.alfal2014brasil.com. Acesso em: 03 mar. 2016.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. Vamos estar considerando sobre o gerundismo. *Revista Linguagem*, São Paulo, 4. ed. dez. 2008/ jan. 2009. Disponível em: www.letras.ufscar.br/linguasagem. Acesso em: 23 set. 2014

SANTOS, Patrícia Tavares Almeida. *Só um pouquinho, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e expansão da mudança*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística- Universidade de Brasília, 2008.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Interdisciplinar. Edição Especial *ABRALIN/SE*, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, p. 27-48, jan./jun. 2013.

TAVARES, Maria Alice. *Por um Estudo Funcionalista Comparativo*. Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Florianópolis – Santa Catarina, novembro de 2004. Disponível em: www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/. Acesso em: 17 maio 2017.

TORRES, Fábio Fernandes. *O Gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, 2009.

A expressão do tempo verbal futuro no português brasileiro tem experimentado mudanças que configuram um fenômeno de variação. Isto ocorre porque pela Gramática Normativa encontra-se uma forma de representação de futuridade que é a simples, como por exemplo, (eu) viajarei. Pode-se encontrar também registros sobre expressões verbais com um verbo auxiliar e um verbo principal. Contudo, em pesquisas de cunho sociolinguista, funcionalista e sociofuncionalista, que investigam a fala, foram registradas ocorrências de marcas de futuridade realizadas em formas compostas denominadas de perífrases que podem ocorrer das seguintes formas: (eu) vou viajar – futuro perifrástico com o verbo ir no presente; (eu) irei viajar – futuro perifrástico com verbo ir no futuro; (eu) estarei indo viajar – futuro perifrástico com gerúndio; perífrases com verbos modais – posso mandar/poderei mandar.

As pesquisas que estudam esse fenômeno podem ser divididas em categorias, pois cada uma verifica tais ocorrências em um corpus diferente. Assim, temos estudos com a fala, com a fala e a escrita e apenas com a escrita em diversas regiões do Brasil. Sobre os estudos com a fala, pode-se nomear trabalhos como Gibbon (2000), Gryner (2002), Alves (2012), Almeida e Figueiredo (2014) que evidenciam o fato de a forma sintética de expressar o futuro (viajarei) tem uma concorrente para expressar esta mesma noção de tempo, isto é, a forma perifrástica (vou viajar), sobretudo a constituída do verbo ir + infinitivo. Esta forma composta é considerada uma variante inovadora, evidenciando-se que tais formas na oralidade se igualam ou superam a forma padrão de expressão do tempo verbal futuro.

Sobre os estudos acerca da escrita, pode-se citar Oliveira e Olinda (2008), Oliveira (2014), Araújo e Martins (2015) e Araújo (2016). Nesses estudos foram verificados textos como jornais, revistas em quadrinhos e romances brasileiros de forma diacrônica. Os resultados concluem que a perífrase está presente nos textos escritos desde décadas

passadas, sobretudo na forma composta pelo verbo *ir* + infinitivo, todavia não supera a forma sintética como comprovado nos estudos que trataram desse fenômeno na fala.

Conforme proposto na divisão acima, tem-se ainda os estudos que verificaram a ocorrência da perífrase em ambos ambientes: escrita e fala. Exemplifica-se com os trabalhos de Alves (2011), Oliveira (2006) e Bragança (2009) que verificaram a oralidade através de inquéritos realizados pelos mesmos, bem como coletados em banco de dados, já a escrita foi verificada em textos como editoriais de jornais, jornais de forma geral, romances brasileiros, contos regionais e histórias em quadrinho, também os textos foram verificados a partir de uma perspectiva diacrônica. Registraram em suas considerações finais que a presença da perífrase na fala é quase de 100%, enquanto que na escrita a forma padrão ainda prevalece, corroborando com os resultados dos estudos supramencionados sobre a escrita.

O panorama apresentado acima, mostra um breve quadro sobre as pesquisas que têm como escopo o fenômeno da futuridade no português brasileiro, em especial os relacionados à perífrase composta pelo verbo *ir* + infinitivo. Uma vez que este capítulo se insere em uma série de trabalhos realizados pelo FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial)⁵⁷, tratar-se-á da ocorrência desse fenômeno de uma forma mais específica nesse trabalho.

O tema da variação na representação da futuridade fala e escrita do manauara tem sido objeto de estudo, desse projeto de documentação e análise, cita-se os trabalhos como referências de estudos desse fenômeno na região Norte: Andrade (2012), Ribeiro e Martins (2014), Araújo e Martins (2015) e Araújo (2016). Entre trabalhos de conclusão de curso, artigos apresentados em eventos e/ou publicados em revistas e dissertações de mestrado, o corpus observado variou entre fala, primeiramente, e escrita, posteriormente. Nas conclusões dos trabalhos que verificaram a forma inovadora na fala observou-se que a perífrase ocorre quase predominantemente. E nos trabalhos que objetivaram a escrita como foco, verificou-se que a forma padrão é ainda a mais utilizada, confirmando a mesma prática da perífrase em outras regiões do Brasil.

⁵⁷ Idealizado pela Dra. Silvana Andrade Martins, o projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial) descreve como a fala manauara através de estudos sociológicos e dialetológicos. Possui um site com um banco de dados dessas pesquisas: <http://projetoofamac.wixsite.com/projetoofamac>.

Entretanto, nesse capítulo, apresentar-se-á os resultados obtidos na dissertação de mestrado de Araújo (2016) a qual investigou o futuro perifrástico em textos jornalísticos da década de 80 até o ano de 2014. Nessa pesquisa buscou-se verificar a ocorrência do futuro perifrástico na escrita jornalística manauara, através de um estudo de cunho longitudinal e transversal, verificando fatores linguísticos e extralinguísticos que explicam a variável do fenômeno estudado, fundamentando a análise numa abordagem teórico-metodológica sociofuncionalista.

Para o corpus dessa análise foram selecionados três jornais da cidade de Manaus: A Crítica, Diário do Amazonas e Dez Minutos. É importante mencionar que no trabalho houve a seleção das seções comuns aos três periódicos para que houvesse uniformidade nos resultados. Assim, as escolhidas foram: Política, Economia, Esporte, Cidades e Cultura. Também houve uma classificação social dos jornais, a qual utilizou-se o critério valor de venda, categorizando-os em: elitizado, classe média e popular. Sobre a variável, delimitou-se a identificar os seguintes modelos de futuro perifrástico: ‘verbo ir (presente) + infinitivo’ e ‘verbo ir (futuro) + infinitivo’. Todas essas escolhas tiveram o intuito de sanar os seguintes questionamentos: Quando se iniciou essa variação na escrita e como tem se desenvolvido nas últimas décadas? Que fatores linguísticos/extralinguísticos funcionam como motivadores ou inibidores da forma inovadora? Qual das modalidades de perífrases tem maior ocorrência? Alguma ou nenhuma supera ou se iguala ao uso do futuro sintético na escrita? Com relação as seções internas, há alguma seção que, em decorrência de seu conteúdo, motiva ou inibe a ocorrência da perífrase ou do futuro sintético? A respeito da classe social, as porcentagens de utilização das perífrases são diferentes entre os periódicos?

Portanto, através dos questionamentos acima, as hipóteses levantadas nessa pesquisa são as seguintes: há ocorrência do uso da perífrase na escrita, todavia não supera o uso do futuro sintético; a perífrase com o verbo *ir* no presente será mais utilizada; pressupõe-se que cada seção dentro dos periódicos, de acordo com o assunto, deva apresentar uma linguagem formal ou informal. Assim, presumiu-se que, em colunas mais formais, o uso do sintético prevaleça sobre o perifrástico. Essa linha de pensamento se estendeu à questão da classe social de cada um, isto é, no elitizado e de classe média, primar-se-ia pelo uso da forma sintética, e no popular pelo uso da forma perifrástica.

A realização da análise se deu através de fatores linguísticos e extralinguísticos. Os fatores linguísticos utilizados foram os propostos por Almeida e Figueiredo (2014) em seu trabalho intitulado: “Relevância das variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal”, no qual elas descrevem doze variáveis linguísticas, que são: extensão fonológica do verbo; paradigma verbal; conjugação verbal; pessoa verbal; papel temático do sujeito; tipo de sujeito; tipo de verbo; transitividade verbal; projeção de futuridade; presença/ausência de futuridade fora do verbo; natureza semântica do verbo e paralelismo sintático-discursivo. Porém, em Araújo (2016), realizaram-se algumas modificações pelo fato de que o trabalho tem por alvo apenas a escrita e alguns fatores estão mais relacionados à fala, bem como pela restrição da pesquisa em utilizar apenas um tipo de verbo, ocorrendo, portanto, a exclusão do fator: tipos de verbo. Assim, foram selecionados os seguintes fatores: pessoa verbal, extensão silábica do verbo⁵⁸, paradigma verbal, conjugação verbal, transitividade verbal, natureza do verbo, projeção de futuridade, presença/ausência de expressão de futuridade fora do verbo, tipo de sujeito e papel temático do sujeito.

Por fim, a fundamentação teórica orientou-se no Sociofuncionalismo, com base no trabalho de Tavares (2003), que configura uma abordagem díade por conter pressupostos de outras duas teorias: Sociolinguística e Funcionalismo Linguístico. Assim, no trabalho original, encontram-se os postulados da Sociolinguística do Funcionalismo Linguístico, no entanto, para esse capítulo, serão apresentados apenas os da teoria Sociofuncionalista.

POR QUE A ESCRITA JORNALÍSTICA?

A imprensa é imprensa desde o princípio do mundo e sempre fez o papel de anunciadora de boas e más notícias. E, de acordo com Cruz (2000, p. 80), a cidade se insere na imprensa, porque todos os acontecimentos, em todos os âmbitos da sociedade, configuram as publicações. Conseqüentemente, a estrutura e as características dos conteúdos que compõem os periódicos são reflexos do que a sociedade vive.

⁵⁸ Há uma observação realizada pelo Dr. Valteir Martins (2015, comunicação pessoal) acerca desse fator: a extensão ‘fonológica’ favorece a ocorrência da perífrase não pelo aumento do número de sílabas, mas sim pela tonicidade da palavra cuja ocorrência de acento primário e secundário é controlada pelo número de sílabas que o verbo possui, por isso, a esse fator, optou-se por denominá-lo de extensão silábica.

A história da imprensa no Brasil surge juntamente com o início da história do nascimento dessa nação, representando uma herança portuguesa que marcou a comunicação e a cultura brasileira. Na cidade de Manaus, o jornalismo impresso surgiu com o principal evento de iniciação do processo urbano: o Ciclo da Borracha, e trouxe muitos benefícios para o desenvolvimento da sociedade manauara.

Portanto, a propositura de Araújo (2016) em apresentar a história dos primeiros periódicos, bem como a trajetória dos três jornais que constituem o corpus da sua pesquisa é relevante, pois o objetivo da pesquisa é preencher um banco de dados sobre as características da escrita manauara desde a década de 80 até os dias atuais.

A cidade de Manaus surgiu no cenário das capitais brasileiras, após o advento do Ciclo da Borracha, conforme supramencionado, assim, com o crescimento das atividades, da população e da expansão territorial foram necessárias algumas implementações típicas das metrópoles como organização administrativa, política, trabalhista, cultural, bem como jornalística. A importância da comunicação através de periódicos se fundamenta porque é necessário disseminar os fatos ocorridos nessas organizações e divulgar os interesses dos habitantes em debater sobre temáticas como falta de saneamento, falta de escolas, atraso de salários entre outros.

Em seu primeiro momento, a imprensa manauara passava pela fase oral, em que a notícia corria no formato boca a boca, poucos eram os letrados e, por isso, quem o era impunha o que lhe aprouvesse. Embora, conforme evidencia Pinheiro (2001, p. 4), já estivessem em prática tentativas de introduzir o letramento na população através de leituras coletivas realizadas em associações, clubes, bares, praças e etc.

A notoriedade da produção jornalística no Amazonas aconteceu, de fato, na virada do século XIX para o XX, uma época de agitação cultural devido ao contato com outras capitais do país. E, após um ano da criação da Província, ocorreu o registro do primeiro jornal em 1851 e fora intitulado *O Cinco de Setembro*, sua primeira edição circulou no dia 3 de maio desse mesmo ano, seu idealizador era o tenente Manoel da Silva Ramos, tipógrafo responsável pela elaboração da linha editorial e pela escrita, que deveria ter um cunho oficial, em conformidade com o discurso da nova cúpula administrativa e política instalada na cidade (PINHEIRO, 2001, p. 4).

Mesmo com as dificuldades que impediam o crescimento da imprensa, como o baixo nível educacional, a falta de mão de obra

especializada em tipografia, escassez de maquinário adequado e etc. o *Jornal Cinco de Setembro* se tornou uma referência no âmbito jornalístico, tendo uma trajetória de muitas mudanças a começar pelo seu nome que, após oito meses de uso, passa a ser chamado de *Estrela do Amazonas* e assim permanece até o ano de 1866, quando foi comprado por Antônio da Cunha Mendes que o nomeou *O Amazonas*, perdurando nesse novo formato até meados do século XX.

O jornalismo nessa época, em Manaus, não tinha estabilidade, portanto os periódicos não circulavam por muito tempo. Todavia, esse quadro apresentou mudanças ao passar dos anos, por isso Pinheiro (2001) divide o periodismo manauara em fases. A primeira fase compreende esse momento em que os jornais não conseguem se firmar. Já a segunda fase é caracterizada pelo aumento e diversidade dos novos jornais, consequência do sucesso da economia gomífera. A partir de 1880, marco da nova fase, houve progresso nas tipografias, melhoria dos profissionais, mais produtores e, principalmente, um grande número de leitores.

Com essa nova fase, os grupos de intelectuais da época aproveitavam o espaço oferecido pela imprensa para veicular a abertura de debates e discussões acerca dos mais variados assuntos como política, expressão de opiniões acerca dos últimos acontecimentos, troca de ideias, economia, entre outros.

O periodismo em Manaus é marcado por fases, como supramencionado. Sobre o jornalismo no Brasil, J. Freire (1990) aponta, no livro *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950)*, que o mesmo deve ser explicado a partir de cinco linhas que apresentam diferentes concepções, mas com características e linguagens comuns, a saber: o jornalismo áulico, o panfletário, o literário, o político e o informativo, cada um deles representa um período da história jornalística.

Por essa razão, Araújo (2016) apresenta uma breve descrição de cada uma das linhas propostas: no jornalismo áulico eram publicados atos do governo da Província e do Império e, em algumas edições, eram feitas homenagens particulares a grandes figuras públicas da época; na imprensa panfletária ocorria a circulação de jornais de cunho revolucionário e pasquins moralistas, e, por apresentar tais características, pode ser aproximada conceitualmente da imprensa operária, pois ambas abriam espaço para discursos contrários aos oficiais, às reivindicações das classes operárias, queixas trabalhistas e denúncias sociais em geral; já no jornalismo político estão inseridos os jornais partidários, que

eram veiculados para disseminar posicionamentos ideológicos, como *O Socialista (1936)* que fazia parte do Partido Socialista do Amazonas; o jornalismo de cunho literário, produzido geralmente nas escolas, trazia as reflexões e preocupações dos estudantes acerca de temas literários e algumas vezes até políticos, a classe estudantil engajada nos assuntos da atualidade podia dar sua contribuição intelectual; sobre o jornalismo informativo, pode-se afirmar que todos, anteriormente citados, fazem parte por trazerem informações diversas a diferentes públicos.

Além das cinco linhas apresentadas acima, existia o jornalismo do interior que trazia informações relevantes à comunidade como reivindicações acerca de temas como saúde, educação e agricultura. Bem como, o jornalismo das colônias estrangeiras que era composto por edições escritas no idioma de origem da colônia e aportavam informações de interesse dessas populações. E, ainda, o jornalismo de caráter escandaloso e bisbilhoteiro que tratava de fofocas, críticas a costumes populares, carregando uma linguagem informal e humorística e até mesmo debochada. Inclusive, em decorrência de seu conteúdo escrachado, a maioria das assinaturas trazia pseudônimos, pois um de seus alvos, injuriados pela exposição na matéria, poderia proporcionar algum tipo de ataque. Ainda sobre essas edições, pode-se acrescentar que traziam charges, piadas, caricaturas, enfim, todo o tipo de afronta humorística para retratar temas e situações do cotidiano.

Após esse breve panorama sobre a história da imprensa manauara, são apresentadas as histórias dos periódicos que compõem o corpus dessa pesquisa, isto é, *Jornal A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Dez Minutos*. Iniciando pelo *Jornal A Crítica*, fundado por Umberto Calderaro Filho, que teve entrada no mercado periodista manauara no ano de 1949, época em que a cidade já tinha energia elétrica, abastecimento de água e transporte público, bem como a circulação de alguns outros periódicos como *O Diário da Tarde*, *A Tarde* e *A Gazeta*, *O Jornal do Comércio* e *O Jornal*.

Para a sua primeira e oficial edição, o idealizador do jornal, para se diferenciar da concorrência, distribuiu os exemplares às onze horas da manhã, tornando-se o primeiro e único *onzeorino* (AZEVEDO, 1974), contudo, antes do seu lançamento oficial, foram elaborados alguns ensaios em 1946, que, em virtude dos equipamentos impróprios, ocorreu de forma assistemática.

Ao final da década de 50 e início da década de 60, as edições do *Jornal A Crítica* mostravam solidariedade à luta do povo para

defender a liberdade e isso provocou insatisfação nos políticos do estado do Amazonas, essa questão foi tão devastadora que, em 20 de janeiro de 1959, a sede sofre um atentado à bomba, o que acarretou na destruição da redação, bem como na saída da família Calderaro do estado (AZEVEDO, 1947).

Alguns anos depois, em 1962, Calderaro opta pela construção de um edifício que foi considerado umas das melhores instalações jornalísticas do Norte do país. Como descreve o editorial da edição de aniversário de 19 de abril de 1961: “Novo, pelas modificações de roupagens modernas de que se veste, mas no mesmo local em que vimos mantendo a dura batalha pela sobrevivência [...]. Podemos nos orgulhar de possuir, agora, as melhores instalações jornalísticas do Norte do País”.

A partir de 1965, o jornal foi se consolidando cada vez mais e, em 1967, inaugurou seu teletipo, vinculado à agência de Notícias *Associated Press*, sendo o único a funcionar no Amazonas, bem como adquiriu um novo maquinário que figurava como o mais moderno disponível na cidade de São Paulo, permitindo que os exemplares fossem impressos a cinco cores, com mais páginas e em grande escala, já que saíam quarenta mil exemplares por hora. Ao longo dos anos, com esse crescimento, o Jornal A Crítica, não se deteve apenas aos leitores manauaras, mas também alcançou o Acre, Rondônia, Pará e Roraima, chegando a Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

O próximo jornal a ser apresentado é o *Diário do Amazonas* que se introduz em um momento de democratização no cenário político do país. A empresa era denominada Rede Diário de Comunicação e foi fundada pelo empreendedor amazonense Cassiano Anunciação, no ano de 1986. Inicialmente, era um projeto que consolidaria o desenvolvimento das atividades comerciais da família, mas acabou por dar origem à criação de um grupo de comunicação que, atualmente, é um dos maiores do Norte do país.

Nos anos 90, o Diário, como era chamado, ficou caracterizado por ter uma abordagem mais popular de assuntos em evidência no cotidiano da capital amazonense, bem como ganhou destaque por circular suas edições às segundas-feiras. Outra característica deste periódico inovador eram suas edições totalmente coloridas, diferentemente dos concorrentes que, quando tinham alguma página em cores, esta era restrita a capa e umas poucas no meio do exemplar. Em seguida, a linha editorial foi ampliada e passou a alcançar setores como economia popular e serviços, direcionando suas edições para as classes C e D.

Com o reconhecimento entre os leitores manauaras, o idealizador do jornal, no início do ano 2000, decide promover mais uma mudança e agora o transforma em um estilo *Premium*, com aspecto mais tradicional, visando expandir para uma nova publicação e até mesmo alcançar novos meios de comunicação como a internet, trazendo novos cadernos que noticiam as áreas política e econômica da cidade. O *Diário do Amazonas*, entre 2002 e 2004, teve papel fundamental nos processos eleitorais do Estado, mostrando os problemas enfrentados pelo Estado e pela capital e exigindo dos candidatos soluções.

O terceiro jornal que compõe o corpus da pesquisa é o Dez Minutos que fora idealizado a partir da mudança do Diário do Amazonas. O projeto inicial aconteceu em 2004, todavia a edição inaugural só saiu em 2008. Sua principal característica era tabloide popular, constituído de dezesseis páginas, tinha alta qualidade editorial e fotográfica. Suas edições eram distribuídas de segunda a sexta, custando R\$ 0,25. Logo foi aceito pela população e dominava o mercado de vendas na região. Em seu segundo ano de circulação, o Dez Minutos foi apontado como um dos maiores impressos do país, e atualmente é o 12º jornal mais vendido do Brasil, oitavo entre todas as capitais e sétimo na venda avulsa, visto que não pratica o sistema de assinaturas.

Assim, mostrou-se nos parágrafos anteriores a relevância dos periódicos selecionados para constituir o corpus desta pesquisa, para a história e o crescimento da cidade de Manaus e como eles se inserem na sociedade manauara. O título desse capítulo se apresenta através de uma pergunta: Por que a escrita jornalística? E a resposta, além do histórico já apresentado, se encontra também no fato de que os jornais, ao circularem, exercem influência na vida das pessoas, em sua linguagem como comunidade de fala e em suas atitudes. Essa influência pode ser comprovada através de pesquisas realizadas pelas empresas Ipsos e Marplan, que apontam um percentual de 82% de pessoas alfabetizadas em Manaus que leem jornal diariamente.

É próprio da profissão do jornalista, na produção textual da notícia, buscar o equilíbrio em estar de acordo com a norma culta e, ao mesmo tempo, empregar uma linguagem que alcance os leitores. Por isso, investigar o tema em estudo, a expressão de futuridade (sintética ou perifrástica) nos periódicos jornalísticos é relevante como constituição de um corpus que funciona como um termômetro dos usos linguísticos aceitáveis pela comunidade de fala.

SOCIOFUNCIONALISMO: UMA NOVA PERSPECTIVA TEÓRICA

O Sociofuncionalismo é uma abordagem diáde por trazer em sua configuração postulados de duas outras teorias: Sociolinguística e Funcionalismo. Em seu trabalho e de forma concisa, expõe-se os conceitos das mesmas: a Sociolinguística, é a teoria da variação e mudança, responsável por verificar como ocorrem os processos de variação nas línguas, considerando para estudo de uma língua não só sua estrutura interna, mas também fatores externos que estão relacionados aos falantes, observando aspectos sociais e culturais envolvidos no momento da produção de fala. Assim, para esta abordagem o objeto de estudo é o vernáculo, sendo necessário que as observações sejam feitas em situações espontâneas de uso da língua por seus falantes. Dentro desta perspectiva, a Sociolinguística busca, em seus estudos, verificar, identificar e avaliar como os fatores linguísticos como extensão fonológica, paradigma verbal, etc. e os extralinguísticos como escolaridade, faixa etária, etc. influenciam ou não na realização do vernáculo pelos falantes.

Já o Funcionalismo tem como objetivo a investigação da relação entre a forma e a função no uso da língua, verificando as capacidades linguísticas e comunicativas, isto é, a competência do falante em adequar a língua ao seu uso nos diversos contextos de produção, interpretando a língua como uma ferramenta utilizada pelo falante em sua interação social. Em uma análise de cunho funcionalista é observado tudo o que envolve a comunicação, como a intenção da fala, os interlocutores, o contexto do discurso e a influência extralinguística desta interação comunicacional. Como supramencionado, o Funcionalismo tem por foco analisar a língua a partir do seu uso e, para tanto, em suas pesquisas, estuda a relação existente entre a estrutura interna da língua (gramática) e a forma como ela é usada (contextos comunicativos). Os textos e os enunciados são associados às suas respectivas funções, desempenhadas na comunicação interpessoal.

O Sociofuncionalismo, por sua vez, contempla a variação linguística vista a partir dos princípios funcionalistas e sociolinguísticos. E, em Tavares (2013) é apresentada uma lista com postulados semelhantes da Sociolinguística e do Funcionalismo e seus respectivos autores, contudo, Araújo (2016) adaptou tal lista para um quadro. Nesse quadro é possível observar a correspondência entre as teorias que orientam o Sociofuncionalismo, com destaque a seus teóricos e seus principais pressupostos que se compartilham.

Quadro 1: Postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo.

a) Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança.	
S: Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]	F: Givón, 1995
b) A língua não é estática. Ao contrário, sofre alterações constantes.	
S: Guy, 1995	F: Givón, 1995, 2001; Hopper, 1987
c) O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual.	
S: Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]	F: Givón, 1995, 2001; Hopper; Traugott, 2003
d) Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis.	
S: Labov, 1994	F: Heine; Claudi; Hunnemeyer, 1991
e) Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas.	
S: Labov, 2008 [1972a]	F: Hopper; Traugott, 2003
f) A frequência das ocorrências recebe destaque. Na perspectiva funcionalista, a frequência é fundamental para o estabelecimento e a manutenção da gramática, e, além disso, a difusão linguística e social da mudança pode ser captada através do aumento da frequência de uso em diferentes contextos. Na perspectiva variacionista, o aumento de frequência é compreendido como índice de difusão Sociolinguística. Além do que as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas por meio de instrumental estatístico.	
S: Labov, 2008[1972a]b	F: Bybee, 2010a
g) Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua. A mudança se espalha de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social etc. É comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso.	
S: Labov, 2008 [1972a]	F: Lichtenberk, 1991
h) Fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística. No âmbito da Sociolinguística, Labov (2008 [1972a]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. E no âmbito do Funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante.	
S: Labov (2008 [1972a])	F: Traugott (2002)
i) A gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática, vem recebendo grande destaque nos estudos funcionalistas (cf. HARDER, BOYE, 2011). Para o Funcionalismo, vários casos de variação e mudança morfossintática podem ser explicados através desse processo. No âmbito da Sociolinguística, Labov (2010) também aponta a gramaticalização como uma possível fonte de explicação para a mudança morfossintática, e cita autores funcionalistas que vêm trabalhando nessa perspectiva.	

S: Labov (2010)	F: Bybee, 2010; Nevalainen; Palander-Collin, 2011; Hopper e Traugott (2003) e Haspelmath (2004)
-----------------	---

Fonte: Tavares reproduzido por Jussara Maria de Oliveira Araújo e Silvana Martins, 2013, p. 33-34.
Siglas correspondentes no Gráfico:

S - autores da Sociolinguística | F - autores do Funcionalismo

Todas as premissas desse Quadro 1 estão conectadas com os objetivos da pesquisa, sendo a língua em uso, vista como prioridade para os estudos sociofuncionalistas, também se configura como foco do estudo.

São verificados os fenômenos ocorridos no formato escrito da língua que, por sua vez, está dentro do segmento de uso, abrigando a heterogeneidade, a variação e a mudança, uma vez que, a língua escrita é a representação de uma prática cognitiva e social. A escrita não é superior ou inferior à fala, reproduz, a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo (MARCUSCHI, 2008, p. 53). Assim, o Sociofuncionalismo é uma proposta teórica que atende às perspectivas de realização desse estudo, no que se refere à coleta e análise de dados.

Quando se trata da expressão de futuridade na escrita jornalística, busca-se mostrar as variações, através da utilização de formas verbais inovadoras, as quais destoam da língua padrão e corroboram com o fato de que a língua não é estativa. No item c, do quadro acima, é indicado o fenômeno da mudança como um processo contínuo e gradual. Uma pesquisa que tem por base o Sociofuncionalismo tem a opção de adquirir estimativas de mudança mais refinadas e confiáveis através de dados sincrônicos e diacrônicos. Para obter essa qualidade, na pesquisa de Araújo (2016) foram selecionados jornais desde a década de 80 até 2014, resultando em uma análise mais precisa acerca o fenômeno estudado. Ainda nesta perspectiva temporal, o princípio do uniformitarismo prevê que as forças linguísticas e sociais que agem hoje, as quais englobam a variação e a mudança, são as mesmas que atuaram em épocas passadas. Essa perspectiva também é contemplada pelo fenômeno da perífrase que entre idas e vindas está na língua portuguesa desde o latim.

No item f, o fator que se apresenta nas duas teorias é a frequência. A importância da frequência se dá pelo fato de que ela determina se tal fenômeno que se pretende estudar tem um uso frequente o suficiente para que se torne relevante. O Funcionalismo observa que é através da frequência que a difusão linguística e social da mudança acontece. Já a Sociolinguística necessita desse elemento para realizar a comparação através dos programas estatísticos. Quando se optou

por uma pesquisa sincrônica e diacrônica do fenômeno da perífrase na escrita, almejou-se exatamente verificar com exatidão a frequência dessa forma inovadora tanto linguisticamente quanto socialmente, bem como se haveria números suficientes para que se usasse o programa estatístico *GoldVarb X*.

As pesquisas sociofuncionalistas não deixam de observar os fatores contidos na descrição do item g dentro da análise da mudança como região, geração, classe social, falantes jovens e mais velhos, etc. Obviamente, no campo escrito de uso da língua há uma adaptação desses fatores. Mas, ainda assim, verificam-se também elementos de cunho social como a classe social dos leitores, as seções internas dos periódicos e outros.

A interação, por sua vez, é um elemento que representa adaptação para os sociolinguistas e motivação para os funcionalistas no campo da prática discursiva. No âmbito da escrita que não oferece uma interação real entre os interlocutores, pode-se verificar interação quando o autor da matéria traz para seu texto a forma inovadora, revelando assim sua prática interacional no discurso.

No último item é observada a gramaticalização. Este pressuposto contemplado pelas teorias base, formadoras do Sociofuncionalismo, é de extrema importância para a explicação da mudança ocorrida com verbo ir dentro da expressão de futuridade realizada pela perífrase.

Enfim, embora essa teoria esteja em fase de construção, já é amplamente divulgada e utilizada por diversos pesquisadores, como os já citados, bem como, atualizada constantemente por sua idealizadora a Dra. Alice Tavares e sua equipe. E, pelo quadro exposto e todas as relações feitas com os elementos que compõem o estudo analisado nesse capítulo, considera-se que esta seja a teoria adequada para nortear a discussão da análise proposta.

DOS MÉTODOS

Na pesquisa analisada foram selecionados três periódicos manauaras, conforme textos anteriores, *A Crítica* (considerado elitizado), *Diário do Amazonas* (considerado de classe média) e o *Dez Minutos* (considerado popular). Como se pode observar, os periódicos tiveram classificações de suas classes sociais que foram determinadas pelo valor de venda que cada um possui nos fins de semana, dias utilizados na coleta, a saber: o elitizado custa em média entre seis e cinco reais; o da classe média custa um real e, o popular, cinquenta centavos.

Para a constituição do corpus, considerando que o objetivo é realizar um estudo longitudinal e transversal, foram selecionadas as edições dos jornais *A Crítica* e o *Diário* desde os anos 80 até 2014, a fim de conhecer a frequência e os contextos da forma inovadora. E, em referência ao jornal *Dez Minutos*, foram selecionadas as edições a partir da criação do jornal, que foi em 2008, conforme apresentou seu histórico. Para todos, os meses escolhidos foram junho, agosto e outubro, sendo sempre edições de fim de semana: sábado e domingo.

Aplicou-se o Programa *GoldVarb X* para o tratamento estatístico, a partir dos treze fatores de variação selecionados para análise. O quadro a seguir foi elaborado para melhor visualização da constituição do corpus de análise.

Quadro 2: Jornais e anos de coleta.

Décadas	A Crítica	Diário do Amazonas	Dez Minutos
Anos 80	85 – 89	85 - 89	-
Anos 90	95 – 99	95 - 99	-
Anos 2000	2008 – 2012	2008 – 2012	2008 - 2012
2014	2014	2014	2014

Escolheu-se a partir dos anos intermediários para os anos finais, assim, na década de 80 foram os anos: 85, 86, 87 e 88; na década de 90, os anos 95, 96, 97 e 98. Já para os anos 2000, optou-se por iniciar, em todos os jornais, pelo ano de 2008, pois como supracitado, é o ano de fundação do terceiro jornal que integra a coleta (*Dez Minutos*). Ainda sobre os anos 2000, esclarece-se que seguiu o quantitativo dos demais, ou seja, quatro anos, ficando os anos de 2008, 2009, 2010 e 2011. É necessário ressaltar que o espaço temporal de dois anos, existente entre 2011 e 2014, não tem relação direta, pois o ano de 2014 constitui o corpus do artigo que originou a dissertação de Araújo (2016).

Foram selecionadas seções internas dos jornais, e específicas a partir dos seguintes critérios: permanência, isto é, que estivessem presentes todos os dias, inclusive aos fins de semana; e que tivessem correspondência em todos os periódicos. Foram elas: Política, Economia, Cidades, Esporte (cada jornal nomeia de uma forma diferente) e Cultura (representada também por mais de uma denominação).

Em jornais, é comum encontrar transcrições literais das falas dos entrevistados, contudo, para a pesquisa em análise, não foram considerados os trechos que representam transcrições de fala, pois o interesse do trabalho está na escrita.

Empregou-se o programa *GoldVarb X*, como ferramenta para a análise quantitativa. Idealizado por Steve Harlow, tem como função indicar se os grupos de fatores da pesquisa são significativos ou não significativos e, em caso positivo, a hipótese será confirmada. Trabalhos relacionados à Sociolinguística fazem suas análises quantitativas de dados através deste programa, pois ele realiza os cálculos estatísticos e probabilísticos na plataforma Windows, baseada no programa *GoldVarb X 2.0* (RAND; SANKOFF, 1990) desenvolvido, *a priori*, para computadores Macintosh.

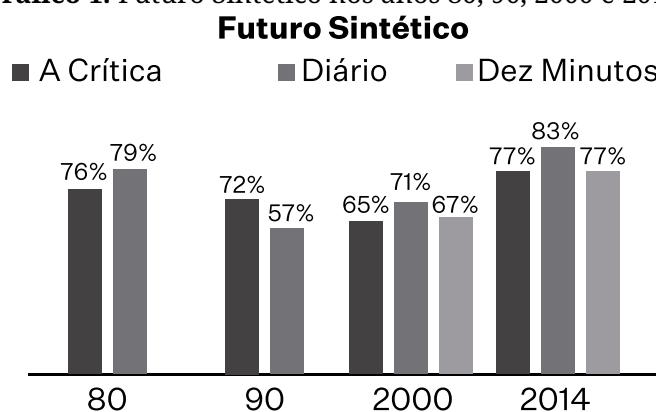
A PERÍFRASE DOS ANOS 80 AOS DIAS ATUAIS

A seguir, são expostos os resultados e as discussões acerca da ocorrência da perífrase com o verbo *ir*, em uma análise de 2.062 dados, referentes à escrita jornalística manauara, de meados das décadas de 80 e 90, anos 2000 e ano 2014, a partir dos grupos de fatores testados e selecionados pelo programa estatístico *GoldVarb X*.

No trabalho original, a ordem das seções é cronológica e a discussão dentro de cada uma delas segue um padrão: iniciando pelos dados gerais, isto é, as porcentagens das variáveis dependentes (futuro sintético, perífrase com *ir* no presente e perífrase com *ir* no futuro) em cada jornal (*A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Dez Minutos*), seguidos pelas discussões dos fatores investigados nas hipóteses e, finalizando, com a discussão sobre os fatores selecionados como mais relevantes para a ocorrência da perífrase na rodada para obtenção do peso relativo. E ao final do trabalho, a autora apresenta uma síntese de sua análise e discussão. Para esse capítulo, apresentar-se-ão apenas os gráficos do resumo final.

Inicia-se com o gráfico geral que apresenta os resultados para as ocorrências do futuro sintético nos anos de 80, 90, 2000 e 2014 nos três periódicos selecionados.

Gráfico 1: Futuro Sintético nos anos 80, 90, 2000 e 2014.

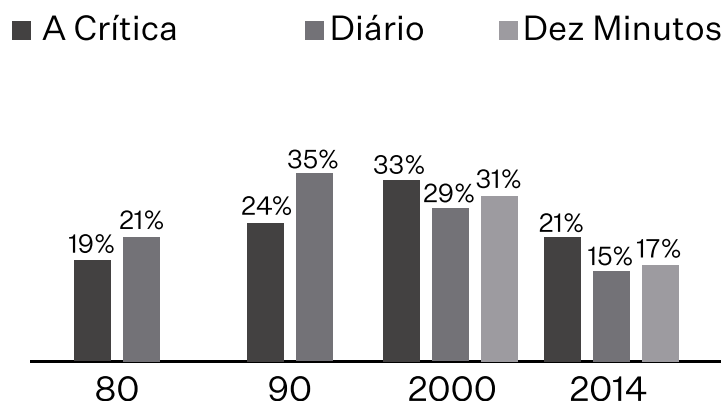


Observa-se no gráfico que na década de 80 o jornal elitizado e o de classe média apresentam porcentagens de ocorrências similares. Já na década de 90 o jornal de classe média apresenta menor porcentagem de ocorrência, notando-se que houve relevante mudança na utilização do futuro sintético. Nos anos 2000 e 2014, constata-se que o jornal elitizado e o jornal popular possuem igual percentual de ocorrência, o que nega a principal hipótese, ou seja, de que o jornal popular teria baixa frequência do futuro simples.

A seguir, apresentam-se os dados gerais para a perífrase com o verbo *ir* no presente.

Gráfico 2: Futuro Perifrástico (verbo *ir* no presente) nos anos 80, 90, 2000 e 2014.

Futuro Perifrástico (verbo *ir* no presente)

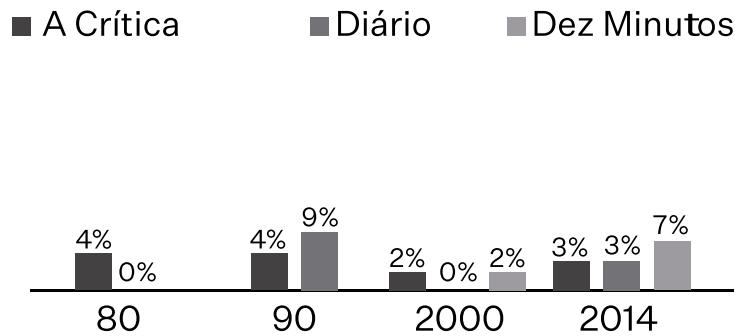


Contrastando os gráficos acima, pode-se observar que a perífrase ocorre na escrita jornalística manauara, contudo não supera os percentuais de ocorrência do futuro sintético.

Na década de 80, os percentuais de ocorrência da perífrase apresentam números relativamente próximos, sendo, respectivamente, 19% para o jornal elitizado e 21% para o jornal de classe média. Já nos anos 90, os percentuais afirmam a conjectura de que a perífrase estaria mais presente no jornal de classe média. Nos anos 2000, o jornal elitizado e o jornal popular apresentam pouca diferença, negando a hipótese de que o jornal elitizado não utilizaria tanto quanto um jornal popular a perífrase. No ano 2014, o jornal de classe média apresenta o menor percentual dentre os outros jornais com relação à utilização da perífrase o que nega a hipótese que um jornal de classe média teria um percentual maior que o de classe elitizada.

Gráfico 3: Futuro Perifrástico (verbo *ir* no futuro) nos anos 80, 90, 2000 e 2014.

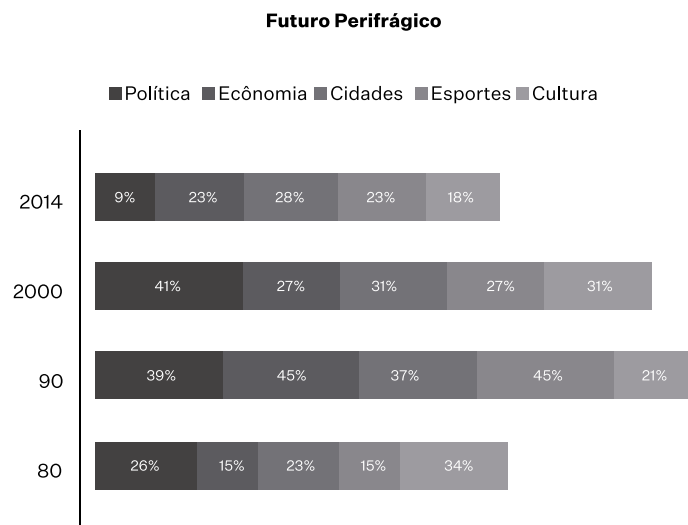
Futuro Perifrástico (verbo *ir* no presente)



Essa modalidade de perífrase apresentada no quadro acima, não é frequente em nenhum dos períodos e em nenhum dos jornais, sempre apresenta percentuais mínimos ou nulos de ocorrência. Dentre as modalidades de perífrase com o verbo *ir*, a composta pelo verbo *ir* no presente é a mais frequente na escrita jornalística, de acordo com os resultados dessa pesquisa.

De acordo com o mesmo gráfico, o jornal de classe média na década de 80 e nos anos 2000 apresenta porcentagem nula para a ocorrência dessa modalidade. Nos anos 90, apresenta maior porcentagem que o jornal elitizado e nos anos 2014 se iguala ao mesmo. Nos anos 2000, verifica-se que jornal elitizado e jornal popular compartilham do mesmo percentual de ocorrência dessa perífrase, negativamente a hipótese já mencionada.

Gráfico 4: Futuro Perifrástico nas seções de jornal.



A hipótese aventada para o grupo de fator seção de jornal era de que as seções que apresentassem temas mais formais como política, economia e cidades apresentariam menor ocorrência da forma inovadora e que as seções que abordassem temas mais informais apresentariam maiores porcentagens de ocorrência para perífrase.

A seção de política negativa essa hipótese ao apresentar nos anos 2000 um percentual de 40% para a utilização da perífrase. A seção de economia também negativa essa hipótese na década de 90, pois apresenta 45% de ocorrência da forma inovadora. A seção de cidades ao apresentar 37% de frequência no uso do futuro perifrástico também refuta tal conjectura.

Também se apresenta nesse panorama geral sobre as análises o quadro 13 que apresenta os fatores mais relevantes nas rodadas binominais.

Quadro 3: Fatores relevantes para a ocorrência da perífrase na escrita jornalística manauara.

Extensão Silábica	Extensão Silábica	Extensão Silábica	Extensão Silábica
Paradigma Verbal	Paradigma Verbal	Paradigma Verbal	
Papel Temático do Sujeito	Papel Temático do Sujeito	Papel Temático do Sujeito	
		Transitividade Verbal	
		Natureza do Verbo	
		Projeção de Futuridade	
		Tipo de Sujeito	

No Quadro 3, os fatores em negrito representam os fatores relevantes em comum nos jornais analisados em cada época. Apenas nos anos 2000 é que não houve nenhum fator relevante comum aos três periódicos.

Na análise, algumas divergências foram encontradas com relação à fala, sobretudo pela escolha de fatores relacionados apenas a escrita jornalística, como, por exemplo, a seção de jornal. Enquanto que na fala a seleção de fatores para favorecimento do uso da perífrase está ligada ao compartilhamento cognitivo do falante, na escrita, por sua vez, a seleção contínua do fator **extensão silábica** mostrou uma nova roupagem ao uso do futuro perifrástico.

Com relação ao tempo cronológico, observou-se que, embora se chame inovadora, a forma perifrástica de se expressar o futuro, na escrita jornalística manauara já acontece há décadas. Claro que não se pode afirmar de anos anteriores, mas, com certeza, a partir de 1985, a perífrase faz parte da escrita dos jornais da cidade de Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futuro perifrástico, nas suas duas modalidades estudadas no trabalho de Araújo (2016), apresentou porcentagens consistentes de ocorrência em todas as épocas, demonstrando que a forma inovadora dentro da escrita não é um fenômeno recente. Bem como, os percentuais durante a análise confirmaram que a perífrase constituída do verbo ir no presente é a mais frequente.

O futuro sintético, denominado como forma padrão de tempo futuro pela Gramática Normativa, apresentou em todas as análises a maior porcentagem de ocorrência. Esse resultado confirma a hipótese de que a forma inovadora ocorre na escrita, porém não supera a forma sintética. Outra hipótese levantada era de que essa forma estaria presente no jornal considerado elitizado, contudo o futuro sintético possui maior percentual de ocorrências no jornal de classe média na a maior parte da análise: década de 90, anos 2000 e ano 2014.

Com relação ao grupo de fatores representado pela seção de jornal, na década de 90 e anos 2000 a seção de política apresentou maiores percentuais para a ocorrência da forma inovadora, apresentando diversidade em relação à hipótese aventada de que as seções com temas mais formais, como política e economia, não apresentariam a ocorrência do futuro perifrástico.

Os resultados obtidos na dissertação em análise, conforme sugere a autora, não esgotam as possibilidades de se investigar a ocorrência da perífrase na escrita, visto que a variável aqui tratada representa apenas um recorte das muitas possibilidades de expressão de futuridade através da forma inovadora.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernanda dos Santos; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira de. Relevância de variáveis linguísticas e sociais na expressão do futuro verbal. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL)*, XVII, 2014, João Pessoa. *Anais do XVII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. João Pessoa. p. 1-13.
- ALVES, Thiago Gil Lessa. *A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses*. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ALVES, Thiago Gil Lessa. A variação entre *ir +infinitivo e presente simples do indicativo* na expressão do tempo futuro. *Cadernos de Cultura e Ciências*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2012. Disponível em: periodicos.urca.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/487. Acesso em: 21 ago. 2014.
- ANDRADE, Bruno de Sousa. *A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variação*. 2012. 36 f. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado do Amazonas, 2012.
- ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de; MARTINS, Silvana Andrade. A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, IX, 2015, Belém. *Caderno de Resumos*. Belém: ABRALIN, 2015. p. 270-271.
- ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de. *A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista*. 2016. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

- AZEVEDO, Ulysses de. *25 anos de mãos dadas com o povo*. A Crítica. 3º cad. p. 8, Manaus, 19 de abril de 1974.
- BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia Capixaba. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Espírito Santo, v. 3, n. 3.1, 2009. Disponível em: www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5272. Acesso em: 24 ago. 2015.
- CRUZ, H. F. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.
- GIBBON, Adriana de Oliveira. *A Expressão do Tempo Futuro na Língua Falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 126 f. Dissertação (Mestrado Letras/Linguística) - Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- GRYNER, Helena. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 149-160, jul./dez. 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Valteir. Comunicação pessoal, 21 de agosto de 2015.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, Josane Moreira; OLINDA, Silvia Rita Magalhães de. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, n. 2, Belo Horizonte, 2008.
- OLIVEIRA, Josane Moreira. A trajetória do futuro perifrástico na Língua Portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*.

Belém, v. 8, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/index.php/volume-8-numero-1-junho-2012. Acesso em: 25 ago. 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880- 1920)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2001.

RAND, D.; SANKOFF, D. *GoldVarb: A variable rule application for the Macintosh (version 3.0B)*. Montreal: Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal, 1990.

RIBEIRO, Paula Jamille. MARTINS, Silvana. *Contextos linguísticos e socioculturais da variação da expressão de futuridade na fala manauara*. Artigo (Iniciação Científica - SISPROJ – Nº 21106) – Universidade do Estado do Amazonas, 2014.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. *Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística*. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, 2013.

O processo comunicativo acompanha o processo evolutivo do homem. Conforme seu conhecimento e compreensão do mundo se expandem, as situações comunicativas ganham novos rumos. A língua está estritamente ligada a esse processo, uma vez que é a maior expressão cultural de um povo, possibilitando assim, a interação entre indivíduos de um mesmo grupo. Pensamos, agimos e compreendemos o meio no qual estamos inseridos através de uma língua. Por esse motivo, ela reflete diretamente aquilo que somos e nos possibilita interpretações do mundo que vivemos.

O falar do amazonense recebeu fortes influências indígenas, visto que estes foram os primeiros habitantes em nossa região. A fase áurea da borracha, forte marco histórico e econômico da Amazônia, acarretou a vinda de diversas pessoas, principalmente vindas do Nordeste do país. Pessoas de outras nacionalidades também migraram para cá neste período. A mistura de todas essas culturas e línguas resultou na forma única de falar, que se caracteriza como amazonês. Segundo Freire (2011, p. 4), se cada variante do português espalhada por esse país imenso tem sua nuance é porque também tem sua história particular. Por sua vez, a variante falada no Amazonas tem a sua.

“TÁ NO MEU LINGUAJAR”: O LÉXICO

Falar língua de é falar de léxico. Cada variante de uma língua possui o seu léxico, que consiste na capacidade humana de associar palavras a conceitos que simbolizam referentes. Biderman (1996, p. 32) conceitua o léxico como conjunto abstrato de unidades lexicais. Essas unidades lexicais são compostas de lexemas, que podem ter valor lexical ou gramatical. Sendo assim, o léxico funciona como uma espécie de depósitos de signos, uma das formas de registrar o conhecimento do universo.

Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 1998, p. 91).

O léxico é formado por unidades lexicais. Conforme Barros (2004, p. 60), a unidade lexical é “caracterizada pela não separabilidade dos elementos que a realizam do ponto de vista fonético e é identificada pela possibilidade de comutação no sintagma ou na frase”.

Outro conceito importante no campo da lexicologia é o de palavra e vocábulo. Biderman não os diferencia. Entretanto, para Borba (2002, 2003), os termos palavra, lexia ou lexema se referem ao sistema linguístico como entidade abstrata e supraindividual, e divergem, portanto, do termo vocábulo, que se relaciona com o discurso, isto é, à fala, o uso da língua pelos indivíduos.

O léxico é um inventário aberto, uma vez que a todo instante, novos elementos lexicais são criados e incorporados nas diversas variantes linguísticas. Ele é constituído por unidades (ou itens) lexicais, que são unidades semanticamente plenas e tipicamente registradas no léxico da língua e têm a potencialidade de se combinar umas com as outras ou com elementos afixais para formarem outras unidades ou sintagmas.

No léxico, as palavras se renovam, inovam e são reinventadas. O processo de mudanças sociais contribui para que haja essa renovação lexical. Isso explica o fato de algumas palavras entrarem em desuso, mas voltarem a ser utilizadas depois de um tempo e, geralmente, com significações novas. Esse fenômeno serve como forma de enriquecimento do léxico, partindo do pressuposto de que a língua e o homem estão em constante processo evolutivo. Gonçalves (2015, p. 71) afirma que a escolha lexical do falante da língua retrata a percepção dele sobre o mundo que o cerca. Sendo assim, é fácil compreender que o léxico está ligado à questão cultural do sujeito e à comunidade a qual ele está inserido.

DICIONÁRIO DE PALAVRAS REGIONAIS DA MPA

Verificou-se que ao pensarmos em língua, nos remetemos automaticamente às questões históricas e culturais. Este trabalho consiste em um estudo da variante do português falado no Amazonas, que é popularmente conhecida como amazonês. Inúmeros são os termos e expressões que podem ser caracterizados como pertencentes ao falar amazonense, o que torna necessária a escolha de um ponto de partida. A delimitação da coletânea foi pensada a partir de uma perspectiva que se inscreve na ideia de língua e cultura. Desse modo, o corpus foi delimitado baseado na escolha de músicas pertencentes à MPA, desde a década de 80 até os dias atuais.

A MPA é caracterizada por retratar o regionalismo amazônico através de versos musicados. Esse segmento musical resgata em suas letras o modo de viver caboclo carregado do léxico amazonês. Com grandes nomes como representantes, a MPA vem se consolidando ao longo de décadas. Segundo Menezes (2011), o rótulo MPA define a música feita pelos compositores locais e que, inicialmente, era veiculada na rádio. A sigla não tiraria a qualidade ou diferencia a música em relação às demais produções do resto do país (apenas a escolha dos temas que se referem sempre a um contexto regional e por analogia ao estado do Amazonas e cidade de Manaus). A MPA divulga e chama atenção que Manaus também tem e faz música. Lucinha Cabral, cantora e compositora, avalia o rótulo MPA como algo positivo:

A MPA nasceu quando nós começamos a fazer música para falar do Amazonas. Nós fazemos bolero, nós fazemos samba, fazemos rock, guaranha com uma letra da nossa história, enquanto no Rio de Janeiro fala-se do morro de lá, nós aqui falamos dos nossos matos, dos nossos índios e tudo. Porém não deixamos de ser Música Popular Brasileira. O rótulo MPA surgiu quando começaram a tocar nas rádios as músicas dos compositores amazonenses (MENEZES, 2011, p. 49).

Para esta pesquisa, foram selecionadas quatro letras de músicas por década, totalizando dezesseis composições. É importante ressaltar que os únicos critérios para a escolha dessas canções foram: ser caracterizada como pertencente à MPA e ter como ano de composição o período entre 1980 e 2016. A seguir, temos um quadro com a lista das músicas que compõem o corpus, organizadas por década em ordem cronológica. É possível observar seus compositores, os intérpretes, bem como o ano em que foram compostas.

Quadro 1: Músicas por década.

80			
Música	Compositor(es)	Intérprete(s)	Ano de composição
Domingo de Manaus	Chico da Silva	Lucilene Castro	1983
Verde Bandeira	João Cândido	Candinho e Inês	1985
Puxirum de Farinhada	Alírio Marques	Alírio Marques	1985
Cantiga de Parintins	Chico da Silva	Chico da Silva	1987

90			
Música	Compositor(es)	Intérprete(s)	Ano de composição
Banzeiro	Celdo Braga/ Raimundo Ângulo	Grupo Raíces Caboclas	1994
Dia de festa	Torrinho	Torrinho	1993
Cheiro Bom	Celdo Braga/ Eliberto Barroncas	Grupo Raíces Caboclas	1994
Saga de um canoeiro	Ronaldo Barbosa	David Assayag	1997

2000			
Música	Compositor(es)	Intérprete(s)	Ano de composição
Lendas	Junior Lima/ Sérgio Albuquerque	Antônio Pereira	2004
O amazonês	Nícolas Junior	Nícolas Junior	2004
Kizumba	Nícolas Junior	Nícolas Junior	2004
Caboclo Ribeirinho	Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo	David Assayag	2004

2010			
Música	Compositor(es)	Intérprete(s)	Ano de composição
Piaba	Banda Ayahuasca	Yuri Reis	2012
Dna caboclo	Enéas Dias/ Marcos Lima	Márcia Siqueira	2012
O boto	Os Tucumanus	Clóvis Rodrigues	2014
Churrasco de gato	Os Tucumanus	Clóvis Rodrigues	2014

Destas músicas, foram destacadas todas as palavras e expressões regionais nelas encontradas, resultando numa lista de 137 itens lexicais. Verificou-se quais desses itens lexicais não estão registrados na obra de Freire (2011), *Amazonês: Expressões e termos utilizados no Amazonas*, que serve como base para esta pesquisa. Foram atestados 32 itens que não constam no livro *Amazonês*. Estes foram reunidos com o intuito de organizar um dicionário digital ilustrado

com essas palavras regionais, trazendo seus respectivos significados, conforme atribuídos pelos manauaras, considerando gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

O quadro a seguir apresenta as informações que constam no dicionário. As 32 palavras regionais que estão presentes no corpus selecionado da MPA são organizadas em ordem alfabética. Na sequência, apresenta-se a definição dada pelos dicionários e exemplifica-se a ocorrência no verso.

Quadro 2: Palavras do Dicionário Regional.

Numeração	Palavra	Definição	Item lexical/Verso na música
1	Bananeira	Árvore cujo fruto é a banana.	Bananeira parideira,/Sob o azul, verde bandeira. Verde Bandeira. João Cândido. 1985.
2	Caiçaras	Habitantes da beira do rio	O som do silêncio morno/ A maloca dos caiçaras. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
3	Castanha	Fruto do castanheiro	Traz peixe, pupunha, castanha, marí-marí, tucumã Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004.
4	Churrasco de gato	Churrasquinho no espeto que é vendido nas ruas	Churrasco de gato de primeira/ Churrasco de gato siamês Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014.
5	Correnteza	Fluxo de água forte	Respeitando a natureza/ Eu enfrento a correnteza Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004
6	Couro	Pele	Tira a tuíra do couro, que agora é dos vera/ Vou te malinar. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.
7	Emprenhar	Engravidar	Cuidado minha vizinha/ Que o boto quer emprenhar a sua filha O boto. Os tucumanus. 2014.
8	Escarrado e cuspidor	Cópia idêntica	Eu era escarrado e cuspidor uma osga/ Mas meu apelido era carapanã O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

9	Espinhel	Aparelho de pesca que consiste numa corda comprida ao longo da qual são fixadas, de distância em distância, linhas munidas de anzóis.	Toada, espinhel, zagaia, tururi/ Trejeitos de um povo baré” Kizumba. Nicolas Jr. 2004.
10	Faceiro	Dengoso	Como então será que tá teu corpo inteiro/ De pensar já tô faceiro Cheiro bom. Celdo Braga/ Eliberto Barroncas, 1994.
11	Lambada	Porrada	Mamãe me ralhava e eu nas carreiras, zimpado/ Era galho de cuia, lambada e o escambal O amazonês. Nicolas Jr. 2004.
12	Larica	Fome	Se vai bolar/ Vou relaxar/ To na larica eu to a fim de encarar Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014.
13	Ligeiro	Rápido	Chap, chap, chap bem ligeiro/ É o som do meu banzeiro/ Na canoa balançar Banzeiro. Celdo Braga/ Raimundo Ângulo, 1994.
14	Mari-Mari	Fruta regional	O cantar do miri miri/ Mari-mari e taperebá Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
15	Moleque doido	Camarada	Eu não vim no guaramiranga/ Sou moleque doido não venha frescar O amazonês. Nicolas Jr. 2004.
16	Mormaço	Calor	O som rouco do remanso/ O mormaço branco no ar Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
17	Muruci	Fruta amarela e redonda de cheiro acentuado	O cheiro do muruci/ O vinho de patauá Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
18	Parir	Ter neném	Bananeira parideira,/Sob o azul, verde bandeira” Verde Bandeira. João Cândido. 1985.
19	Pegar um boi	Ter sorte	Era bom que só/ Eu pegava um boi que era massa demais O amazonês. Nicolas Jr. 2004.
20	Peixe-boi	Mamífero gigante de água doce	O lombo de peixe-boi/ Pirarucu bem assado Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

21	Perau	Zona profunda no leito de um rio	Nesse beiradão tem visagem e bicho encantado/ No perau do rio Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rosy Carmo. 2004
22	Piaba	Peixe pequeno	“Mas nesse mar vermelho de tanta corrupção,/ Não pega baleia, muito menos tubarão,/ Lá, só pega piaba. Piaba. Banda Ayahuasca, 2012.
23	Piraíba	Peixe grande	A pesca da piraíba/ Viração de tracajá Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
24	Pirão	Papa grossa feita de farinha de mandioca escaldada	Caboclo, cafuzo, pirão, curumim/ Trejeitos de um povo baré Kizumba. Nicolas Jr. 2004.
25	Puxirum	Reunião	Puxirum de farinhada:/ Vamos fazer farinha, vizinha/ Vamos fazer farinhada Puxirum de farinhada. Alírio Marques, 1985.
26	Tambaqui	Peixe de escamas	Pra começar, guaraná junto com tambaqui/ Farinha d' água cai bem com tucumã e açaí” Dna caboclo. Enéas Dias/ Marcos Lima. 2012.
27	Tracajá	Tartaruga de água doce	A pesca da piraíba/ Viração de tracajá Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.
28	Tucumã	Fruta regional de carne alaranjada	Levei um pão com queijo e tucumã/ Um açaí com macaxeira e tapioca Piaba. Banda Ayahuasca, 2012
29	Tuíra	Sujeira	Tira a tuíra do couro que agora é dos vera/ Vou te malinar O amazonês. Nicolas Jr. 2004.
30	Tururi	Camiseta de boi-bumbá	Toada, espinhel, zagaia, tururi/ Trejeitos de um povo baré Kizumba. Nicolas Jr. 2004.
31	Uirapuru	Ave de canto melodioso	Foi o uirapuru/ Quem cantou essa canção Lendas. Junior Lima/ Sérgio Albuquerque, 1994.
32	Vinagrete	Molho preparado para acompanhar o churrasco	Churrasco de gato siamês/ Vinagrete ou tucupi/ Farinha do uarini Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014.

OS INFORMANTES

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista individual gravada. Os 18 informantes que compõem a pesquisa responderam por meio de conversa os significados que atribuíram aos itens lexicais dos termos perguntados dentro do contexto da música.

Os critérios para seleção dos informantes foram: ser amazonense, de preferência ser de Manaus ou área metropolitana; ter no mínimo 18 anos; sendo três homens e três mulheres. Dois com ensino fundamental; dois com EM; dois com ES. Das faixas etárias: 18 a 35; 35 a 55; acima de 55 anos.

ANÁLISE DOS DADOS

Dos 137 itens lexicais que foram levantados nesta pesquisa, 105 convergem com *Amazonês* e 32 não estão registrados na obra de Freire (2011). Algumas palavras registradas no corpus desta pesquisa (tanto no dicionário digital ilustrado quando no livro *Amazonês*) não são utilizadas somente por falantes da região do Amazonas. O que caracteriza essas palavras como pertencentes ao amazonês são os significados que os falantes dessa variante linguística atribuem dentro de determinado contexto. Em sua obra, Freire (2011, p. 4) diz que apesar de uma palavra constar no dicionário amazonês, isto por si só não a batiza como amazonense, mas a naturaliza como cidadã do maior estado do país porque ela faz sentido na linguagem dessa região.

Palavras regionais da MPA convergentes com o livro *Amazonês*

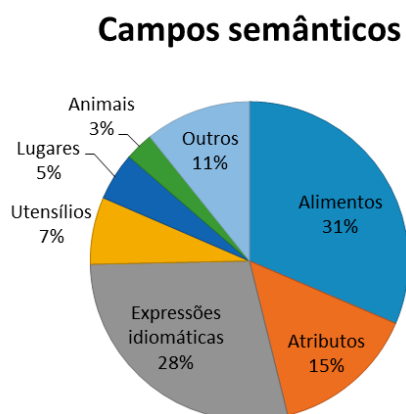
Conforme já mencionado, do total de 137 palavras levantadas pelo corpus analisado, 105 estão também registradas no livro *Amazonês: Expressões e termos utilizados no Amazonas* (FREIRE, 2011), o que corresponde a 76,6% do total. O termo ‘caboco’, bem como suas variações (caboclo, caboquinho, etc.) ocorre com maior frequência entre as músicas que constituíram o corpus, totalizando sua presença em 12 músicas. É interessante observar que esse é o único termo que pode ser encontrado em músicas de todas as décadas. O Quadro 3 reúne as palavras da MPA analisadas que convergem com o livro *Amazonês*.

Quadro 3: Palavras regionais da MPA convergentes com o livro *Amazonês*.

Abacaba	Abarrotado	Açaí	A fim	Apresentado
A pulso	Assear	Até o Tucupi	Avexado	Bala
Banzeiro	Beiju	Beiradeiro	Bico	Bodó
Bodozal	Borimbora	Boto	Boto no toco	Broca
Bubuia	Caboca	Caboco	Canoa	Canoeiro
Carapanã	Carreira	Chibata	Chibé	Cuia
Cuirão	Cunhatã	Curumim	Cupuaçu	Dar de com força
Desmentidura	De rocha	Dindin	Dos vera	Égua
Embiocar	Emborcar	Entojo	Enxerido	Escambau
Esculhambação	Espiar	Farinha	Fuleragem	Fuleiro
Gabolice	Guaramiranga	Guaraná	Ilharga	Igarité
Jaraqui	Kikão	Leso	Leseira	Maloca
Mandioca	Mangar	Mangarataia	Mano	Márrapá
Motor	Murupi	No balde	Olha já! (então)	Osga
Ovinha	Pacu	Pai d'égua	Panema	Parente
Patuá	Pegar o beco	Perreché	Pincha	Piracuí
Pirarucu	Pitiú	Pupunha	Que só!	Ralho
Recreio	Remanso	Ródo	Sucuri	Tacacá
Taperebá	Tapioca	Tarrafa	Ticar	Tipiti
Toada	Triscar	Tucunaré	Tucupi	Uarini
Vazado	Visagem	X-Caboquinho	Zagaia	Zimpado

O Gráfico 1 reúne as palavras por campo semântico. Verifica-se que a maioria das palavras (31%) está relacionada à alimentação. O segundo maior campo semântico é o de expressões idiomáticas, seguido pelo grupo de palavras que indicam atributos, qualificativos. Ainda é possível agrupar as palavras pelos seguintes campos semânticos: utensílios, lugares e animais. Os demais itens lexicais que não se encaixaram em grupos semânticos foram representados em 'outros'.

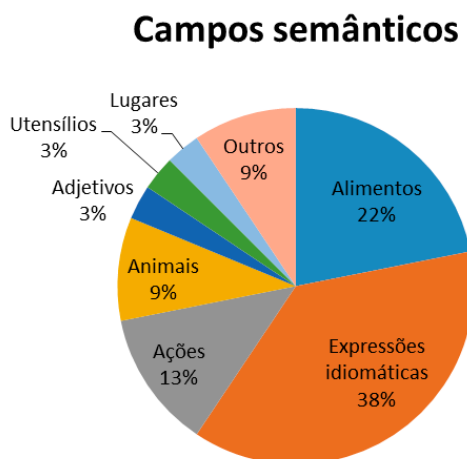
Gráfico 1: Campos semânticos das palavras convergentes entre Amazonês e MPA.



Palavras regionais da MPA não registradas no livro *Amazonês*

As 32 palavras regionais não registradas em *Amazonês* (ver quadro 2) foram reunidas no dicionário ilustrado (ver seção 5). A maior ocorrência nas músicas foi da palavra *tucumã*, que foi citada quatro vezes. As palavras *correnteza* e *mari-mari* ocorrem duas vezes no total. Todas as outras palavras ocorrem com frequência única. Segue-se o Gráfico 2 que mostra a porcentagem desses termos divididos por campos semânticos.

Gráfico 2: Campos semânticos das palavras não registradas em Amazonês.



Designações e contextos das palavras regionais

Considerando que no espaço desse artigo não há possibilidade de apresentar as designações em sua totalidade, os itens lexicais serão analisados de forma objetiva. Algumas atribuições foram unânimes

entre os informantes, mas há casos em que apenas grupos específicos atribuíram os mesmos significados a determinadas palavras.

Das 32 palavras que estão no dicionário ilustrado, 19 receberam a mesma atribuição de todos os informantes, independente das variáveis adotadas para a pesquisa (faixa etária, grau de escolaridade e gênero). As palavras são: *bananeira, castanha, correnteza, couro, emprenhar, escarrado e cuspidor, lambada, ligeiro, mormaço, parir, peixe-boi, piaba, piraíba pirão, tabaqui, tracaia, tucumã, uirapuru e vinagrete*.

Os informantes da última faixa etária e de menor escolaridade foram os únicos a não atribuir ironia ao item lexical *churrasco de gato*, concedendo-lhe apenas seu sentido literal. O significado da palavra *larica* também era desconhecido para os informantes da última faixa etária. Levando em conta que estes dois itens lexicais (*churrasco de gato e larica*) fazem partes das letras de música da década atual, pode-se dizer que se trata de termos criados recentemente. Portanto, tais palavras não compõem o léxico mental das pessoas mais velhas. Por outro lado, a palavra *tuíra* teve significado atribuído apenas por informantes dessa faixa mais idosa, com exceção da informante de ensino médio da primeira faixa.

Para a palavra *espinhel*, os informantes da primeira faixa não atribuíram significado a este item, afirmando desconhecer-lo. Todos os outros informantes atribuíram o mesmo significado. A palavra *caixaras* só foi (re)conhecida por todas as informantes da última faixa etária do sexo feminino, uma informante da segunda e uma da primeira faixas etárias. Os demais não atribuíram significados ou preferiram não responder, afirmando desconhecer tal palavra.

As palavras *puxirum* e *perau* foram as mais desconhecidas pelos informantes. O informante de ensino fundamental da última faixa foi o único a atribuir significados a esses dois termos. Os outros informantes não conheciam ambas as palavras. *Tururi* foi a única palavra reconhecida exclusivamente por informantes do gênero feminino. Das nove mulheres informantes, apenas duas não conseguiram responder ao significado deste item lexical. Todos os informantes da primeira faixa foram os únicos a atribuir definições para as expressões *moleque doido* e *pegar um boi*.

Mari-mari e *muruci* tiveram seus significados reconhecidos e atribuídos, por coincidência, por dois informantes de cada faixa etária, variando apenas no grau de escolaridade e de gênero.

O DICIONÁRIO ILUSTRADO

Reunimos as 32 palavras regionais não registradas no livro *Amazonês*, para organizar um dicionário ilustrado. Vale ressaltar que as palavras que integram esse dicionário não são somente empregadas nessa região em seu sentido denotativo. O que se buscou conhecer foram seus usos e seus sentidos conotativos atribuídos pelos amazonenses no contexto, ou seja, uma pragmática, o uso concreto desses vocábulos pelos falantes da língua em seus variados contextos.

BANANEIRA



Definição: Árvore cujo fruto é a banana.

Definições atribuídas: No verso “*Bananeira parideira*”, foram atribuídos os seguintes significados: Árvore que dá muitos frutos; bananeira carregada de bananas.

Verso na música: “*Bananeira parideira, / Sob o azul, verde bandeira*” (Verde Bandeira. João Cândido. 1985).

Frequência nas músicas: 1. Verde Bandeira. João Cândido. 1985

CAIÇARAS



Definição: Habitantes da beira do rio

Definições atribuídas: Índios; Pessoas que trabalham na beira do rio; Ribeirinhos; A maloca dos caiçaras significa a moradia dos ribeirinhos.

Verso na música: “*O som do silêncio morno/ A maloca dos caiçaras/ O canto da ariranha/ Barranco do rio mar*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987

CASTANHA



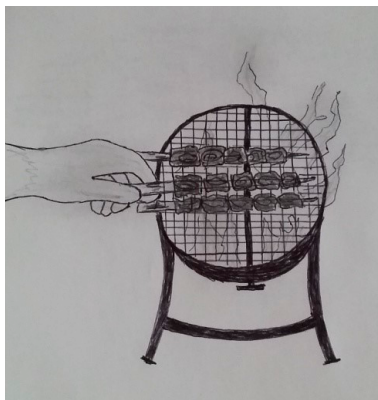
Definição: Fruto do castanheiro.

Definições atribuídas: Fruto oleaginoso vindo do Pará; Fruto de casca dura, geralmente é quebrada atrás da porta.

Verso na música: “*Traz peixe, pupunha, castanha, marí-marí, tucumã/ Marrecas e garças sobrevoam as paisagens*” (Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004

CHURRASCO DE GATO



Definição: Churrasquinho no espeto que é vendido nas ruas.

Definições atribuídas: Churrasco de qualidade duvidosa vendido nas esquinas; O verso na música “*Churrasco de gato de primeira*” é uma crítica irônica a essa prática.

Verso na música: “*Churrasco de gato de primeira/ Churrasco de gato siamês/ Vinagrete ou tucupi/ Farinha do uarini*” (Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014).

Frequência nas músicas: 1. Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014

CORRENTEZA



Definição: Fluxo de água forte

Definições atribuídas: Rio corrente; Pode ser uma metáfora (nadar contra a correnteza) e significar ir contra algo ou alguém.

Verso na música: “*Enfrenta o banheiro nas ondas dos rios/ E das correntezas vai o desafio/ Já vai canoeiro*” (Saga de um canoeiro. Ronaldo Barbosa. 1997); “*Meu sustento é garantido/ Respeitando a natureza/ Eu enfrento a correnteza*” (Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Saga de um canoeiro. Ronaldo Barbosa. 1997; 2. Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004

COURO



Definição: Pele

Definições atribuídas: Expressão que significa a pele do boi, também utilizada para designar a pele humana.

Verso na música: “*Tira a tuíra do couro, que agora é dos vera/ Vou te malinar.*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

EMPRENHAR



Definição: Engravidar

Definições atribuídas: Remete a uma lenda popular do boto, comum em todo o estado, que diz que o boto assume forma humana e engravida as moças ribeirinhas. A lenda é uma justificativa para os abusos sexuais que as moças do interior sofrem.

Verso na música: “*Olha lua olha o luar/ Cuidado minha vizinha/ Que o boto quer engravidar a sua filha*” (O boto. Os tucumanus. 2014).

Frequência nas músicas: 1. O boto. Os tucumanus. 2014.

ESCARRADO E CUSPIDO



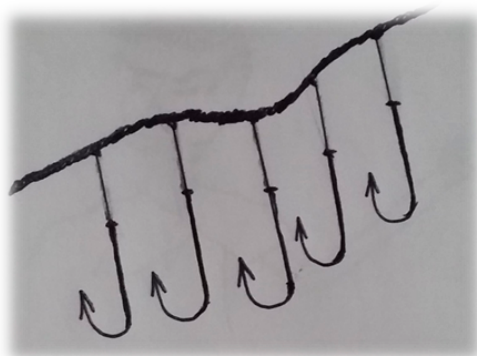
Definição: Cópia idêntica.

Definições atribuídas: Igual; o mesmo; semelhante.

Verso na música: “*Eu era escarrado e cuspidor uma osga/ Mas meu apelido era carapanã*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

ESPINHEL



Definição: Aparelho de pesca que consiste numa corda comprida ao longo da qual são fixadas, de distância em distância, linhas munidas de anzóis.

Definições atribuídas: Material que pega vários peixes ao mesmo tempo; Também diz-se da espinha do peixe.

Verso na música: “*Toada, espinhel, zagaia, tururi/ Trejeitos de um povo baré*” (Kizumba. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Kizumba. Nicolas Jr. 2004.

FACEIRO



Definição: Dengoso.

Definições atribuídas: Sagaz; esperto; gaiato; vaidoso.

Verso na música: “*Como então será que tá teu corpo inteiro/ De pensar já tô faceiro*” (Cheiro bom. Celdo Braga/ Eliberto Barroncas, 1994).

Frequência nas músicas: 1. Cheiro bom. Celdo Braga/ Eliberto Barroncas, 1994.

LAMBADA



Definição: Porrada.

Definições atribuídas: O ato de chicotear alguém; Bater em alguém com cinturão ou cipó.

Verso na música: “*Mamãe me ralhava e eu nas carreiras, zimpado/ Era galho de cuia, lambada e o escambal*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

LARICA



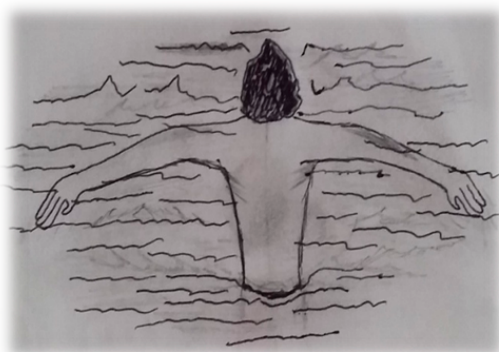
Definição: Fome.

Definições atribuídas: Alguém que está com muita fome; Fome em excesso; Também se diz da pessoa que sente muita fome ao utilizar drogas.

Verso na música: “*Se vai bolar/ Vou relaxar/ To na larica eu to a fim de encarar*” (Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014).

Frequência nas músicas: 1. Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014.

LIGEIRO



Definição: Rápido.

Definições atribuídas: Na música, o contexto foi atribuído à rapidez do rio; O chap chap é uma onomatopeia do barulho que o rio faz.

Verso na música: “*Chap, chap, chap, chap/ Chap, chap, chap, devagar/ Chap, chap, chap bem ligeiro/ É o som do meu banzeiro/ Na canoa balançar.*” (Banzeiro. Celdo Braga/ Raimundo Ângulo, 1994).

Frequência nas músicas: 1. Banzeiro. Celdo Braga/ Raimundo Ângulo, 1994.

MARI-MARI



Definição: Fruta regional.

Definições atribuídas: Fruta gostosa e típica.

Verso na música: “*O cantar do miri miri/ Mari-mari e taperebá/ O cheiro do muruci/ O vinho de patauí*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987); “*Traz peixe, pupunha, castanha, marí-marí, tucumã/ Marrecas e garças sobrevoam as paisagens/ É tempo de piracuí e tamuatá no tucupi*” (Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987; 2. Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004.

MOLEQUE DOIDO



Definição: Camarada.

Definições atribuídas: Muito louco; menino levado; pessoa explosiva; alguém irritado.

Verso na música: “*Eu não vim no guaramiranga/ Sou moleque doido não venha frescar*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

MORMAÇO



Definição: Calor

Definições atribuídas: Vento quente; sol brando; mudança do sol quente para algo mais agradável.

Verso na música: “*O som rouco do remanso/ O mormaço branco no ar*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

MURUCI



Definição: Fruta amarela e redonda de cheiro acentuado

Definições atribuídas: Fruta típica que exala um cheiro forte.

Verso na música: “*O cantar do miri miri/ Mari mari e taperebá/ O cheiro do muruci/ O vinho de patauí*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

PARIR



Definição: Ter neném.

Definições atribuídas: Dar a luz; dar frutos; reproduzir.

Verso na música: “*Bananeira parideira,/ Sob o azul, verde bandeira*” (Verde Bandeira. João Cândido. 1985).

Frequência nas músicas: 1. Verde Bandeira. João Cândido. 1985.

PEGAR UM BOI



Definição: Ter sorte

Definições atribuídas: “Me dei bem”; “É tipo: cavalo dado não se olha os dentes”;

Verso na música: “*Era bom que só/ Eu pegava um boi que era massa demais*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

PEIXE-BOI



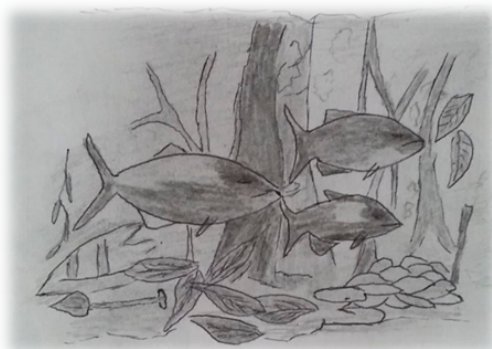
Definição: Mamífero gigante de água doce

Definições atribuídas: Peixe grande e cinza que está em extinção; “Uma das atrações do INPA”.

Verso na música: “*O lombo de peixe-boi/ Pirarucu bem assado/ Piracuí de bodó*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

PERAU



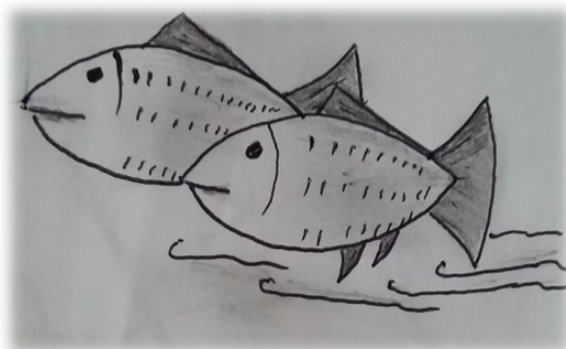
Definição: Zona profunda no leito de um rio

Definições atribuídas: No fim do rio; fundo do rio.

Verso na música: “No murmúrio da noite é preciso se benzer/ Nesse beiradão tem visagem e bicho encantado/ No perau do rio” (Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004.

PIABA



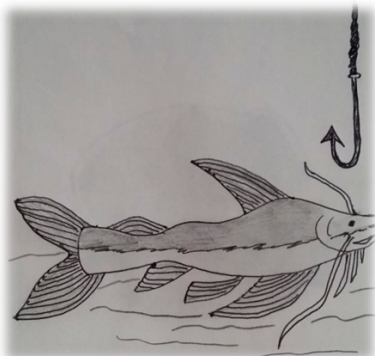
Definição: Peixe pequeno

Definições atribuídas: Peixe parecido com a sardinha; “Peixe pequeno são os laranjas que pegam culpa no lugar dos grandes. Ou seja, são piabinhas”.

Verso na música: “Não tinha aracu, pacu, pirarucu,/ Lá, só tinha piaba” (Piaba. Banda Ayahuasca, 2012); “Mas nesse mar vermelho de tanta corrupção,/ Não pega baleia, muito menos tubarão,/ Lá, só pega piaba/ Não pega peixe grande, não/ Só pega piaba” (Piaba. Banda Ayahuasca, 2012).

Frequência nas músicas: 1. Piaba. Banda Ayahuasca, 2012.

PIRAÍBA



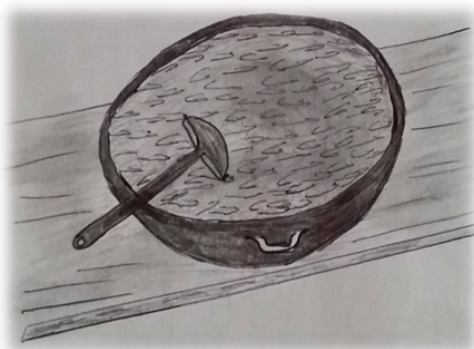
Definição: Peixe grande

Definições atribuídas: Peixe liso e grande.

Verso na música: “*Terra de dona Ciloca/ Pastoras e o meu boi bumbá/ A pesca da piraíba/ Viração de tracajá*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

PIRÃO



Definição: Papa grossa feita de farinha de mandioca escaldada

Definições atribuídas: Mistura de caldo de peixe com farinha; Água com farinha que se come com peixe.

Verso na música: “*Bubuia, paranga, Distrito Industrial/ Bumbá, lamparina, cocá, sucuri/ Caboclo, cafuzo, pirão, curumim/ Trejeitos de um povo baré*” (Kizumba. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. Kizumba. Nicolas Jr. 2004.

PUXIRUM



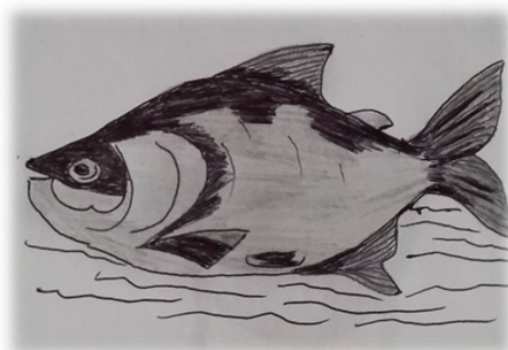
Definição: Reunião

Definições atribuídas: Encontro de pessoas; “Puxirum da farinhada é a reunião para fazer farinha”.

Verso na música: “*Puxirum de farinhada:/ Vamos fazer farinha, vizinha/ Vamos fazer farinhada/ Para fazer farinha/ Tem que ter mandioca n’água*” (Puxirum de farinhada. Alírio Marques, 1985).

Frequência nas músicas: 1. Puxirum de farinhada. Alírio Marques, 1985.

TAMBAQUI



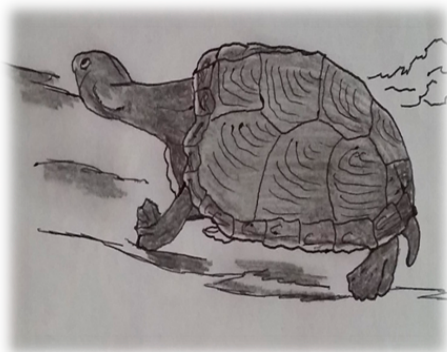
Definição: Peixe de escamas

Definições atribuídas: Peixe saboroso; o peixe mais gostoso da região; peixe grande de espinhas; “O melhor dos peixes”.

Verso na música: “*Pra começar, guaraná junto com tambaqui/ Farinha d’ água cai bem com tucumã e açaí*” (Dna caboclo. Enéas Dias/ Marcos Lima. 2012).

Frequência nas músicas: 1. Dna caboclo. Enéas Dias/ Marcos Lima. 2012.

TRACAJÁ



Definição: Tartaruga de água doce

Definições atribuídas: Bicho de casco; “Primo da tartaruga”; “Animal que as pessoas comem, mas é ilegal”.

Verso na música: “*Terra de dona Ciloca/ Pastoras e o meu boi bumbá/ A pesca da piraíba/ Viração de tracajá*” (Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987).

Frequência nas músicas: 1. Cantiga de Parintins. Chico da Silva. 1987.

TUCUMÃ



Definição: Fruta regional de carne alaranjada

Definições atribuídas: Fruta que se come com pão; “Fruta típica muito gostosa”.

Versos nas músicas: “*Que cheiro bom de tucumã no teu cabelo/ Pelo gosto desse cheiro/ Tu comeu, não se banhou*” (Cheiro bom. Celdo Braga/ Eliberto Barroncas, 1994); “*Pupunha, cacaia, xibé, manauara/ X caboquinho, piquiá, tucumã*” (Kizumba. Nicolas Jr. 2004); “*Traz peixe, pupunha, castanha, marí-marí, tucumã/ Marrecas e garças sobrevoam as paisagens/ É tempo de piraquí e tamuatá no tucupi*” (Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004); “*Levei um pão com queijo e tucumã/ Um açaí com macaxeira e tapioca/ Pra matar*”

minha broca, pra matar minha broca” (Piaba. Banda Ayahuasca, 2012).

Frequência nas músicas: 1. Cheiro bom. Celdo Braga/ Eliberto Barroncas, 1994; 2. Kizumba. Nicolas Jr. 2004; 3. Caboclo ribeirinho. Demetrios Haidos/ Geandro Pantoja/ Rossy Carmo. 2004; 4. Piaba. Banda Ayahuasca, 2012.

TUÍRA



Definição: Sujeira

Definições atribuídas: Ceroto; sujeirinha das dobras; “É quando saímos do rio e ficamos cheios de cauxi”.

Verso na música: “*Tira a tuíra do couro que agora é dos vera/ Vou te malinar.*” (O amazonês. Nicolas Jr. 2004).

Frequência nas músicas: 1. O amazonês. Nicolas Jr. 2004.

TURURI



Definição: Camiseta de boi-bumbá

Definições atribuídas: Vestimenta do Carnaboi e Boi Manaus; “É o abada do boi”.

Verso na música: “*Toada, espinhel, zagaia, tururi/ Trejeitos de um povo baré*” (Kizumba. Nicolas Jr. 2004)

Frequência nas músicas: 1. Kizumba. Nicolas Jr. 2004.

UIRAPURU



Definição: Ave de canto melodioso.

Definições atribuídas: Pássaro de canto bonito. “Diz a lenda que quando o uirapuru canta, todos os outros pássaros param para ouvir, pois ele é o rei dos pássaros”.

Verso na música: “*Um canto mais doce/ Rasga o coração/ Foi o uirapuru/ Quem cantou essa canção*” (Lendas. Junior Lima/ Sérgio Albuquerque, 1994).

Frequência nas músicas: 1. Lendas. Junior Lima/ Sérgio Albuquerque, 1994.

VINAGRETE



Definição: Molho preparado para acompanhar churrasco.

Definições atribuídas: Molho feito de verduras e vinagre; “Molho feito para se comer com tambaqui assado e farinha”

Verso na música: “*Churrasco de gato de primeira/ Churrasco de gato siamês / Vinagrete ou tucupi/ Farinha do uarini*” (Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014).

Frequência nas músicas: 1. Churrasco de gato. Os Tucumanus. 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou realizar um levantamento de palavras caracterizadas como amazonês, tendo como ponto de partida a MPA. Os resultados foram satisfatórios, pois após a realização das entrevistas e análise de dados, tornou-se possível a elaboração do dicionário digital ilustrado.

(...) a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura. E o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre (BIDERMAN, 1996, p. 44).

Espera-se, portanto, ter contribuído com os estudos da variante do português falado no Amazonas, abrindo possibilidades para outros estudos sobre o léxico, a partir dessa perspectiva, uma vez que esse estudo constitui-se em uma etapa de tantas outras a serem desenvolvidas. Estudar a língua é nunca parar de estudar!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza. A ciência da lexicografia. *Revista Alfa*, v. 28, p. 1-26, 1984.
- BIDERMAN, Maria Tereza. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza. Léxico e vocabulário fundamental. *Revista Alfa*, v. 40, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil. Organização de dicionários: uma introdução à lexicologia*. São Paulo: Unesp, 2003.
- FREIRE, Sérgio. *Amazonês: Expressões e termos utilizados no Amazonas*. Manaus: Valer, 2011.
- GONÇALVES, S. M. *Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística*. 2015. 264f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2015.
- MENEZES, M. A. D. *Eu canto pra falar do Amazonas: narrativas musicais de uma geração de músicos de Manaus*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - Instituto de

Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas,
Manaus. 2011.

SILVANA ANDRADE MARTINS

É doutora (2004) e pós-doutora (2007) em Letras e Linguística pela Vrije Universiteit, Amsterdam, Holanda e mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolve estudos nas áreas da Linguística, Línguas e culturas indígenas, Língua Portuguesa e Sociolinguística e Dialetoлогия. Pertence ao quadro de docentes efetivos do Curso de Letras, na Unidade Escola Normal Superior, da Universidade do Estado do Amazonas e de docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, atuando nesse programa na linha de pesquisa de Linguagens, discurso e práticas sociais. Orienta estudos nas áreas da linguística Aplicada, educação escolar indígena, línguas e culturas indígenas, lexicologia, morfossintaxe, sociolinguística e dialetologia. É colíder do Núcleo de Estudos de Pesquisas Linguísticas Aplicadas ao Ensino (NEPLAE) e proponente e coordenadora do projeto de documentação e análise da fala manauara, constituindo um banco de dados digitais do português falado na metrópole amazonense, acesso em: <http://projetoofamac.wixsite.com/projetoofamac>. É coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, na modalidade de ensino presencial mediado por tecnologia, ofertado a 30 municípios do Estado do Amazonas.

VALTEIR MARTINS

Doutor em Linguística pela Vrije Universiteit Amasterdam (2005), com pós-doutorado realizado na mesma instituição. É Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994), com área de concentração em línguas indígenas. Graduado em Missiologia Linguística e em Direito. É professor titular da Universidade do Estado do Amazonas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes desta instituição. Sua experiência profissional se concentra nas áreas de línguas indígenas, linguística histórica, linguística aplicada ao ensino da língua portuguesa e Neurolinguística. Na linguística teórica tem atuado especialmente nos campos da fonética, fonologia e morfologia.

Desde 2008 lidera o Núcleo de Estudos de Pesquisas Aplicadas ao Ensino (NEPLAE), grupo certificado pelo CNPq, da UEA. Atuou como coordenador institucional do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência e exerceu a função de Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa de 2015 a 2017/3, na Universidade do Estado do Amazonas.

JUSSARA MARIA DE OLIVEIRA ARAÚJO

Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e Estrangeira pelo Grupo Uninter. Mestra em Letras e Artes pelo programa PPGLA da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pesquisadora integrante do Projeto NEPLAE/FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial). Professora assistente no Curso de Letras Mediado por Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

MAYARA DIEGRA DOS SANTOS ROCHA FRANCO

Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Tem experiência em docência pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio.

JOYCE CAMILA MARTINS

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa (UEA). É especialista em Coordenação Pedagógica (UFAM) e em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela (UEA). cursou mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da (UEA), no qual desenvolveu pesquisa no âmbito da Fonética e Fonologia do Português Brasileiro, com ênfase nos aspectos da nasalização de vogais da fala manauara. Atualmente é professora de Língua Portuguesa - Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino.

SAMANTHA TEIXEIRA VASCONCELOS

Graduanda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) onde desenvolveu suas habilidades docentes no Pibid.

Defendeu seu tcc na área de Sociolinguística Laboviana e, atualmente, é assistente à docência no projeto de extensão do Laboratório de Pesquisa e Experiência Transdisciplinares em Educação - Lepete, onde faz pesquisa na área de fenômenos linguísticos em contexto escolar.

HEITOR PICANÇO

Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA - UEA). Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas de Fonologia de Línguas Indígenas, notadamente com a língua wa'ikhana (Tukano Oriental), e de Fonética e Fonologia do Falar Manauara. É pesquisador do projeto FAMAC - Fala Manauara Culta e Coloquial, e do grupo NEPLAE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (UEA/CNPq).

CAMILLA DOS SANTOS EVANGELISTA

Mestre em Letras e Artes pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (2018), possui Graduação em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela mesma instituição (2015). Atualmente, é professora de Língua Portuguesa do Centro Universitário Fametro.

ANA AUGUSTA DE OLIVEIRA SIMAS

Mestre em Letras e Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA/UEA), sob orientação da professora doutora Silvana Andrade Martins. É graduada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins (UEA). Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), desenvolvendo as pesquisas intituladas Processo de Aquisição da Norma Padrão no Ensino Fundamental e Efetividade do Modelo de Prática de Ensino Aprendizagem em Língua Portuguesa: um estudo sobre concordância nominal e verbal. Atualmente é professora do Centro Universitário FAMETRO.

NATHALIE ANNE CONCEIÇÃO DE BARROS

Graduada em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestranda do Programa de Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) na linha de pesquisa de Sociolinguística e Dialetologia. Atualmente também está cursando Pós-Graduação (Especialização) em Docência do Ensino Superior pela UNIASSELVI. Tem experiência em de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Amazonas. Participou do Projeto de Amparo a Iniciação Científica (PAIC- FAPEAM) e do Projeto Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC). Desenvolve pesquisas na área da Sociolinguística com o grupo de pesquisa FAMAC.

LEANDRO BABILÔNIA

Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente, cursa a Especialização em Sexualidade, Gênero e Direitos Humanos pela mesma instituição. Integra o projeto Documentação e Análise da Fala Manauara (FAMAC), desenvolvido na Universidade do Estado do Amazonas, e participou do projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC), desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde 2010, investiga o uso das formas de tratamento na fala manauara. Tem experiência como revisor de textos, tendo estagiado e colaborado com a Editora Universitária da UEA. Além disso, tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística variacionista e interacional, atuando principalmente nos seguintes temas: formas de tratamento, variação pronominal e variedade manauara.

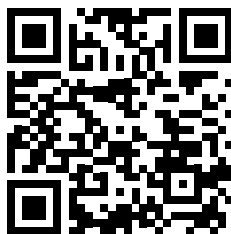
LUCIANA SERDEIRA DE HOLANDA

Graduada em Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e ex-bolsista do Programa de Iniciação Científica (PAIC)/ FAPEAM.

Outubro de dois mil e vinte e dois, trezentos e cinquenta e três anos
da fundação do forte de São José do Rio Negro.



para conhecer mais da *editora*UEA e de nossas publicações,
acesse o qr code abaixo



editora.uea.edu.br

ueaeditora



bananeira CATIÇARAS CASTANHA CHURRASCO DE GATO CORRENTEZA couro emp
 muleque doido murici LESO TUCUMÃ TURURI UIRAPURU ASSAR BOTO VINAGRETE abacaba ab
 mermo guaraná jaraqui PERAU BODÔ OSGA BOTO tuíra patuá couro emp
 ilharga igarité kikão leseira maloca mandioca mangar até o tucupi piraíba piaba piraíba piraí
 kikão leseira mangarataia curumim carapanã broca BOTO tuíra patuá couro emp
 cupuaçu avexado mangarataia mano márrapá motor murupi no balde olha já (então) osha ovinha
 mangarataia mano márrapá motor murupi no balde olha já (então) osha ovinha
 pacu pai d'égua panema piracuí pincha perreché pegar o beco pai d'égua ralh
 churrasco de gato tracajá cuboia caboca caboco canoa assear curun
 cunhatã curun desmentidura dindim ralh
 mermo pai d'égua recreio mão mórdo taperebó mand
 tipiti toada triscar x-cab ralh